

ISABELA BERALDI ESPERANDIO

**LEGENDAS DE SERIADOS DE TEMA SOBRENATURAL:
UMA ABORDAGEM TERMINOLÓGICA
PARA TRADUTORES**

**PORTO ALEGRE
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS LINGUÍSTICAS DO LÉXICO**

**LEGENDAS DE SERIADOS DE TEMA SOBRENATURAL:
UMA ABORDAGEM TERMINOLÓGICA
PARA TRADUTORES**

ISABELA BERARDI ESPERANDIO

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a MARIA JOSÉ BOCORNY FINATTO

Dissertação de Mestrado em Teorias Linguísticas do Léxico, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2015**

CIP - Catalogação na Publicação

Esperandio, Isabela Beraldi

Legendas de seriados de tema sobrenatural: uma abordagem terminológica para tradutores / Isabela Beraldi Esperandio. -- 2015.

229 f.

Orientador: Maria José Bocorny Finatto.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Seriados. 2. Legendagem. 3. Terminologia. 4. Linguística de Corpus. 5. Glossário. I. Bocorny Finatto, Maria José, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ter compreendido as inúmeras vezes em que me ausentei nos últimos dois anos porque “tinha que estudar”. Ao Eliezer, em especial, por segurar minha mão durante as crises de “é muita coisa”. Obrigada por estarem do meu lado. Amo vocês!

Aos meus amigos, por terem me proporcionado momentos de descontração necessários e muito bem-vindos. Em especial, às minhas amigadas iniciadas através do mestrado, e a essas eu não poderia deixar de agradecer, por estarem sempre disponíveis para desabafos e incentivos de “força na peruca” virtuais durante a escrita dos artigos das disciplinas e desta dissertação. Vocês foram essenciais!

À minha EM, por ter surtado apenas uma vez no período do mestrado e de tantas mudanças. Continue assim!

À UFCSPA, por ter me proporcionado horário especial para participar das aulas do mestrado, afastamentos para participações em eventos e afastamento total por um mês para a finalização do texto da dissertação. À Professora Maria Terezinha Antunes, por ter compreendido sempre minhas ausências na PROGRAD. Às minhas colegas na UFCSPA, com quem divido muito mais que momentos de trabalho, por me darem todo o suporte quando precisei. Eu dei meu melhor!

À UFRGS, instituição em que cursei também minha graduação, e aos professores do PPG-Letras, pela oportunidade do aprendizado dos últimos dois anos.

Aos professores membros da banca, por aceitarem ler o que nasceu desses anos de estudo. Em especial, ao Professor Guilherme Fromm, pela iniciativa inspiradora do trabalho com terminologia em seriados com seus alunos da graduação, bem como pela disponibilização do acesso ao COCA e a geração das listas de palavras-chave, primordiais para nossos procedimentos metodológicos.

Enfim, à Professora Maria José Bocorny Finatto, por fazer cumprir tão bem seu papel de “orientadora”. Sem seu olhar crítico e sua visão do potencial desta discussão e deste trabalho, não haveria dissertação. Obrigada pelo constante desafio. Foi uma honra.

RESUMO

A legendagem de programas audiovisuais tem merecido atenção renovada na área da pesquisa em Tradução, dado o incremento de acesso de filmes e seriados pela internet. Ao ocupar o profissional e também o leigo, que traduz legendas por *hobby* e na condição de fã, a legendagem de séries televisivas norte-americanas tem gerado materiais interessantes para estudo, também no âmbito da Terminologia. Mesmo com o crescente número de séries que usam terminologias específicas como pano de fundo (FROMM, 2011a), como as que se ocupam de temas médicos ou jurídicos, ainda não há muitos estudos sobre essa terminologia em tradução. As séries de ficção de tema sobrenatural, como as que tratam do universo de vampiros, lobisomens e bruxas, ou de ficção científica, por sua vez, parecem trazer um vocabulário com elementos bastante semelhantes às terminologias “tradicionais”, instaurando um vocabulário próprio relacionado a toda uma complexidade conceitual, pois constroem realidades particulares, comparáveis às realidades científicas. Nesse universo de discurso, segundo Barbosa (2005, 2006a, 2007, 2009), determinadas unidades lexicais funcionariam tanto como vocábulos quanto como termos. Levando isso em consideração, conhecer melhor esse tipo de material textual e, em meio a ele, as especificidades de sua “terminologia”, pode ajudar os tradutores brasileiros a se inserirem neste mercado de trabalho ou, ainda, a se estabelecerem como aqueles com maior familiaridade com a linguagem, com o vocabulário e com a tradução do “mundo das séries”. Este trabalho lidará, então, com um vocabulário não prontamente considerado como especializado por algumas correntes da Terminologia. Seu objetivo é propor bases teóricas e metodológicas para a elaboração de um glossário cujo público-alvo são os tradutores. No entanto, esse tipo de obra se baseia, por sua natureza, em procedimentos terminográficos para a compilação de um repertório de termos sem a pretensão de exaustividade (KRIEGER; FINATTO, 2004). Tomando como referencial teórico a Etnoterminologia, a Terminologia Cultural e a Terminologia Textual, aliadas a recursos e princípios da Linguística de *Corpus*, é oferecido como produto final um protótipo de glossário para tradutores de legendas do inglês para o português, utilizando como *corpus* os seriados *True Blood* e *The Vampire Diaries* em inglês e em português. Tal *corpus* foi analisado por meio do programa de análise lexical AntConc e de suas ferramentas, principalmente *Word List*, *Keyword List* e *Concordance*. Como parte do protótipo de glossário, foram desenhadas árvores de domínio para cada um dos seriados e elaboradas 18 fichas terminológicas como amostra. Nessas fichas, foram registradas informações encontradas no *corpus* sobre os termos selecionados, bem como especificidades lexicais e gramaticais desses textos. Ao final, foi possível mostrar que as unidades lexicais encontradas nos seriados de tema sobrenatural, por mais que se pareçam com vocábulos, estão em função de termo quando atualizadas nesse universo de discurso. Essa função designa a essas unidades lexicais um significado muito especializado, específico a esse contexto. Além disso, demonstrou-se a produtividade de se adotar uma abordagem terminográfica ao universo de discurso dos seriados de tema sobrenatural.

Palavras-chave: Seriados. Legendagem. Terminologia. Linguística de *Corpus*. Glossário.

ABSTRACT

The subtitling of audiovisual programs has received renewed attention in the area of translation research, due to the increase in the access to films and TV series through the Internet. As it engages professionals as well as laymen, who subtitle as a hobby and as fans, the subtitling of North American TV series has generated interesting materials for study, also within Terminology. Even with the increasing number of TV series that use specific terminology as background (FROMM, 2011a), such as those dealing with medical or legal issues, there are not many studies on this terminology in translation yet. Fictional TV series of supernatural theme, such as those dealing with the world of vampires, werewolves and witches, or of science fiction, in their turn, seem to bring vocabulary with elements quite similar to the “traditional” terminologies, setting up their own vocabulary related to a whole conceptual complexity, as they build particular realities, comparable to scientific realities. In this universe of discourse, according to Barbosa (2005, 2006a, 2007, 2009), certain lexical units would work as words and as terms as well. Considering this, knowing this kind of textual material better and, through it, the specifics of its “terminology”, may help Brazilian translators to insert themselves in this market, or even to establish themselves as the ones more familiar with the language, with the vocabulary and the translation of the “world of TV series”. This thesis will deal then with a vocabulary not readily considered as specialized by some Terminology theories. Its goal is to propose theoretical and methodological basis for the development of a glossary whose target audience is the translators. However, this type of work is based, in its nature, on terminographic procedures for the compilation of a term directory without aiming at exhaustiveness (KRIEGER; FINATTO, 2004). Taking as a theoretical framework Etnoterminology, Cultural Terminology and Textual Terminology, combined with resources and principles of Corpus Linguistics, it is offered as a final product a glossary prototype for subtitlers from English to Portuguese, using as a corpus the series *True Blood* and *The Vampire Diaries* in English and Portuguese. This corpus was analyzed using the lexical analysis program AntConc and its tools, especially Word List, Keyword List and Concordance. As part of the glossary prototype, domain trees were designed for each of the series and 18 terminological record sheets were produced as sample. In these sheets, information on the selected terms found in the corpus was recorded, as well as lexical and grammatical peculiarities of these texts. At the end, it was possible to show that the lexical units found in series of supernatural theme, no matter how much they might look like words, are in the function of terms when inserted in this universe of discourse. This function designates a very specialized meaning to these lexical units, specific to this context. In addition, the productivity of adopting a terminographic approach to the universe of discourse of TV series of supernatural theme was demonstrated.

Keywords: Series. Subtitling. Terminology. Corpus Linguistics. Glossary.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Tela do Vocabulário Técnico Online com o resultado da busca pelo termo AFIS. | 16 |
| Figura 2 – Lista de palavras gerada pelo AntConc (ANTHONY, 2011) para o <i>corpus</i> em inglês do seriado <i>True Blood</i> | 80 |
| Figura 3 – Lista de concordância gerada pelo AntConc (ANTHONY, 2011) para a palavra de busca <i>vampire</i> no <i>corpus</i> em inglês do seriado <i>True Blood</i> | 82 |
| Figura 4 – Tela resultante da aplicação do Concordance Plot do AntConc (ANTHONY, 2011) para a palavra de busca <i>vampire</i> no <i>corpus</i> em inglês de <i>True Blood</i> | 83 |
| Figura 5 – Visualização do 1º episódio da 1ª temporada de <i>True Blood</i> em inglês, através da ferramenta File View do AntConc (ANTHONY, 2011)..... | 83 |
| Figura 6 – Resultado da aplicação da ferramenta Clusters do AntConc (ANTHONY, 2011) utilizando <i>vampire</i> como palavra de busca no <i>corpus</i> em inglês de <i>True Blood</i> | 84 |
| Figura 7 – Resultado da aplicação da ferramenta Collocates do AntConc (ANTHONY, 2011) utilizando <i>vampire</i> como palavra de busca no <i>corpus</i> em inglês de <i>True Blood</i> | 84 |
| Figura 8 – Personagens principais de <i>True Blood</i> | 100 |
| Figura 9 – Personagens principais de <i>The Vampire Diaries</i> | 101 |
| Figura 10 – Limpeza das marcações de itálicos, das descrições de sons e da identificação dos personagens..... | 112 |
| Figura 11 – Janela para abrir arquivos no AntConc (ANTHONY, 2011)..... | 113 |
| Figura 12 – Número total de <i>types</i> e <i>tokens</i> do <i>subcorpus</i> de <i>The Vampire Diaries</i> em inglês | 115 |
| Figura 13 – Árvore de domínio da categoria “programas de entretenimento”, onde se inserem as séries com terminologia totalmente ficcional..... | 119 |
| Figura 14 – Árvore de domínio em inglês de <i>True Blood</i> | 122 |
| Figura 15 – Árvore de domínio em português de <i>True Blood</i> | 123 |
| Figura 16 – Árvore de domínio em inglês de <i>The Vampire Diaries</i> | 124 |
| Figura 17 – Árvore de domínio em português de <i>The Vampire Diaries</i> | 125 |
| Figura 18 – Árvore de domínio em inglês de <i>True Blood</i> com termos selecionados..... | 146 |
| Figura 19 – Árvore de domínio em português de <i>True Blood</i> com termos selecionados..... | 147 |
| Figura 20 – Árvore de domínio em inglês de <i>The Vampire Diaries</i> com termos selecionados | 148 |
| Figura 21 – Árvore de domínio em português de <i>The Vampire Diaries</i> com termos selecionados..... | 149 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Listagem de episódios da 1ª temporada de <i>True Blood</i> , exibida em 2008 | 91 |
| Quadro 2 – Listagem de episódios da 1ª temporada de <i>House</i> , exibida entre 2004 e 2005 | 91 |
| Quadro 3 – Número de itens que têm uma definição expressa em <i>True Blood</i> e <i>House</i> | 92 |
| Quadro 4 – Número de temporadas e episódios e distribuição de <i>types</i> e <i>tokens</i> em <i>True Blood</i> , em inglês | 103 |
| Quadro 5 – Número de temporadas e episódios e distribuição de <i>types</i> e <i>tokens</i> em <i>True Blood</i> , em português | 103 |
| Quadro 6 – Títulos dos episódios da primeira temporada de <i>True Blood</i> , exibida em 2008 . | 103 |
| Quadro 7 – Títulos dos episódios da segunda temporada de <i>True Blood</i> , exibida em 2009.. | 104 |
| Quadro 8 – Títulos dos episódios da terceira temporada de <i>True Blood</i> , exibida em 2010... | 104 |
| Quadro 9 – Títulos dos episódios da quarta temporada de <i>True Blood</i> , exibida em 2011 | 104 |
| Quadro 10 – Títulos dos episódios da quinta temporada de <i>True Blood</i> , exibida em 2012... | 105 |
| Quadro 11 – Títulos dos episódios da sexta temporada de <i>True Blood</i> , exibida em 2013..... | 105 |
| Quadro 12 – Número de temporadas e episódios e distribuição de <i>types</i> e <i>tokens</i> em <i>The Vampire Diaries</i> , em inglês | 105 |
| Quadro 13 – Número de temporadas e episódios e distribuição de <i>types</i> e <i>tokens</i> em <i>The Vampire Diaries</i> , em português..... | 106 |
| Quadro 14 – Títulos dos episódios da primeira temporada de <i>The Vampire Diaries</i> , exibida entre 2009 e 2010 | 106 |
| Quadro 15 – Títulos dos episódios da segunda temporada de <i>The Vampire Diaries</i> , exibida entre 2010 e 2011 | 107 |
| Quadro 16 – Títulos dos episódios da terceira temporada de <i>The Vampire Diaries</i> , exibida entre 2011 e 2012 | 107 |
| Quadro 17 – Títulos dos episódios da quarta temporada de <i>The Vampire Diaries</i> , exibida entre 2012 e 2013 | 107 |
| Quadro 18 – Lista de palavras mais frequentes de <i>True Blood</i> gerada pela ferramenta Word List..... | 114 |
| Quadro 19 – Lista de palavras mais frequentes de <i>The Vampire Diaries</i> gerada pela ferramenta Word List..... | 114 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 20 – Dez primeiras palavras-chave de <i>True Blood</i> como gerado pela ferramenta Keyword List | 116 |
| Quadro 21 – Dez primeiras palavras-chave de <i>The Vampire Diaries</i> como gerado pela ferramenta Keyword List..... | 116 |
| Quadro 22 – Dez substantivos chave de <i>True Blood</i> relacionados ao universo de discurso do seriado..... | 117 |
| Quadro 23 – Dez substantivos chave de <i>The Vampire Diaries</i> relacionados ao universo de discurso do seriado | 117 |
| Quadro 24 – Modelo de ficha terminológica..... | 130 |
| Quadro 25 – Resumo do preenchimento de campos nas fichas terminológicas em inglês | 150 |
| Quadro 26 – Resumo do preenchimento de campos nas fichas terminológicas em português | 151 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 Antecedentes | 15 |
| 1.2 Problema de pesquisa | 17 |
| 1.3 Objetivos | 17 |
| 1.4 Pressupostos teóricos | 18 |
| 1.5 Questões de pesquisa e hipóteses | 18 |
| 1.6 Encaminhamento do trabalho | 19 |
| | |
| 2 REVISÃO DA LITERATURA | 21 |
| 2.1 Tradução audiovisual – Legendagem | 21 |
| 2.1.1 Legendagem comercial x legendagem não comercial | 24 |
| 2.2 A ficção literária e a ciência | 27 |
| 2.2.1 Convergências | 29 |
| 2.3 Produtos lexicográficos e terminográficos para tradutores | 30 |
| 2.4 Terminologia | 35 |
| 2.4.1 Fundamentos da Terminologia | 36 |
| 2.4.1.1 <i>Termo</i> | 36 |
| 2.4.1.2 <i>Definição</i> | 37 |
| 2.4.1.3 <i>Árvore de domínio</i> | 40 |
| 2.4.2 Etnoterminologia | 42 |
| 2.4.2.1 <i>Maria Aparecida Barbosa</i> | 42 |
| 2.4.2.2 <i>Convergências</i> | 48 |
| 2.4.3 Terminologia Cultural | 53 |
| 2.4.3.1 <i>Marcel Diki-Kidiri</i> | 53 |
| 2.4.3.2 <i>Luis Fernando Lara</i> | 57 |
| 2.4.3.3 <i>André Clas</i> | 59 |
| 2.4.3.4 <i>Rita Temmerman</i> | 60 |
| 2.4.3.5 <i>Convergências</i> | 62 |
| 2.4.4 Tratamento terminológico para a tradução de textos não especializados <i>stricto sensu</i> ... 65 | |
| 2.4.4.1 <i>Heidi Cazés</i> | 65 |
| 2.4.4.2 <i>Jennifer Pearson</i> | 67 |

| | |
|---|-----|
| 2.4.4.3 <i>Convergências</i> | 71 |
| 2.4.5 Terminologia Textual | 73 |
| 2.4.5.1 <i>Lothar Hoffmann</i> | 74 |
| 2.4.5.2 <i>Convergências</i> | 75 |
| 2.5 Linguística de <i>Corpus</i> | 76 |
| 2.5.1 Ferramentas | 79 |
| 2.5.1.1 <i>Word List</i> | 79 |
| 2.5.1.2 <i>Keyword List</i> | 81 |
| 2.5.1.3 <i>Concordance</i> | 81 |
| 2.5.1.4 <i>Outras ferramentas</i> | 82 |
| | |
| 3 POSICIONAMENTO DO TRABALHO | 86 |
| | |
| 4 ESTUDO EXPLORATÓRIO | 90 |
| 4.1 Do <i>corpus</i> de estudo e do <i>corpus</i> para contraste | 90 |
| 4.2 Da metodologia | 92 |
| 4.3 Dos resultados | 92 |
| 4.3.1 <i>House</i> | 93 |
| 4.3.2 <i>True Blood</i> | 94 |
| 4.4 Das conclusões | 98 |
| | |
| 5 DOS OBJETOS DE ANÁLISE E DA SUA SELEÇÃO | 100 |
| 5.1 Objetos de estudo: <i>True Blood</i> e <i>The Vampire Diaries</i> | 100 |
| 5.1.1 <i>True Blood</i> | 100 |
| 5.1.2 <i>The Vampire Diaries</i> | 101 |
| 5.2 Delimitação do <i>corpus</i> de estudo | 102 |
| 5.2.1 <i>True Blood</i> | 103 |
| 5.2.2 <i>The Vampire Diaries</i> | 105 |
| 5.2.3 Características do <i>corpus</i> em sua totalidade | 108 |
| | |
| 6 METODOLOGIA | 110 |
| 6.1 Procedimentos para coleta e observação de dados: <i>corpus</i> de estudo | 111 |
| 6.1.1 Lista de palavras | 113 |

| | |
|---|------------|
| 6.1.2 Lista de palavras-chave | 115 |
| 6.1.3 Concordanciador..... | 117 |
| 6.2 Procedimentos terminográficos | 118 |
| 6.2.1 Construção da árvore de domínio dos “programas de entretenimento” | 118 |
| 6.2.2 Construção das árvores de domínio do <i>corpus</i> de estudo..... | 120 |
| | |
| 7 A FICHA TERMINOLÓGICA | 128 |
| 7.1 Term = Termo..... | 133 |
| 7.2 Basic Information = Informações básicas | 133 |
| 7.3 Series in which it occurs = Séries em que ocorre..... | 133 |
| 7.4 Position in the domain tree = Posição na árvore de domínio | 134 |
| 7.5 Definition = Definição..... | 134 |
| 7.6 Definition notes = Notas sobre definição | 134 |
| 7.7 Encyclopedic information = Informações enciclopédicas | 135 |
| 7.8 Grammatical information and frequency = Informações gramaticais e frequência | 136 |
| 7.8.1 Frequency order position/Total = Posição na ordem de frequência/Total | 136 |
| 7.8.2 Frequency per episode distribution (F/D) = Frequência por distribuição em episódios (F/D) | 137 |
| 7.8.3 Grammatical information = Informação gramatical..... | 137 |
| 7.8.4 Variants = Variantes | 138 |
| 7.8.5 Other denominations = Outras denominações..... | 138 |
| 7.8.6 Grammatical notes = Notas gramaticais..... | 139 |
| 7.9 Usage = Usos..... | 139 |
| 7.9.1 Examples = Exemplos | 139 |
| 7.9.2 Collocations = Colocações | 140 |
| 7.9.2.1 <i>Noun-noun collocations = Colocações nominais.....</i> | <i>142</i> |
| 7.9.2.2 <i>Adjective-noun collocations = Colocações adjetivas.....</i> | <i>142</i> |
| 7.9.2.3 <i>Verb-preposition-noun collocations = Colocações verbais.....</i> | <i>143</i> |
| 7.9.2.4 <i>Collocation notes = Notas sobre colocações</i> | <i>143</i> |
| 7. 10 Translator’s notes = Notas de tradução..... | 143 |
| 7.11 See also = Ver também | 144 |
| 7.12 Revisão da ficha | 145 |
| 7.13 Fichas terminológicas confeccionadas | 145 |

| | |
|--|------------|
| 8 SÍNTESE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS | 150 |
| 8.1 Notas sobre definição | 151 |
| 8.2 Notas enciclopédicas | 152 |
| 8.3 Variantes | 152 |
| 8.4 Outras denominações | 153 |
| 8.5 Notas gramaticais | 153 |
| 8.6 Colocações | 154 |
| 8.7 Notas sobre colocações | 154 |
| 8.8 Notas de tradução | 154 |
| 8.9 Ver também..... | 155 |
| 8.10 Considerações finais | 155 |
| | |
| 9 RETOMADA DE OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES | 157 |
| 9.1 Retomada dos objetivos | 157 |
| 9.2 Retomada das questões de pesquisa..... | 158 |
| 9.3 Retomada das hipóteses | 164 |
| | |
| 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS | 167 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 170 |
| | |
| ANEXO I..... | 181 |
| | |
| ANEXO II..... | 183 |

1 INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos são com certeza o primeiro exportador de programas audiovisuais no mundo (FERNÁNDEZ, 2009). A ampla produção desses programas, de acordo com Díaz Cintas (2004), faz com que a tradução audiovisual seja a atividade tradutora mais importante em termos numéricos¹ nos dias de hoje. Nesse segmento, o acesso de brasileiros a séries² televisivas legendadas em português vem crescendo consideravelmente, seja por canais pagos ou pela internet. Assim, a demanda por tradutores em agências de legendagem tem aumentado proporcionalmente à quantidade de programas e seriados. Entretanto, o prazo para a entrega das legendas parece ter sido reduzido em relação ao prazo tradicionalmente praticado para filmes para lançamento em DVD ou no cinema, visto que precisam ir ao ar no menor tempo possível.

Segundo Fromm (2011a, p. 2), “desde a década de 1960, [...] séries de ficção científica avançam no uso de termos emprestados de várias áreas do conhecimento” e oferecem um território diferenciado para a pesquisa que apoia a sua tradução, visto que apresentam terminologias de diferentes perfis sendo empregadas em uma situação bastante peculiar. No entanto, conforme entendemos, não são apenas as séries de ficção científica, ou aquelas que tratam de enredos que se desenvolvem em hospitais ou em tribunais, que tendem a apresentar uso de terminologias. As séries que tratam de temas sobrenaturais, por exemplo, também parecem ter desenvolvido uma terminologia própria, semelhante e ao mesmo tempo distinta dessas terminologias mais “tradicionalistas” da Medicina ou do Direito.

Se tomarmos duas séries sobre um mesmo tema sobrenatural – como *True Blood* e *The Vampire Diaries* –, deparamo-nos com designações diferentes para seres, processos e suas peculiaridades sobrenaturais, constituindo todo um campo nocional multifacetado. Dentre os três tipos de padrões em séries televisivas identificados por Fromm (2011a), a saber, a) série com terminologia totalmente ficcional; b) série que mistura ficção e ciência; e c) série que retrata o cotidiano de médicos, investigadores, cientistas forenses, etc., as novas séries ficcionais com temática de seres sobrenaturais, considerando-se, por exemplo, todo um “mundo fantástico de seres da modernidade” e de recursos tecnológicos que perpassam suas ações, parecem se aproximar de um tipo híbrido.

Indiscutivelmente, oferecer um bom treinamento para o tradutor envolvido com a produção de legendas é essencial para que a relação do espectador com esse material e com o

¹ O autor não explicita sob que aspecto numérico.

² No escopo deste trabalho, não faremos diferenciação entre “série” e “seriado”.

trabalho profissional seja reconhecida e amigável. Deve-se especialmente considerar que há uma grande quantidade de legendas traduzidas “não oficialmente”, produzidas por fãs de séries televisivas, os quais as lançam para acesso público, de modo a antecipar o contato com o recurso audiovisual estrangeiro.

Nesse cenário, conhecer melhor esse tipo de material textual e, em meio a ele, as especificidades de sua “terminologia”, em tese diferenciada, pode ajudar os tradutores brasileiros a se inserirem neste mercado de trabalho ou, ainda, a se estabelecerem como aqueles com maior familiaridade com a linguagem, com o vocabulário e com a tradução do “mundo das séries”. Além disso, por alguns seriados, como *True Blood* e *The Vampire Diaries*, terem surgido de adaptações de obras literárias, um glossário, por exemplo, centrado em sua “terminologia” peculiar poderia servir como fonte de pesquisa não apenas para legendadores, mas também para tradutores de obras literárias de ficção neste tema.

A pesquisa sobre legendagem no Brasil vem se expandindo, com a produção de trabalhos e pesquisas nos temas de, por exemplo, polissistemas e singularidade do tradutor (CARVALHO, 2005), legendagem cinematográfica e criação do imaginário (GOROVITZ, 2006), comparação entre a legendagem comercial e a legendagem não comercial (FEITOSA, 2009) e poder das comunidades de fãs (BOLD, 2011). Pode-se ver que o enfoque desses estudos tem sido em aspectos práticos do fazer da legendagem, como a síntese da comunicação, muitas vezes necessária, para se adequar ao espaço disponível na tela para as legendas ou o papel do legendador como tradutor, como mediador entre um texto falado em uma língua-fonte e um texto escrito em uma língua-alvo.

No entanto, apesar de haver um crescente número de séries que usam terminologias específicas como pano de fundo (FROMM, 2011b), ainda carecemos de estudos em Terminologia sobre a tradução do vocabulário em seriados televisivos. Isso ocorre, provavelmente, porque os estudos sobre as linguagens científicas e técnicas têm, em geral, abordado apenas áreas de conhecimento mais tradicionais. Foi considerando essa lacuna que surgiu a ideia de desenvolvimento desta dissertação de mestrado, com o objetivo de propor bases teóricas e metodológicas para um glossário desse tipo de “terminologia” para tradutores de legendas do inglês para o português.

Nesse novo cenário de comunicação e de trabalho para o tradutor, investigar uma terminologia médica que se realiza, por exemplo, no seriado *House*, que trata do dia a dia de trabalho de médicos em um hospital, seria algo facilmente justificável e compreensível mesmo em meio a um texto de ficção. Afinal, ainda que o gênero ficcional seja incomum para

uma pesquisa terminológica *stricto sensu*, a terminologia da Medicina é reconhecida e estudada como tal há anos. Ter-se-ia, assim, apenas mais um cenário comunicativo. Por outro lado, o vocabulário da ficção de tema sobrenatural, ou mesmo da ficção científica, tende a não ser prontamente aceito como “especializado”, ainda que Sager (1980), referência eminente dos Estudos de Terminologia, já tivesse indicado algumas possibilidades a respeito:

O fato de que ocupações mais modestas, como enfermeiro, bibliotecário e cozinheiro, ou mesmo passatempos também envolvem áreas especiais de interesse humano e, portanto, também requerem e de fato têm sua própria linguagem especial é muitas vezes desconsiderado. Uma vez que praticamente toda atividade humana pode ser atribuída a uma área ou outra, toda linguagem poderia ser dividida em muitas sublinguagens e a palavra “especial” seria supérflua. (SAGER, 1980 *apud* CABRÉ, 1998, p. 88, tradução nossa)

Para Cabré, fundadora da Teoria Comunicativa da Terminologia, “[...] o fato de que todas as unidades dotadas de referência possuem a capacidade de materializarem-se como termos (se expressam conhecimento especializado) ou como palavras (se expressam conhecimento geral) não impede que atualizem essa capacidade em todos os casos” (CABRÉ, 1998, p. 90, tradução nossa). Sobre termos não padronizados, Pearson (1998), que discute a presença de termos em textos não especializados, acrescenta que, “quando recebem um significado específico dentro de um domínio em particular por pessoas trabalhando na área e quando são usados dentro de certos cenários comunicativos, eles são considerados como referentes àquele significado específico” (PEARSON, 1998, p. 25, tradução nossa).

Este trabalho lidará, então, com um vocabulário não prontamente considerado como “especializado” por algumas correntes da Terminologia. Seu objetivo é propor bases teóricas e metodológicas para a elaboração de um glossário cujo público-alvo são os tradutores. No entanto, esse tipo de obra se baseia, por sua natureza, em procedimentos terminográficos para a compilação de um repertório de termos sem a pretensão de exaustividade (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Situamo-nos, assim, no cruzamento da utilização de teorias da Terminologia e da Terminografia – que lidam com termos de uma área de especialidade – no estudo das especificidades do léxico de um universo de discurso etnoliterário – cujas unidades lexicais, segundo Barbosa (2005, 2006a, 2007, 2009), funcionam tanto como vocábulos quanto como termos, em tese diferenciada. Temos ciência de que o terreno em que nos encontramos é híbrido (assim como os seres parte vampiro e parte lobisomem, em *The Vampire Diaries*) e,

por isso, procuramos explicar nossa visão e abordagem a essa hibridez no percurso desta dissertação, tornando-a, ou pelo menos é o que desejamos, de mais fácil digestão.

1.1 Antecedentes

Por trazer nesta seção da dissertação antecedentes pessoais, opto por narrá-la na primeira pessoa do singular. Meu interesse no estudo da legendagem de seriados surgiu pelo gosto, desde a adolescência, por acompanhar diversos deles pela TV a cabo. Ainda com pouco conhecimento da língua inglesa, já ficava intrigada com a tradução de humor em *Friends*, de referências culturais em *Gilmore Girls* e de terminologia médica em *ER*.

Esse foi um dos motivos que me levaram a escolher como curso de graduação o Bacharelado em Letras com habilitação em Tradução Inglês-Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como um primeiro contato, em meu estágio de tradução para a conclusão do curso, legendei palestras do Fronteiras do Pensamento através de um projeto da TV UFRGS. Mais tarde, como trabalho de conclusão do curso de Especialização em Tradução do Inglês pela Universidade Gama Filho (UGF), pesquisei como foram traduzidos, em legendas comerciais e não comerciais, os palavrões em episódios do seriado *Dexter*, seriado que retrata a vida de um assassino em série que trabalha como analista forense especialista em padrões de dispersão de sangue no Departamento de Homicídios de Miami.

Quando mencionei esse interesse pela legendagem à professora Maria José Bocorny Finatto, tentando elaborar um projeto de pesquisa para candidatar-me ao Mestrado no PPG Letras da UFRGS, ela me apresentou o trabalho do professor Guilherme Fromm, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O professor principiou com seus alunos de Iniciação Científica pequenos glossários de terminologias de séries televisivas, como descrito no artigo “Ficção, Tradução, Terminografia e Linguística de *Corpus*: confluências”, publicado em 2011. Dentre os *corpora* já estudados, estão o da série *Supernatural*, com terminologia totalmente ficcional; o de *Farscape*, como série que mistura ficção e ciência; e o de *House* e *CSI*, como séries que retratam o cotidiano de médicos, investigadores, cientistas forenses etc. Os termos encontrados foram inseridos no banco de dados do VoTec (Figura 1), vocabulário técnico *on-line* criado pelo próprio professor Guilherme Fromm (disponível para acesso gratuito em <http://www.ic.voteconline.com.br/>).

Figura 1 – Tela do Vocabulário Técnico Online com o resultado da busca pelo termo AFIS.

Vocabulário Técnico Online Tela Cheia | English | Ajuda

Terminologia em Ficção ▾ Escolha uma área ▾

AFIS

Tipos de Exibição

Normal
Descritiva

Tipos de Consulta

Total
Tradutor
Modular

Consultas Externas

Corpus NILC
Google
Answers.com
Wikipedia
CORTEC

▼ Português

[Voltar ao resultado da busca](#)

AFIS. (AFIS or IAFIS). *CSI. Sistema automatizado de Identificação de Impressões Digitais / Sistema Informatizado de Identificação. s.m.s.* Sistema Integrado Automatizado de Identificação de Impressões Digitais. AFIS é um sistema de computador que contém uma base de dados e, através de impressões digitais, parciais ou não, em cenas de crime, é possível encontrar informações de possíveis suspeitos, como nome, endereço, histórico criminal, onde trabalha, etc. Ex.: "Pesquisei as digitais.

Nada no AFIS". **Cópus:** *Posição na Ordem de Frequência:* (608); *Nº de Ocorrências do termo:* (107). **Informações Enciclopédicas:** Identificação de impressões digitais automatizado é o processo de correspondência automática entre um ou vários desconhecidos impressões digitais contra um banco de dados de impressões conhecidas e desconhecidas. Sistemas de identificação através das impr Em: *AFIS* - [Wikipédia](#)

▼ English

[Go back to search results](#)

AFIS. *CSI. n.m/f.s.* AFIS is a system with criminal and civil database; through hits or matches of fingerprints, latents or partials, or even print's smudged collected in crime scenes, it is possible to find some information like name, criminal history and actual job of a possible suspect; if suspects are acquitted, their fingerprints will not be found in AFIS. Ex.: "It's not going to be in the AFIS Criminal database. I'm going to have to do a manual comparison. but the finger rolls were too sloppy". *Synonyms:* IAFIS. *Hypernym of:* fingerprint. **Corpus:** *Frequency order position:* (100); *Term number of occurrences:* (126). **Encyclopedic Information:** The Integrated Automated Fingerprint Identification System (IAFIS) is a national automated fingerprint identification and criminal history system maintained by the Federal Bureau of Investigation(FBI). IAFIS provides automated fingerprint search capabilit em: *AFIS or IAFIS* - [Wikipédia](#)

07/01/2014 13:24 © 2007 Guilherme Fromm - ICMC Jr.
Termo elaborado por [Laura](#) (pt)

Fonte: <http://www.ic.voteonline.com.br/>

Esta dissertação de mestrado se inspira, então, no trabalho do referido professor e de seus alunos. Considerando a lacuna exposta e a possibilidade legítima de se entender as unidades lexicais desse tipo de texto como bastante semelhante às terminologias *stricto sensu*, visa propor bases teórico-metodológicas para um glossário desse tipo de terminologia para tradutores de legendas do inglês para o português, tomando como seu *corpus*³ de estudo outras duas séries televisivas da classe “série com terminologia totalmente ficcional” (FROMM, 2011a): *True Blood* e *The Vampire Diaries*. A partir desse momento, entendemos que não é mais necessário referirmo-nos a essas unidades como “terminologias”, mas como terminologias, sem aspas.

Por fim, cabe destacar que ambas as séries escolhidas têm vampiros como seus personagens principais. Esse ser ficcional aparece em obras literárias desde o século XVIII,

³ Por *corpus*, entendemos, conforme Berber Sardinha (2004, p. 18-19), uma coletânea de dados linguísticos de uso oral e/ou escrito da língua. Para maiores informações, ver Seção 2.5.

além de figurar em diversos filmes e séries. No Anexo I, encontra-se um histórico resumido de obras de ficção em que vampiros figuram como personagens centrais do enredo.

1.2 Problema de pesquisa

O problema de pesquisa confrontado neste trabalho é a lacuna de disponibilidade de produtos lexicográficos e terminográficos e fontes de referência para tradutores de séries dramáticas de tema sobrenatural. Neste âmbito, há também a interrogação sobre as especificidades léxico-gramaticais desse universo de discurso e o questionamento quanto à possibilidade e à legitimidade de uma abordagem terminológica para a confecção de tais produtos.

1.3 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é propor bases teórico-metodológicas para a construção de glossários para tradutores de legendas do inglês para o português, utilizando como *corpus* os seriados *True Blood* e *The Vampire Diaries* em inglês e em português. Um segundo objetivo é investigar as especificidades lexicais e gramaticais desses textos. Para alcançar tais metas, temos como objetivos específicos:

- a) compilar um *corpus* com as falas transcritas em inglês e traduzidas para o português dos personagens do seriado *True Blood* e outro com o de *The Vampire Diaries*;
- b) levantar os candidatos a unidades terminológicas no material original;
- c) descrever os equivalentes no português para os candidatos a termos;
- d) propor um desenho terminográfico para a construção de um glossário bilíngue na área de ficção com base na terminologia encontrada nesses seriados, com legendadores e tradutores literários como público-alvo;
- e) confeccionar 18 fichas terminológicas completas para demonstração da viabilidade de aplicação do desenho terminográfico proposto.

1.4 Pressupostos teóricos

De forma a alcançar os objetivos estabelecidos para este trabalho, tomamos as seguintes asserções como pressupostos teóricos, crenças que nos guiam na execução desta pesquisa:

- a) A legendagem é um tipo de tradução que, devido às suas características intrínsecas, necessita que o tradutor desenvolva competências tradutórias específicas a ela.
- b) Há diferentes tipos de séries, que apresentarão ao tradutor diferentes dificuldades no processo de legendagem.
- c) A legendagem de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural, em especial, apresenta especificidades, principalmente no que tange a seu léxico.
- d) O estudo da legendagem desse tipo de léxico pode auxiliar os tradutores no processo tradutório cotidiano, por oferecer material de consulta e obras de referência em muito necessitados no que se refere ao tema do sobrenatural.
- e) Uma unidade lexical adquire valor de termo quando o texto-discurso em que se insere lhe confere um significado determinado, em meio a um cenário comunicativo específico.
- f) Na linguagem utilizada em uma área de conhecimento específica, há um *continuum* entre o mais alto grau de banalização e o mais alto grau de cientificidade e vice-versa (BARBOSA, 2007).
- g) É válida a concepção de língua defendida pela Linguística de *Corpus*, segundo a qual “a linguagem é um sistema probabilístico, no qual certos traços são mais frequentes que outros” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 23).
- h) O uso de *corpora* e de ferramentas da Linguística de *Corpus* é essencial e funcional para o estudo ou a descoberta de características inerentes a determinado universo de discurso.

1.5 Questões de pesquisa e hipóteses

A partir dos objetivos e dos pressupostos teóricos deste trabalho, buscamos respostas para as seguintes questões de pesquisa:

- 1) É legítimo considerar especializadas algumas especificidades encontradas no texto de legendas de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural com terminologia totalmente ficcional?
- 2) Em que posição do *continuum* entre o mais alto grau de banalização e o mais alto grau de cientificidade se encontram as especificidades dos textos de legendas de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural com terminologia ficcional?
- 3) Em que medida e em que aspectos o léxico das legendas de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural com terminologia ficcional se aproxima da terminologia “tradicional”, como da Medicina, do Direito ou da Física?
- 4) Qual deve ser o desenho de uma obra de referência que auxilie os tradutores a lidar com a complexidade denominativa e conceitual relacionada a textos que envolvem seres sobrenaturais?
- 5) Em que medida e em que aspectos essa obra de referência se diferenciaria das que descrevem léxico comum ou léxico especializado?

Tais questões de pesquisa foram elaboradas buscando a confirmação das seguintes hipóteses:

- 1) Há, em legendas de seriados com perfil ficcional sobrenatural, unidades lexicais de caráter especializado próprias de um universo de discurso.
- 2) Um produto de desenho terminográfico para o uso de tradutores mostra-se adequado para dar conta das especificidades desse universo de discurso, quando se consideram as possíveis necessidades de tais profissionais.

1.6 Encaminhamento do trabalho

Esta dissertação se divide em 10 capítulos. O primeiro, que se encerra aqui, apresentou uma introdução ao tema a ser discutido e desenvolvido. De forma a iniciar a estabelecer os fundamentos teóricos desta pesquisa, o Capítulo 2 traz a Revisão da Literatura e, com ela, alguns pontos de convergência entre a teoria e nosso tema de estudo, os seriados de temática sobrenatural. O Capítulo 3 resume nosso posicionamento teórico, tomando por base as discussões apresentadas no Capítulo 2. A partir do Capítulo 4, iniciamos nossa aproximação ao *corpus* de estudo; no referido capítulo, apresentamos o estudo exploratório desenvolvido, considerando avaliar a pertinência do enfoque terminológico para o vocabulário de séries

televisivas que tratam de temas sobrenaturais. O Capítulo 5 descreve a constituição de nosso *corpus*, bem como caracteriza os seriados enfocados. Os Capítulos 6 e 7, por sua vez, detalham os passos metodológicos tomados na construção de nosso protótipo de glossário, que culminaram no desenho da ficha terminológica. Os dados obtidos são sintetizados e discutidos no Capítulo 8. Para encerrar, retomamos os objetivos, as questões de pesquisa e as hipóteses no Capítulo 9 e apresentamos nossas considerações finais e passos futuros no Capítulo 10.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresentamos ao leitor o aporte teórico em que nos baseamos no desenvolvimento da pesquisa desta dissertação. Estão abordados desde o tema da legendagem não comercial até o do tratamento terminológico a textos não especializados, desde a legendagem até a Linguística de *Corpus*.

Por termos consciência da hibridez do assunto com que lidamos, a aplicação de preceitos da Terminologia e da Terminografia à construção de um glossário sobre seriados de tema sobrenatural, adicionamos às Seções 2.2 e 2.4, que tratam da relação entre a ficção literária e a ciência e de Terminologia, uma subseção denominada Convergências. Levando em consideração o leitor deste trabalho, procuramos, em tais subseções, relacionar as discussões apresentadas ao nosso tema de estudo, assim justificando a escolha das correntes e dos autores citados para a revisão de literatura.

2.1 A tradução audiovisual e a legendagem

Nesta seção, situaremos a legendagem como um tipo de tradução audiovisual e apresentaremos características específicas e peculiares a ela. Antes disso, é necessário apresentar a definição de tradução da qual nos aproximamos como uma referência teórica e metodológica para o desenvolvimento deste trabalho. Afinal, o objetivo final do trabalho é propor um produto para auxiliar o tradutor em seu trabalho.

Grosso modo, podemos antecipar que a teoria de tradução à qual nos filiamos é a funcionalista. Nesse âmbito, dentre os diferentes autores dessa corrente, Hurtado Albir (2011, p. 41, tradução nossa), por exemplo, define que tradução é “[...] um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto pelos meios de outra língua que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada”. No caso do *corpus* sobre o qual nos debruçamos, o texto original na língua inglesa foi reformulado na língua portuguesa, com a finalidade de dar acesso a espectadores brasileiros a um seriado norte-americano.

Também seguindo o enfoque funcionalista da teoria da tradução, Katharina Reiss (2000), em seu capítulo no *The Translation Studies Reader*, classifica os tipos de texto em informativo, expressivo e operativo. Dentre esses, por ser composto por textos de séries ficcionais de TV, o *corpus* em análise enquadra-se na categoria “comunicação de conteúdo

organizado artisticamente – tipo expressivo”, caracterizado principalmente pela transformação do material da realidade.

Segundo a mesma autora, quanto à variedade textual, podemos classificá-lo como material audiovisual do tipo seriado televisivo. O tradutor dessas legendas deve levar em conta, portanto, o estilo dessa comunicação: “O uso da língua em certo texto-fonte é investigado com o intuito de esclarecer em detalhes, primeiramente, que meios linguísticos são usados para realizar funções comunicativas específicas e, secundariamente, como o texto é construído” (REISS, 2000, p. 166, tradução nossa). Esta ainda adiciona que, “Se a equivalência funcional é desejada durante o processo de tradução, isso significa: [...] b. Se o texto na língua-fonte for escrito para transmitir conteúdo artístico, então o conteúdo na língua-alvo deve ser transmitido com organização artística análoga” (REISS, 2000, p. 167, tradução nossa).

Para Hurtado Albir (2011, p. 77, tradução nossa), a tradução audiovisual, em específico, é um tipo de tradução que se caracteriza por ser “[...] a tradução, para cinema, televisão ou vídeo, de textos audiovisuais de todo tipo (filmes, telefilmes, documentários, etc.) em diversas modalidades: vozes sobrepostas, dublagem, legendagem e interpretação simultânea de filmes”. A modalidade objeto de estudo desta dissertação, como já dito, é a legendagem de seriados.

Primeiramente, é necessário apreciar a legendagem levando-se em conta sua maior particularidade: elas são resultado de um modo de tradução caracterizado por Hurtado Albir (2011) como subordinado. A autora explica que os textos audiovisuais se caracterizam pela confluência, no mínimo, dos códigos linguístico e visual. Mesmo que apenas o código linguístico seja traduzido, trata-se de uma tradução subordinada, uma vez que está condicionada pelos outros códigos participantes. Além disso, o código linguístico é um modo oral, o qual, na legendagem, não é modificado – ao texto audiovisual original é adicionado um texto escrito, as legendas, exibido simultaneamente às falas dos atores na tela. A questão da sincronia necessária obriga o tradutor a realizar um esforço de síntese; a isso, soma-se a mudança do código oral para o escrito e o trabalho com a unidade da legenda. Para Pettit (2004, p. 25, tradução nossa), “O texto ‘audiovisual’ é um meio complexo. O tradutor encontra informações verbais e não verbais, significados expostos abertamente e outros inferidos por formas mais sutis de comunicação”.

A citação de Marcuschi (2010, p. 20) a seguir vem ao encontro desses argumentos:

Aspecto central no caso desses e outros gêneros emergentes é a nova relação que instauram com os usos da linguagem como tal. Em certo sentido, possibilitam a redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como, por exemplo, a relação entre a oralidade e a escrita, desfazendo ainda mais suas fronteiras. Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com certo *hibridismo* que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento.

Como já vimos, a legendagem apresenta esse desafio da relação entre a oralidade e a escrita, o que a caracteriza como híbrida, tentando desfazer a fronteira entre esses dois registros.

Aspectos da organização textual das legendas são muitas vezes encarados como “normas” para uma boa legenda por empresas de legendagem e tradutores. Elas são, dentre outras:

- a) 30 a 35 caracteres por linha de legenda, para a televisão (o meio em que o texto audiovisual será transmitido pode alterar esse padrão, sendo permitida uma variação no número máximo de caracteres por linha no caso de DVDs ou cinema);
- b) 2 linhas por legenda;
- c) tempo mínimo de 2 segundos para a exibição de cada legenda (CARVALHO, 2005).

Segundo Reiss e Vermeer (1996, p. 166, tradução nossa), “As funções que as convenções dos tipos de texto cumprem na comunicação [...] influenciam o comportamento do tradutor de diversas maneiras e em graus muito variados, e determinam em certa medida as decisões que toma no processo de tradução”. Acreditamos que esses elementos diferenciados das legendas como tipo textual influenciam no desenvolvimento de uma competência tradutória que distingue um legendador⁴ de um tradutor de textos escritos. Segundo André Clas (1981, p. 316-317, tradução nossa),

O tradutor deve exercitar seu ofício nos diversos setores da atividade humana, mas grande parte de seu trabalho se situa nos domínios daquilo que chamamos de tradução técnico-científica. O tradutor é então obrigado a se especializar em um ou em diversos domínios muito específicos, onde sua competência é ainda mais evidente de que ele possui uma boa compreensão de seu assunto e conhece a terminologia fundamental. Ele não recorre, então, a auxílios à tradução, apenas quando hesita sobre noções complexas ou se a terminologia é pouco corrente, nova ou mesmo inexistente.

⁴ Cientes da discussão sobre o uso de “legendador” ou de “legendista” para nomear o tradutor responsável pela legendagem de um produto (ALVARENGA, 1998; ARAÚJO, 2006), optamos por *legendador* ou mesmo *tradutor*, uma vez que estas são as denominações mais comumente encontradas em obras sobre o assunto, bem como no mercado de tradução (MARTINEZ, 2011).

Essas limitações tão características da tradução audiovisual salientam a importância do conhecimento terminológico, quando é o caso, para o trabalho do legendador. Entende-se, assim, que conhecer melhor o material textual utilizado na legendagem e, em meio a ele, as especificidades de sua terminologia, em tese, diferenciada, pode ajudar os tradutores com a linguagem, o vocabulário e a tradução do “mundo das séries”, e é com esse intuito que esta dissertação foi pensada.

Na subseção a seguir, trataremos brevemente da emergência da legendagem não comercial na internet e suas peculiaridades.

2.1.1 Legendagem comercial x legendagem não comercial

De acordo com Díaz Cintas (2005), a legendagem está se tornando o tipo preferido de tradução audiovisual na internet. Essa mudança deu espaço para o surgimento de vozes que estão subvertendo o que é tradicionalmente considerado convencional na legendagem. Além disso, os *softwares* de legendagem têm se tornado mais acessíveis, sendo alguns até gratuitos.

Devido a isso, com o crescente número de vídeos disponíveis para *download* (filmes e seriados, por exemplo), cresce também o número de legendas produzidas por fãs, os “legenders”⁵. Tais fãs se reúnem em equipes e produzem a legenda de um episódio de seriado para disponibilização na internet, muitas vezes dentro de 24 horas após seu lançamento no país estrangeiro. Entre essas equipes estão os InSubs, United, Insanos, N.E.R.D.S. e Psicopatas. Esse tipo de tradução pode ser chamado de legendagem pirata ou legendagem feita de fãs para fãs (FEITOSA, 2009), mas também são encontradas referências a legendas de internet (MILLER, 2008) e a legendas amadoras (MILLER, 2008; BANDEIRA, 2009). Neste trabalho, utilizaremos a denominação *legendagem não comercial*, por acreditarmos ser a mais neutra dentre todas e por opor-se diretamente a *legendagem comercial*.

O fenômeno da legendagem não comercial tem pressionado o mercado televisivo a transmitir os episódios nos canais pagos com maior antecedência, e não semanas ou meses depois, como antes acontecia (CALAZANS, 2010; BOLD, 2011). Segundo O’Hagan (2009), a principal motivação e justificativa dos fãs para se engajarem nesse tipo de tradução seria o desejo de compensar o atraso na produção e distribuição das traduções comerciais.

⁵ Esta é a denominação usada por Miller (2008), Calazans (2010), Pagano (2010), Bernardo (2011) e Mizukami et al. (2011).

A esse respeito, independentemente do aspecto (i)legal desse tipo de divulgação e seu impacto no mercado da tradução, Díaz Cintas (2005, p. 16, tradução nossa) afirma que “Essa nova forma de legendagem ‘por fãs para fãs’ se encontra nas margens dos imperativos do mercado e é bem menos dogmática e mais criativa e individualista que aquela que tradicionalmente se tem feito”.

Bold (2011) aponta que há um número surpreendente de legendas produzidas por fãs e disponibilizadas gratuitamente na internet no Brasil, mas que há poucos estudos que tenham analisado em profundidade a qualidade linguística das traduções em comparação à legendagem comercial. Mizukami et al. (2011) e Bold (2011) citam dois motivos para a popularidade da legendagem não comercial no Brasil: o prestígio e o reconhecimento dos “legenders” e de suas equipes na internet e a deficiência da distribuição da produção estrangeira no Brasil. Para Bold (2011, p. 8, tradução nossa),

As redes de legendagem por fãs no Brasil parecem funcionar de uma maneira muito organizada para conseguir lidar com os prazos extremamente curtos impostos por eles mesmos e para alcançar as expectativas das comunidades de fãs. Isso é verdadeiro especialmente na tradução e distribuição de seriados de TV norte-americanos, um gênero que tem atraído cada vez mais atenção da audiência brasileira desde o início da popularização da TV a cabo no país.

A discussão sobre uma maior fidelidade e liberdade das legendas não comerciais é levantada, dentre outros, por Miller (2008), Calazans (2010) e Bold (2011). Miller (2008) faz menção ao conhecimento dos seriados que os fãs que entram nas equipes de legendagem têm, por realmente acompanharem o desenvolvimento das temporadas. Além disso, a censura imposta pelos canais de televisão não ocorreria com as equipes de legendagem não comercial. Por isso, a legendagem não comercial poderia ser mais “fiel” aos personagens, sem a necessidade de editar palavras, por exemplo.

Os grupos de legenders também são críticos com a qualidade de suas legendas. A equipe Insubs tem até um manual de legendagem e nos grupos de House há sempre um médico – ironicamente de plantão – para revisar as expressões médicas presentes nos diálogos. “São nomes de aparelhos, exames, remédios, doenças, siglas...”, enumera o anestesista Carlomd, que cita uma pérola da 1ª temporada da série que foi para a TV. “Traduziram ‘steroid’ como esteróide. É corticóide! Imagina alguém com doença reumática tomando anabolizante?”, ri. (MILLER, 2008)

Bandeira (2009) aponta que muitos fãs de seriados acreditam que essas legendas têm uma qualidade melhor que as legendas comerciais, por serem produzidas por fãs das séries, que as conhecem bem, o que evitaria erros comuns de quem não está familiarizado com o

contexto da trama. Por vezes, esse domínio do gênero pelos fãs compensaria a falta de treinamento nas técnicas de legendagem (O'HAGAN, 2009).

Bold (2011) destaca que uma das principais diferenças observadas entre a legendagem comercial e a não comercial são as estratégias de condensação de texto e de omissão e o tempo mínimo de leitura. Em relação ao número máximo de linhas, ao comprimento máximo da linha e à duração mínima e máxima das legendas, a autora afirma que a legendagem comercial e a não comercial são similares. No entanto, no que se refere à proporção máxima de caracteres por segundo, as legendas não comerciais exigiriam um esforço cognitivo maior dos espectadores que as legendas comerciais.

Feitosa (2009) analisou em sua tese o número máximo de caracteres por linha, em alguns filmes de terror, utilizado na legendagem comercial e na legendagem não comercial em português. Enquanto a legendagem comercial teve a média de no máximo 32 caracteres (padrão no mercado), o número para a legendagem não comercial foi de 41,6. Feitosa (2009, p. 84) faz a hipótese de “que os fãs tradutores tenham preferido traduzir mais detalhadamente o que foi encontrado no canal auditivo, mesmo que dificulte a leitura das legendas sem pausar o filme para lê-las”.

Como trabalho de conclusão de curso de especialização em Tradução do Inglês pela Universidade Gama Filho em 2012, investigamos quais foram as escolhas para a tradução de palavras nas legendas de dois episódios da primeira temporada do seriado *Dexter*, que retrata a vida de um assassino em série que trabalha como analista forense especialista em padrões de dispersão de sangue no Departamento de Homicídios de Miami. Foram analisadas as legendas feitas por um legendador de agência de legendagem e um de equipe de legendagem não comercial. Cada tradução foi classificada em uma das cinco seguintes categorias: manutenção da referência na cultura de origem; transferência para uma referência com função equivalente ou semelhante na cultura de chegada; neutralização ou generalização; explicação; ou omissão.

Como resultado, verificamos que os palavras foram traduzidos utilizando-se estratégias distintas nas legendas comerciais e nas não comerciais. A divergência mais marcante esteve na diferença percentual no uso da manutenção da referência na cultura de origem e da omissão – apenas 14,41% das legendas do DVD mantiveram a referência, enquanto nas legendas não comerciais a porcentagem foi de 46,85%; quanto à omissão de palavras, a taxa foi de 45,95% nas legendas do DVD, em comparação a 26,13% nas legendas não comerciais. Corroborou-se, assim, a visão comum dos espectadores e a explicação de

Bold (2011) de que as legendas comerciais são mais “sanitizadas” e as não comerciais, mais liberais. No entanto, não foi percebida uma diferença na qualidade da tradução como um todo.

O que procuramos mostrar nesta subseção é que é possível confiar na qualidade das legendas não comerciais, com as ressalvas cabíveis. E é por isso que o *corpus* de estudo desta pesquisa, como veremos no Capítulo 6, se abastece de legendas não comerciais produzidas por equipes de fãs e disponibilizadas na internet.

É de senso comum que toda tradução é passível de erro, independentemente da experiência e da qualidade do tradutor. Como prova disso, trazemos um exemplo de problema de tradução encontrado na legendagem comercial do seriado *Dexter*. No primeiro episódio da primeira temporada, a personagem pergunta: “Where the hell do you keep your gun?”. A legenda do DVD traduz: “Onde guarda seu chiclete?”. A simples troca de fonema de /n/ (*gun*, ou arma) para /m/ (*gum*, ou chiclete) implica um erro de tradução que se pode considerar ser de um tradutor inexperiente. Há explicações passíveis, como “o tradutor só teve acesso ao *script* e ele continha esse erro” ou “o tradutor só teve acesso ao vídeo e não fez a distinção do fonema”. Ainda assim, o erro de tradução é claramente perceptível ao espectador, uma vez que ele ouve a fala do personagem e vê a movimentação da cena. Por sua vez, a legendagem não comercial apresentou: “Onde diabos guarda sua arma?”.

Nossa intenção com isso é mostrar que, independentemente de a legendagem ser comercial ou não, a tradução é passível de erro. De qualquer forma, no decorrer da pesquisa, quando foram identificadas inconsistências, elas foram corrigidas. Tendo estado em contato muito próximo com as legendas não comerciais dos seriados *corpus* deste trabalho no decorrer dos dois anos de desenvolvimento desta pesquisa, acreditamos que elas não tenham deixado nada a desejar em comparação às legendas comerciais.

2.2 A ficção literária e a ciência

Antes de iniciarmos a tratar das convergências entre este trabalho e a Terminologia nas próximas seções, acreditamos ser de grande importância apontar brevemente algumas discussões no que se refere à interseção entre a literatura e a ciência. Afinal, este trabalho mobiliza um cenário textual que é herdeiro de toda uma tradição literária, a partir do qual são identificados elementos lexicais bastante semelhantes às terminologias técnico-científicas.

George Levine (1987), no capítulo introdutório do livro *One Culture: essays in science and literature*, afirma que aquela obra buscou formas de considerar a literatura e a

ciência como integrantes do mesmo discurso, especialmente porque tanto a literatura quanto a ciência têm sua fonte na cultura. Dessa forma, ambas estão limitadas por uma cultura não especializada, isto é, de caráter geral, que se mescla à história social da humanidade.

Levine (1987) acredita que a literatura e a ciência são, acima de tudo, modos de discurso, o que acaba por aproximá-las:

Com a transformação da ciência em “discurso”, torna-se mais difícil definir exatamente o que é a ciência em oposição, digamos, à literatura. Ambas, como Thomas Kuhn defendeu, são governadas por processos pelo menos aparentemente racionais; e a diferença entre as duas não pode ser sustentada pela “aplicação das dicotomias clássicas entre, por exemplo, o mundo do valor e o mundo do fato, o subjetivo e o objetivo, ou o intuitivo e o indutivo”. (LEVINE, 1987, p. 4, tradução nossa)

O autor também defende que o tema “ciência e literatura” é de grande relevância, uma vez que a conjunção desses dois mundos de discurso tão separados acaba por ajudar a esclarecer cada um deles, desmistificando-os. Além disso, tal tema nos força a abordar temas importantes quanto à maneira que nossa cultura e nossa sociedade estão se moldando.

Levine (1987) argumenta que tanto a ciência quanto a literatura derivam de uma única cultura em dois sentidos. Primeiramente porque o que ocorre na ciência ocorre em todos os lugares, incluindo-se na literatura. Em segundo lugar, o autor sustenta que é possível e frutífero entender como a literatura e a ciência influenciam uma à outra por participarem da cultura como um todo.

A ciência é nossa nova mitologia, ainda perto o suficiente para se parecer mais como a realidade que como uma história, mas distante o suficiente para nos manter ignorantes de que está constantemente moldando nossa noção do que é possível. Ela fornece as imagens e a linguagem através das quais conhecemos o mundo material, e até configura (muitas vezes indiretamente) nossa noção do que significa ser humano. (LEVINE, 1987, p. 8-9, tradução nossa, grifo nosso)

Levine (1987) vê diversas aproximações entre o discurso científico e o discurso literário:

É óbvio, entretanto, como esse tipo de análise do enunciado científico se move para o campo literário, especialmente devido a vários efeitos significativos. Primeiro, o observador não mais se posiciona como “à parte do mundo”, imparcial e objetivamente comentando sobre ele. Segundo, os temas da ciência são impregnados pela consciência do observador e as limitações da cultura dos cientistas. Terceiro, a autoridade da ciência sobre o “fato”, tão significativa no desenvolvimento de seu poder, é comprometido na destruição da teoria da verdade correspondente: assim como a ficção, assim como a poesia, a ciência, nesse sentido, alcança sua posição em virtude de sua “coerência” e não de sua correspondência à realidade externa.

Quarto, a ciência se torna não tanto um processo de descoberta sistemático e cumulativo, mas uma atividade de imaginação criativa. Finalmente, a linguagem científica, com suas reivindicações à univocidade e à precisão de correspondência, é entendida, assim como a própria literatura, como metafórica. (LEVINE, 1987, p. 17, tradução nossa)

Dessa forma, para Levine (1987), uma vez que se percebe que as ciências exatas⁶ não são tão claramente separáveis das ciências humanas, a história da ciência começa a se confundir com a história da humanidade: a literatura se torna parte da história da ciência, e a ciência é refletida na literatura. Assim, segundo o autor, os instrumentos da crítica literária podem ser utilizados como instrumentos para a compreensão do discurso científico. Levine (1987) acredita que a ciência é apenas um dentre diversos discursos concorrentes e que, portanto, sua fundamentação na realidade não dá mais autoridade à sua linguagem que à linguagem literária.

Já David Hartwell (1997), em sua introdução ao livro *The Science Fiction Century*, aborda outro aspecto de convergência entre a ciência e a literatura: a ficção científica. O autor faz um breve histórico da literatura de ficção científica, afirmando que este foi o gênero literário característico do século XX, estando em oposição à literatura moderna. O autor acredita que o “megatexto” da ficção científica é uma alegoria da fé na ciência, expressando, representando e confirmando a fé na ciência e na razão.

A ficção científica é lida de forma apropriada, como um leitor com experiência pode, apenas se os dados da história forem tomados como literais; assim, se a história se passa em Marte no futuro, estes são o tempo e o lugar literais. Ela também pode ser interpretada como “apenas” uma metáfora da condição humana, ou de algum estado psicológico anormal do personagem ou dos personagens, mas, com raras exceções na ficção científica, a verdade literária do tempo, do lugar e das ideias é uma pré-condição necessária para dar sentido à história. Isso ocorre porque apenas através de sua literalidade (o mundo real é separado e reduzido a um mundo inventado imaginável, no qual podemos focar nas coisas que acontecem que não poderiam ocorrer no mundo da realidade cotidiana) a significância emocional de tempos, lugares e eventos totalmente imaginários pode ser sentida. (HARTWELL, 1997, p. 10)

2.2.1 Convergências

É inserida nessa visão abrangente de compatibilidade entre o discurso da ciência e da literatura que se encontra esta dissertação, que se ocupa do reconhecimento de unidades lexicais semelhantes a termos que ocorrem em textos de legenda de seriados de tema

⁶ Embora o autor se refira apenas a “science” (LEVINE, 1987, p. 22), entendemos aqui que ele alude às ciências exatas, em oposição às ciências humanas.

sobrenatural. Conforme Levine (1987), não podemos nos ater à aplicação da dicotomia entre o mundo do valor e o mundo do fato ou o subjetivo e o objetivo para a diferenciação dos modos de discurso da literatura e da ciência. Nesse âmbito, também se vê como relevante o argumento de Levine (1987) de que a fundamentação da ciência na realidade não dá mais autoridade à sua linguagem que à linguagem literária.

Como veremos no capítulo a seguir, acreditamos que os princípios e a metodologia do estudo da linguagem especializada “científica” podem sim ser aplicados ao estudo do discurso de seriados de tema sobrenatural. Isso porque, sobretudo, nos seriados de tema sobrenatural, especificamente, se encontra um sistema de conceitos que em muito lembra o de áreas mais comumente aceitas como especializadas (como a Medicina ou o Direito), como é nosso objetivo demonstrar com o delineamento de um glossário desse tema para tradutores.

Poder-se-ia dizer que essa similaridade na estrutura do sistema de conceitos se dá uma vez que, assim como ocorre na literatura de ficção científica (HARTWELL, 1997), os espectadores podem assistir apropriadamente aos seriados de tema sobrenatural apenas se acreditarem na literalidade de sua história. Assim, somente construindo um sistema de conceitos que se assemelhe ao de áreas especializadas “reais”, os roteiristas conseguem captar a atenção dos espectadores e fazê-los acreditar na literalidade da história. A sensação é a mesma com seriados de tema médico ou jurídico, em que o espectador imagina que processos, conceitos e temas apresentados correspondam aos de uma situação real.

Como já tratado no Capítulo 1, apesar de haver um crescente número de séries que usam terminologias específicas como pano de fundo (FROMM, 2011b), ainda há poucos estudos em Terminologia sobre a tradução do vocabulário em seriados televisivos. Isso ocorre, provavelmente, porque os estudos sobre as linguagens científicas e técnicas têm, em geral, abordado apenas áreas de conhecimento mais tradicionais. Nas próximas seções, passaremos a apresentar as teorias e correntes da Terminologia às quais nos aproximamos, com o objetivo final de diminuir tal lacuna, propondo bases para a confecção de um glossário para legendadores de seriados de tema sobrenatural.

2.3 Produtos lexicográficos e terminográficos para tradutores

Considerando que esta pesquisa visa chegar ao desenho geral e a um protótipo de um glossário para auxiliar o tradutor que lida com legendas de seriados de temática sobrenatural, é importante revisar o que já se produziu acerca de produtos lexicográficos e terminográficos

para tradutores. Segundo Tagnin (2012), a disponibilidade de obras de referência úteis aos tradutores permite que tanto aqueles novatos quanto os que já atuam no mercado de trabalho tomem decisões mais embasadas, além de ficarem menos dependentes do texto-fonte e mais confiantes.

Os produtos lexicográficos são aqueles baseados em princípios da Lexicologia e da Lexicografia. A Lexicologia é a área responsável pelo estudo científico do léxico de uma língua em seu uso geral, ocupando-se de aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua. Já a Lexicografia se ocupa da parte prática: compor dicionários da língua comum (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Por sua vez, os produtos terminográficos são aqueles que se baseiam em princípios da Terminologia e da Terminografia. A Terminologia é o campo de estudos que se dedica ao chamado léxico especializado. A Terminografia é a face aplicada da Terminologia, voltada à produção de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Nesse sentido, como nos encontramos em um território textual e discursivo em que as unidades lexicais se assemelham a terminologias, parece que se instaura uma via híbrida entre um dicionário comum de língua e um dicionário especializado. Para refletir sobre esse hibridismo e defender a posição legítima de um produto terminográfico é que trazemos as considerações desta seção.

De acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 54), obras de referência elaboradas com base em métodos lexicográficos ou em métodos terminográficos apresentam diferenças básicas no que tange a diversos aspectos prototípicos:

a) Objetivos e funções:

- Obras lexicográficas: repertoriar o léxico geral; oferecer informações etimológicas, gramaticais, sociolinguísticas; oferecer informações semânticas gerais e especializadas de todas as unidades lexicais de um idioma (polissemia); oferecer padrões de usos linguísticos; legitimar o léxico de uma língua.
- Obras terminográficas: repertoriar o léxico temático; oferecer informações terminológicas e conceituais de uma área de conhecimento especializado; delimitar conceitos de um sistema cognitivo específico (homonímia); estabelecer padrões de designação e conceituação em áreas de especialidade (normatização).

- b) Usuário:
 - Obras lexicográficas: difuso.
 - Obras terminográficas: específico.
- c) Fontes:
 - Obras lexicográficas: textos em geral.
 - Obras terminográficas: textos de especialidade.
- d) Critério de seleção de entradas:
 - Obras lexicográficas: frequência.
 - Obras terminográficas: pertinência do termo à área de conhecimento, frequência em menor escala.
- e) Tratamento das entradas:
 - Obras lexicográficas: lematização, forma canônica.
 - Obras terminográficas: manutenção da forma plena e recorrente.

Segundo Barros (2004), obras lexicográficas são os dicionários de língua, os dicionários especiais e outros dicionários que apresentem unidades lexicais em todas as suas acepções no sistema da língua geral. Por sua vez, obras terminográficas são os dicionários terminológicos, vocabulários e glossários que apresentam o conjunto de termos de uma área especializada. No entanto, segundo Barbosa (2001, p. 26),

Considerando o conjunto de obras lexicográficas e terminológico-terminográficas produzidas em épocas mais recentes, diríamos que não se tem muita clareza, quanto às fronteiras conceituais, denominativas, definicionais dos tipos desses textos, não obstante o estágio avançado em que se encontram, neste fim de século, as pesquisas das ciências da palavra, nessas áreas, não obstante, igualmente, a existência de numerosos organismos e obras de normalização terminológica em diferentes países, que não conseguiram assegurar, para certos conceitos, uma terminologia da Terminologia uniforme e consensual.

De forma a não adentrarmos minuciosamente na discussão das denominações para os variados tipos de obras de referência, apresentamos a concepção de *dicionário terminológico* e de *glossário* às quais nos vinculamos, qual seja, a de Krieger e Finatto (2004), que os diferenciam assim:

Glossário costuma ser definido como repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seu sentido. É composto sem pretensão de exaustividade. Já o **dicionário terminológico ou técnico-científico** é uma obra que registra o conjunto de termos de um domínio oferecendo primordialmente informações conceituais e, por vezes, linguísticas.

Caracteriza-se por uma cobertura exaustiva de itens lexicais. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 51, grifos nossos)

Para Finatto (2001, p. 80), o *dicionário terminológico* mostra “como um conjunto de conceitos ou noções referenciais e seus respectivos valores de significação se organiza hierarquicamente, de acordo com um padrão cognitivo, estabelecido culturalmente e organizado pela língua, para uma área de conhecimento em questão”. Barbosa (2001), por sua vez, define em mais detalhes o que seria um *glossário*:

[...] um **glossário** *stricto sensu* seria a obra lexicográfica que apresentasse unidades lexicais extraídas de um único texto manifestado e definidas em suas significações específicas, correspondentes a cada palavra-ocorrência, no mais alto nível de densidade sêmica, sem reunir num só verbete duas ou mais palavras-ocorrências com a mesma forma de expressão. Se preferirmos, a cada palavra-ocorrência corresponderia uma entrada. (BARBOSA, 2001, p. 35, grifo da autora)

Além da classificação tipológica, outro aspecto que determina os rumos do desenvolvimento tanto de obras lexicográficas quanto de obras terminográficas é o público-alvo. A determinação do público-alvo para certa obra definirá aspectos como seu título (para crianças, para aprendizes avançados, etc.), o número e a qualidade das informações gramaticais disponibilizadas, a complexidade do enunciado definicional, entre outros.

Cabré (2004), por sua vez, acredita que a Terminologia atual se divide em dois eixos: um eixo teórico e um eixo prático. Em relação ao eixo prático, podem-se determinar três grupos: o tradutorial, o normalizador e o padronizador. Dessa forma, Cabré (2004) aponta especificamente a tradução como relacionada à prática da Terminologia. Além disso, ao afirmar que a Terminologia serve também à mediação linguística, a autora inclui como público dos estudos terminológicos assessores linguísticos, redatores, intérpretes e tradutores, além de jornalistas e profissionais dos meios de comunicação.

Se tomarmos especificamente os tradutores como público-alvo de determinada obra terminográfica, é necessário levar em consideração que

[...] ao tradutor interessa um manejo terminológico competente, expresso pela adequada seleção, na língua de trabalho, dos termos equivalentes àqueles utilizados pelos especialistas na língua original. Por isso, esse profissional necessita conhecer, e também poder acessar, repertórios terminológicos utilizados nas comunicações especializadas em ambas as línguas. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 67)

Krieger e Finatto (2004) também apontam que a utilização adequada da terminologia auxilia a precisão semântico-conceitual requisitada de toda tradução de texto especializado.

Para as autoras, o respeito ao uso de tal terminologia reflete respeito ao estilo, o que favorece a aceitabilidade do texto traduzido.

Bourigault e Slodzian (2004, p. 103) salientam que

[...] uma terminologia elaborada em um dado momento nunca é idêntica àquela construída para uma outra aplicação. Esses limites resistentes à possibilidade de reutilização não excluem relações de inclusão ou de sobreposições parciais entre terminologias voltadas a aplicações distintas em uma mesma área de atividade.

Para o desenvolvimento de nosso protótipo de glossário, refletimos sobre todos esses aspectos. Como já afirmamos, acreditamos que o bom treinamento para o tradutor envolvido com a produção de legendas de seriados de tema sobrenatural é essencial para que a relação do espectador com esse material e com o trabalho profissional seja reconhecida e amigável. Nesse cenário, ter fontes para consulta à disposição, elaboradas com os tradutores como seu público-alvo, facilita e agiliza o processo de tradução.

O tipo de obra de referência cujas bases propomos neste trabalho é um glossário de temática sobrenatural. Escolhemos a denominação *glossário*, porque, conforme Krieger e Finatto (2004), o entendemos como um repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seu sentido, sem pretensão de exaustividade. Isso implica que entendemos o texto das legendas de seriados de tema sobrenatural como pertencentes a uma especialidade, independentemente da aceitação ou não de que as unidades lexicais específicas desse universo de discurso possam ser chamadas de “termos”.

Por vermos esse universo lexical como especial é que acreditamos que uma obra de referência sobre esse tema e útil ao tradutor deve ser terminográfica, além de desenvolvida com o auxílio da Linguística de *Corpus* (ver Seção 2.5). É por abordarmos essa metodologia que o protótipo apresentará uma árvore de domínio representando o sistema de conceitos da área, bem como terá todos os seus dados coletados diretamente em um *corpus* autêntico de textos de temática sobrenatural. Isso proporcionará a possibilidade de que, no protótipo, os termos sejam registrados em sua forma mais recorrente (e não a canônica), além de apresentar a frequência de ocorrência desses termos e de suas colocações, as variações na tradução, entre outros (ver Capítulos 6 e 7).

Os possíveis caminhos teóricos para a consideração do universo de discurso dos seriados de tema sobrenatural como especializado no âmbito da Terminologia serão minuciados na próxima seção.

2.4 Terminologia

Nesta seção, apresentamos um panorama de algumas noções fundamentais da Terminologia, campo de estudos que se dedica ao chamado léxico especializado. Damos enfoque especificamente às concepções de termo, definição terminológica e árvore de domínio, as quais serão úteis quando iniciarmos o estabelecimento de nossos procedimentos metodológicos.

Após, partimos para a discussão de diferentes perspectivas teóricas que têm uma visão mais ampliada do que seriam o chamado léxico especializado, as linguagens técnico-científicas e suas terminologias. Essas diferentes perspectivas, conforme acreditamos, justificam um acolhimento para a ideia de uma “terminologia ficcional”, a qual ocorre em meio a uma linguagem “especializada” diferenciada. É sob tais perspectivas que vemos a possível inserção do léxico encontrado no texto de seriados ficcionais de temática sobrenatural no leque de objetos do estudo da Terminologia.

Afinal, coloca-se a necessidade de uma concepção mais flexível frente ao que tradicionalmente se tem abordado em Estudos de Terminologia, como, por exemplo, as áreas das engenharias, das ciências exatas e das ciências da saúde, as quais apresentam, ao ver dos estudiosos, um maior grau de cientificidade ou tecnicidade. Esse maior grau se daria por tais áreas fazerem uso de uma “linguagem própria” denominada *linguagem especializada* ou *linguagem de especialidade*, em oposição à *língua geral* ou *língua comum* utilizada na comunicação cotidiana.

Cabe então esclarecer que as denominações *língua geral/língua comum* e *linguagem especializada/linguagem de especialidade* a seguir empregadas estão de acordo com os autores que as utilizam. Pessoalmente, adotaremos as denominações *língua comum* e *linguagem especializada*. Embora a maioria dos autores não faça distinção entre língua comum e língua geral, optamos por *língua comum*, entendida como o conjunto de regras, unidades e restrições conhecidas e utilizadas pela maioria dos falantes de uma língua natural (CABRÉ, 1993). Já por *linguagem especializada*, entendemos uma manifestação da língua comum que “partilha de todas as características do sistema linguístico que denominamos geral, seguindo o mesmo padrão e conformando-se aos mesmos parâmetros” (MACIEL, 2010, p. 18). Haverá uma preferência diferenciada por alguns elementos léxicos e/ou sintáticos, em função de fatores como a temática, o tipo de interlocutores e a situação comunicativa, mas o aparato linguístico utilizado na linguagem especializada será o mesmo

da língua natural (CABRÉ, 1993; MACIEL, 2010). Por esse motivo, não optamos por *linguagem de especialidade*, uma vez que, segundo Finatto (2004), “não haveria uma ‘posse’ estrita dessa linguagem pelo usuário ou pela área de saber/conhecimento”. É a linguagem que se fará especializada no uso, de acordo com o contexto.

2.4.1 Fundamentos da Terminologia

Nesta subseção, apresentaremos alguns dos conceitos que fundamentam os estudos da Terminologia e da Terminografia, como *termo*, *definição terminológica* e *árvore de domínio*. O termo e a definição terminológica, juntamente com a fraseologia, como veremos, constituem os três objetos de estudo da Terminologia. Já a árvore de domínio proporciona uma aproximação à organização dos conceitos e hierarquias de uma área de conhecimento. Tais conceitos serão chave no desenvolvimento de nossa metodologia e na elaboração das fichas terminológicas, como mostram os Capítulos 6 e 7.

2.4.1.1 Termo

Segundo Krieger e Finatto (2004), o termo é um dos três objetos de estudo da Terminologia, juntamente com a fraseologia e a definição, mas se configura como o objeto privilegiado de reflexão e tratamento. Para as autoras, “A unidade terminológica é, simultaneamente, elemento constitutivo da produção do saber, quanto componente linguístico, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 75).

Segundo a Teoria Geral da Terminologia, pioneira no estudo de terminologias, o termo é monossêmico, monorreferencial e de exclusividade denominativa. Para os teóricos dessa corrente, “[...] o estatuto terminológico de uma unidade lexical define-se por sua dimensão conceitual. Consequentemente, o que faz de um signo linguístico um termo é o seu conteúdo específico” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 78). O termo seria então não só uma unidade linguística, mas uma unidade de conhecimento. Seu valor seria definido pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual de uma especialidade. Assim, compreende-se que o nome e a noção, ou o significante e o significado, são entidades autônomas.

Considerando-se as novas correntes dos estudos terminológicos, percebe-se uma mudança essencial de posicionamento: toma-se o termo como ponto de partida da descrição

terminológica, e não o conceito. Para tais correntes, o termo, como item lexical, não se distingue da palavra no que se refere a seu funcionamento. Assim, um mesmo termo, quando usado em textos diferentes, pode ter referentes diferentes. Isso significa que são relevantes os contextos linguísticos e pragmáticos e que há sinonímias e variações nas terminologias, bem como padrões morfossintáticos correspondentes aos da língua comum (KRIEGER; FINATTO, 2004; TEMMERMAN, 2004).

Cabré (2004, p. 17) diferencia a palavra e o termo da seguinte maneira:

Uma palavra é uma unidade descrita por um conjunto de características linguísticas sistemáticas e dotada da propriedade de referir-se a um elemento da realidade.
Um termo é uma unidade de características linguísticas similares, utilizada em um domínio de especialidade. Deste ponto de vista, uma palavra que faz parte de um âmbito especializado seria um termo.

Para Cabré (2004), o que melhor diferencia os termos das palavras são os aspectos pragmáticos, em específico, seus usuários, as situações em que se utilizam, a temática que veiculam e o tipo de discurso em que costumam aparecer.

Portanto, nas novas correntes da Terminologia, os termos passam a ser vistos como elementos da linguagem em funcionamento, já que estão presentes em textos e em discursos especializados (KRIEGER; FINATTO, 2004). Como consequência dessa abordagem, assume-se que “[...] uma unidade lexical pode assumir o valor de termo, instituindo-se como tal em razão dos fundamentos, princípios e propósitos de uma área” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 79).

2.4.1.2 Definição terminológica

Para Finatto (1998b), há três tipos de definições: as definições lexicográficas, com predominância de informações linguísticas; as definições enciclopédicas, que tratam mais de referentes e da descrição de “coisas”; e as definições terminológicas, que trazem conhecimentos formais sobre “coisas” ou fenômenos.

De acordo com Finatto (2002, p. 74), a definição terminológica, em específico,

[...] se particulariza por ser o enunciado-texto que dá conta de *significados* de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência. Nesse caso, *grosso modo*, definir equivale a expressar um determinado saber, uma porção de conhecimento especializado. Esse enunciado envolve, portanto, uma representação conceitual particular, vinculada a um saber técnico, científico ou tecnológico.

Além disso, é possível considerar que a definição terminológica integra o aspecto conceitual e o linguístico, uma vez que “o texto da definição tem a função de descrever as características que delimitam um conceito e a função de particularizá-lo num determinado sistema conceptual ou domínio” (FINATTO, 1998a, p. 212).

Para a autora, a definição terminológica “é um texto-enunciado que dá conta do significado de uma palavra-termo em relação ao *entorno de significação* de uma linguagem científica” (FINATTO, 2001, p. 352, grifo da autora). Para Finatto (2001), certo termo, ao ser definido, será particularizado, classificado, diferenciado ou mesmo colocado em oposição a outros que lhe sejam aproximados, não deixando de levar em consideração uma série de fatores de diferentes ordens. A definição, por ter a função de significar e comunicar, estabelece uma rede de relações e de perspectiva daquele termo com seu entorno.

Barros (2004) acrescenta que a definição compreende uma paráfrase sinonímica que expressa, por meio de outras unidades linguísticas, o conceito nomeado pelo termo na entrada do verbete. As informações apresentadas no verbete do dicionário terminológico representam, segundo a autora, um recorte do conteúdo da unidade linguística, conforme concebido dentro de uma área específica.

Tradicionalmente, as definições apresentam, como condição mínima e necessária, duas categorias em sua formulação: o *gênero próximo* e a *diferença específica*. O gênero próximo deve expressar a categoria ou classe geral em que o termo sendo definido se insere. Já a diferença específica deve indicar a particularidade que difere tal termo de outros de sua mesma classe. Juntos, o gênero próximo e a diferença específica devem delimitar o termo, de forma que ele seja remetido a determinado referente. Por isso, é consenso que a formulação dos enunciados definitórios seja objetiva e clara, privilegiando características essenciais do termo e evitando informações supérfluas e comentários.

Barros (2004, p. 164-165) resume alguns princípios a serem observados na elaboração de uma definição terminológica:

- não se deve utilizar cópulas do tipo *diz-se de, significa, (tal termo) é, é quando, trata-se de, indica, (essa palavra) quer dizer, esse termo designa* etc.;
- a definição não deve conter em seu enunciado o termo definido;
- deve ser completa, sem, no entanto, veicular dados supérfluos e inúteis;
- deve manter com o termo definido uma relação de univocidade [...];
- a definição deve se adaptar ao público-alvo, ou seja, a metalinguagem empregada deve estar de acordo com a capacidade de compreensão do leitor (especialistas da área, leigos no assunto, crianças etc.);

- quando houver possibilidade de se redigir a definição na forma afirmativa, não utilizar a forma negativa;
- palavras de sentido vago, ambíguo ou figurado não devem ser empregadas.

No entanto, para Finatto (2002, p. 78),

[...] um excesso de normatividade lógica, tanto tomado como medida de análise, quanto cobrado da sua apresentação, pode gerar alguns problemas quando se lida com definições concretas, reais. Portanto, adotar ou requerer um padrão de formulação uniforme, absoluto ou invariável, que possa valer para qualquer situação, ou privilegiar apenas uma forma lógica seria uma medida pouco inteligente na medida em que nos distancia da realidade da linguagem em geral e também de uma determinada linguagem técnica ou científica em uso. Afinal, a variação é um traço constitutivo da linguagem *in vivo*, seja ela especializada ou não.

O que pode decidir se determinada informação ou particularidade é mais ou menos relevante ou funcional para ser incluída ou não na definição é a compreensão de suas funções e papéis no que concerne ao entorno de significação daquela linguagem científica (FINATTO, 2001). Dentre tais condicionantes, pode-se citar o público-alvo a que se destina a obra em que a entrada se inscreve e as necessidades dele, o tipo da área de conhecimento, entre outros.

Por isso, ao interferirmos na constituição da definição e de toda a microestrutura que é a entrada, é importante que, no papel de mediadores de comunicação, tenhamos em vista a necessidade de harmonizar seu “desenho” com a configuração de uma área de conhecimento que não se fecha em si mesma, mas que se propõe a ser acessada por um usuário. Geralmente possuidor de nível médio de conhecimentos, esse usuário não é um iniciante-quase-leigo, nem uma autoridade no assunto em foco. Afinal, dicionários terminológicos tendem a ser muito mais utilizados por profissionais de especialização baixa e mediana, por tradutores e especialistas e técnicos de áreas afins. (FINATTO, 1998b, p. 7)

Por isso, Finatto (1998b) defende que a definição terminológica pode ser enriquecida e ampliada pela inclusão de elementos enciclopédicos, bem como por elementos lexicográficos. Elementos enciclopédicos podem oferecer componentes importantes para o levantamento terminológico, enquanto elementos lexicográficos, principalmente em obras bilíngues, podem auxiliar a compreensão do conhecimento e das terminologias. Além disso, Finatto (2001) destaca que todo o texto do verbete, e não apenas o gênero próximo e a diferença específica, compõem a definição terminológica.

Sobretudo, segundo Bourigault e Slodzian (2004, p. 106), a definição terminológica deve ser “coerente com os sentidos contextuais (validados no *corpus*) e pertinente em relação à aplicação (como está inscrita em uma aplicação, ela integra os objetivos comunicacionais e deve ser ‘localizada’”.

2.4.1.3 *Árvore de domínio*

Para Krieger e Finatto (2004, p. 134), uma árvore de domínio, ou sistema de conceitos,

[...] é um diagrama hierárquico composto por termos-chave de uma especialidade, semelhante a um organograma. [...] Esse tipo de esquema pretende apenas servir como uma organização possível para uma especialidade ou ciência, de modo que o pesquisador possa, baseado nele, compreender algumas de suas hierarquias básicas e também situar um recorte do reconhecimento terminológico para seu dicionário.

Para as autoras, o objetivo da construção de uma árvore de domínio é “representar o sistema lógico-cognitivo que particulariza os universos de conhecimento especializado” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 56). Assim, a árvore funcionaria como um mapa conceitual da área, auxiliando o reconhecimento da vinculação terminológica e da pertinência dos termos a um domínio.

Por sua vez, para Barros (2004, p. 112), esse sistema de conceitos “determina os limites do domínio sobre o qual se dá a pesquisa terminológica e é determinado pelo *corpus* da mesma e pela visão ou abordagem do terminólogo em relação ao domínio estudado”. Barros (2004) defende a delimitação do domínio para o sucesso e o equilíbrio da sistematização da nomenclatura, bem como seu tratamento de forma aprofundada e homogênea. Por isso, segundo a autora, a organização do sistema de conceitos obtém importância em diversas etapas da confecção de uma obra terminográfica: na escolha da nomenclatura, no tratamento dos dados, na organização do sistema de remissivas, no aprofundamento da pesquisa terminológica, etc.

Krieger e Finatto (2004) também salientam que a elaboração da hierarquia de conceitos de determinada área condicionará o reconhecimento dos termos e a escolha das informações que constarão no produto terminológico. Pavel e Nolet (2002) juntam-se a Krieger e Finatto (2004) e Barros (2004) na defesa de que a árvore de domínio seja elaborada no início da composição do dicionário ou glossário. Outro argumento que ratifica tal abordagem e que é levantado por Rodrigues e Barros (2005) é de que a árvore de domínio da área em estudo também ganha importância na etapa da determinação dos termos equivalentes de uma língua em outra, no caso de dicionários ou glossários bilíngues.

Conforme Barros (2004, p. 127),

Certas unidades terminológicas – e talvez muitas delas – podem não se encaixar no sistema preestabelecido. É preciso lembrar que um sistema nunca é definitivo e

único: é o resultado de uma concepção, de uma estruturação dos elementos de acordo com certas relações de sentido que foram privilegiadas pelo terminólogo responsável pelo projeto, portanto deve ser flexível para comportar novas relações e novos termos.

Assim, a árvore de domínio nem sempre precisa ser uma representação exata e exaustiva da área ou subárea de conhecimento ou temática em estudo, mas estabelecida de acordo com a visão do grupo de pesquisa que desenvolve o produto terminográfico. A árvore ilustrará, então, apenas uma das várias aproximações possíveis à área de conhecimento (BARROS, 2004; KRIEGER; FINATTO, 2004).

Segundo Krieger e Finatto (2004), antes de a Terminologia se aproximar do texto, a identificação das unidades terminológicas era realizada apenas por meio da árvore de domínio, sendo esta construída com base apenas na validação de especialistas e na consulta a tesouros e outras obras de referência. No entanto, no pensamento corrente, acredita-se que essa maneira de se construir uma árvore de domínio não se mostra um método suficiente, embora significativo. Isso porque, quando estabelecidas em uma árvore de domínio elaborada dessa forma, as unidades lexicais especializadas são observadas em um local estático e paradigmático, sem seu contexto discursivo natural.

Com o início das inter-relações entre a Terminologia e a Linguística de *Corpus*, as árvores de domínio passaram a ser confeccionadas partindo das listas de palavras-chave geradas pela comparação de um *corpus* especializado (chamado “de estudo”) a um *corpus* de língua comum (chamado “de referência” e, no mínimo, cinco vezes maior que o de estudo). Essas listas indicam as palavras que são mais frequentes estatisticamente no *corpus* de estudo que no *corpus* de referência (ver Seção 2.5.1). Com base, então, no contexto real de ocorrência dos termos, tais árvores de domínio, após um desenho inicial feito pelo terminólogo, apoiado nas referidas listas de palavras-chave, podem ou não ser validadas por um especialista.

Assim, a árvore de domínio é um recurso terminográfico fundamental na medida em que espelha o que está em um *corpus*. É ela que mostra como os conceitos se interconectam no domínio de conhecimento. Foram as árvores de domínio que determinaram o *gênero próximo* das definições de nosso protótipo de glossário, bem como quais seriam as possibilidades de remissivas, como veremos no Capítulo 7.

2.4.2 Etnoterminologia

A partir de agora e até o final da seção sobre Terminologia, apresentaremos perspectivas teóricas no âmbito dos Estudos de Terminologia que justificariam, sob nosso ponto de vista, a legitimação do estudo do léxico encontrado em seriados de temática sobrenatural como uma linguagem especializada. Ao final de cada subseção, indicamos relações possíveis entre as discussões levantadas pelos autores e nosso tema de estudo.

Iniciamos esta subseção sobre Etnoterminologia retomando a afirmação de Levine (1987, p. 8) de que “A ciência é nossa nova mitologia”. Nesse âmbito, encontramos uma ligação inicial com a primeira autora citada, Maria Aparecida Barbosa, e seu estudo do discurso etnoliterário encontrado nos mitos, lendas e folclore do Norte e Nordeste do Brasil, como veremos a seguir.

2.4.2.1 *Maria Aparecida Barbosa*

Maria Aparecida Barbosa foi fundadora do Grupo de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e continua desenvolvendo pesquisas nas áreas de Lexicologia e Terminologia. É, desde 1986, membro efetivo da Academia Brasileira da Língua Portuguesa e, em 1998, foi agraciada com a condecoração civil cubana mais alta, por serviços prestados à ciência, à educação e à humanidade.

Ao identificar que as unidades lexicais de discursos etnoliterários têm estatuto diferenciado, assumindo as duas funções, de termo e de vocábulo, nos níveis da norma e da fala, nos mesmos universos de discurso e nos mesmos discursos-ocorrências, Barbosa (2005, 2006a, 2007, 2009) propõe as bases de uma Etnoterminologia no Brasil. Nessa corrente da Terminologia, seriam estudados os discursos etnoliterários, como os de literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, fábulas, lendas, mitos, folclore, e os discursos das linguagens especiais com baixo grau de tecnicidade e de cientificidade (BARBOSA, 2009).

Barbosa (2006a, 2007, 2009) explica que a diferença entre um vocábulo e um termo está no universo de discurso em que se encontra inserido. Por universo de discurso a autora entende, segundo Pais (1984, p. 44),

[...] um conjunto não-finito ou que tende *ad infinitum*, de todos os discursos manifestados que apresentam determinadas características e *constantes*, assim como determinadas *coerções*, suscetíveis de configurar uma *norma*. [...] A norma discursiva que lhe corresponde, definida por tais características comuns e constantes, bem como por tais coerções, configura, portanto, um conjunto de *critérios de equivalência*, pelos quais é lícito reunir diferentes discursos manifestados, discursos-ocorrências, numa *classe de equivalência* discursiva, o universo de discurso considerado. Essa norma é dinâmica, seja porque se reformula continuamente, ao longo do eixo da História, seja porque sofre a interferência de normas de outros universos de discurso. O sujeito falante-ouvinte dela tem ou pode ter uma noção intuitiva, ao passo que, do ângulo científico, assume sempre um valor estatístico (constantes em relação a variáveis) e nunca imperativo, já que um único e mesmo discurso manifestado pode pertencer simultaneamente a mais de um universo de discurso, como, por exemplo, o científico/pedagógico. Por outro lado, semelhante norma de universo de discurso compreende, na verdade, uma série de normas frásticas, lexicais, sintáticas, semântico-sintáticas e, por vezes, fonético-fonológicas, e outras tantas normas transfrásticas, narrativas e discursivas [...].⁷

Considerando-se inicialmente o universo de discurso da língua comum⁸ e o das linguagens de especialidade, os vocábulos seriam as unidades lexicais pertencentes ao primeiro, e os termos aqueles pertencentes ao segundo. Entretanto, “[...] no nível do sistema, as unidades lexicais são plurifuncionais. O estabelecimento preciso de sua função depende de sua inserção em uma norma discursiva, que determina, então, seu estatuto de vocábulo ou de termo” (BARBOSA, 2006a, p. 49, 2007, p. 435, 2009, p. 2).

Sobre as denominações *termo* e *vocábulo*, a autora ainda esclarece que,

Quanto aos *graus* de *terminologização* e de *banalização*, [...] uma unidade lexical não é termo ou vocábulo, em si mesma, mas, ao contrário, *está em função ‘termo’* ou em *função ‘vocábulo’*, ou seja, o universo de discurso em que se insere determina o seu estatuto, em cada caso. Assim, não é possível estabelecer uma taxionomia paradigmática dos conjuntos termos e dos conjuntos vocábulos, pois toda a classificação resulta dos entornos discursivos e dos condicionamentos das normas discursivas, dependente, portanto, dos universos de discurso e das situações de discurso. Concebe-se um percurso possível de uma ‘unidade lexical’, ao longo de um eixo *continuum*, do mais alto grau de banalização ao mais alto grau de cientificidade e vice-versa. Em suma, toda unidade lexical é plurifuncional, no nível de sistema, e monofuncional, no nível de uma norma ou do falar concreto. (BARBOSA, 2007, p. 439)

⁷ De acordo com Mattos (1986, p. 125), no ato de diálogo, o significado frástico e o transfrástico se diferenciam. O significado *frástico* é um conjunto de um significado fônico e de um significado prosódico. Por exemplo, na frase “– Vai chover”, o significado fônico remete a um dado da experiência e o prosódico veicula esse dado como uma notícia, que se pode aceitar ou refutar. Já o significado *transfrástico* é formado por um objetivo e por um assunto. “O assunto é o meio de alcançar-se o objetivo imposto pelo estímulo, somando por isso os significados fônico e prosódico, enquanto o objetivo só pode ser descoberto pela competência situacional, combinada com a competência retórica. Ambos, assunto e objetivo, constituem a mensagem, que se soma ao texto para gerar o discurso.” Como exemplo, podemos citar novamente a frase “–Vai chover”. Esse período pode ser interpretado, entre outros, ao nível do diálogo, como “– Não saia” (ordem dada a um filho) ou como “– Leve o guarda-chuva” (conselho dado ao marido). A distinção entre a ordem ao filho e o conselho ao marido dependerá do componente pragmático.

⁸ Barbosa faz uso indistinto entre “língua comum” e “língua geral” em seus textos.

Para Barbosa (2005, 2006a, 2007), há quatro tipos de movimentos horizontais possíveis entre o vocábulo e o termo:

- 1) **Terminologização *stricto sensu***: refere-se à transformação de uma unidade lexical da língua geral para uma linguagem de especialidade, ou seja, de um vocábulo para um termo. Como exemplo, a autora cita a unidade lexical *sintagma*, a qual, em grego e latim, significava “reunião” e passou a significar, nas ciências da linguagem, “combinatória intersignos ou interpalavras”.
- 2) **Vocabularização**: é a passagem de uma unidade lexical do seu universo especializado para o da língua comum, ou seja, a transformação do termo em vocábulo; chamada também de banalização, vulgarização ou popularização. Para exemplificar este movimento, a autora aponta a expressão *entrar em órbita*, transposta da área técnica-científica para a língua geral.
- 3) **Metaterminologização**: refere-se à transposição de um termo de uma área de especialidade para outra área de especialidade, podendo ocorrer de dois modos:
 - a) com a manutenção de um núcleo sêmico comum aos termos das diferentes áreas envolvidas (p. ex., *estrutura, função*);
 - b) sem a manutenção de um núcleo sêmico comum aos termos resultantes nas diferentes áreas envolvidas (p. ex., *arroba*).

Esses movimentos são considerados horizontais, pois ocorrem de um universo de discurso para outro, do nível linguístico para o nível linguístico.

Barbosa (2005, 2006a, 2007) aponta ainda outra forma de **terminologização**, chamada de ***lato sensu***, referente à conversão de um conceito em termo. Neste caso, afirma a autora, terminologização seria o equivalente a lexemização. Diferentemente dos outros movimentos, este é vertical, pois o ponto de partida é o nível conceptual e o ponto de chegada, o metalinguístico.

Trata-se, aqui, da *terminologização lato sensu*, ou seja, uma criação *ex-nihilo*, que terá graus diferentes de motivação mas que não resulta da transposição de um universo de discurso para outro e, sim, da instauração de uma nova grandeza sígnica – numa combinatória inédita, no caso do processo fonológico e sintagmático – e de uma função metasemiótica – no caso do processo semântico. [...] A rigor, este processo [...] subjaz a todos os anteriormente apresentados, visto que, em estrutura profunda, o ponto de partida é sempre o nível conceptual. (BARBOSA, 2005, p. 105)

Quanto ao conceito, a autora (BARBOSA, 2002, 2004, 2006b, 2011) aponta que é necessário observar que sua construção possui características semânticas, sintáticas, semióticas e pragmáticas diversas, dependendo se ocorre nas linguagens de especialidade, nos discursos literários ou em outros discursos sociais não literários. Dessa forma, o modo de engendramento de um conceito está em função do universo de discurso. Para Barbosa (2002, 2004, 2006b, 2011), o processo de engendramento do conceito em cada universo de discurso tem aspectos bastante específicos. Tais processos precisariam de uma análise detalhada, já que, assim como outras marcas, podem caracterizar os universos de discurso enquanto classes de discurso ou de discursos manifestados. Como exemplo, a autora cita a diferença no engendramento do conceito de “medo”, quando tratado em um discurso científico como o da clínica médica, e quando é processado em uma tragédia, no teatro.

Essa dominância de alguns elementos do conceito sobre outros constitui uma ‘escolha’ do Sujeito enunciativo no processo de enunciação. Um dos aspectos que caracteriza a especificidade da cognição, em diferentes universos de discurso, são as distintas pregnâncias de um mesmo ‘fato’: cada universo de discurso apreende e reelabora certos traços semântico-conceptuais, deixando outros traços latentes. Conseqüentemente, o conceito vai ser tematizado e figurativizado, no nível semiótico, de acordo com as pregnâncias do Sujeito enunciativo. (BARBOSA, 2004, p. 81, 2011, p. 90)

Outras diferenças (BARBOSA, 2002, 2004, 2006b, 2011) encontradas entre o discurso científico/tecnológico e o literário, por exemplo, são:

- 1) No discurso científico, sujeito e antissujeito correspondem geralmente a interlocutores; no discurso literário, sujeito e antissujeito são inseridos no texto pelo autor.
- 2) No discurso científico/tecnológico, o engendramento de um conceito muitas vezes ocorre em relações intertextuais/interdiscursivas de diversos pesquisadores, ao mesmo tempo em que se formula a teoria que o contém; no discurso literário, uma obra pode ser autossuficiente no engendramento de um conceito, com base em uma intertextualidade intra e interdiscursiva.
- 3) No discurso técnico-científico, teórico e/ou prático, assim como no discurso literário, o engendramento do conceito é sintagmático, narrativo, transfrástico. No discurso terminológico, esse engendramento é altamente paradigmático, como processo e produto final, apesar de resultar de extrações de contextos de natureza transfrástica.

Ainda sobre conceitos nos diferentes universos de discurso, a autora acrescenta que,

Quanto aos subconjuntos conceptuais suscetíveis de ênfase nos diferentes discursos, [...] diríamos que o discurso técnico-científico *tende a* privilegiar o *conceptus stricto sensu* – subconjunto dos traços que servem à conceptualização da semiótica natural – e, ainda, nos discursos que circulam na comunidade científica internacional, o *arquiconceptus*, multilíngue e multicultural. O discurso literário *tende a* dar ênfase ao *metaconceptus* – subconjunto dos traços semântico-conceptuais culturais, produzindo simultaneamente, uma modificação do recorte cultural, própria de uma reconstrução particular do mundo semioticamente construído. O discurso político e o discurso jornalístico, por exemplo, *tendem a* destacar o *metametaconceptus*, subconjunto dos traços modalizadores, manipulatórios, em busca de *eficácia* discursiva. (BARBOSA, 2004, p. 81-82, 2011, p. 90-91)

Segundo Barbosa (2004, 2011), por isso é possível caracterizar os diferentes tipos de contextos, ou seja, discursos manifestados em que são engendrados conceitos através de processos diferentes. Desses contextos é que se podem extrair os traços semântico-conceptuais correspondentes, pois é na instância discursiva que se engendra um conceito e sua manifestação linguística. “É no discurso manifestado, pois, que se presentificam os traços conceptuais, num procedimento de codificação; e é dele que se extraem, num procedimento de investigação, esses mesmos traços” (BARBOSA, 2004, p. 56, 2011, p. 62-63).

No que se refere aos discursos etnoliterários, Pais e Barbosa (2004, p. 82) acreditam que

Neles se encontram narrativas que por certo não ocorreram ou, pelo menos, não teriam acontecido nos termos em que são explicitadas. Falta-lhes, numa primeira leitura, a verossimilhança. Seus autores não são conhecidos, ou, se há nomes, não podem ser atestados. O sujeito-enunciador é comumente apagado ou substituído por um ente imaginário ou virtual. As marcas de tempo e espaço do enunciado inexistem ou são muito vagas. Essas características produzem um efeito de sentido de *atemporalidade* e remetem a um espaço que é o da *utopia*, do *não-lugar*.

Para os autores, os discursos etnoliterários sustentam características importantes dos sistemas de valores e de crenças que compõem o imaginário coletivo de uma comunidade humana, mostrando sua visão de mundo. Assim, os discursos etnoliterários constituem documentos significativos da cultura e do processo histórico dessa comunidade, formando sua identidade cultural.

Com sua proposta de criação da disciplina da Etnoterminologia, Barbosa (2005, 2006a, 2007, 2009) pretende, então, estudar as unidades lexicais de tais discursos no que se refere à “norma relativa ao estatuto semântico, sintático e funcional do conjunto das *unidades lexicais* que caracterizam o *universo dos discursos etnoliterários*” (BARBOSA, 2007, p. 434,

2009, p. 1). Tais unidades teriam significado peculiar a esse universo de discurso, sendo, ao mesmo tempo, polissemêmicas.

As referidas unidades lexicais teriam características muito específicas: “de um lado, são vocábulos metassemióticos, [...] de outro, são quase-termos técnicos, pois pertencem a uma linguagem especial/especializada” (BARBOSA, 2005, p. 105). Dessa forma, as unidades lexicais dos discursos etnoliterários reuniriam especificidades das linguagens de especialidade e da linguagem literária, resultando do cruzamento de processos de metaterminologização e metavocabularização⁹. Assim, tais unidades preservariam um valor semântico social e constituiriam, ao mesmo tempo, documentos do processo histórico da cultura. Para a autora, “as unidades lexicais dos discursos etnoliterários têm um significado muito especializado, específico do universo de discurso a que pertencem” (BARBOSA, 2005, p. 106, 2006a, p. 51, 2007, p. 441).

Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etnoliterário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornarem-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente. (BARBOSA, 2005, p. 105, 2006a, p. 50, 2007, p. 440)

Segundo Barbosa (2006a, 2007), as unidades lexicais atualizadas nos textos etnoliterários mantêm uma rede de relações semânticas específicas àquele universo de discurso. Tais unidades também têm funções particulares quanto à designação e à referência, sendo, assim, multifuncionais. Dessa forma, as características do modo de existência e de produção dos discursos etnoliterários, bem como sua função mítica e pedagógica, são refletidas nas estruturas lexicais.

Para encerrar esta seção sobre a Etnoterminologia como concebida por Barbosa, apresentamos a citação a seguir, a qual resume a visão da autora que mantivemos em mente no desenvolvimento deste trabalho:

Verifica-se que certos universos de discurso – e os discursos manifestados nele contidos – suportam relações intertextuais e interdiscursivas que *aditem uma abordagem transdisciplinar*; outros há, no entanto, em que aquelas relações intertextuais e interdiscursivas, por sua natureza, *impõem um tratamento transdisciplinar*. (BARBOSA, 2005, p. 106)

⁹ Em seus textos, Barbosa não define o que entende por *metavocabularização*, embora defina *metaterminologização* como a transposição de um termo de uma área de especialidade para outra área de especialidade.

2.4.2.2 Convergências

Esta subseção, denominada Convergências, visa refletir sobre como e em que medida a abordagem terminológica de Maria Aparecida Barbosa à etnoliteratura se aplicaria ao texto e à legendagem de seriados ficcionais. Se considerarmos essa concepção mais flexível ao que tradicionalmente se tem abordado na Terminologia, há uma perspectiva da inserção do léxico encontrado no texto de seriados ficcionais de temática sobrenatural no leque de objetos dessa área de conhecimento.

Como já apontado, o *corpus* de análise deste trabalho é composto pelos discursos dos personagens dos seriados *True Blood* e *The Vampire Diaries*, ambos de temática ficcional, com personagens humanos e sobrenaturais (principalmente vampiros). Apesar de serem programas audiovisuais ficcionais, e não literatura ficcional *stricto sensu*, os roteiros dos seriados em estudo são inspirados em obras literárias (de Charlaine Harris e Lisa Jane Smith, respectivamente). Essas obras, por sua vez, conversam com o livro de ficção de temática vampiresca de maior impacto na história da literatura: *Drácula*, de Bram Stoker. Todas essas criações literárias ainda tomam como base para suas narrativas os mitos e o folclore que envolvem a existência de seres sobrenaturais, como vampiros, bruxas e lobisomens. Tais narrativas estão presentes em culturas do mundo inteiro e provavelmente remontam “às experiências humanas muito antes do advento da palavra escrita” (MELTON, 1995, p. XXIII), perfazendo o inconsciente coletivo (JUNG, 1991)¹⁰.

Neste ponto, é interessante citar Lotman, eminente acadêmico atuante, dentre outras áreas, nos estudos da Literatura, que, em 1978, já afirmava que: “Poder-se-iam dar numerosos exemplos, em que textos, criados como obras distintas, funcionaram posteriormente como sendo as *partes* de um texto mais amplo do mesmo autor, de outros autores ou de um autor anônimo. No folclore isso produz-se constantemente” (LOTMAN, 1978, p. 454). É por considerarmos as narrativas dos seriados em estudo como uma parte do todo do folclore na qual se originaram que elas são tomadas, no âmbito deste trabalho, como inseridas no

¹⁰ Para Jung (1991), o inconsciente tem duas camadas: o inconsciente pessoal, mais superficial, e o inconsciente coletivo, mais profundo. O autor explica que denomina essa camada mais profunda de coletiva porque “essa parte do inconsciente não é individual, mas universal; ao contrário da psique pessoal, tem conteúdos e modos de comportamento que são mais ou menos os mesmos em todo lugar e em todos os indivíduos. É, em outras palavras, idêntico em todos os homens e, assim, constitui-se um substrato psíquico comum de uma natureza suprapessoal que é presente em todos nós” (JUNG, 1991, p. 3-4, tradução nossa). Para mais relações entre o conceito de inconsciente coletivo de Jung (1991) e o vampiro, ver Zanini (2007).

universo dos discursos etnoliterários, na concepção de etnoliteratura e universo de discurso adotada por Pais e Barbosa (2004) e Barbosa (2002, 2004, 2006a, 2006b, 2009, 2011).

Também podemos considerar os seriados de tema sobrenatural como frutos de uma cultura anterior sob outra perspectiva, se tomarmos a legendagem não comercial (a qual subsidiou o *corpus* de estudo deste trabalho, como será visto no Capítulo 6) como parte da cultura de convergência, conforme Jenkins (2006), ou como um gênero textual emergente, conforme Marcuschi (2004).

Para Jenkins (2006, p. 3),

Essa circulação de conteúdo midiático – através de diferentes sistemas midiáticos, economias midiáticas competitivas e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores. [...] a convergência representa uma mudança cultural à medida que os consumidores são encorajados a buscar novas informações e fazer conexões entre conteúdos midiáticos dispersos.

A legendagem não comercial, assim como outros gêneros emergentes, se beneficia imensamente das tecnologias digitais e da internet e é produto direto dessa “sociedade da informação” em que atualmente vivemos.

Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual *sociedade da informação*, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá. (MARCUSCHI, 2004, p. 13)

Concordamos com Marcuschi (2004) quanto às razões para o estudo desses gêneros emergentes:

(1) seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita. (MARCUSCHI, 2004, p. 14)

Consideramos, conforme Marcuschi (2004), que as legendas não comerciais carregam elementos de um gênero prévio: as legendas comerciais. Além disso, esse tipo de legendas se origina e encontra seu fim na internet, meio em que muitos gêneros emergentes surgem, segundo o autor. Mesmo os seriados, como narrativas intertextualizadas, são um gênero emergente, uma vez que encontram sua contraparte nos filmes e nas obras literárias sobre seres sobrenaturais anteriores a eles.

Outro aspecto sob o qual podemos ver os seriados em estudo é a construção dos conceitos no âmbito dos seriados em estudo. Percebe-se que ela tem características diferentes, por exemplo, à construção de conceitos nos discursos das linguagens especializadas e de outros discursos sociais não literários. Isso porque, conforme Barbosa (2002, 2004, 2006b, 2011), o engendramento de um conceito está em função do universo de discurso. Ao considerarmos o universo de discurso dos seriados em estudo, vê-se que o engendramento de conceitos é autossuficiente, com base em uma intertextualidade intra e interdiscursiva¹¹, diferentemente do que ocorre no discurso científico/tecnológico, conforme os argumentos de Barbosa (2002, 2004, 2006b, 2011).

É interessante aqui, mais uma vez, citar Lotman (1978). Segundo o autor,

Na história da arte mundial, se se tomar em toda a sua amplitude, os sistemas artísticos que ligam o valor estético e a originalidade constituem mais uma exceção do que uma regra. O folclore de todos os povos do mundo, a arte medieval que representa uma etapa histórica universal inevitável, a *Commedia dell'Arte*, o classicismo – tal é a lista incompleta dos sistemas artísticos que mediam o valor de uma obra não pela transgressão, mas pela observância das regras determinadas. As regras de escolha do léxico, as regras de construção das metáforas, o ritual da narração, as possibilidades rigorosamente determinadas e conhecidas antecipadamente pelo leitor das combinações do tema, os “*loci communi*” – fragmentos inteiros de texto condensado – formam um sistema artístico inteiramente particular. Além disso, o que é particularmente importante, é que o auditor está equipado não só de um conjunto de possibilidades, mas também de um conjunto de impossibilidades oposto àquele aos pares para cada nível da construção artística. A destruição da estrutura esperada pelo auditor, que se produziria se o autor escolhesse uma situação “impossível” do ponto de vista das regras do código quando de um dado sistema de educação artística, condicionaria a ideia de uma má qualidade da obra, de uma incompetência, de uma ignorância ou mesmo de um sacrilégio e de uma insolência repreensível do autor. (LOTMAN, 1978, p. 460-461)

A título de exemplo, podemos mencionar o conceito de *vampiro*. Há diversos mitos e lendas sobre esse ser sobrenatural, bem como diversas obras de ficção sobre o tema. Não há consenso sobre uma definição do que seja um *vampiro*. Essa denominação cobre uma grande variedade de criaturas: de corpos ressuscitados a espíritos, de sugadores de sangue a sugadores de energia vital (MELTON, 1995). Um dos primeiros filmes com um personagem vampiro, *Nosferatu*, baseado na obra de Bram Stoker, *Drácula*, trazia o vampiro como representação do mal, do demônio. No decorrer da história, o conceito de vampiro passou a apresentar alguns traços mais humanos.

¹¹ A oposição feita aqui entre texto e discurso é de Barbosa (2002, 2004, 2006b, 2011) e é bastante polêmica entre teóricos.

Nessa mudança, alguns traços característicos deles acabaram reduzidos. Por exemplo, nos dois seriados em estudo neste trabalho, os vampiros adicionaram uma nova forma de alimentação a sua dieta, antes constituída apenas de sangue humano: em *True Blood*, para poder se inserir na sociedade humana e conviver pacificamente com ela, a maioria dos vampiros se alimenta de uma forma sintética de sangue, vendida em garrafas sob o nome de Tru Blood, em substituição ao sangue humano; em *The Vampire Diaries*, alguns vampiros alimentam-se de sangue animal, em substituição ao sangue humano, também para não machucar ou matar um ser humano. Assim, o vampiro deixa de ser apenas a personificação do mal e passa a demonstrar sentimentos humanos, como amor e compaixão, além de desejar conviver de forma amigável com seres humanos, adotando para isso uma forma de alimentação “vegetariana”. No entanto, alguns vampiros, nos seriados, ainda se encontram no dilema entre ceder a sua natureza de predador ou tentar essa forma de vida “alternativa”. Dessa maneira, por mais que as narrativas apresentem aspectos de transgressão, ainda obedecem às “regras” conhecidas pelo espectador, ao inconsciente coletivo (JUNG, 1991) e, assim, engendram, na construção dos episódios, seu próprio conceito de vampiro.

Houve mesmo uma mudança no público-alvo dos produtos de consumo de temática sobrenatural e “vampiresca”. O seriado *True Blood*, por explorar de forma explícita temas como sexo, drogas e violência, tem por público-alvo adultos. No entanto, cresce o número de produtos de consumo que almeja o público adolescente, como o próprio seriado *The Vampire Diaries* e a saga *Crepúsculo*, cujos protagonistas humanos estão no Ensino Médio. Ainda, objetivando o público pré-adolescente, a Mattel, fabricante de brinquedos norte-americana, lançou em 2010 a franquia de bonecas Monster High, cujos personagens são inspirados em filmes de monstros, suspense e ficção científica (a personagem Dracolaura é filha de Drácula). Além das bonecas, a franquia já tem livros e filmes sobre as personagens.

Por todas essas mudanças no conceito de vampiro, o vampiro do seriado *True Blood* não é o mesmo vampiro do seriado *The Vampire Diaries*. Eles diferem quanto a certos poderes e fraquezas e quanto a sua origem e sua história. O conceito de vampiro é construído em cada seriado no decorrer dos episódios e das temporadas, isto é, intradiscursivamente. No entanto, não deixam de ter relação e fazer referência a histórias preexistentes sobre vampiros, como ao clássico personagem de Bram Stoker, o Drácula; assim, apresentam intertextualidade interdiscursiva. Dessa forma, o conceito de vampiro, em cada seriado, se confirma ser engendrado de forma autossuficiente com base em uma intertextualidade intra e interdiscursiva.

Também é possível perceber a diferença no engendramento de conceitos entre o discurso científico/tecnológico e o literário apontado por Barbosa (2002) ao considerarmos o engendramento do conceito de *sangue* quando abordado no discurso científico como o da clínica médica e no discurso etnoliterário como o dos mitos sobre vampiros. No discurso etnoliterário dos seriados em estudo, haverá a dominância de alguns elementos do conceito de *sangue* sobre outros, de acordo com a “escolha” do sujeito enunciador (neste caso, o roteirista dos seriados). Não estará em evidência, por exemplo, o traço de que o sangue pode ser recolhido de um ser humano para transfusão em outro, mas o traço de líquido fonte de alimento para vampiros. Assim, validando Barbosa (2004, 2011), percebe-se que esse discurso literário dá ênfase ao subconjunto dos traços semântico-conceptuais culturais desse universo, produzindo uma modificação do recorte cultural própria dessa reconstrução do mundo.

Nesse contexto, encontra-se também respaldo para a afirmação de Barbosa (2007) de que as unidades lexicais dos discursos etnoliterários têm um significado específico ao universo de discurso em que se inserem. O espectador de *True Blood*, ao assistir a *The Vampire Diaries* pela primeira vez, logo perceberá que o vampiro do primeiro não é exatamente o mesmo do segundo. A história, o pensamento e o sistema de valores envolvidos no conceito desse ser sobrenatural diferem no discurso de cada um dos seriados. Do mesmo modo, corrobora-se, aqui, a alegação de Barbosa (2007) de que é necessário se familiarizar com o universo de discurso em questão para poder compreender e interpretar bem suas unidades lexicais.

Entendemos, como Barbosa (2002), que as unidades lexicais encontradas nesses discursos não podem ser classificadas, de modo inequívoco, como termos ou vocábulos, uma vez que estão inseridas em um universo de discurso que não se caracteriza estritamente como pertencente à língua comum ou ao código de significação das linguagens especializadas. No nível do sistema, essas unidades lexicais são plurifuncionais. No entanto, ao se atualizarem na norma discursiva do universo de discurso etnoliterário, adotam a função intermediária entre termo e vocábulo, reunindo especificidades bem semelhantes às linguagens especializadas (uma vez que refletem um sistema de conceitos) e à linguagem literária e mantendo uma rede de relações semânticas específicas àquele universo de discurso, comparável a um sistema de conceitos estabelecido extralinguisticamente. No entanto, dentro de um percurso possível de uma unidade lexical em um *continuum* do mais alto grau de banalização ao mais alto grau de

cientificidade, cremos que as unidades lexicais do universo de discurso dos seriados em estudo se localizariam mais próximas do segundo extremo que do primeiro.

2.4.3 Terminologia Cultural

Distinguimos a Etnoterminologia de Maria Aparecida Barbosa e a Terminologia Cultural de outros autores por acreditarmos que, apesar de as duas correntes enfatizarem a importância de aspectos culturais nos Estudos da Terminologia (o que as tornam mais “acolhedoras” a nossa abordagem), suas propostas sejam distintas.

Barbosa propõe o estudo dos discursos etnoliterários, como os de literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, fábulas, lendas, mitos, folclore. Além disso, a autora abriga, na sua Etnoterminologia, os discursos das linguagens especiais com baixo grau de tecnicidade e de cientificidade (BARBOSA, 2009), um exemplo disso é a linguagem da culinária. Nesse universo de discurso, certas unidades lexicais assumem tanto a função de termo como a de vocábulo, justificando uma abordagem terminológica.

Por outro lado, as propostas de Terminologia Cultural buscam um enfoque cultural ao estudo das terminologias. A sua proposta é discutir a inserção de elementos culturais na descrição das terminologias, verificando como a cultura, inevitavelmente, acaba por influenciá-las tanto no que tange a sua conformação denominativa quanto conceitual.

2.4.3.1 *Marcel Diki-Kidiri*

Marcel Diki-Kidiri é um linguista especializado na língua sängö, a língua nativa oficial da República Centro-Africana, juntamente com o francês, e é também protagonista no estudo do desenvolvimento de línguas. Na década de 1990, ele iniciou uma abordagem terminológica cultural ao desenvolvimento linguístico que é uma das quatro tendências mais proeminentes na Terminologia com abordagem social. Tem diversas publicações sobre como introduzir e sustentar de forma duradoura línguas com menos recursos no espaço cibernético, como revitalizá-las e modernizá-las e como desenvolver uma política de ensino de língua em um contexto multilíngue. É o responsável pela pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), da França, desde 1979, é pós-doutor pela Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris III e possui Habilitação para Conduzir Pesquisas (HDR) pelo National Institute of Oriental Studies (INALCO). Foi condecorado Chevalier des Palmes Académiques

pela República Centro-Africana por seus trabalhos sobre a língua sängö. É considerado especialista por diversas organizações internacionais de prestígio, como a Unesco, a Organisation International de la Francophonie (OIF), a Union Latine e a African Academy of Languages.

Diki-Kidiri (2009) acredita que a Terminologia, por ser uma disciplina não apenas da construção do saber, mas também de sua apropriação a uma cultura particular, deveria considerar as dimensões socioculturais, históricas, fenomenológicas e psicológicas, ao menos, da mesma forma que o faz com as dimensões linguísticas e técnicas, em seus fundamentos teóricos e em seus métodos. Por isso, o autor apresenta uma proposta de enfoque cultural à Terminologia, uma nova concepção da disciplina, mais interdisciplinar e geral enquanto ciência da linguagem.

A Terminologia Cultural se diferencia da Terminologia clássica da Escola de Viena por colocar a cultura no âmago de sua abordagem. É por a Terminologia clássica não levar em consideração a dimensão social das terminologias que há novas correntes da disciplina que integram essa importante dimensão (Terminologia Comunicativa, Sociocognitiva, Cultural, Socioterminologia).

Por *cultura*, Diki-Kidiri (2002, p. 6, tradução nossa) entende

[...] o conjunto das experiências vividas, produções realizadas e conhecimentos gerados por uma comunidade humana que vive em um mesmo espaço, a um mesmo tempo. Ou seja, há, por um lado, uma diversidade de culturas tanto no espaço como no tempo e, por outro, uma espessura de cultura que permite que diferentes experiências e conhecimentos se sedimentem nos arquivos da memória coletiva de uma comunidade e na memória individual de uma pessoa.

Esses arquivos, segundo o autor, são referências simbólicas comuns através das quais os membros de uma mesma comunidade cultural conseguem se compreender, sem precisar de explicações para esclarecer mal-entendidos ou incompreensões. A cultura como historicidade, do ponto de vista diacrônico, é um dos fundamentos da diversidade dos métodos de expressão e de comunicação. Assim, a cultura regula a totalidade da relação do homem com o existente e, conseqüentemente, sua visão de mundo. É essa visão de mundo que condiciona a percepção das coisas e, desse modo, sua conceitualização e sua denominação.

A Terminologia Cultural, na visão de Diki-Kidiri, é uma terminologia para o desenvolvimento. Seu objetivo principal é a apropriação de novos conhecimentos e habilidades que chegam a determinada sociedade. Assim, seria permitido à sociedade

encontrar a palavra certa para exprimir cada conceito novo a partir dos recursos linguísticos de sua própria cultura, de acordo com sua própria percepção do real (DIKI-KIDIRI, 2007).

O autor defende que, assim como tudo pode mudar de uma cultura para outra, o significado pode mudar no tempo e no espaço dentro de uma mesma cultura (DIKI-KIDIRI, 2002). Para ele, para um mesmo objeto, o conceito é a ideia essencial, o princípio, o arquétipo, enquanto o significado é o ponto de vista, o que implica a possibilidade de que outros pontos de vista possam ser eleitos. Por isso, ele é chamado de *percepto*, por analogia a *concepto*.

Para selecionar um ponto de vista, um percepto, é necessário considerar as práticas, analogias, estratégias de apreensão que estão amplamente condicionadas pela consciência da experiência anterior, marcada na memória das palavras. Por isso, Diki-Kidiri (2002) acredita que a relação entre o conceito e o percepto implica sempre uma parte de motivação que suscita e orienta as eleições de denominação, não sendo o signo linguístico, assim, completamente arbitrário. Mesmo a eleição da denominação de conceitos novos é motivada e condiciona indiretamente a formação do significante.

Diki-Kidiri (2009) argumenta que, quando um signo linguístico se converte em um termo, ele é motivado, uma vez que é uma denominação técnica que responde à necessidade de escolher um conceito a algo já pensado antes. No entanto, o termo não deixa de ser um signo linguístico. O autor acredita que este deve ser redefinido como uma unidade composta de três partes: o significante, o significado e o conceito. Assim, é possível fazer análises com ênfase no significante (morfologia, regras de formação de palavras, sinônimos, homônimos, etc.), no significado (polissemia, metáfora, metonímia, sentido figurado, significação, interpretação, etc.) ou no conceito (definição, tipologia, representação, cognição, etc.).

Se o termo é um “signo linguístico” segundo Saussure, deve-se reconhecer que a relação binária única significante/significado é insuficiente para descrever o termo em toda a sua complexidade. [...] Cabré (2000) sugere uma descrição tridimensional do termo: uma linguística, uma social e uma de uso. Pensamos que, permanecendo sobre a dimensão linguística, podem-se distinguir três eixos de descrição que se articulam em torno do significante, do percepto e do conceito. Sobre o eixo do significante, trataremos de todos os assuntos relativos à forma (ou a formas distintas) do termo [...]. É no nível do percepto que se situa a problemática da construção do sentido, o que implica, muitas vezes, uma “reconceitualização” do objeto que se deve denominar em função das percepções culturais. [...] Por último, no nível do conceito surge a parte fundamental dos aspectos relativos à cognição e à natureza do conhecimento, sua objetividade e sua universalidade verdadeira ou provável. [...] Quando temos que fazer uma distinção entre as palavras comuns da língua falada em geral e os termos próprios de uma especialidade, um âmbito avançado do conhecimento, pode-se tomar conjuntamente essa tripla articulação do

termo em torno do significante, do percepto e do conceito. (DIKI-KIDIRI, 2002, p. 8, tradução nossa)

Segundo Diki-Kidiri (2002), os perceptos vinculados de forma polissêmica a um mesmo significante em uma mesma língua podem organizar-se de maneira prototípica, no espaço, no tempo e em função de meios sociais relativamente homogêneos. Dessa forma, uma acepção secundária em certo meio, tempo e lugar pode ser a principal em outro meio, tempo e lugar. Como exemplo no português, podemos citar o *gato*, o qual, em tempos passados (e, ainda hoje, em áreas rurais), era visto como um animal cuja função principal era caçar ratos, auxiliando na higiene do ambiente doméstico. Atualmente, na área urbana, o gato é visto como um animal de estimação, criado dentro das residências, tendo perdido sua função de caçador. Aqui, vê-se a mudança no percepto de *gato* com o meio, tempo e lugar.

A diferença entre *conceito*, entendido como estrutura cognitiva de classificação, e *percepto*, considerado como o lugar das percepções culturais, é ainda mais clara quando comparamos a denominação de um mesmo artefato em várias línguas (DIKI-KIDIRI, 2002). Como exemplo, o autor cita a *bicicleta*. Em sängö, a bicicleta é denominada *gbâzâbängâ*, que pode ser traduzido por “rodas de borracha”; em bambara, *nàgàsó*, ou “cavalo de ferro”; e, em lilikó, *magu-mákwanganya*, ou “quatro pés”. Segundo o autor,

Os diferentes perceptos vinculados a diferentes significantes dessas denominações correspondem a *opiniões* diferentes sobre o objeto, *opiniões* motivadas por e dependentes do passado cultural de cada comunidade. O percepto não é, portanto, o equivalente de conceito, mas apenas um indicador do conceito, um ponto de referência que permite entender globalmente o conceito, sem ter que reconstituir todos os elementos estruturais. (DIKI-KIDIRI, 2002, p. 13, tradução nossa)

Diki-Kidiri (2007) chama de reconceitualização do termo toda tradução que resulta em uma mudança de percepto, o que muitas vezes é o caso quando se passa de uma cultura a outra. O autor afirma que o conceito resulta de uma atividade mental de organização da experiência humana, em sentido amplo, de classificação de objetos com fins de definição, permitindo ao homem elaborar seu conhecimento. A denominação mais adequada, melhor aceita, é frequentemente a que se integra melhor à língua e à cultura da comunidade dos locutores.

Assim, a denominação é vista como vinculada a uma percepção cultural inscrita na relação significante/significado e, enquanto terminologia, na relação significante/percepto. O autor crê que a face “significado” do termo considerado como signo linguístico se divide em

duas facetas: o percepto, orientado para o significante, e o conceito arquetípico, orientado para o referente. Nesse sentido, a estrutura linguística do termo teria a fórmula: significante/percepto/conceito/referente.

O conceito é a delimitação de uma ideia por meio de uma definição. O percepto é o ponto de vista particular que permite a dada pessoa humana (indivíduo ou comunidade) integrar um conceito ao seu modo de pensar. O significante é a expressão formal de um percepto, que permite denominar um conceito dentro de uma cultura (ou uma língua) particular. O significante pode ser de natureza linguística (palavra ou expressão dentro de certa língua) ou, mais amplamente, simbólica (símbolos matemáticos, elétricos, químicos, etc., sinalização de estradas, turística, gestual, etc.). (DIKI-KIDIRI, 2007, p. 15, tradução nossa)

Na Subseção 2.4.3.5, denominada Convergências, veremos como a proposta de Terminologia Cultural de Marcel Diki-Kidiri pode ser aplicada ao universo de discurso em análise neste trabalho.

2.4.3.2 Luis Fernando Lara

Luis Fernando Lara é um linguista, lexicógrafo, pesquisador e acadêmico mexicano que colabora para o Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios do El Colegio de México desde 1970. É doutor em Linguística e Literatura Hispânica pelo El Colegio de México. É professor-pesquisador do Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios do El Colegio de México desde 1970, diretor do projeto de elaboração do Diccionario del Español de México desde 1973, pesquisador visitante de semântica e lexicografia no Romanisches Seminar da Universidade de Heidelberg (1983-1984); e foi professor visitante no Instituto Universitario de Lingüística Aplicada da Universidad Pompeu Fabra, na Espanha. Foi nomeado Doutor *Honoris Causa* da Universidad de Sherbrooke, do Canadá, em 2012 e é membro emérito do Sistema Nacional de Investigadores de México. É membro, desde 1997, da Academia Mexicana de Ciencias e, em 2005, foi nomeado membro do Comitê Internacional Permanente de Linguistas da Unesco. É autor de diversas obras, entre elas: *El concepto de norma en lingüística* (1976), *Diccionario básico del español de México* (1986), *Diccionario del español usual en México* (1996 e 2009), *Teoría del diccionario monolingüe* (1997), *Ensayos de teoría semántica: Lengua natural y lenguajes científicos* (2001) e *Curso de lexicología* (2006).

Lara (2004), como Diki-Kidiri, acredita que a neologia terminológica não é independente das línguas em que os termos são criados. Para o autor, os significados dos

termos sempre manifestam as culturas e a experiência diária das culturas de origem dos criadores dos termos. Além disso, técnicas e sistemas considerados comerciais e com menos prestígio que as áreas técnico-científicas também proporcionam criações terminológicas novas. Nesses casos, as particularidades culturais se manifestam de forma ainda mais evidente por não dependerem do prestígio e da imposição de uma única língua.

O autor acrescenta que as fontes da criação de termos são as culturas locais (LARA, 2004, p. 4). Isso indica, por um lado, que as fontes da criação terminológica são as línguas comuns, em sua variedade estrutural e cultural. Por outro lado, a dificuldade de línguas como o espanhol e o francês (e podemos acrescentar aqui o português) converterem expressões populares e coloquiais em termos científicos não está ligada às características dessas línguas, mas às suas culturas linguísticas, que são fenômenos reflexivos e simbólicos aos quais não se tem dado atenção (grifo nosso). Lara (2004) vê como necessário que a investigação linguística contemporânea atente para essas culturas das línguas.

A cultura da língua se forma com a passagem da história, mas de uma história em que têm papel determinante as buscas por identidades étnicas ou nacionais, os valores culturais que perseguem e os processos de reflexão que levam sociedades inteiras a prestigiar certos aspectos de suas línguas e desconsiderar outros. [...] A “universalidade” das ciências e suas terminologias, como vemos, não nasceu da universalidade dos fenômenos que estudam, mas do interesse de diferentes sociedades pelo conhecimento, que nunca negam suas próprias raízes culturais. (LARA, 2004, p. 6-7, tradução nossa)

Para Lara (2007), uma teoria do termo que sustente a Terminologia como estudo dos termos especializados e como prática de elaboração de vocabulários especializados precisa se situar no campo entre universalidade e particularidade, entre ciência/tecnologia e cultura, entre conceito e signo. Além disso, deve-se questionar o sustento tradicional das teorias de Terminologia de que o signo linguístico é quase invisível e, assim, eliminável.

Ainda sobre a cultura nas terminologias, Lara (2007, p. 360, tradução nossa) afirma que

[...] o *vocábulo* se tornou *termo técnico*, mas sempre sobre a base de seu significado ordinário, o que significa que o termo técnico não é uma elaboração verbal alheia aos processos de significação das línguas ordinárias e, nessa medida, é impossível afastá-lo da cultura [...]. O vocabulário quíchua da agricultura se construiu da mesma maneira, mas o que o distingue do da psicanálise é a pretensão universalista da ciência ocidental, enquanto o da quíchua se manterá como próprio de uma espécie de *etnoterminologia*, apesar de não atrair o interesse especializado moderno.

Por isso, para o autor, a criação de termos especializados não difere muito da formação comum de vocábulos. O vocábulo se forma no interior da comunidade linguística, como consequência da divisão social de trabalho e de interesses históricos da comunidade; assim, está definido em um contexto cultural. Por sua vez, o termo especializado se forma por impulsos tecnológicos, comerciais ou científicos quando há a necessidade de delimitar precisamente os objetos, os conceitos de uma teoria, um método ou um procedimento.

Na subseção *Convergências*, apontaremos algumas possíveis ligações entre a abordagem cultural nos Estudos de Terminologia, como apontado por Luis Fernando Lara, e o universo de discurso de ficção sobrenatural.

2.4.3.3 *André Clas*

André Clas é professor emérito da Universidade de Montreal, mestre em Arte e Linguística pela Universidade de Montreal (1960) e doutor em Filosofia, Filologia Românica, Inglesa e Germânica pela Universidade de Tubingen (1967). De 1967 a 2007, dirigiu a revista *Meta*, uma das mais prestigiosas do mundo em linguística e tradução. Suas atividades de pesquisa se desenvolvem no âmbito da linguística, da semântica, da lexicologia, da lexicografia e da tradução. Em 1972, em colaboração com o CNRS (França), impulsionou a criação do Observatoire du Français Moderne et Contemporain, tarefa que o tornou merecedor da nomeação como membro estrangeiro do Trésor de la Langue Française. Forma e dirige um grupo de investigadores africanos com a finalidade de confeccionar dicionários monolíngues e léxicos especializados de línguas africanas. Impulsa igualmente o desenvolvimento da lexicografia e da terminologia informatizada das línguas africanas. Além disso, é membro da Société Royale du Canada, eleito pela Académie des Arts et des Lettres (2001) e Cavaleiro da Ordre des Palmes Académiques da França (1996).

Clas (2004, p. 235), em seus textos sobre terminologia, também afirma que os Estudos de Terminologia não podem ser dissociados da cultura:

[...] a terminologia não pode ser uma entidade à parte, uma ideação autônoma de certa forma. Ela está ligada à realidade linguística geral, à tomada de conhecimento como qualquer outra informação, já que a conceitualização relata infalivelmente uma experiência, um conjunto de conhecimentos prévios, um grau de compreensão dos fenômenos. Os termos são “unidades de conhecimento” bem como as outras palavras, com as quais compartilham alguns atributos pertencendo a uma área particular.

Além desse reconhecimento dos aspectos culturais na terminologia, Clas aponta, em um artigo escrito com Baudot e M. Gross sobre minibancos de terminologia bilíngue, a imposição do mercado de que os tradutores se especializem:

O tradutor deve exercitar seu ofício nos diversos setores da atividade humana, mas uma parte muito grande de seu trabalho se situa nos domínios daquilo que chamamos de tradução técnico-científica. O tradutor é então obrigado a se especializar em um ou em diversos domínios muito específicos onde sua competência é ainda mais evidente de que ele possui uma boa compreensão de seu material e conhece a terminologia fundamental. Ele não recorre, então, a auxílios à tradução, apenas quando hesita sobre noções complexas ou se a terminologia é pouco corrente, nova ou mesmo inexistente. (BAUDOT; CLAS; GROSS, M., 1981, p. 316-317, tradução nossa)

Sobre tais “domínios muito específicos”, discutiremos na subseção Convergências.

2.4.3.4 Rita Temmerman

Rita Temmerman graduou-se em Filologia Germânica pela University of Antwerp, obteve seu mestrado em Tradução pela State University of New York e seu Pós-Doutorado em Linguística pela University of Leuven. Atualmente, é coordenadora do Centrum voor Vaktaal en Communicatie (CVC) na Erasmushogeschool Brussel, na Bélgica, além de lecionar Tradução e Terminologia na mesma instituição. Temmerman também atua como professora e pesquisadora na Vrije Universiteit Brussel. Foi a fundadora da Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), com base em seus estudos sobre categorização e denominação nas Ciências da Vida. Suas principais áreas de pesquisa são teoria e gerenciamento da Terminologia, cognição e semântica e teoria da tradução.

Sobre a formulação de definições especializadas, Temmerman (2000, p. 83, tradução nossa) defende, de um ponto de vista mais compreensivo, que:

Um não especialista que precisa de uma definição, digamos que de um banco de dados terminológico, porque ele não entende o termo *blotting*, não ficará satisfeito com o tipo tradicional padronizado de definição. O processo de compreensão será ativado se ele receber uma definição enciclopédica contendo, por exemplo, os objetivos e as aplicações de *blotting*. A compreensão de *blotting* não é um evento logicamente estruturado, mas uma busca pela conexão de novos elementos de compreensão a categorias já existentes na mente. Essas conexões ou relações podem ser de tipos variados.

E é essa a justificativa para a inclusão dos escritos de Rita Temmerman nesta subseção da revisão bibliográfica. Apesar de a autora não defender abertamente uma abordagem cultural à Terminologia, ela reconhece que a definição em um banco de dados terminológico voltado a não especialistas deve ser enciclopédica, trazendo um conhecimento diacronicamente estabelecido, o que não deixaria de incluir aspectos culturais.

Para a autora, os usuários potenciais de terminologias descritivas estão à procura de informações que são obtidas por meio de uma abordagem semasiológica (polissemia e mudanças diacrônicas na compreensão) e onomasiológica (tratamento de um conjunto de termos relacionados) combinada em terminografia. Para essa descrição semasiológica e onomasiológica combinada, deve-se recorrer às informações disponíveis em arquivos textuais de linguagem especializada.

Conforme Temmerman (2000, 2004), em oposição à Teoria Tradicional de Terminologia (TTT), cujo conceito-chave era o *conceito*, a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) parte de *unidades de interpretação*. Estas podem ser conceitos ou categorias (quando apresentam estrutura prototípica) e evoluem constantemente. Por isso, para descrever as informações obtidas nos arquivos textuais, a autora sugere que seja usada a combinação de quatro perspectivas (TEMMERMAN, 2004)¹²:

- a) a perspectiva nominalista, na qual a unidade de interpretação é o sentido da palavra;
- b) a perspectiva mentalista, na qual a unidade de interpretação é uma ideia que existe na mente das pessoas;
- c) a perspectiva realista, na qual a unidade de interpretação é uma forma externa que existe no universo; e
- d) a perspectiva espaço-temporal, na qual a unidade de interpretação evolui no espaço e no tempo.

Uma vez que a terminologia só pode ser estudada no discurso, a TST entende que o termo é o ponto de partida da descrição terminológica, e não o conceito. Isso porque o que é nomeado pelo mesmo termo em textos diferentes pode ter referentes diferentes e porque, na maioria das vezes, uma categoria não pode ser delineada de forma clara. Assim, a TST vê a categoria como “um *bloco de conhecimento* que possui um núcleo e uma estrutura, mas que existe num processo de reformulação contínua e está, portanto, em constante transformação” (TEMMERMAN, 2004, p. 37).

¹² Em Temmerman (2000), a autora menciona apenas três perspectivas: a nominalista, a mentalista e a realista.

Aplicar a TST à terminografia significa treinar o terminógrafo para partir de unidades de interpretação.

Tais unidades apresentam pelo menos três aspectos: 1) elas podem ser encontradas por terminógrafos e terminólogos apenas quando existirem na linguagem, ou seja, tão logo haja um termo ou descrição para comunicar a unidade de interpretação na linguagem; 2) elas referem-se a algo que pode ser percebido ou concebido em alguma realidade; e 3) elas são entendidas na mente dos especialistas, terminólogos e terminógrafos. Isto significa que a análise tradicional wüsteriana, segundo a qual os conceitos devem ser tratados como se existissem objetiva e independentemente da interpretação humana e da linguagem, é equivocada e deve ser reformulada. (TEMMERMAN, 2004, p. 43)

De forma geral, para Temmerman (2004), é muito importante que terminógrafos adaptem sua metodologia, a profundidade de suas análises e sua precisão descritiva aos possíveis usuários da informação terminológica.

2.4.3.5 *Convergências*

Esta subseção *Convergências* tem por objetivo relacionar a ênfase à cultura nos Estudos de Terminologia, como defendida pelos autores desta seção sobre Terminologia Cultural, ao tratamento do texto dos seriados ficcionais sobre seres sobrenaturais. A intenção aqui é demonstrar o quanto essas perspectivas podem “iluminar” uma reflexão sobre terminologias inseridas em um discurso ficcional, refletindo sobre a influência de elementos culturais e etnoliterários na conformação linguística e na conceituação das unidades léxicas desse universo de discurso.

A visão dos autores citados de que as terminologias estão ligadas à realidade linguística geral, bem como à cultura, nos permite ratificar nossa percepção de que as unidades lexicais encontradas na norma discursiva dos seriados *True Blood* e *The Vampire Diaries*, em estudo, apresentam especificidades que se assemelham às terminologias como descrita pelos autores. Tais unidades lexicais refletem um conjunto de conceituações pertencentes ao universo de discurso etnoliterário em que se encontram inseridas.

Podemos citar o caso da *adaga*, levando em consideração a tríade conceito/percepto/significante do termo de Diki-Kidiri (2007). No Houaiss (2009), a adaga é uma “arma branca pontiaguda, de um ou dois gumes (ger. junto à ponta), mais larga e maior que o punhal”. No entanto, no universo do discurso etnoliterário dos mitos sobre vampiros em *The Vampire Diaries*, uma adaga não é vista pelos interlocutores apenas como uma arma

branca, como descrito no dicionário de língua comum, mas como uma arma que, quando mergulhada em cinzas de um carvalho branco, é um instrumento capaz de matar um Vampiro Original. Assim, a denominação de adaga está vinculada, em tal universo de discurso, a um percepto particular àquele universo, àquela cultura, embora o referente seja o mesmo. Esse percepto está condicionado à história do surgimento dos vampiros no seriado em questão.

Ao analisarmos o mapa conceitual construído para o seriado *The Vampire Diaries* (Figura 17), percebemos que a relação entre *estaca de carvalho branco* e *adaga* como dois instrumentos que matam Vampiros Originais só pode ser construída nesse universo etnoliterário. Todas as relações estabelecidas entre as unidades lexicais nesse mapa conceitual são determinadas pelo percepto desse universo sobrenatural em *The Vampire Diaries*.

Além disso, como Diki-Kidiri (2002) observa, os perceptos vinculados de forma polissêmica a um mesmo significante em uma mesma língua podem organizar-se de maneira prototípica, no espaço, no tempo e em função de meios sociais relativamente homogêneos. Este é o caso do percepto de *vampiro*. Em 1897, quando da publicação da obra *Drácula*, de Bram Stoker, o vampiro era a representação do mal, como ainda o é na maioria das culturas e mitologias. No entanto, percebemos que, contemporaneamente, o vampiro dos seriados se tornou mais moderno, como em *True Blood*, e mesmo mais romântico, como em *The Vampire Diaries*. Esses perfis diferentes de vampiro dialogam com o perfil do vampiro antigo, que será enquadrado na nova realidade sob uma ótica antiga.

O significado de vampiro em cada um dos seriados manifesta a cultura que perpassa aquele seriado específico. Entendemos que, por ser baseado em mitos, folclore e ficção, o conceito de vampiro não alcançará o universalismo da ciência e das tecnologias, aqui equiparadas a um universo de conhecimento X, mas reflete as particularidades desse universo e contexto cultural. Temos aqui, como no caso de adaga e estaca, “uma espécie de etnoterminologia” (LARA, 2007, p. 360). Como já vimos, no universo do seriado *The Vampire Diaries*, há uma adaga que, quando embebida nas cinzas de um carvalho branco, se torna uma arma capaz de matar um Vampiro Original. Essa percepção da adaga como arma contra vampiros é particular a esse seriado específico e, conseqüentemente, ressignifica tal objeto. O significado de adaga nesse seriado é, então, particular, mas construído sobre a base do significado universal de arma branca pontiaguda – é uma singularidade, como a mencionada por Lara sobre o vocabulário quíchua da agricultura.

Como já mencionado na Seção 2.4.2.2, há uma diferença do perfil de vampiro entre os dois seriados *corpus* deste trabalho. Entre os dois seriados, são diferentes o mito sobre a

origem dos vampiros, a história dos vampiros, sua forma de convivência e interação com humanos e outros seres sobrenaturais, seu sistema de valores, sua transformação de humano para vampiro, etc.

Retomando os “diversos domínios muito específicos” em que o tradutor se especializa, como mencionado por Baudot, Clas e M. Gross (1981), no escopo deste trabalho, vemos como um desses domínios o campo da legendagem de seriados, uma vez que pertencer à área técnico-científica não é o único aspecto que torna um texto parte ou não de um domínio especializado, em um sentido amplo de conhecimento. Mais específica ainda é a legendagem de seriados de tema sobrenatural, como *True Blood* e *The Vampire Diaries*, e de mais auxílios precisará o tradutor na legendagem desses seriados, em comparação a seriados de temas médicos ou de investigação, para cuja terminologia “tradicional” já existe abundante material de apoio. O vocabulário especializado dos seriados sobrenaturais, que acaba se renovando a cada novo seriado sobre o tema, é de natureza pouco corrente, nova ou mesmo inexistente, trazendo dificuldades para o tradutor de legendas iniciante nesse domínio específico.

Ainda pensando no tradutor, passamos aos escritos de Temmerman (2000, 2004) e à defesa da autora de que a definição em um banco de dados terminológico voltado a não especialistas deve ser enciclopédica. Temmerman (2000) dá o exemplo do termo *blotting*: um não especialista, para entendê-lo, buscará a conexão de novos elementos de compreensão a categorias já existentes na mente. Acreditamos também ser este o caso para o nosso *corpus*: por exemplo, um não especialista está familiarizado com a maldição dos lobisomens de transformarem-se em lobos quando há lua cheia; no entanto, essa maldição tem origens diferentes no seriado *True Blood* e no seriado *The Vampire Diaries*. Levando em conta o usuário do glossário proposto nesta pesquisa, os legendadores de seriados de tema sobrenatural, acreditamos que informações enciclopédicas sobre os mitos que cercam os lobisomens são essenciais para contribuir para a compreensão desse ser sobrenatural em cada um dos seriados, através da construção de uma conexão desses novos elementos com a categoria “lobisomem” anteriormente na mente do usuário.

Além disso, o que é nomeado por *bruxa* nos dois seriados tem um referente diferente em cada um deles, apesar de manterem uma relação que os faz poderem ser denominados pelo mesmo nome. Por isso, entendemos a categoria *bruxa*, como define Temmerman (2004), como um bloco de conhecimento que possui um núcleo e uma estrutura, mas que é reformulado em cada um dos seriados, além de haver uma diacronia intra e intertextual.

2.4.4 Tratamento terminológico para a tradução de textos não especializados *stricto sensu*

Nesta subseção, serão apresentadas autoras que discutem a presença de termos em textos não considerados prontamente como especializados, mas que ainda apresentam potencial terminológico. Nesse âmbito, as autoras discutem como tais unidades lexicais de cunho especializado podem ser e são abordadas por tradutores quando encontradas em textos não especializados *stricto sensu*.

É nesse aspecto que vemos uma possível relação com nosso *corpus* de estudo, no qual identificamos um grande potencial terminológico, em tese diferenciada, uma vez que, como já discutimos, determinadas unidades lexicais identificadas nele transmitem um conhecimento especializado, quando tomadas no contexto dos seriados.

2.4.4.1 Heidi Cazés

Heidi Cazés é terminóloga, tradutora certificada pela American Translators Association (ATA) e intérprete de conferências no par inglês-espanhol. Obteve seu mestrado em Terminologia na Universidade Pompeu Fabra e atua como professora de Terminologia na Universidade de Porto Rico. Fez parte do projeto BTMEX (Banco Terminológico do México) do El Colegio de México, envolvendo-se no desenvolvimento do *Vocabulary of Hazardous Materials in the Workplace* e do *Dictionary of International Trade Terms*, além de atuar no Seminário de Lexicografia com Luis Fernando Lara.

Cazés é membro individual da RITerm e apresentou, no VIII Simpósio Ibero-americano de Terminologia, em 2002, o trabalho “Aspectos a considerar al definir qué es un término: el uso de la terminología en textos literarios”. No referido trabalho, a autora afirma que a terminologia é a ferramenta utilizada pelos especialistas para a comunicação entre si e retoma que uma das definições que já se deu a *termo* é a de ser uma unidade léxica transmissora de conhecimento especializado. No entanto, para ela, é possível perceber que a terminologia não se limita exclusivamente a textos especializados, podendo surgir na linguagem cotidiana e em textos literários. Isso seria especialmente notado na prática da tradução, quando “aparecem unidades léxicas para as quais inicialmente há que se seguir uma estratégia terminológica ao buscar a equivalência correta na língua de chegada” (CAZÉS, 2002, p. 1, tradução nossa). O tradutor, ao traduzir um texto não especializado, pode

identificar unidades léxicas que devem receber o mesmo tratamento que um termo em um texto especializado.

Segundo a autora, uma das formas que o tradutor pode usar para decidir que unidades lexicais consideraria como termos está baseada no tipo de ferramentas que ele precisará usar em seu trabalho, ou seja, o tipo de fonte de referência onde poderá encontrar a definição e os equivalentes. Cazés (2002) esclarece que isso não significa que todas as palavras desconhecidas pelo tradutor serão consideradas termos na visão dele – “um termo será uma palavra que remeta o tradutor a um campo específico, independentemente se o texto que está traduzindo pertença a esse campo ou não” (CAZÉS, 2002, p. 3, tradução nossa). O tradutor também reconhece como termos as unidades léxicas já reivindicadas por alguma área de especialização.

Apesar de qualquer debate sobre se essas unidades lexicais deveriam ser formalmente consideradas termos ou se realmente pertencem à língua geral, o tradutor enfrenta o problema prático de ter que encontrar um equivalente e de decidir a que tipo de fonte deve se referir para encontrá-lo e confirmá-lo. Se o tradutor tem que usar dicionários ou glossários especializados para solucionar esse problema, é isso que fará, sem que lhe interesse muito o fato de que, nesse caso em particular, a unidade léxica não tenha um grau de especialização particularmente alto. (CAZÉS, 2002, p. 3, tradução nossa)

Cazés (2002) afirma que o tradutor, além de analisar a unidade lexical em seu contexto, a analisa dentro do campo a que pertence. Somente assim o tradutor poderá determinar qual será o melhor equivalente em cada caso. A unidade identificada pelo tradutor como provável termo pertence a um campo especializado, mas é o texto que determinará o valor que essa unidade léxica terá como um termo que transmita conhecimento especializado. Além disso, o propósito comunicativo da unidade lexical dentro do texto será o que determina o grau de especialização a ser mantido ao se encontrar o melhor equivalente para essa tradução específica.

Corroborando seus argumentos, a autora considera, em uma perspectiva pragmática, que há situações dentro da língua geral em que unidades lexicais poderiam ser identificadas como termos que de alguma maneira transmitem conhecimento especializado. O tradutor deve tratar essas unidades lexicais da mesma maneira que as trataria em um texto técnico, encontrando definições na língua-fonte e na língua-alvo para se certificar de que o equivalente usado é o correto.

Poderíamos fazer uma relação com nosso *corpus* de estudo citando o exemplo de *transição*. Essa unidade lexical, no Houaiss (2009), tem as acepções de transitar, fase intermediária entre um estado de coisas e outro, e mudança de um estado a outro. No entanto, quando inserida no seriado *The Vampire Diaries*, *transição* recebe um traço a mais: o de fase intermediária ou mudança entre um estado de ser humano e um estado de vampiro. Assim, uma unidade lexical da língua comum evoca todo um sistema de relações de sentido específico do universo de discurso do seriado em questão. O mesmo raciocínio se aplica, por exemplo, a denominações de seres, como *hobbits*, *elfos* e *anões*, em um texto como *O senhor dos anéis*, de J.R.R. Tolkien.

2.4.4.2 Jennifer Pearson

Outra autora que discute terminologia em textos não especializados é Jennifer Pearson. Pearson tem pós-doutorado em Linguística Aplicada do Inglês pela Universidade de Birmingham, sob a orientação de John Sinclair, e atualmente atua como professora e pesquisadora na Dublin City University. Desenvolve pesquisa nas áreas de terminografia, estudos da tradução e estudos metalinguísticos com base em *corpus*, tradução assistida por computador, integração da tecnologia para a tradução ao ambiente da tradução profissional e pedagogia da tradução.

Em sua obra *Terms in Context* (1998; em tradução literal, “Termos em Contexto”), a autora pretende demonstrar como *corpora* podem ser usados para a semiautomatização da Terminografia. Além disso, a autora aponta a relevância dos contextos nas pesquisas que objetivam a identificação de termos em *corpora* textuais. Logo no primeiro capítulo do livro, Pearson (1998) indica que, na construção de um glossário, seria mais sensato, do ponto de vista do usuário, adotar uma abordagem inclusiva que não diferencie categorias de termos e considerar simplesmente que toda a linguagem usada em determinados cenários comunicativos tem potencial terminológico, a menos que se demonstre o contrário.

Além disso, Pearson (1998) rejeita a definição de que termo é uma palavra ou um sintagma ao qual foi designado, em acordo, um significado e que foi oficialmente aprovado e publicado em uma norma. Assim, não é porque um termo é padronizado que sempre se qualificará como termo. A autora acredita que

[...] termos não padronizados são o mesmo que termos padronizados; quando recebem um significado específico dentro de um domínio em particular por pessoas trabalhando na área e quando são usados dentro de certos cenários comunicativos, eles são considerados como referentes àquele significado específico. Esses termos, assim como os termos padronizados, foram cunhados especificamente para o campo de conhecimento ao qual pertencem, foram emprestados de outro domínio de conhecimento ou foram emprestados do reservatório da língua geral. (PEARSON, 1998, p. 25, tradução nossa)

Para Pearson (1998), há uma correlação direta entre o número de pessoas que estão familiarizadas com um vocabulário especializado específico e a percepção desse vocabulário como sendo especializado. Assim, quanto menor for o número de participantes em um domínio de conhecimento, maior será a probabilidade desse domínio, e seu vocabulário, serem vistos como especializados. Enquanto alguns termos podem ser palavras infrequentes na linguagem geral¹³ e, por isso, são identificadas como termos, há outros que podem ter um significado abrangente na linguagem geral e um significado bem específico em cenários comunicativos especiais.

A autora defende que o cenário comunicativo pode ser o fator mais importante na decisão sobre se as unidades lexicais estão sendo usadas como termos ou palavras. Para ela, a intuição não é precisa na definição de quais cenários comunicativos têm tendência a apresentar alta ocorrência de termos. Segundo a autora, alguns pesquisadores de PLN afirmam que existiriam diferenças sintáticas e léxicas claras entre situações de linguagem geral e de linguagem de especialidade. As descrições de sublinguagem¹⁴, por sua vez, podem identificar alguns textos com probabilidade de ter uma frequência alta de termos. No entanto, Pearson (1998) crê que há muitos outros gêneros textuais com probabilidade de apresentarem uma frequência alta de termos, mas que não se qualificariam como sublinguagens. Por isso, toda a discussão sobre se uma unidade lexical é termo ou não deve ser embasada na realidade: “[...] termos só podem ser considerados termos quando usados em certos contextos” (PEARSON, 1998, p. 36, tradução nossa).

A autora então descreve quatro cenários comunicativos onde acredita que terminologia seja usada (PEARSON, 1998, p. 36-38):

¹³ Adotamos *linguagem geral x linguagem de especialidade* ao tratar da obra de Jennifer Pearson, pois são estas as denominações utilizadas na tradução para o português de seu artigo “Comment accéder aux éléments définitoires dans les textes spécialisés?” (PEARSON, 2004).

¹⁴ De acordo com Hoffmann (2004, p. 80), “*sublinguagem* é um sistema parcial ou um subsistema da linguagem que se atualiza nos textos dos âmbitos comunicativos especializados”. “[...] a sublinguagem é um recorte de elementos linguísticos e de suas relações estabelecidas em textos de uma temática delimitada” (HOFFMANN, 2004, p. 80).

- a) especialista com especialista (é o que provavelmente terá a densidade de termos mais alta);
- b) especialista com principiante (a densidade terminológica provavelmente será menor, uma vez que a comunicação será entremeada por explicações que podem, quando necessário, incluir o uso de um vocabulário mais geral);
- c) relativamente especialista com não principiante (tendem a possuir uma densidade terminológica bem mais baixa);
- d) professor com pupilo (autores escrevendo para esse público-alvo usarão a terminologia apropriada, mas assumirão um nível bem mais baixo de especialização do que na categoria *b*).

Para Pearson (1998), para identificar termos “na realidade” é necessário o uso de *corpora*. Um dos critérios para tal identificação é a frequência, segundo o qual o candidato a termo deve ocorrer certo número de vezes antes de ser considerado. No entanto, essa abordagem ignora o fato de que não é incomum que termos sejam infrequentes. Há razões para isso: o *corpus* sendo usado para a pesquisa pode não ser grande o suficiente ou o termo em questão pode ser mais frequentemente referido por uma variante ou por uma forma abreviada, por exemplo. Devido a isso, Pearson (1998) argumenta que a frequência baixa não deve impedir que um candidato a termo seja considerado.

Para Pearson (1998), o melhor método para a recuperação de termos em *corpora* para a construção de glossários é localizar padrões metalinguísticos presentes em certos tipos de textos especializados, os quais muitas vezes oferecem pistas para os significados dos termos aos quais se referem. A autora argumenta que, apesar de haver uma probabilidade maior de autores que escrevem para certos cenários comunicativos específicos explicarem alguns dos termos que estão usando, a extensão dessa explicação dependerá da disparidade de conhecimento percebida entre o autor e o leitor.

As explicações fornecidas podem corresponder ao que denominamos expositivos definitórios parciais ou completos ou [...] podem simplesmente ser fragmentos de informações espalhados por um texto que têm que ser combinados para formar um expositivo definitório parcial ou completo. Acreditamos que essas explicações podem ser recuperadas e usadas como dados para a formulação de definições especializadas. (PEARSON, 1998, p. 135, tradução nossa)

Pearson (2004) acredita que há vantagens em se utilizar *corpora* de textos especializados em um trabalho terminográfico, em especial para a identificação de termos especializados, bem como para a identificação de cotexto de um termo que pode oferecer

definições e descrições do conceito a que se refere. Segundo descrições de Trimble (1985) e Flowerdew (1992), a autora diferencia três categorias de definição: formal (simples e complexa), semiformal e não formal (PEARSON, 2004).

As definições formais simples são aquelas que correspondem à estrutura $x = y + característica$, sendo x um termo e y um termo ou hiperônimo genérico. Os chamados conectivos ou verbos de ligação podem conectar os dois elementos da frase, devendo estes estar no presente do indicativo e não ser modificados por nenhuma partícula negativa ou advérbio de tempo ou modo. Outra característica da definição formal é que a frase definitiva deve constituir a proposição principal da frase, pode ser seguida de outra frase, com a condição de que estejam ligadas pela conjunção *e*, mas não pode ser precedida por frases subordinadas. Y deve vir seguido pela característica que distingue x de todos os outros membros da mesma categoria, introduzida por uma preposição, um particípio passado ou um pronome relativo. Um exemplo de definição formal simples pode ser: *A robot is a machine that tries to copy one or more human functions (GCSE)*.

As definições formais complexas são aquelas nas quais: a) o termo é introduzido no final de uma frase e explicado no início da frase seguinte, ou b) o termo é citado no início de uma frase e explicado na frase precedente. Elas não têm a mesma estrutura formal das definições formais simples, mas todos os seus elementos estão presentes. No caso de (a), a frase definitiva deve preencher as mesmas condições estabelecidas para as definições formais simples, exceto que x é substituído por um pronome demonstrativo. Como exemplo, pode-se citar: *an exoskeleton. This is a hard outer protective covering made of chitin*. No caso de (b), as palavras que seguem a expressão *Isso é* ou *Esses são* devem ser um termo; por exemplo, *There are millions of compounds containing just hydrogen and carbon. These are called hydrocarbons*.

As definições semiformais têm estruturas que correspondem à fórmula $x = característica$, estando o hiperônimo ausente na frase. X deve ser um termo precedido de artigo definido ou indefinido, e o verbo que une x à característica deve estar no presente do indicativo, constituindo a proposição principal da frase. A seguinte frase serve como exemplo deste tipo de definição: *Expanded polystyrene is made by blowing a gas (such as carbon dioxide) into the liquid polymer (GCSE)*.

Já as definições não formais podem ser expressas por um sinônimo, paráfrase ou derivação. Alguns indicadores marcam essa definição, como o uso de parênteses, expressões

como *isto é, chamado, conhecido como*, entre outros. Pode-se citar como exemplo a frase *...threads of pure cellulose known as rayon (GCSE)*.

A seguir, relacionaremos as considerações das autoras mencionadas nesta subseção à pesquisa desta dissertação.

2.4.4.3 *Convergências*

Nesta subseção *Convergências*, procuramos relacionar a este trabalho a visão das autoras citadas sobre o tratamento terminológico para a tradução de textos não especializados *stricto sensu*, de forma a aplicá-la à legendagem de seriados de tema sobrenatural.

A primeira autora mencionada, Cazés (2002), afirma que, na tradução, certas unidades léxicas que aparecem na língua comum e em textos literários precisam da aplicação de uma estratégia terminológica para a busca de um equivalente na língua de chegada. Assim, mesmo na tradução de textos não especializados, determinadas unidades léxicas deveriam receber o mesmo tratamento que termos em textos especializados.

Acreditamos ser este o caso que os legendadores enfrentam na tradução dos seriados em estudo neste trabalho. O vocabulário que caracteriza os seriados de tema sobrenatural remete o legendador que é designado para a sua tradução a um campo específico. Conforme discute Cazés (2002), o debate sobre se as unidades lexicais desse campo deveriam ser formalmente consideradas termos ou pertencentes à língua comum não é de relevância no momento da tradução, mas sim que tipo de estratégia ou que tipo de fonte o tradutor usará para encontrar um equivalente para aquela unidade lexical.

É em face desse problema prático do legendador de seriados de tema sobrenatural que encontramos a justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado. Esse tradutor não encontra, hoje em dia, fontes de consulta para auxiliá-lo na solução de seus problemas de tradução, especialmente quando identifica unidades léxicas que transmitem conhecimento especializado sobre o tema sobrenatural, mesmo que não as considerem termos.

Levando esses argumentos em consideração, para o tradutor, a abordagem mais interessante é a que permite uma visão gradual entre “mais termo” e “menos termo”. Nessa visão, não há um valor absoluto para a unidade lexical, pois ela pode variar em um *continuum* entre os extremos “mais especializado” e “menos especializado”. Afinal, citando Ciapuscio (2003, p. 96), autora que advoga a importância do texto no estudo das terminologias,

O texto, seja como *resultado* desses processos de seleção nos quais interagem os diversos sistemas de conhecimento ou como objeto de análise, pode conceber-se e analisar-se como um sistema modular. Trata-se de um sistema dinâmico no qual, por um lado, as unidades e relações no nível da microestrutura (léxico e gramática) estão condicionadas por fatores do tipo textual superior (basicamente, fatores funcional-comunicativos e temáticos) e, por outro lado, esses fatores de ordem superior são parcialmente acessíveis e sistematizáveis a partir das características do nível microestrutural.

Pearson (1998) também aponta que toda a linguagem usada em determinados cenários comunicativos tem potencial terminológico, a menos que se mostre o contrário. Poderíamos considerar o cenário comunicativo dos seriados como entre especialista e principiante. O autor/roteirista seria o especialista, pois é quem está mais envolvido com a história e quem pensa como ela será desenvolvida. Já os espectadores seriam principiantes, uma vez que já têm certa familiaridade com seres sobrenaturais, como vampiros, bruxas e lobisomens; no entanto, por ainda não estarem em contato com o universo de discurso daquele seriado específico, o autor/roteirista precisa dar explicações sobre “termos” que acredita serem desconhecidos ou mal-entendidos pelos espectadores.

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 108), “[...] universos [de discurso], manifestados e concretizados em textos de distintas tipologias, apresentam especificidades e propósitos que contribuem para que uma unidade lexical alcance o estatuto terminológico”. Assim, há um potencial “terminológico” nesse cenário comunicativo, ou, em outras palavras, há um potencial para o uso de unidades lexicais específicas a esse universo de discurso nesse cenário comunicativo. Além disso, muitas dessas unidades lexicais terão que ser explicadas ao espectador, por serem específicas a esse universo de discurso e porque, “quando recebem um significado específico dentro de um domínio em particular por pessoas trabalhando na área e quando são usados dentro de certos cenários comunicativos, eles [termos não padronizados] são considerados como referentes àquele significado específico” (PEARSON, 1998, p. 25, tradução nossa).

Outro argumento de Pearson (1998) é que há termos que podem ser palavras infrequentes na língua comum e que, por isso, são identificadas como termos, bem como há termos que podem ter um significado geral na língua comum e um significado bem específico em cenários comunicativos especiais. Aqui vale destacar novamente o exemplo da *adaga*, a qual, na língua comum, significa “arma branca pontiaguda, de um ou dois gumes (ger. junto à ponta), mais larga e maior que o punhal” (HOUAISS, 2009), mas que, no seriado *The*

Vampire Diaries, é uma arma que, quando mergulhada em cinzas de um carvalho branco, mata um Vampiro Original. Também podem servir de exemplo:

- *Estaca*: na língua comum, significa “peça estrutural alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo, para usos diversos (suporte a um objeto, para formar estacada etc.)” (HOUAISS, 2009); em *True Blood* e *The Vampire Diaries*, é outro instrumento que, quando cravado no coração de vampiros, os mata.
- *Sangue*: na língua comum, é um líquido vermelho que circula no corpo humano, transportando diversos elementos necessários à sua sobrevivência; em *True Blood* e *The Vampire Diaries*, é a forma natural de alimentação de vampiros.
- *Bruxa*: segundo o Houaiss (2009), na área do ocultismo, é uma “mulher que tem fama de se utilizar de supostas forças sobrenaturais para causar malefícios, perscrutar o futuro e fazer sortilégios; feiticeira”, além de, por extensão de sentido, significar “mulher muito feia e/ou azeda e mal-humorada”; em *True Blood* e *The Vampire Diaries*, essa unidade lexical significa apenas uma mulher que se utiliza de forças sobrenaturais para executar determinadas ações, não tendo a extensão de sentido da língua comum.

Em relação a contextos definitórios, Fromm (2011a) mostrou que, através da convergência de traços explicitados em seu *corpus* de estudo (também composto por seriados ficcionais), foi possível compor definições “terminológicas”. No Capítulo 4, esclareceremos como se deu a identificação de elementos definitórios em nosso *corpus*, de acordo com os padrões descritos por Pearson (2004), no âmbito de um estudo exploratório.

2.4.5 Terminologia Textual

Nesta seção, apresentaremos algumas contribuições de Lothar Hoffmann, o qual, ainda na década de 1980, já pregava a importância do texto especializado no estudo das terminologias. Segundo Finatto (2004, p. 352), “Como há, na sua concepção, a precedência do objeto texto sobre o objeto termo, depreende-se uma perspectiva de Terminologia textual que equivaleria a um *estudo do texto que tenha termos* e se distanciaria de um *estudo de termos em textos*”. Cremos que seja válido discutirmos também esta vertente da Terminologia, uma vez que esta pesquisa, em sua abordagem direcionada pelo *corpus* (como veremos na Seção

2.5), também parte do estudo do texto dos seriados de tema sobrenatural para a identificação dos possíveis termos inseridos em seu sistema de conceitos especializado.

2.4.5.1 Lothar Hoffmann

Hoffmann (2004), pela perspectiva da Terminologia de enfoque textual, considera que o texto é o signo linguístico primário, pois a linguagem se realiza apenas por meio de textos. Assim, é o texto que deve centralizar o estudo das linguagens especializadas, e não a palavra ou a frase. As outras unidades linguísticas são seus constituintes e se relacionam entre si, sem as quais não há textualidade. Sob essa perspectiva, a linguística das linguagens especializadas deixou de observar particularidades entre diferentes sublinguagens para privilegiar as linguagens especializadas em funcionamento.

Por *sublinguagem*, Hoffmann (2004, p. 80) entende “um sistema parcial ou um subsistema da linguagem que se atualiza nos textos dos âmbitos comunicativos especializados”. “[...] a sublinguagem é um recorte de elementos linguísticos e de suas relações estabelecidas em textos de uma temática delimitada” (HOFFMANN, 2004, p. 80).

Segundo o autor, uma sublinguagem não é caracterizada somente pelo léxico, uma vez que todos os recursos linguísticos utilizados nos textos têm significância. Para Hoffmann (2004), é possível verificar a especificidade de uma sublinguagem através de parâmetros quantitativos, ou seja, pela frequência de determinadas manifestações linguísticas.

Hoffmann (2004, p. 81) define *linguagem especializada* como:

[...] o conjunto de todos os recursos linguísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nela trabalham. Esses recursos formam, enquanto sublinguagem, uma parte do inventário total da língua.

Para o autor, o que diferencia a especialidade das linguagens especializadas da linguagem comum e de outras sublinguagens é que ela se manifesta mais claramente pelo léxico, ou seja, pela terminologia. No entanto, tal especificidade também pode ser verificada no uso de determinadas categorias gramaticais, de construções sintáticas e de outras estruturas textuais. Hoffmann (2004, p. 81) afirma que “A especificidade das linguagens especializadas se expressa principalmente pela frequência de uso de determinados recursos linguísticos, comprováveis com o auxílio de métodos de estatística linguística”.

Por *terminologia*, o autor entende “o conjunto de todos os termos de um sistema claramente perfilado no interior do sistema léxico global de uma língua” (HOFFMANN, 2004, p. 85). Hoffmann (2004, p. 85) enfatiza a predominância, na Terminologia, da pesquisa de domínios especializados bem particularizados, “nos quais se aprecia a construção e função da terminologia como um sistema de denominações para um sistema de conceitos especializados”.

Hoffmann (2004) define o *texto especializado* tanto como um instrumento quanto como resultado da atividade comunicativa exercida em relação a uma atividade especializada socioprodutiva. Para o autor, o texto especializado

Compõe uma unidade estrutural e funcional (um todo) formado por um conjunto finito e ordenado de orações sintática, semântica e pragmaticamente coerentes (textema) ou por unidades de valor frasal que correspondem, na condição de signos linguísticos complexos, a enunciados complexos do conhecimento humano e a circunstâncias complexas da realidade objetiva. (HOFFMANN, 2004, p. 87)

Essa vertente mais linguística dos Estudos de Terminologia, aqui introduzida pelos escritos de Hoffmann (2004), traz, então, alguns pontos fundamentais, resumidos por Finatto (2004, p. 354):

- a) o texto é o signo linguístico primário no âmbito de uma Terminologia linguística;
- b) conceito de texto especializado compreende o texto além da dimensão escrita;
- c) o léxico especializado, num sentido mais estrito, compõe um subsistema do sistema léxico global, quer dizer, perfaz um subconjunto do vocabulário total de uma língua;
- d) no plano do vocabulário, podem ser tratados os processos de restrição ou de ampliação semântica, das estruturas e recursos para a formação de palavras, entre outros. O vocabulário geral científico é uma espécie de média entre os vocabulários especializados.

2.4.5.2 *Convergências*

Após a breve apresentação da teoria de Hoffmann (2004) na última subseção, vemos o encontro entre os escritos do autor e o tema desenvolvido nesta dissertação ao levarmos em consideração o *corpus* objeto deste estudo. Tal *corpus* é composto por legendas em inglês e em português dos seriados ficcionais de tema sobrenatural *True Blood* e *The Vampire Diaries*.

O texto de seriados, independentemente do tipo ou do tema, não é um gênero prontamente aceito como especializado, com exceção talvez quando se trata de seriados de tema médico ou jurídico. No entanto, mesmo não sendo considerado um texto especializado

per se, é possível visualizar uma interseção entre as legendas de outros tipos de seriados e as definições de terminologia e de texto especializado de Hoffmann (2004). Isso porque, conforme nosso argumento neste trabalho, o vocabulário específico dos seriados estudados forma “um sistema de denominações para um sistema de conceitos especializados”, característica de uma terminologia, conforme Hoffmann (2004, p. 85). Além disso, os textos em inglês e, em menor escala, em português de nosso *corpus* formam um todo estrutural e funcional, apresentando coerência tanto em um único episódio quanto entre os episódios de uma temporada e entre todas as temporadas do seriado.

Tais textos se tornam especializados por serem resultado de uma atividade comunicativa exercida em relação a uma atividade especializada socioproductiva quando se consideram, especialmente, os tradutores que fazem as legendas do inglês para o português. Para esses tradutores, os textos se apresentam como especializados devido ao léxico específico apresentado e ao sistema de conceitos que formam, sendo necessária certa familiaridade com o tema para auxiliar a fluência do processo de tradução.

Assim, é também sob o ponto de vista da Terminologia Textual que vemos um possível “acolhimento” do léxico discutido nesta pesquisa. Afinal, segundo Finatto (2004, p. 355),

[...] podemos nos empenhar para que a nossa área de estudos, em franca expansão no panorama acadêmico nacional, deixe de ser tida como algo “limitado” ou “naturalmente isolado” em meio às diferentes tendências mais específicas e consolidadas dos estudos linguísticos atuais. A Terminologia estuda a comunicação especializada e lhe é inerente aproveitar as mais variadas perspectivas dos estudos linguísticos, pois interessam tanto o todo da linguagem técnico-científica quanto suas partes, mecanismos, propriedades e ambiência.

Encerramos aqui a discussão sobre as diversas correntes dos Estudos de Terminologia que justificariam uma abordagem terminológica ao universo de discurso dos seriados de tema sobrenatural. Passamos agora a tratar da Linguística de *Corpus*, cuja metodologia também foi utilizada no desenvolvimento desta dissertação.

2.5 Linguística de *Corpus*

Como apontado na Seção 1.4, a concepção de língua da Linguística de *Corpus*, bem como a funcionalidade de seu uso para o estudo ou a descoberta de características inerentes a determinado universo de discurso estão entre nossos pressupostos teóricos. Nesta seção, de

forma a introduzir o leitor no assunto, apresentaremos alguns tópicos sobre a Linguística de *Corpus* (LC), a qual se tornou, nas últimas décadas, uma grande aliada dos Estudos de Terminologia na investigação da linguagem especializada. Considerada, por diversos autores, como, ao mesmo tempo, uma metodologia, uma disciplina e uma abordagem teórica, disponibiliza ferramentas informáticas que servem como subsídio ao trabalho terminológico, como veremos nesta seção.

Segundo Finatto (2014a, 2014b), o trabalho com *corpora*¹⁵ que espelham a linguagem técnico-científica já é reconhecido como importante nas diversas perspectivas dos Estudos de Terminologia. No entanto, a aplicação da LC à Terminologia implica aceitar uma concepção específica de língua, entendida como “um sistema probabilístico, no qual certos traços são mais frequentes que outros” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 23). Isso significa que, “embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 30-31). Essa diversidade de possibilidade de combinações demanda, segundo Finatto (2014a, 2014b), a observação extensiva da variação de usos das terminologias nas línguas.

Berber Sardinha (2004), linguista que introduziu a Linguística de *Corpus* no Brasil ao publicar uma obra com esse título em 2004, explica que ela se ocupa da coleta e da exploração de conjuntos de dados linguísticos textuais – denominados *corpora*. Tais dados são coletados obedecendo a critérios previamente estabelecidos, com o objetivo de se tornarem a base para a pesquisa de uma língua ou de uma variedade linguística. Assim, a Linguística de *Corpus* explora a linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por meio de ferramentas computacionais. Para Rajagopalan (2007, p. 23),

Em vez de encarar a língua como algo pronto, acabado e hermeticamente fechado contra influências externas, como ensina a tradição estruturalista, a Linguística de *Corpus* a contempla como algo que está sendo constantemente trabalhado, aperfeiçoado (e adequado às nossas necessidades comunicativas do dia-a-dia), e, portanto, sujeito a modificações e inovações constantes, embora quase sempre paulatinas e imperceptíveis, sobretudo enquanto estiverem em curso [...].

Berber Sardinha (2004, p. 18-19) define *corpus* como uma coletânea de dados linguísticos de uso oral e/ou escrito da língua e estabelece alguns critérios para sua composição:

¹⁵ *Corpora* é o plural de *corpus*.

A origem: os dados devem ser autênticos.
 O propósito: o corpus deve ter a finalidade de ser um objeto de estudo Linguístico.
 A composição: o conteúdo do corpus deve ser criteriosamente escolhido.
 A formatação: os dados do corpus devem ser legíveis por computador.
 A representatividade: o corpus deve ser representativo de uma língua ou variedade.
 A extensão: o corpus deve ser vasto para ser representativo.

No que se refere à representatividade da extensão do *corpus*, o autor afirma que, para ser representativo, o *corpus* deve ser o maior possível, uma vez que a linguagem é entendida como um sistema probabilístico.

Berber Sardinha (2004) classifica os diversos *corpora* em:

- Modo: falado; escrito;
- Tempo: sincrônico; diacrônico; contemporâneo; histórico;
- Seleção: de amostragem; monitor; dinâmico ou orgânico; estático; equilibrado;
- Conteúdo: especializado; regional ou dialetal; multilíngue;
- Autoria: de aprendiz; de língua nativa;
- Disposição interna: paralelo (apresenta textos originais e suas traduções); alinhado (as traduções aparecem abaixo de cada linha do original);
- Finalidade: de estudo; de referência; de treinamento ou teste.

Segundo o autor, a compilação de *corpora* em meio eletrônico tem ganhado cada vez mais destaque, pois eles funcionam como recursos úteis ao tradutor em sua prática profissional ou como pesquisadores. Para Berber Sardinha (2002), um *corpus* computadorizado é o que permite a estimativa da ocorrência de diversos tipos de traços linguísticos, sejam eles morfológicos, morfossintáticos, sintáticos, semânticos, discursivos, etc.

Os benefícios da adoção da LC como metodologia são apontados pelo autor:

O emprego de um corpus na pesquisa lingüística traz vários benefícios, entre eles a possibilidade da explicação de diferenças de uso de palavras, expressões, formas gramaticais e outros traços por meio da probabilidade de ocorrência em contextos específicos (Biber et al., 1998), a possibilidade de descoberta de fatos novos não disponíveis pela intuição ou eliciação (Sinclair, 1991) e a descrição objetiva da linguagem enquanto um sistema probabilístico (Halliday, 1992). (BERBER SARDINHA, 2002, p. 104)

No que tange à Terminologia, Maia (2002) aponta que a maior disponibilidade de *corpora* eletrônicos tem evidenciado as vantagens de seu uso também para a extração de termos, principalmente sob uma abordagem mais descritiva que prescritiva da Terminologia.

Os *corpora* tendem a ser utilizados na pesquisa terminológica de duas formas: como base (*corpus-based*) ou como direção (*corpus-driven*). Segundo Tagnin (2012), a pesquisa no âmbito da Terminologia tradicional tende a ser baseada em *corpus*. Nessa abordagem, as hipóteses são anteriores ao início da pesquisa. Muitas vezes, os termos a serem pesquisados já foram listados, com base em obras de referência anteriores. Assim, o *corpus* será utilizado apenas para a seleção de exemplos, quando o caso, e para a construção de definições.

Por outro lado, a pesquisa terminológica dirigida por *corpus* não tem hipóteses prévias, como uma lista de termos já preparada: todas as suas “verdades” estão contidas no *corpus*. Segundo Finatto (no prelo), dado termo ou expressão terminológica será registrado na obra terminográfica apenas se ocorrer e estiver atestado em seus diferentes usos no *corpus*, com a ajuda das diferentes técnicas estatísticas e de ferramentas computacionais desenvolvidas para este fim. É o *corpus* que indicará os termos, os colocados, as fraseologias e os equivalentes, quando o caso. Segundo Tagnin (2012), os glossários cujo público-alvo são os tradutores são organizados utilizando esta abordagem como guia.

Na subseção a seguir, apresentaremos algumas das ferramentas disponibilizadas pela Linguística de *Corpus*, as quais foram aplicadas a nosso *corpus* (ver Capítulo 6).

2.5.1 Ferramentas

Dentre as ferramentas computacionais mais utilizadas no trabalho com a Linguística de *Corpus*, podemos citar: a lista de palavras (Word List), a lista de palavras-chave (Keyword List) e o concordanciador (Concordance). Tais ferramentas são disponibilizadas de várias formas, sendo as mais populares através dos *softwares* WordSmith Tools e AntConc. Para os fins desta dissertação, optamos pelo *software* AntConc (ANTHONY, 2011), que é gratuito.

2.5.1.1 Word List

A lista de palavras, denominada Word List no AntConc (ANTHONY, 2011), é uma ferramenta que gera uma lista de todas as palavras de um *corpus* por ordem de frequência ou alfabética. Na Figura 2, apresentamos a tela com a lista de palavras gerada pelo AntConc (ANTHONY, 2011) referente ao *corpus* de *True Blood* em inglês.

Figura 2 – Lista de palavras gerada pelo AntConc (ANTHONY, 2011) para o *corpus* em inglês do seriado *True Blood*.

| Rank | Freq | Word | Lemma Word Form(s) |
|------|-------|------|--------------------|
| 1 | 17606 | you | |
| 2 | 16890 | I | |
| 3 | 7937 | no | |
| 4 | 7903 | she | |
| 5 | 6922 | a | |
| 6 | 6478 | it | |
| 7 | 6136 | is | |
| 8 | 6109 | to | |
| 9 | 5819 | and | |
| 10 | 5027 | that | |
| 11 | 4537 | me | |
| 12 | 4239 | of | |
| 13 | 3483 | what | |
| 14 | 3227 | in | |
| 15 | 3136 | is | |
| 16 | 3028 | we | |
| 17 | 2923 | my | |
| 18 | 2697 | don | |
| 19 | 2697 | in | |
| 20 | 2646 | your | |
| 21 | 2621 | for | |
| 22 | 2602 | this | |
| 23 | 2354 | no | |
| 24 | 2337 | know | |
| 25 | 2276 | he | |
| 26 | 2237 | not | |
| 27 | 2223 | do | |
| 28 | 2188 | ce | |
| 29 | 2184 | can | |
| 30 | 2179 | all | |
| 31 | 2118 | on | |
| 32 | 2104 | be | |

Fonte: Autoria própria utilizando o AntConc.

Como é possível observar na parte inferior da Figura 2, há uma caixa denominada “Treat all data as lowercase” (ou “tratar todos os dados em letras minúsculas”). Quando essa caixa está selecionada, o programa não considera como diferentes unidades lexicais escritas em letra maiúscula ou minúscula.

A seleção ou não dessa opção interfere em outro dado apresentado pela ferramenta: o número de *types*. Na parte superior da tela (ver Figura 2), acima das colunas brancas e abaixo das abas, a ferramenta Word List apresenta o cálculo do número de *types* e *tokens* do *corpus*. Na Linguística de *Corpus*, *types* são o número de formas (ou vocábulos) diferentes e *tokens* são o número de itens (ou ocorrências) no *corpus*. Como o programa considera todas as letras como minúsculas quando a opção “Treat all data as lowercase” é selecionada, ele entenderá, por exemplo, que *vampire* e *Vampire* são uma única forma, contando-a apenas uma vez. Consequentemente, quando a opção “Treat all data as lowercase” é selecionada na geração de uma lista de palavras, o número de *types* indicado pela ferramenta é menor do que se ela não for selecionada. No caso da Figura 2, a ferramenta está mostrando que foram identificadas 11.505 formas diferentes (*types*) e 356.557 ocorrências no total (*tokens*) no *corpus* inserido no programa.

2.5.1.2 Keyword List

A ferramenta de listagem de palavras-chave, denominada Keyword List no AntConc (ANTHONY, 2011), compara duas listas de frequência: uma do *corpus* que se está analisando (*corpus* de estudo) e outra de um *corpus* que servirá de comparação (*corpus* de referência). Recomenda-se que o *corpus* de referência seja formado por textos de vários gêneros da língua comum, não contenha o *corpus* de estudo e seja no mínimo cinco vezes maior que ele (BERBER SARDINHA, 2004, 2005).

A lista resultante de tal comparação evidencia as palavras que são estatisticamente mais frequentes no *corpus* de estudo que no *corpus* de referência. Assim, o pesquisador tem acesso à lista das palavras mais características do *corpus* em estudo. Segundo Berber Sardinha (2005, p. 186, grifo nosso),

Em relação ao corpus de estudo, *as palavras-chave*, encontradas numa análise típica, *geralmente se referem à temática desse corpus* e, por isso, são intrínsecas a várias características inerentes à textualidade do(s) texto(s) que o compõem. Nesses termos, as palavras-chave são específicas daquele corpus de estudo e, por essa razão, são intimamente ligadas à textualidade (Collins e Scott, 1997).

Berber Sardinha (2005) também aponta que é possível antecipar a influência que o *corpus* de referência exercerá sobre o *corpus* de estudo, com base no conhecimento dos textos-fonte. Na Seção 6.1.2 discutiremos a influência que o *corpus* escolhido como referência nesta pesquisa exerceu sobre as listas de palavras-chave geradas, apontando características específicas do *corpus* de estudo.

2.5.1.3 Concordance

O concordanciador, denominado Concordance no AntConc (ANTHONY, 2011), é uma ferramenta que produz uma listagem das ocorrências de um item pesquisado, acompanhado do seu contexto. A ferramenta centraliza a palavra de busca, de forma a proporcionar uma melhor visualização ao usuário. Na Figura 3, apresentamos a lista de concordâncias gerada para a palavra de busca *vampire* no *corpus* em inglês de *True Blood*.

Figura 3 – Lista de concordância gerada pelo AntConc (ANTHONY, 2011) para a palavra de busca *vampire* no *corpus* em inglês do seriado *True Blood*.

The screenshot shows the AntConc 3.2.4w (Windows) 2011 interface. The main window displays a concordance list for the word 'vampire'. The list has three columns: Hit, KWIC, and File. The search term 'vampire' is entered in the search window, and 763 hits are displayed. The concordance list shows various instances of the word 'vampire' in context, such as 'is a Mecca for the vampire?', 'You had sex with a vampire?', and 'I never met the other vampire.'

Fonte: Autoria própria utilizando o AntConc.

2.5.1.4 Outras ferramentas

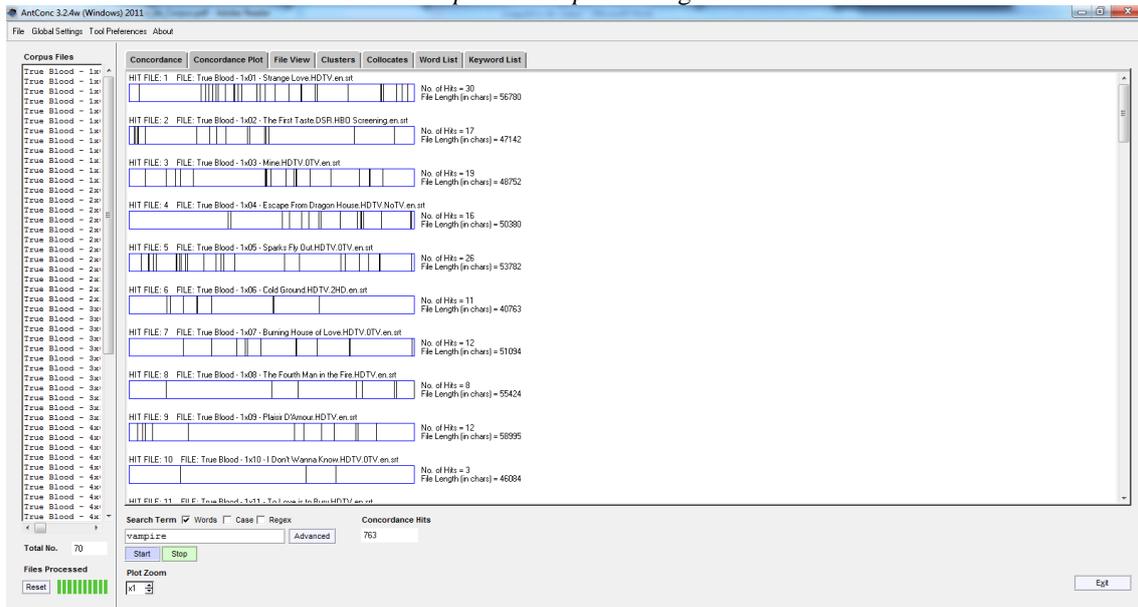
As outras ferramentas do AntConc (ANTHONY, 2011) também foram utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho: Concordance Plot, File View, Clusters e Collocates.

A ferramenta Concordance Plot mostra a distribuição da ocorrência da palavra de busca em cada um dos arquivos inseridos no *software*. Na Figura 4, apresentamos a tela resultante da aplicação do Concordance Plot para a palavra de busca *vampire* no *corpus* em inglês de *True Blood*.

Por sua vez, a ferramenta File View permite a visualização individual de cada um dos arquivos inseridos no *software* (Figura 5).

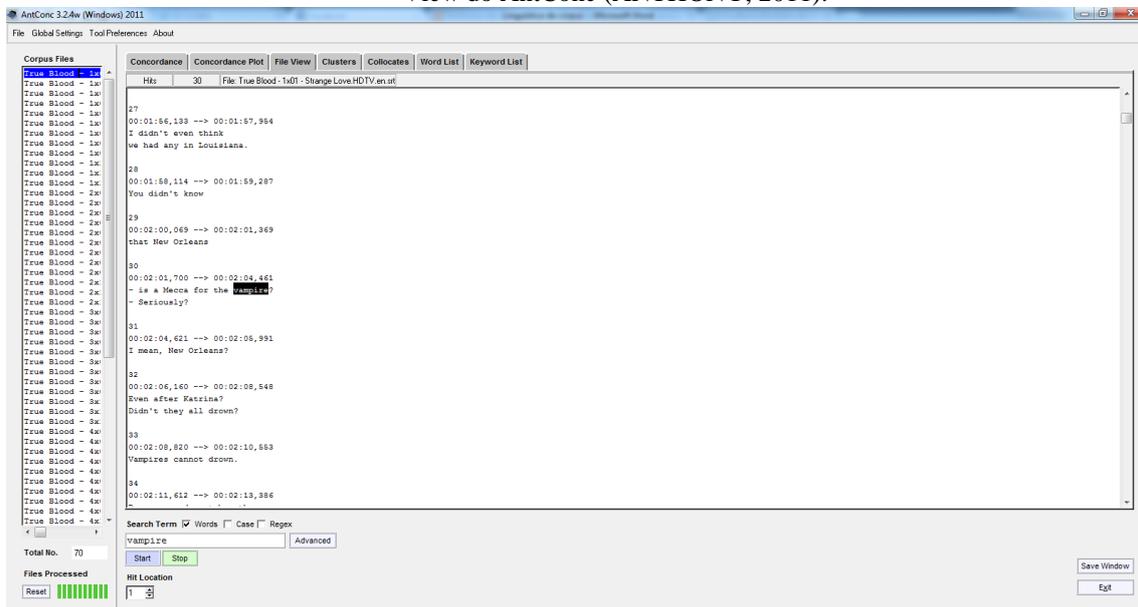
Já a ferramenta Clusters permite a visualização de grupos de palavras (de tamanho definido pelo usuário) tendo como base a palavra de busca. Assim, é possível verificar a existência de expressões comuns em um *corpus* (Figura 6).

Figura 4 – Tela resultante da aplicação do Concordance Plot do AntConc (ANTHONY, 2011) para a palavra de busca *vampire* no corpus em inglês de *True Blood*.



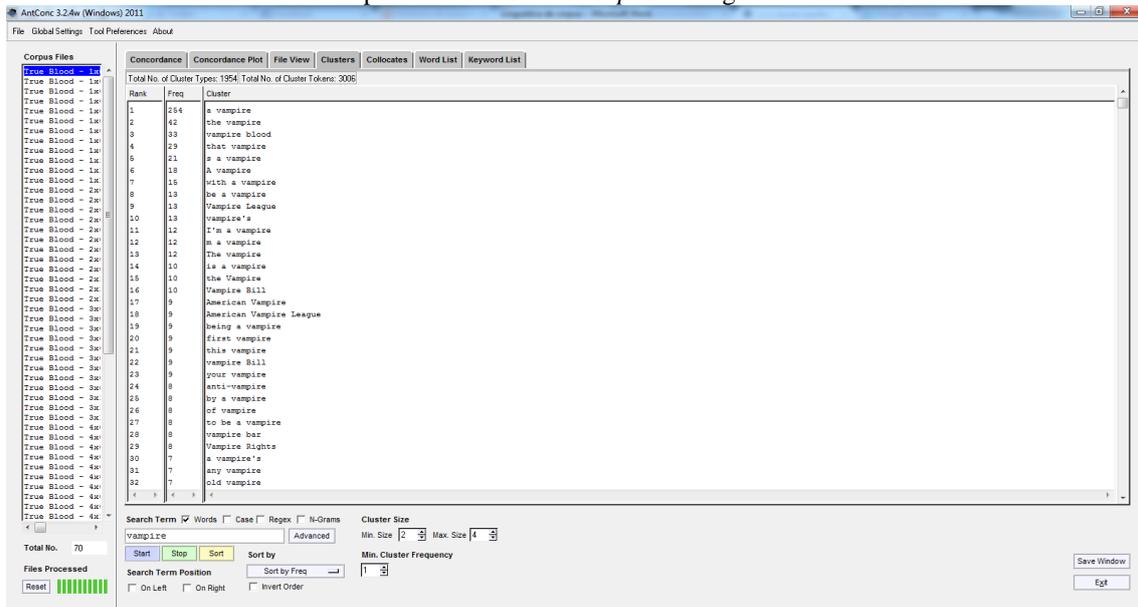
Fonte: Autoria própria utilizando o AntConc.

Figura 5 – Visualização do 1º episódio da 1ª temporada de *True Blood* em inglês, através da ferramenta File View do AntConc (ANTHONY, 2011).



Fonte: Autoria própria utilizando o AntConc.

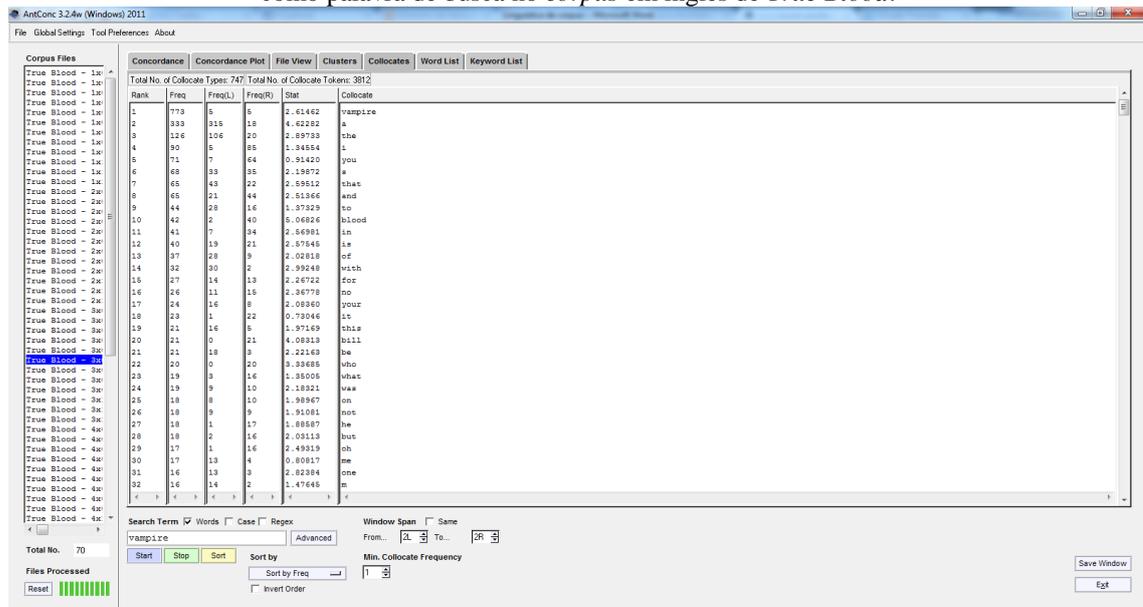
Figura 6 – Resultado da aplicação da ferramenta Clusters do AntConc (ANTHONY, 2011) utilizando *vampire* como palavra de busca no *corpus* em inglês de *True Blood*.



Fonte: Autoria própria utilizando o AntConc.

Por fim, a ferramenta Collocates mostra os colocados de uma palavra de busca, sejam à direita ou à esquerda dela (Figura 7). Tal ferramenta auxilia na investigação de padrões não sequenciais na linguagem.

Figura 7 – Resultado da aplicação da ferramenta Collocates do AntConc (ANTHONY, 2011) utilizando *vampire* como palavra de busca no *corpus* em inglês de *True Blood*.



Fonte: Autoria própria utilizando o AntConc.

Antes de encerrar esta seção, cabe reproduzirmos o futuro que Maia (2003, p. 12, tradução nossa) vê para o relacionamento entre a Terminologia e a Linguística de *Corpus*:

O uso de *corpora* para a extração de termos é um ideal que, se perseverarmos, produzirá resultados que provavelmente excederão as expectativas das noções atuais do trabalho terminológico e se tornará um adjunto essencial à recuperação de informações e ao avanço das tecnologias linguísticas. Ele também será especialmente útil em áreas que ainda estão pouco representadas nos bancos de dados terminológicos e deve percorrer um longo caminho na melhora, atualização e correção de anomalias em trabalhos mais tradicionais. Também, sem dúvida, será usado para a correção e o refinamento dos próprios textos. Projetos que acelerem esse processo são bem-vindos, mas a automatização total ou apenas parcial ainda é o sonho de nossos colegas informatas, por enquanto, pelo menos.

No Capítulo 5 desta dissertação, apresentaremos como se deu a constituição de nosso *corpus* de estudo e, no Capítulo 6, detalharemos como cada uma das ferramentas citadas foi aplicada na análise de nosso *corpus* e serviu para a construção das árvores de domínio, para a seleção de exemplos, para a identificação de colocações, etc.

3 POSICIONAMENTO DO TRABALHO

Neste capítulo, procuramos apresentar, de forma sucinta, as crenças e, conseqüentemente, o posicionamento teórico que identificam o desenvolvimento desta dissertação. Foi a partir deles que estabelecemos nossa perspectiva metodológica, nosso modo de fazer a análise de dados e de construir nosso objeto de estudo e nossa unidade de análise. Como objeto de estudo, temos o universo de discurso ficcional presente em seriados de tema sobrenatural; como unidade de análise, temos os sintagmas nominais com valor de termo e as respectivas construções recorrentes em torno deles.

No Capítulo 2 desta dissertação, apresentamos teorias e teóricos no campo da Tradução, da Legendagem, da Terminologia e da Linguística de *Corpus*. A partir de reflexões apresentadas em cada seção do referido capítulo, apontamos como tais teorias se relacionam a nosso trabalho ou como podem ser aplicadas ao tema foco deste trabalho – a tradução de seriados de ficção com tema sobrenatural.

O primeiro assunto discutido foi a tradução audiovisual, mais especificamente a legendagem. Dentre as diversas teorias de tradução, o ponto de vista sob o qual nos voltamos a ela é o da teoria funcionalista. Por isso, partilhamos da definição de Hurtado Albir (2011, p. 41, tradução nossa), uma das autoras dessa corrente, sobre o que é tradução: “[...] um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto pelos meios de outra língua que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada”. Veem-se enfatizadas nessa definição “contexto social” e “finalidade determinada”, traços de enfoque na teoria funcionalista. Se considerarmos a legendagem especificamente, o contexto social e a finalidade determinada adquirem um peso importante no que tange à mudança de registro (do oral para o escrito) e ao curto espaço disponível para a inserção das legendas na tela. Por ser um modo de tradução subordinado, com a confluência dos códigos linguístico e visual, conforme Hurtado Albir (2011), a adição de um texto traduzido para o registro escrito ao texto audiovisual em modo oral original se torna fator característico da legendagem.

Já no que se refere à polêmica da qualidade da tradução das legendas não comerciais, podemos afirmar que, no decorrer dos dois anos de desenvolvimento desta pesquisa e trabalhando de perto com as legendas não comerciais dos seriados *corpus* deste trabalho, elas não deixaram a desejar em comparação às legendas comerciais. Levamos em consideração principalmente que toda tradução é passível de erro, independentemente da experiência e da qualidade do tradutor.

Quanto às possíveis convergências entre a ficção (audiovisual herdeira da ficção literária) e a ciência, confiamos que os princípios e a metodologia do estudo da linguagem especializada “científica” podem ser aplicados ao estudo do discurso de seriados de tema sobrenatural, principalmente pelo sistema de conceitos construído no desenrolar dos episódios e das temporadas que se assemelha ao de áreas especializadas “reais”, como a Medicina ou o Direito. Assim, se justificaria tratar unidades lexicais dessas áreas como terminologias. Essa confiança advém de trabalhos previamente desenvolvidos, ainda que em outras temáticas ficcionais, que demonstram a viabilidade da ideia (FROMM, 2011a, 2011b).

O terceiro assunto apresentado foi o de produtos lexicográficos e terminográficos para tradutores. Acreditamos que, antes de tudo, a abordagem deste trabalho é terminológica/terminográfica, uma vez que reflete o modo como a Terminologia/Terminografia trata seus objetos. Independentemente da discussão sobre o caráter terminológico ou não do léxico encontrado nos seriados de tema sobrenatural estudados, o tratamento aqui dado a esse léxico é guiado por teorias de Terminologia. Adotamos, assim, o conceito de glossário de Krieger e Finatto (2004, p. 51), que o veem como um repertório de unidades lexicais de uma área, não exaustivo, com definições ou especificações sobre o sentido de tais unidades. No que tange a este trabalho, o produto aqui desenhado se coloca como um protótipo de glossário não exaustivo com tradutores como seu público-alvo.

A aproximação aos conceitos identificados no *corpus* de estudo desta dissertação foi guiada por parâmetros de elaboração de definição terminológica de Finatto (1998a, 2001, 2002). Tomamos como preceito, conforme a autora, que a definição terminológica encerra significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência, expressando determinada porção de conhecimento especializado. Neste trabalho, a definição terminológica, visto que provém de um *corpus*, é uma síntese analítica de potenciais contextos definitórios encontrados nesse *corpus* (ver Capítulo 7).

No que diz respeito à árvore de domínio, reiteramos nossa crença de que é um recurso terminográfico fundamental, uma vez que espelha o que está em um *corpus*, mostrando como os conceitos se interconectam no domínio de conhecimento. Tal recurso pode ser utilizado como subsídio na escolha da nomenclatura de um glossário, no tratamento dos dados, na organização do sistema de remissivas, no aprofundamento da pesquisa terminológica, etc. (ver Capítulo 7).

No capítulo de Revisão da Literatura, também apontamos aspectos de relevância da Etnoterminologia, da Terminologia Cultural, do tratamento terminológico para a tradução de textos não especializados *stricto sensu* e da Terminologia Textual para o nosso trabalho, podendo contemplar pontos de compatibilidade de aplicação das teorias a nosso *corpus* de estudo. Uma vez que objetivamos a legitimação do estudo do léxico encontrado em seriados de temática sobrenatural como uma linguagem especializada, buscamos subsídios nessas diversas correntes e pensamentos da Terminologia, com vistas a justificar esse acolhimento da “terminologia ficcional”. Desse modo, as bases teóricas de nosso protótipo de glossário bebem de todas essas fontes.

No tocante à Etnoterminologia, corrente da qual mais nos aproximamos e a qual mais nos forneceu suporte, vale reiterar que tomamos os roteiros dos seriados em estudo como inseridos no universo dos discursos etnoliterários, na concepção de etnoliteratura e universo de discurso adotadas por Pais e Barbosa (2004) e Barbosa (2002, 2004, 2006a, 2006b, 2009, 2011). Além disso, entendemos que, dentro de um percurso possível de uma unidade lexical em um *continuum* do mais alto grau de banalização ao mais alto grau de cientificidade, as unidades lexicais dos discursos etnoliterários se localizariam mais próximas do segundo extremo que do primeiro, em um ponto em que já passam a demonstrar determinado grau de especialização.

Conforme Barbosa (2002), uma vez que estão inseridas em um universo de discurso que não se caracteriza estritamente como pertencente à língua comum ou ao código de significação das linguagens especializadas, as unidades lexicais encontradas nesses discursos não podem ser classificadas, de modo inequívoco, como termos ou vocábulos. Elas são, no nível do sistema, plurifuncionais e, ao se atualizarem na norma discursiva do universo de discurso etnoliterário, adotam a função intermediária entre termo e vocábulo, reunindo especificidades bem semelhantes às linguagens especializadas (por refletirem um sistema de conceitos) e à linguagem literária. Elas mantêm, assim, uma rede de relações semânticas específicas àquele universo de discurso, comparável a um sistema de conceitos estabelecido extralinguisticamente. No entanto, a nosso ver, determinadas unidades lexicais presentes no discurso dos seriados de temática sobrenatural apresentam um conceito muito específico àquele universo de discurso em que se encontram inseridas. Por isso, acreditamos que elas apresentam, sim, grau de especialização e, assim, estão mais próximas ao eixo de “mais cientificidade” que de “mais banalização”.

Entendemos que o engendramento dos conceitos no universo de discurso dos seriados em estudo é autossuficiente, com base em uma intertextualidade intra e interdiscursiva, diferentemente do que ocorre no discurso científico/tecnológico, conforme os argumentos de Barbosa (2002, 2004, 2006b, 2011). Ademais, os textos de nosso *corpus* em inglês e, em menor escala, em português formam um todo estrutural e funcional, apresentando coerência tanto em um único episódio quanto entre os episódios de uma temporada e entre todas as temporadas do seriado.

Também foi discutida em nossa Revisão de Literatura a possibilidade de tratar terminologicamente unidades lexicais encontradas na tradução de textos não especializados *stricto sensu*. Para o tradutor, no momento da tradução, o debate sobre se as unidades lexicais encontradas deveriam ser formalmente consideradas termos ou pertencentes à língua comum não é de relevância. O que é pertinente ao tradutor é determinar que tipo de estratégia ou que tipo de fonte usará para encontrar um equivalente para aquela unidade lexical. E fontes para a pesquisa do vocabulário encontrado em séries de tema sobrenatural são escassas.

A última, mas não menos importante, seção de nossa Revisão da Literatura tratou da Linguística de Corpus. Consideramos válida a concepção da Linguística de *Corpus* de que “a linguagem é um sistema probabilístico, no qual certos traços são mais frequentes que outros” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 23). Isso significa que, “embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 30-31).

Acreditamos que a Linguística de *Corpus* serve como uma metodologia extremamente valiosa na investigação de peculiaridades em determinado universo de discurso, possibilitando a busca rápida e a observação de padrões, elementos definitórios e variantes, dentre outros. Empregamos métodos da Linguística de *Corpus* e diversas de suas ferramentas no desenvolvimento deste trabalho para explorar as especificidades dos universos de discurso em estudo.

Após esse breve apanhado do posicionamento teórico adotado no desenvolvimento desta dissertação, passamos à descrição do estudo exploratório realizado antes do encerramento da compilação de nosso *corpus* de estudo.

4 ESTUDO EXPLORATÓRIO

Antes de finalizarmos a compilação de nosso *corpus* de estudo, optamos por realizar um estudo exploratório, considerando avaliar a pertinência do enfoque terminológico para o vocabulário de séries televisivas que tratam de temas sobrenaturais. Tal estudo foi publicado na forma de artigo em 2014 sob o título de “A definição terminológica na legendagem de seriados” na revista Caderno de Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Para esse estudo exploratório, escolhemos como *corpus* de contraste ao nosso *corpus* de estudo o seriado *House*, de temática médica. Esse seriado – assim como *True Blood* e *The Vampire Diaries*, na temática de vampiros e outros seres sobrenaturais – está entre os mais famosos e reconhecidos nos dias de hoje internacionalmente e foi ganhador e indicado a diversos prêmios da televisão norte-americana.

O estudo exploratório foi realizado em um *corpus* amostra com o vocabulário utilizado em legendas do seriado *True Blood*, comparando-o ao vocabulário de *House*. A exploração, que visou subsidiar nossa pesquisa em grande escala, fez a identificação de termos/conceitos e de seus respectivos elementos definitórios postos nas falas dos personagens na primeira temporada em inglês desses dois seriados, como veremos nas seções a seguir.

4.1 Do *corpus* de estudo e do *corpus* para contraste

Para funcionar como contraste à primeira temporada de *True Blood* em inglês (exibida em 2008) neste estudo exploratório, foi compilado um *corpus* composto pelos episódios da primeira temporada em inglês de *House* (exibida entre 2004 e 2005).

True Blood, como veremos em mais detalhes na Seção 5.1.1, é um seriado norte-americano que trata da tentativa de coexistência de humanos, vampiros e outros seres sobrenaturais. *House* é um seriado norte-americano encerrado em 2012, após oito temporadas de sucesso. Em 2008, foi o programa televisivo mais assistido no mundo. A série segue o dia a dia do Dr. Gregory House e sua equipe, especializada em diagnósticos, em um hospital. Dr. House cria diversos conflitos com a direção do hospital, e mesmo com sua própria equipe, por realizar diagnósticos não convencionais, muitas vezes baseados em suposições.

O *corpus* da primeira temporada em inglês de *True Blood* totalizou aproximadamente 4.300 *types* e 61.000 *tokens*, perfazendo 12 episódios. O total de *types* e *tokens* foi obtido por meio da ferramenta Word List do AntConc, com a opção “Treat all data as lowercase”

selecionada. Na tabela abaixo, são apresentados os títulos de cada episódio incluído em nosso *corpus*:

Quadro 1 – Listagem de episódios da 1ª temporada de *True Blood*, exibida em 2008.

| Episódio | Título |
|-----------------|------------------------------|
| 1 | "Strange Love" |
| 2 | "The First Taste" |
| 3 | "Mine" |
| 4 | "Escape from Dragon House" |
| 5 | "Sparks Fly Out" |
| 6 | "Cold Ground" |
| 7 | "Burning House of Love" |
| 8 | "The Fourth Man in the Fire" |
| 9 | "Plaisir d'Amour" |
| 10 | "I Don't Wanna Know" |
| 11 | "To Love Is to Bury" |
| 12 | "You'll Be the Death of Me" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_True_Blood_episodes

Já o *corpus* da primeira temporada em inglês de *House* totalizou aproximadamente 7.800 *types* e 117.100 *tokens*, perfazendo 22 episódios. O total de *types* e *tokens* também foi obtido por meio da ferramenta Word List do AntConc, com a opção “Treat all data as lowercase” selecionada. Na tabela abaixo, são apresentados os títulos de cada episódio incluído no *corpus* para contraste:

Quadro 2 – Listagem de episódios da 1ª temporada de *House*, exibida entre 2004 e 2005.

| Episódio | Título |
|-----------------|--------------------------|
| 1 | Pilot - "Everybody Lies" |
| 2 | "Paternity" |
| 3 | "Occam's Razor" |
| 4 | "Maternity" |
| 5 | "Damned If You Do" |
| 6 | "The Socratic Method" |
| 7 | "Fidelity" |
| 8 | "Poison" |
| 9 | "DNR" |
| 10 | "Histories" |
| 11 | "Detox" |
| 12 | "Sports Medicine" |
| 13 | "Cursed" |
| 14 | "Control" |
| 15 | "Mob Rules" |
| 16 | "Heavy" |
| 17 | "Role Model" |
| 18 | "Babies & Bathwater" |
| 19 | "Kids" |
| 20 | "Love Hurts" |
| 21 | "Three Stories" |
| 22 | "Honeymoon" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_House_episodes

4.2 Da metodologia

O *download* das legendas em inglês dos referidos seriados foi feita do *site* <http://www.tvsubtitles.net> e, em seguida, foi realizada sua limpeza (para mais detalhes de como foi realizado o *download* das legendas e a limpeza do *corpus*, ver Capítulo 6). O *corpus* foi então analisado por meio do AntConc e de suas ferramentas Word List, Keyword List e Concordance. Por meio das duas primeiras ferramentas, procurou-se identificar termos potenciais nos textos dos diálogos.

Com o uso do Concordance, foram localizados elementos definitórios no entorno desses possíveis termos, com base nas três categorias de definição de Pearson (2004) referidas na Seção 2.4.4.2 (a saber, definição formal, semiformal e não formal), em uma tentativa de delinear seus conceitos. Para este estudo piloto, as definições localizadas nas legendas em inglês foram classificadas nessas categorias, mas foram também registrados aqueles elementos definitórios que poderiam servir à construção de uma definição terminológica posteriormente.

4.3 Dos resultados

A observação do *corpus* amostra revelou os seguintes elementos iniciais:

- a) Razão *type/token*: em *True Blood*, 0,082; em *House*, 0,078;
- b) Dez palavras lexicais mais empregadas: em *True Blood*, *be, know, have, do, get, right, think, go, vampire, want*; em *House*, *be, have, do, know, get, think, need, doctor (Dr.), want, House*;
- c) Número de itens que têm uma definição expressa (de acordo com PEARSON, 2004) nos *corpora*:

Quadro 3 – Número de itens que têm uma definição expressa em *True Blood* e *House*.

| | <i>True Blood</i> | <i>House</i> |
|----------------------------------|-------------------|--------------|
| Definição formal simples | 2 | 3 |
| Definição formal complexa | 0 | 0 |
| Definição semiformal | 2 | 6 |
| Definição não formal | 0 | 8 |

Fonte: Autoria própria.

O texto-fonte utilizado na tradução audiovisual não é do mesmo gênero discursivo que os textos didáticos ou artigos analisados por Pearson (2004) em sua pesquisa. Sendo uma fala transcrita, o texto-fonte da legenda dos seriados traz também elementos definitórios diferentes daqueles citados por Pearson (2004), com base em descrições de Trimble (1985) e Flowerdew (1992), os quais não se enquadram perfeitamente na tipologia de definição formal (simples e complexa), semiformal e não formal. No entanto, como veremos nesta seção, é possível encontrar diversos elementos definitórios no cotexto de tais diálogos.

Nos exemplos das subseções a seguir, as legendas foram redistribuídas textualmente de forma que seja perceptível quando outro personagem inicia sua fala, uma vez que o leitor deste trabalho não tem acesso ao vídeo ou ao áudio. Os termos serão destacados em negrito e os elementos definitórios em itálico. Iniciaremos analisando excertos do seriado médico *House*.

4.3.1 *House*

O excerto a seguir é um exemplo de definição formal complexa, como descrito em Pearson (2004), na qual o termo é introduzido no final de uma frase e explicado no início da frase seguinte. No entanto, escapa ao padrão deste tipo de definição por sua frase definitiva não iniciar com a expressão *This is...*

Episódio 1 – vasculitis

- We're treating you for **vasculitis**.

*It's the inflammation
of blood vessels in the brain.*

No excerto abaixo, retirado do episódio 16, identifica-se inicialmente uma definição semiformal, na qual está presente a estrutura $x = característica$, sendo x o termo. O verbo que une o termo à característica está no presente do indicativo, como é o padrão deste tipo de definição. No entanto, a frase a seguir não contém um verbo de ligação, apesar de apresentar características de uma definição formal simples.

Episódio 16 – pituitary

- The **pituitary's** located
*between the cavernous sinuses,
basically right between the eyes.*

The area contains the nerves
that control eye movement and
the major arteries that feed the brain.

O próximo excerto pode ser classificado como contendo aspectos de uma definição não formal, por meio do uso de paráfrase, na qual são fornecidos os mesmos elementos encontrados em definições formais e semiformais, mas, neste caso, por exemplo, utilizando uma pausa na fala.

Episódio 6 – pulmonary embolism

- Your Mom had
a small **pulmonary embolism**--
a *blood clot*
that got stuck in her lungs,
blocked the oxygen.

Ainda foi possível distinguir no *corpus* diversos elementos que, mesmo não se enquadrando nos padrões da definição formal, semiformal ou não formal de Pearson (2004), podem ser úteis no momento da elaboração da definição do termo para um glossário, como sintomas, exames, possível opção de tratamento e taxa de sobrevivência. Abaixo, um exemplo:

Episódio 18 – small-cell lung cancer

- **Small-cell** is the *most aggressive*
kind of lung cancer.
The five-year survival rate
is only about 10% to 15%.
Which is why we have to start you
on *chemo* and *radiation* right away.
[...]
This cancer *moves quick.*
The median survival's two to four months.

4.3.2 True Blood

No excerto a seguir, identifica-se uma definição formal simples do termo *vampire bats*, como descrito em Pearson (2004), a qual corresponde à estrutura $x = y + característica$. Em tal estrutura, x é um termo e y é um hiperônimo genérico, e os dois são ligados por um verbo de ligação no presente do indicativo, não modificado por qualquer verbo modal ou partícula negativa.

Episódio 3 – vampire bat

- **Vampire bats**

*are bats that feed on blood,
feeding on the blood of animals
like pigs and horses.*

Verificam-se, no trecho a seguir, dois tipos de definições: uma definição não formal expressa por um sinônimo (*vampire groupie*) e uma definição formal complexa, na qual o termo (*fang-banger*) é introduzido no final de uma frase e explicado no início da frase seguinte (“Men and women who like to get bitten”). Contudo, esta definição escapa a seu padrão por sua frase definitória não iniciar com a expressão *These are...*

Episódio 1 – fang-banger

- What's a **fang-banger**?

- A *vampire groupie*.

Men and women who like to get bitten.

No excerto abaixo há também uma definição formal complexa, na qual um termo (*telepathic*) é introduzido no final de uma frase e explicado no início da frase seguinte (“I can hear people's thoughts”). Há, no mesmo diálogo, outra informação importante para a elaboração da definição do termo *telepathic* – eles conseguem escutar o pensamento das pessoas, *exceto* o de vampiros. Aqui, também, a definição escapa a seu padrão ao não iniciar sua frase definitória com a expressão *This is...*

Episódio 2 – telepathic

- What are you?

- Apparently I'm *not dead*.

What I am is **telepathic**.

I can hear people's thoughts.

- Even mine?

- That's why I like you so much.

I can't hear you [vampires] at all.

A seguir, apresentamos uma definição semiformal encontrada no *corpus* de *True Blood*:

Episódio 2 – draining vampires

- **Draining vampires**

is against the law, isn't it?

Por sua vez, o próximo excerto não se enquadra nos padrões da definição formal, semiformal ou não formal, conforme Pearson (2004), mas é possível distinguir diversos elementos no contexto que podem ser úteis no momento da elaboração da definição do termo, como características específicas de vampiros, origem e uso do Tru Blood, alcance de seu consumo, efeitos do uso da prata, etc.

Episódio 1 – vampire

Vampires *cannot drown.*
Because we *do not breathe*.

Episódio 1 – Tru Blood

- And most importantly,
point number three,
now that the *Japanese*
have perfected *synthetic blood*
which *satisfies all of our nutritional needs*,
there is no reason
for anyone to fear us.
I can assure you
that *every member of our community*
is now drinking synthetic blood.
That's why we decided
to make our existence known.
We just wanna be
part of mainstream society.
Hi.
Y'all have **Tru Blood**.

Episódio 1 – silver

- **Silver**, huh?
I thought that *only affected*
werewolves.

Episódio 10 – silver

- The *usual sentence*
Is *five years in a coffin*
chained with silver.
During which time your *body*
Will waste to leather and sticks.

Episódio 4 – V

- I think I might've *OD'd*.
- Oh, my God. On what?
- **V**.
- You're doing V now?
- It was my first time.
- Where on earth did you
come across V in this town?

My cousin is *dealing*
vampire blood now?

Episódio 5 – V

- The real life-force... is **V**.

Vampire blood. It's *illegal*.

O diálogo abaixo traz diversas informações que poderiam ser incluídas no texto de uma definição para o termo *shape-shifter*, como número de espécimes, origem, processo e período de transformação.

Episódio 10 – shape-shifter

- A **shape-shifter**?

- Most of us refer to
ourselves simply as *shifters*.

- Well, how many of you are there?

- *Thousands, tens of thousands, maybe*.

We don't exactly have a newsletter.

- Do you come from, like, a
family of shifters or something?

- It's *hereditary*, so yeah, I suppose.

But, um, I was adopted.

And the family that took me in...

We just never talked about it.

- Can you turn into anything, like cats, birds?

- Cats, sure.

Yeah, I can do bird, but flying's hard.

Dog's the easiest for me.

People like dogs. Most other
animals leave you alone.

- I used to scratch your belly
in the parking lot at the bar.

- That wasn't me, that was a real dog.

Yeah, *I need a live animal*
in order to-- to shift.

You know, *as a model*.

Kind of *like an imprint*.

- Can you turn into another person?

- Humans are too complex.

Despite what you might see at the bar.

- Can you do it any time,

or--? Or--?

- Or what?

Yeah.

Yeah, but *it wears off if I fall asleep*.

And *on a full moon, I can't stop the shift*.

4.4 Das conclusões

Verificamos, por meio dos excertos dos seriados *House* e *True Blood* analisados neste estudo exploratório, que há vários elementos definitórios presentes nessas legendas. Em *House*, percebe-se um maior número de definições formais, semiformais e não formais nos padrões apontados por Pearson (2004) que em *True Blood*. Isso se deve talvez ao fato de que, em *House*, os personagens, ao contar aos familiares dos pacientes o diagnóstico a que chegaram, precisam explicar a eles o que é a doença ou que sintomas os levaram a tal diagnóstico. Já em *True Blood*, os elementos definitórios surgem em contextos mais gerais, entremeados nos diálogos entre os personagens sobre os seres sobrenaturais que agora coexistem com os seres humanos no dia a dia.

Procuramos demonstrar, por meio da localização de elementos definitórios no *corpus* amostra dos seriados *True Blood* e *House*, que o vocabulário especializado utilizado no primeiro pode ser considerado uma terminologia, assim como parece ser o vocabulário do segundo, uma vez que consideramos que elementos definitórios são utilizados para circunscrever conceitos. Assim, ao identificar contextos definitórios em nosso *corpus*, pudemos delinear alguns conceitos, os quais apontam para “termos” desse universo ficcional. Como exemplo, valem contextos como “não podemos nos afogar” e “não respiramos” como traços definidores de um *ser sobrenatural sem capacidade respiratória*, designado, de um modo válido apenas em dado universo ficcional, pela palavra-termo *vampire*. Essa designação, por sua vez, relaciona-se à de *maker* (o criador de um novo vampiro) e à de *V* (nome dado ao sangue de vampiro, o qual, se ingerido por humanos, conforme o que é válido apenas nesse universo ficcional, pode levar a uma overdose).

Dessa forma, corroborando Barbosa (2006, p. 51), foi possível verificar que, no discurso de *True Blood*, “As unidades lexicais atualizadas nos textos mantêm uma rede de relações semânticas específicas – no interior do universo de discurso – e têm funções particulares, quanto à designação e à referência. Por essa razão, são multifuncionais”. Vê-se, então, que a ficção de tema sobrenatural, em seu caráter de discurso etnoliterário, não deixa de ser caracterizada por um conjunto de termos que representam e transmitem uma terminologia diferenciada. *Maker* e *V*, na série *True Blood*, deixam de significar apenas “aquele que cria, inventa, concebe” e “vigésima segunda letra do alfabeto”, respectivamente.

Com essa primeira aproximação a nosso *corpus*, contrastando-o ao do seriado *House*, pudemos vislumbrar como se dá a construção de conceitos nos seriados em estudo e o tipo de

informações que encontraríamos disponíveis. Passamos, então, à descrição de nosso *corpus* de estudo, como veremos no próximo capítulo.

5 DOS OBJETOS DE ANÁLISE E DA SUA SELEÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos os seriados que serviram como *corpus* de estudo e foram base para este trabalho: *True Blood* e *The Vampire Diaries*. Ambos os seriados escolhidos estão entre os mais famosos e reconhecidos nos dias de hoje internacionalmente na temática relacionada a vampiros e demais seres sobrenaturais. Além disso, foram ganhadores e indicados a prêmios da televisão norte-americana, como Golden Globe, People's Choice Award, Teen Choice Awards e Emmy.

5.1 Objetos de estudo: True Blood e The Vampire Diaries

Nas subseções a seguir, apresentaremos resumidamente as características de cada uma das séries, bem como um resumo da história.

5.1.1 True Blood

Figura 8 – Personagens principais de *True Blood*.



Fonte: <http://www.blastr.com/2013-3-29/finally-hbo-announces-when-true-bloods-returning-our-tv-screens>

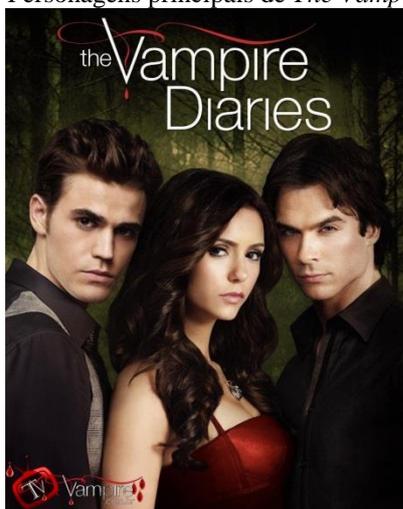
True Blood encerrou sua sétima e última temporada em 2014, perfazendo 80 episódios. Esse seriado norte-americano foi produzido e criado por Alan Ball e se baseia na série de romances *The Southern Vampire Mysteries* (publicada no Brasil pela editora Benvirá com o título *As Crônicas de Sookie Stackhouse*), de Charlaine Harris. Nos Estados Unidos e no Brasil, a série é transmitida pelo canal HBO.

O pano de fundo inicial da história é a tentativa de coexistência de vampiros e humanos. A série começa com a paixão entre Sookie Steakhouse, uma garçonete telepata (que depois se descobre ser, na realidade, uma fada), e o vampiro Bill Compton em uma pequena cidade fictícia localizada em Louisiana, nos Estados Unidos. A implantação dessa política de coexistência é viabilizada pela criação do *Tru Blood*, uma bebida de sangue sintético vendida aos vampiros para substituir a necessidade de se alimentarem em humanos. Antes dela, os seres humanos desconheciam a existência de vampiros, bem como de qualquer outro ser sobrenatural. No decorrer da história, outros seres sobrenaturais também se revelam e passam a fazer parte da trama, como fadas, metamorfos, lobisomens, bruxas e outros.

Todas as temporadas do seriado se caracterizam pelo uso frequente de palavrões, pela menção e demonstração de sangue, pelo consumo de drogas e álcool, bem como por cenas de violência, nudez e sexo. Assim, a série tem como público-alvo adultos acima de 18 anos.

5.1.2 *The Vampire Diaries*

Figura 9 – Personagens principais de *The Vampire Diaries*.



Fonte: <http://www.episodegenerator.com/vampire-diaries>

The Vampire Diaries está atualmente em sua sexta temporada, tendo completado 111 episódios até o final da quinta temporada. Esse seriado norte-americano é desenvolvido por Kevin Williamson e Julie Plec, com base na série de livros de mesmo nome (publicada no Brasil pela editora Galera Record sob o título de *Diários do Vampiro*) escrita por L. J. Smith. Nos Estados Unidos, a série é transmitida pelo canal The CW e, no Brasil, pela MTV.

A série segue os eventos na cidade de Mystic Falls, em Virgínia, uma pequena cidade fictícia assombrada por seres sobrenaturais. O foco principal da história é o triângulo amoroso entre a protagonista humana Elena Gilbert e os irmãos vampiros Stefan e Damon Salvatore. Stefan e Elena são imediatamente atraídos um pelo outro, mas Elena desconhece que Stefan é um vampiro de séculos de existência, lutando para viver em paz com os humanos, enquanto seu irmão Damon é a personificação da violência e brutalidade dos vampiros. No decorrer das temporadas, também são revelados outros seres sobrenaturais, como bruxas, lobisomens, seres híbridos e caçadores.

Ao contrário de em *True Blood*, em *The Vampire Diaries* há muita menção a relacionamentos e romances, mas quase não há cenas de nudez ou sexo. No seriado, há o uso de palavrões, drogas e álcool e violência, mas em frequência bem menor que em *True Blood*. Assim, vê-se que *The Vampire Diaries* objetiva um público mais adolescente e de adultos jovens.

5.2 Delimitação do *corpus* de estudo

O *corpus* de estudo desta pesquisa pode ser dividido em quatro *subcorpora*:

- 1) *True Blood*
 - a) em inglês
 - b) em português
- 2) *The Vampire Diaries*
 - a) em inglês
 - b) em português

A coleta dos textos foi encerrada em dezembro de 2013. Até tal data, *True Blood* havia encerrado sua sexta temporada e *The Vampire Diaries* havia iniciado sua quinta temporada. Optamos, então, por incluir em nosso *corpus* apenas as temporadas já encerradas: seis temporadas de *True Blood* e quatro de *The Vampire Diaries*, tanto em inglês como em português.

Nas subseções a seguir, veremos em mais detalhes como se configurou nosso *corpus* de estudo, bem como sua distribuição quanto a *types* (formas diferentes) e *tokens* (ocorrências totais).

5.2.1 *True Blood*

Cada episódio de *True Blood* dura aproximadamente 50 minutos, e cada temporada tem em média 10 episódios. Nos quadros abaixo, podemos ver a distribuição aproximada de *types* (formas diferentes) e *tokens* (ocorrências totais) em cada uma das temporadas do seriado em inglês e em português.

Quadro 4 – Número de temporadas e episódios e distribuição de *types* e *tokens* em *True Blood*, em inglês.

| Temporada | Número de episódios | <i>Types</i> | <i>Tokens</i> |
|----------------|---------------------|--------------|---------------|
| 1 ^a | 12 | 4.361 | 61.073 |
| 2 ^a | 12 | 4.455 | 59.582 |
| 3 ^a | 12 | 4.596 | 62.881 |
| 4 ^a | 12 | 4.464 | 61.694 |
| 5 ^a | 12 | 4.828 | 60.388 |
| 6 ^a | 10 | 3.837 | 50.939 |
| Total | 70 | 11.505 | 356.557 |

Fonte: Autoria própria.

Quadro 5 – Número de temporadas e episódios e distribuição de *types* e *tokens* em *True Blood*, em português.

| Temporada | Número de episódios | <i>Types</i> | <i>Tokens</i> |
|----------------|---------------------|--------------|---------------|
| 1 ^a | 12 | 5.816 | 49.152 |
| 2 ^a | 12 | 5.721 | 49.292 |
| 3 ^a | 12 | 5.582 | 49.189 |
| 4 ^a | 12 | 5.520 | 47.253 |
| 5 ^a | 12 | 6.050 | 48.959 |
| 6 ^a | 10 | 4.894 | 40.004 |
| Total | 70 | 15.099 | 283.849 |

Fonte: Autoria própria.

Apresentamos nos quadros a seguir os títulos originais de cada um dos episódios de *True Blood* inseridos em nosso *corpus*.

Quadro 6 – Títulos dos episódios da primeira temporada de *True Blood*, exibida em 2008.

| Episódio | Título |
|----------|------------------------------|
| 1 | "Strange Love" |
| 2 | "The First Taste" |
| 3 | "Mine" |
| 4 | "Escape from Dragon House" |
| 5 | "Sparks Fly Out" |
| 6 | "Cold Ground" |
| 7 | "Burning House of Love" |
| 8 | "The Fourth Man in the Fire" |
| 9 | "Plaisir d'Amour" |
| 10 | "I Don't Wanna Know" |
| 11 | "To Love Is to Bury" |
| 12 | "You'll Be the Death of Me" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_True_Blood_episodes.

Quadro 7 – Títulos dos episódios da segunda temporada de *True Blood*, exibida em 2009.

| Episódio | Título |
|-----------------|----------------------------|
| 1 | "Nothing But the Blood" |
| 2 | "Keep This Party Going" |
| 3 | "Scratches" |
| 4 | "Shake and Fingerpop" |
| 5 | "Never Let Me Go" |
| 6 | "Hard-Hearted Hannah" |
| 7 | "Release Me" |
| 8 | "Timebomb" |
| 9 | "I Will Rise Up" |
| 10 | "New World in My View" |
| 11 | "Frenzy" |
| 12 | "Beyond Here Lies Nothin'" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_True_Blood_episodes.

Quadro 8 – Títulos dos episódios da terceira temporada de *True Blood*, exibida em 2010.

| Episódio | Título |
|-----------------|-----------------------------------|
| 1 | "Bad Blood" |
| 2 | "Beautifully Broken" |
| 3 | "It Hurts Me Too" |
| 4 | "9 Crimes" |
| 5 | "Trouble" |
| 6 | "I Got a Right to Sing the Blues" |
| 7 | "Hitting the Ground" |
| 8 | "Night on the Sun" |
| 9 | "Everything Is Broken" |
| 10 | "I Smell a Rat" |
| 11 | "Fresh Blood" |
| 12 | "Evil Is Going On" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_True_Blood_episodes.

Quadro 9 – Títulos dos episódios da quarta temporada de *True Blood*, exibida em 2011.

| Episódio | Título |
|-----------------|-----------------------------------|
| 1 | "She's Not There" |
| 2 | "You Smell Like Dinner" |
| 3 | "If You Love Me, Why Am I Dyin'?" |
| 4 | "I'm Alive and On Fire" |
| 5 | "Me and the Devil" |
| 6 | "I Wish I Was the Moon" |
| 7 | "Cold Grey Light of Dawn" |
| 8 | "Spellbound" |
| 9 | "Let's Get Out of Here" |
| 10 | "Burning Down the House" |
| 11 | "Soul of Fire" |
| 12 | "And When I Die" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_True_Blood_episodes.

Quadro 10 – Títulos dos episódios da quinta temporada de *True Blood*, exibida em 2012.

| Episódio | Título |
|----------|-------------------------------------|
| 1 | "Turn! Turn! Turn!" |
| 2 | "Authority Always Wins" |
| 3 | "Whatever I Am, You Made Me" |
| 4 | "We'll Meet Again" |
| 5 | "Let's Boot and Rally" |
| 6 | "Hopeless" |
| 7 | "In the Beginning" |
| 8 | "Somebody That I Used to Know" |
| 9 | "Everybody Wants to Rule the World" |
| 10 | "Gone, Gone, Gone" |
| 11 | "Sunset" |
| 12 | "Save Yourself" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_True_Blood_episodes.

Quadro 11 – Títulos dos episódios da sexta temporada de *True Blood*, exibida em 2013.

| Episódio | Título |
|----------|------------------------|
| 1 | "Who Are You, Really?" |
| 2 | "The Sun" |
| 3 | "You're No Good" |
| 4 | "At Last" |
| 5 | "Fuck the Pain Away" |
| 6 | "Don't You Feel Me" |
| 7 | "In the Evening" |
| 8 | "Dead Meat" |
| 9 | "Life Matters" |
| 10 | "Radioactive" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_True_Blood_episodes.

5.2.2 *The Vampire Diaries*

Cada episódio de *The Vampire Diaries* dura aproximadamente 44 minutos, e cada temporada tem em média 22 episódios. Nos quadros abaixo, podemos ver a distribuição aproximada de *types* (formas diferentes) e *tokens* (ocorrências totais) em cada uma das temporadas do seriado em inglês e em português.

Quadro 12 – Número de temporadas e episódios e distribuição de *types* e *tokens* em *The Vampire Diaries*, em inglês.

| Temporada | Número de episódios | <i>Types</i> | <i>Tokens</i> |
|----------------|---------------------|--------------|---------------|
| 1 ^a | 22 | 4.814 | 88798 |
| 2 ^a | 22 | 4.254 | 86.107 |
| 3 ^a | 22 | 4.725 | 91.084 |
| 4 ^a | 23 | 5.347 | 102.364 |
| Total | 89 | 9.719 | 368.353 |

Fonte: Autoria própria.

Quadro 13 – Número de temporadas e episódios e distribuição de *types* e *tokens* em *The Vampire Diaries*, em português.

| Temporada | Número de episódios | <i>Types</i> | <i>Tokens</i> |
|------------------|----------------------------|---------------------|----------------------|
| 1 ^a | 22 | 6.331 | 70.884 |
| 2 ^a | 22 | 5.664 | 68.436 |
| 3 ^a | 22 | 6.200 | 71.506 |
| 4 ^a | 23 | 6.950 | 81.378 |
| Total | 89 | 13.021 | 292.204 |

Fonte: Autoria própria.

Apresentamos nos quadros a seguir os títulos originais de cada um dos episódios inseridos em nosso *corpus*.

Quadro 14 – Títulos dos episódios da primeira temporada de *The Vampire Diaries*, exibida entre 2009 e 2010.

| Episódio | Título |
|-----------------|-------------------------------|
| 1 | "Pilot" |
| 2 | "The Night of the Comet" |
| 3 | "Friday Night Bites" |
| 4 | "Family Ties" |
| 5 | "You're Undead to Me" |
| 6 | "Lost Girls" |
| 7 | "Haunted" |
| 8 | "162 Candles" |
| 9 | "History Repeating" |
| 10 | "The Turning Point" |
| 11 | "Bloodlines" |
| 12 | "Unpleasantville" |
| 13 | "Children of the Damned" |
| 14 | "Fool Me Once" |
| 15 | "A Few Good Men" |
| 16 | "There Goes the Neighborhood" |
| 17 | "Let the Right One In" |
| 18 | "Under Control" |
| 19 | "Miss Mystic Falls" |
| 20 | "Blood Brothers" |
| 21 | "Isobel" |
| 22 | "Founder's Day" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_The_Vampire_Diaries_episodes.

Quadro 15 – Títulos dos episódios da segunda temporada de *The Vampire Diaries*, exibida entre 2010 e 2011.

| Episódio | Título |
|----------|----------------------------|
| 1 | "The Return" |
| 2 | "Brave New World" |
| 3 | "Bad Moon Rising" |
| 4 | "Memory Lane" |
| 5 | "Kill or Be Killed" |
| 6 | "Plan B" |
| 7 | "Masquerade" |
| 8 | "Rose" |
| 9 | "Katerina" |
| 10 | "The Sacrifice" |
| 11 | "By the Light of the Moon" |
| 12 | "The Descent" |
| 13 | "Daddy Issues" |
| 14 | "Crying Wolf" |
| 15 | "The Dinner Party" |
| 16 | "The House Guest" |
| 17 | "Know Thy Enemy" |
| 18 | "The Last Dance" |
| 19 | "Klaus" |
| 20 | "The Last Day" |
| 21 | "The Sun Also Rises" |
| 22 | "As I Lay Dying" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_The_Vampire_Diaries_episodes.

Quadro 16 – Títulos dos episódios da terceira temporada de *The Vampire Diaries*, exibida entre 2011 e 2012.

| Episódio | Título |
|----------|---------------------------|
| 1 | "The Birthday" |
| 2 | "The Hybrid" |
| 3 | "The End of the Affair" |
| 4 | "Disturbing Behavior" |
| 5 | "The Reckoning" |
| 6 | "Smells Like Teen Spirit" |
| 7 | "Ghost World" |
| 8 | "Ordinary People" |
| 9 | "Homecoming" |
| 10 | "The New Deal" |
| 11 | "Our Town" |
| 12 | "The Ties That Bind" |
| 13 | "Bringing Out the Dead" |
| 14 | "Dangerous Liaisons" |
| 15 | "All My Children" |
| 16 | "1912" |
| 17 | "Break On Through" |
| 18 | "The Murder of One" |
| 19 | "Heart of Darkness" |
| 20 | "Do Not Go Gentle" |
| 21 | "Before Sunset" |
| 22 | "The Departed" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_The_Vampire_Diaries_episodes.

Quadro 17 – Títulos dos episódios da quarta temporada de *The Vampire Diaries*, exibida entre 2012 e 2013.

| Episódio | Título |
|----------|------------------------------------|
| 1 | "Growing Pains" |
| 2 | "Memorial" |
| 3 | "The Rager" |
| 4 | "The Five" |
| 5 | "The Killer" |
| 6 | "We All Go a Little Mad Sometimes" |
| 7 | "My Brother's Keeper" |
| 8 | "We'll Always Have Bourbon Street" |
| 9 | "O Come, All Ye Faithful" |
| 10 | "After School Special" |
| 11 | "Catch Me If You Can" |
| 12 | "A View to a Kill" |
| 13 | "Into the Wild" |
| 14 | "Down the Rabbit Hole" |
| 15 | "Stand by Me" |
| 16 | "Bring It On" |
| 17 | "Because the Night" |
| 18 | "American Gothic" |
| 19 | "Pictures of You" |
| 20 | "The Originals" |
| 21 | "She's Come Undone" |
| 22 | "The Walking Dead" |
| 23 | "Graduation" |

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_The_Vampire_Diaries_episodes.

5.2.3 Características do *corpus* em sua totalidade

Com base nos quadros apresentados nas subseções anteriores, percebe-se que o número total de *types* e *tokens* de cada um dos seriados, tanto em inglês como em português, é similar: aproximadamente 10.000 *types* e 300.000 *tokens* em cada *subcorpus*. Isso demonstra que o *corpus* é equilibrado quando se comparam os *subcorpora* que o compõem.

Por cada um deles possuir em torno de 300 mil palavras, é possível categorizá-los como sendo de tamanho médio (categoria entre 250 mil e 1 milhão de palavras), de acordo com a classificação de extensão de Berber Sardinha (2002, 2004). Já o *corpus* como um todo, que totaliza aproximadamente 1,3 milhão de palavras, adentraria a categoria médio-grande (categoria de 1 milhão a 10 milhões de palavras).

Ainda, segundo a tipologia de Berber Sardinha (2004), podemos classificar o *corpus* desta pesquisa da seguinte maneira:

- a) modo: falado (transcrições das falas em inglês do seriado original) e escrito (legendas em português);
- b) tempo: sincrônico e contemporâneo;

- c) seleção: por amostragem, estática e equilibrada (uma vez que para cada texto em inglês haverá um texto em português para todas as temporadas consideradas dos seriados);
- d) conteúdo: especializado e multilíngue;
- e) autoria: de língua nativa;
- f) disposição interna: paralela;
- g) finalidade: de estudo (descrição de um *corpus*), de referência (poderá ser contrastado com outros *corpora* de estudo) e de treinamento (aplicação como base de pesquisa para tradutores).

Assim, acreditamos ter uma amostra delimitada e representativa da linguagem utilizada em seriados de tema sobrenatural como um todo, com textos comparáveis paralelamente, na qual pretendemos atestar o emprego de conteúdo e vocabulário especializados.

No capítulo a seguir, apresentaremos como se deu a coleta do *corpus* e sua limpeza e quais passos metodológicos foram tomados para sua análise e a posterior confecção das árvores de domínio e das fichas terminológicas.

6 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos nossa perspectiva metodológica, nosso modo de fazer a análise de dados, de construir nosso objeto de estudo (o universo de discurso ficcional presente em seriados de tema sobrenatural), nossa unidade de análise (os sintagmas nominais com valor de termo e as respectivas construções recorrentes em torno deles no universo de discurso dos seriados *True Blood* e *The Vampire Diaries*) e nosso método terminográfico, o que implica uma proposta de dicionarização diferenciada. Mais adiante, no Capítulo 7, mostraremos como se deu a construção da ficha terminológica, o que corresponde a um dossiê de cada uma das unidades repertoriadas.

Antes de seguirmos, é importante ressaltar que, embora este trabalho enfatize a forma como foi desenvolvida a construção das árvores de domínio (Seção 6.2) e das fichas terminológicas (Capítulo 7), o protótipo de glossário que aqui propomos não deixaria de incluir, em sua versão final e disponibilizada ao público, todas as partes que constituem um glossário, como a seção de apresentação e de guia do usuário, além da árvore de domínio e dos verbetes.

Apresentamos na Seção 2.5, sobre Linguística de *Corpus*, a diferença entre uma pesquisa baseada em *corpus* (*corpus-based*) e uma pesquisa dirigida por *corpus* (*corpus-driven*) (TAGNIN, 2012). No que se refere a esta dissertação, a abordagem escolhida foi a *corpus-driven*, ou seja, dirigida por *corpus*. Isso significa, por exemplo, que tudo o que é registrado é limitado ao que ocorre no *corpus* de estudo; além disso, não são considerados fatos *a priori* para o seu exame, de modo que apenas os fenômenos de linguagem presentes no *corpus* em estudo dirigem a pesquisa e condicionam os passos metodológicos.

Assim, todos os termos fichados e incluídos na árvore de domínio provêm do *corpus* e, para todos esses termos, foram dados exemplos e colocações em inglês e seus equivalentes em português. Quando não havia um equivalente no *corpus* para determinada entrada, foram incluídas uma nota e uma sugestão de tradução ao consulente, dado que, neste caso, extrapolam-se o *corpus* e a proposta de pesquisa *corpus-driven*.

Antes de seguirmos adiante, cabe fazer um esclarecimento. É comum no âmbito da Terminologia e da Terminografia o princípio de que o apoio de um especialista na área sendo estudada para a validação, dentre outros fatores, da árvore de domínio é necessário. No caso desta dissertação, por, como já apontamos, a área em estudo não ser considerada técnica ou científica, não há muitos “especialistas” no assunto. Esse foi um dos fatores que apontaram então para a utilização da abordagem *corpus-driven*, uma vez que o *corpus* seria nossa fonte

da “verdade” sobre o universo lexical em pesquisa (TAGNIN, 2012). No entanto, não podemos nos esquecer de que um bom conhecimento do terminólogo sobre a área de domínio, como é o nosso caso, também atua como um fator positivo na construção de uma obra terminográfica.

6.1 Procedimentos para coleta e observação de dados: *corpus* de estudo

Os seriados *True Blood* e *The Vampire Diaries* foram escolhidos para servirem de *corpus* de estudo neste trabalho, além dos motivos já apresentados no Capítulo 5, por suas legendas, tanto as transcrições para o inglês quanto as traduções para o português, estarem disponíveis na internet e, como já foi mencionado, por a qualidade das traduções não deixar a desejar. Isso em muito facilitou a coleta do *corpus* e permitiu a construção de um *corpus* paralelo.

Para a coleta do *corpus* de estudo desta pesquisa, foram utilizados dois *sites*: para o inglês, <http://www.tvsubtitles.net>, e, para o português, <http://legendas.tv>. Os arquivos, em ambos os *sites*, são disponibilizados no formato .srt.

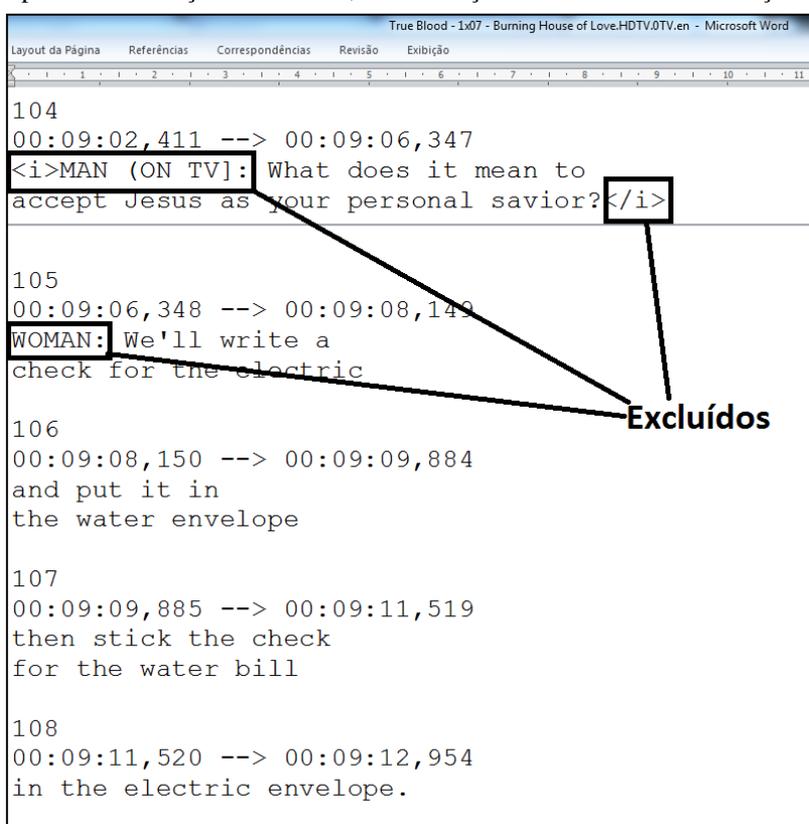
Os arquivos baixados de *True Blood* e *The Vampire Diaries* do *site* <http://www.tvsubtitles.net> são transcrições do áudio em inglês por *Closed Caption* (sistema de transmissão de legendas via sinal de televisão com o objetivo de permitir que os deficientes auditivos possam acompanhar os programas transmitidos). Por isso, alguns desses arquivos possuem a descrição de sons presentes na cena (como palmas, passos, trovões, música, risos, etc.), bem como a identificação do personagem cuja fala está sendo transcrita, mas que não aparece visualmente na cena.

Por sua vez, os arquivos baixados do *site* <http://legendas.tv> advêm da legendagem não comercial realizada por equipes (ver Seção 2.1.1). As legendas de todas as temporadas de *True Blood* utilizadas em nosso *corpus* (seis temporadas, como explicitado no Capítulo 5) foram traduzidas pela equipe United Team. Quanto ao seriado *The Vampire Diaries*, a primeira temporada foi traduzida pela equipe NERDS; a segunda e a terceira temporadas e os episódios 1 a 9 da quarta temporada pela equipe Geek Sub; e os episódios 10 a 23 da quarta temporada pela United Team.

Após o *download* de todos os arquivos de legendas em ambos os *sites*, no mês de dezembro de 2013, realizamos sua limpeza, isto é, a retirada de quaisquer elementos gráficos que não interessam à análise em foco. Foram assim eliminadas as marcações de itálicos

(simbolizadas por <i> e </i>), as descrições de sons e a identificação dos personagens cuja fala estava sendo transcrita, mas que não apareciam visualmente na cena (devido à transcrição em *Closed Caption* ser destinada originalmente ao público surdo). Além disso, foram apagadas as recapitulações dos últimos acontecimentos da série apresentados nos minutos iniciais de cada episódio, a fim de evitar um número falso de ocorrências que seriam, na verdade, duplicações de cenas. Esses procedimentos foram repetidos em todos os arquivos de ambos os seriados em ambas as línguas. Nas Seções 5.2.1 e 5.2.2, estão listados os nomes de todos os episódios incluídos em nosso *corpus*, bem como o número aproximado de *types* (formas diferentes) e *tokens* (ocorrências totais) de cada temporada após realizada a limpeza.

Figura 10 – Limpeza das marcações de itálicos, das descrições de sons e da identificação dos personagens.



Fonte: Autoria própria.

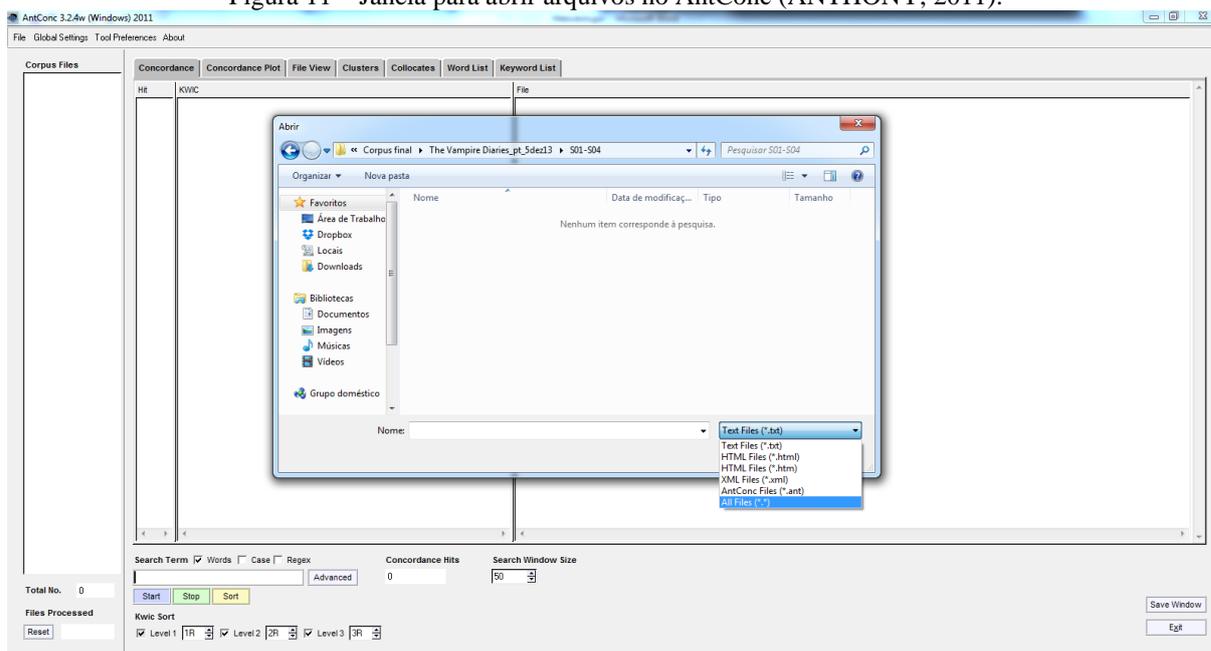
Ao final da limpeza, obtivemos, então, nosso *corpus* final, pronto para análise. Tal *corpus* pode ser chamado, de acordo com Berber Sardinha (2004), de *corpus* paralelo, uma vez que há acesso ao texto original em inglês e ao mesmo texto traduzido para o português.

O *software* de análise lexical escolhido para auxiliar o desenvolvimento deste trabalho foi o AntConc, versão 3.2.4w, desenvolvido por Laurence Anthony (2011). Esse programa é

gratuito e encontra-se disponível para *download* em <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Algumas funções básicas do AntConc foram apresentadas na Seção 2.5.1.

Para a inserção no programa, não foi necessária qualquer modificação no formato dos arquivos, uma vez que o AntConc, além de ler arquivos .txt, também é compatível com arquivos .srt – para isso, é necessário, ao abrir os arquivos, selecionar, em vez de “Text Files (*.txt)”, “All Files (*.*)”, como mostra a Figura 11.

Figura 11 – Janela para abrir arquivos no AntConc (ANTHONY, 2011).



Fonte: Autoria própria.

6.1.1 Lista de palavras

O primeiro passo na análise do *corpus* foi a geração de uma lista de palavras ordenada por frequência, através da ferramenta Word List do AntConc, do *subcorpus* em inglês de ambos os seriados. Antes disso, selecionamos a opção “Treat all data as lowercase”, que faz com que o programa não considere como diferentes unidades lexicais escritas em letra maiúscula ou minúscula. Nos quadros abaixo, podem-se visualizar as 10 primeiras palavras das listas geradas pela ferramenta Word List referentes às séries *True Blood* e *The Vampire Diaries* em inglês. Além delas, apresentamos os dois substantivos mais frequentes que aparecem na lista.

Quadro 18 – Lista de palavras mais frequentes de *True Blood* gerada pela ferramenta Word List.

| Posição | Frequência | Palavra |
|---------|------------|---|
| 1º | 17606 | you |
| 2º | 16550 | i |
| 3º | 7937 | to |
| 4º | 7903 | the |
| 5º | 6922 | s (como na contração de <i>is</i> e <i>has</i> e no caso possessivo 's) |
| 6º | 6478 | it |
| 7º | 6316 | a |
| 8º | 6309 | t (como na contração de <i>not</i>) |
| 9º | 5319 | and |
| 10º | 5027 | that |
| 80º | 763 | vampire |
| 93º | 638 | time |

Fonte: Autoria própria.

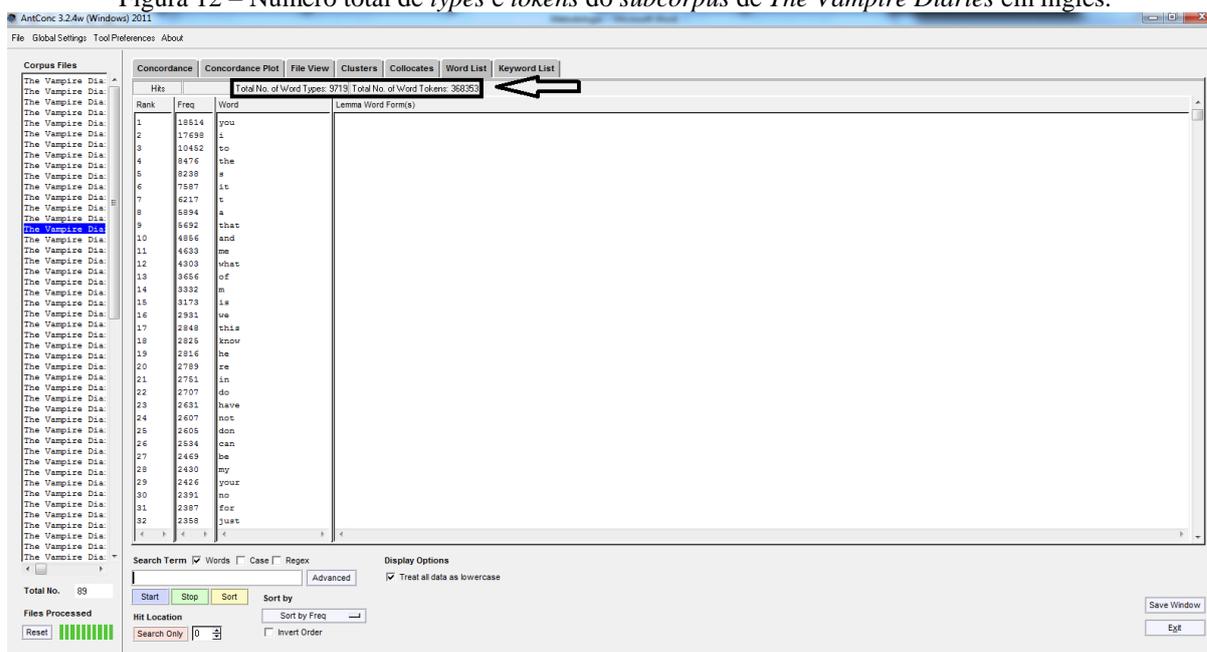
Quadro 19 – Lista de palavras mais frequentes de *The Vampire Diaries* gerada pela ferramenta Word List.

| Posição | Frequência | Palavra |
|---------|------------|---|
| 1º | 18514 | you |
| 2º | 17698 | i |
| 3º | 10452 | to |
| 4º | 8476 | the |
| 5º | 8238 | s (como na contração de <i>is</i> e <i>has</i> e no caso possessivo 's) |
| 6º | 7587 | it |
| 7º | 6217 | t (como na contração de <i>not</i>) |
| 8º | 5894 | a |
| 9º | 5692 | that |
| 10º | 4856 | and |
| 101º | 628 | vampire |
| 102º | 623 | time |

Fonte: Autoria própria.

Por meio dessa análise inicial do conteúdo dos *subcorpora* em inglês através das listas de palavras, se verifica uma similaridade nas 10 palavras mais frequentes, bem como o fato de que, em ambas as séries, os substantivos mais frequentes são *vampire* e *time*. Não é surpresa que *time* seja o segundo substantivo mais frequente, devido à abundância de usos que ele pode ter na língua inglesa, como nos casos de *next time*, *good time*, *hard time*, etc. No entanto, chama a atenção que o substantivo mais frequente em ambos os seriados seja *vampire*, o que já aponta para uma peculiaridade do vocabulário utilizado na série.

Outra funcionalidade importante da ferramenta Word List é que, juntamente com a geração da lista de palavras, o programa calcula o número total de *types* (formas diferentes) e *tokens* (ocorrências totais) dos arquivos abertos. Na figura a seguir, é possível visualizar o número total de *types* e *tokens* do *subcorpus* de *The Vampire Diaries* em inglês.

Figura 12 – Número total de *types* e *tokens* do *subcorpus* de *The Vampire Diaries* em inglês.

Fonte: Autoria própria utilizando o AntConc.

6.1.2 Lista de palavras-chave

O segundo passo em nossa análise foi a geração da lista de palavras-chave para cada um dos *subcorpora* em inglês. Essa lista aponta as palavras estatisticamente mais frequentes no *corpus* de estudo que no *corpus* de referência. Como explicado na seção sobre Linguística de *Corpus*, recomenda-se que a lista de palavras-chave seja gerada usando-se como *corpus* de referência um *corpus* de tamanho no mínimo cinco vezes maior que o de estudo e composto por vários textos da língua comum. Como não temos acesso direto a *corpora* dessa magnitude e características em inglês para utilizá-lo como referência, solicitamos a ajuda do professor Dr. Guilherme Fromm, da Universidade Federal de Uberlândia, o qual tem acesso ao Corpus of Contemporary American English (COCA) através de seus projetos de pesquisa.

O COCA é um *corpus* de inglês norte-americano criado por Mark Davies da Brigham Young University. O *corpus* é composto por 450 milhões de palavras, referentes a textos orais, ficcionais, de revistas populares, jornalísticos e acadêmicos coletados entre 1990 e 2012.

Dado acesso a nossos *subcorpora* em inglês, o professor Dr. Guilherme Fromm gerou as listas de palavras-chave, utilizando o COCA como *corpus* de referência, através da ferramenta Keyword List do programa WordSmith Tools (outro *software* disponível, mas pago, para análise lexical). Como resultado, foram apontadas 2.124 palavras-chave para o

subcorpus de *True Blood* em inglês e 1.646 palavras-chave para o *subcorpus* de *The Vampire Diaries* em inglês.

Quadro 20 – Dez primeiras palavras-chave de *True Blood* como gerado pela ferramenta Keyword List.

| Posição | Palavra |
|---------|---------|
| 1º | don't |
| 2º | i'm |
| 3º | know |
| 4º | it's |
| 5º | this |
| 6º | no |
| 7º | you're |
| 8º | for |
| 9º | gonna |
| 10º | up |

Fonte: Autoria própria.

Quadro 21 – Dez primeiras palavras-chave de *The Vampire Diaries* como gerado pela ferramenta Keyword List.

| Posição | Palavra |
|---------|--------------------------------|
| 1º | i'm |
| 2º | know |
| 3º | don't |
| 4º | it's |
| 5º | you're |
| 6º | this |
| 7º | no |
| 8º | elena (personagem do seriado) |
| 9º | for |
| 10º | stefan (personagem do seriado) |

Fonte: Autoria própria.

Por meio dos Quadros 20 e 21, podemos ver que são apontadas como palavras de maior chavicidade em ambos os seriados as formas abreviadas de pronomes com verbos auxiliares (como “I am” => “I'm”; “do not” => “don't”; “it is” => “it's”; “you are” => “you're”), assim como verbos e pronomes demonstrativos, entre outros, característicos do registro oral. A razão para a obtenção desse resultado é que o COCA, *corpus* utilizado como referência, é composto em sua maioria por textos escritos, nos quais tais marcas de oralidade não estão presentes. Como nosso *corpus* é composto por diálogos entre os personagens das séries, ele se destaca, além da presença dos sintagmas nominais de caráter específico em estudo, por marcas de oralidade.

Ao continuarmos analisando as listas, encontramos outras unidades lexicais, essas sim relacionadas ao universo de discurso desses seriados de temática sobrenatural. Nos quadros abaixo, apresentamos alguns substantivos apontados como chave:

Quadro 22 – Dez substantivos chave de *True Blood* relacionados ao universo de discurso do seriado.

| Posição | Palavra |
|---------|------------|
| 29° | vampire |
| 56° | vampires |
| 118° | tru |
| 144° | blood |
| 200° | packmaster |
| 222° | witch |
| 224° | magister |
| 232° | faerie |
| 246° | shifter |
| 248° | silver |

Fonte: Autoria própria.

Quadro 23 – Dez substantivos chave de *The Vampire Diaries* relacionados ao universo de discurso do seriado.

| Posição | Palavra |
|---------|--------------|
| 59° | vampire |
| 69° | witch |
| 86° | vampires |
| 102° | cure |
| 109° | vervain |
| 136° | spell |
| 138° | werewolf |
| 166° | witches |
| 167° | moonstone |
| 172° | doppelganger |

Fonte: Autoria própria.

As listas de palavras-chave serviram como base para a construção das árvores de domínio, como veremos em maiores detalhes na Seção 6.2.2.

6.1.3 Concordanciador

Após o desenho das árvores de domínio, como veremos na Seção 6.2, selecionamos os termos para os quais seriam elaboradas fichas terminológicas (ver Capítulo 7). Por meio da ferramenta Concordance do AntConc, passamos a analisar todas as linhas de concordância de cada um dos termos selecionados, com o objetivo de obter aporte para iniciar o preenchimento das fichas.

Essa análise das linhas de concordância trouxe subsídios para a elaboração das definições terminológicas de cada termo. Para sua construção a partir dos contextos definitórios, tomamos por suporte Fromm (2011a) e Fromm (2009), o qual afirma que “A partir de cada contexto, o pesquisador deve, também, extrair um primeiro conceito formado pelos traços distintivos explicitados pelo exemplo” (FROMM, 2009, p. 136). Após a extração

desse “primeiro conceito” dos contextos, decidimos quais informações se encaixariam no padrão de estrutura “*gênero próximo + diferença específica*” para formar a definição *stricto sensu* e quais informações seriam incluídas no campo de “Notas sobre definição”. Para maiores detalhes sobre a elaboração das definições, ver Seções 7.5 e 7.6.

Essa análise dos contextos serviu, além de base para a elaboração das definições, para a seleção dos exemplos e a identificação das colocações inseridas nas fichas terminológicas (ver Seção 7.9).

6.2 Procedimentos terminográficos

Vimos, na última seção, os procedimentos realizados para a análise dos dados disponibilizados em nosso *corpus* através do *software* AntConc. Esse passo a passo é adotado como metodologia pela Linguística de *Corpus*. Nesta seção, apresentaremos quais procedimentos especificamente terminográficos foram realizados antes do início da confecção das fichas terminológicas, a saber, a construção da árvore de domínio dos “programas de entretenimento”, bem como de cada um dos seriados em nosso *corpus* de estudo, em português e em inglês.

6.2.1 Construção da árvore de domínio dos “programas de entretenimento”

O primeiro passo especificamente terminográfico em nossa metodologia foi a construção da árvore de domínio da categoria “programas de entretenimento”, onde se inserem as séries com terminologia totalmente ficcional, como podemos ver na figura a seguir (Figura 13).

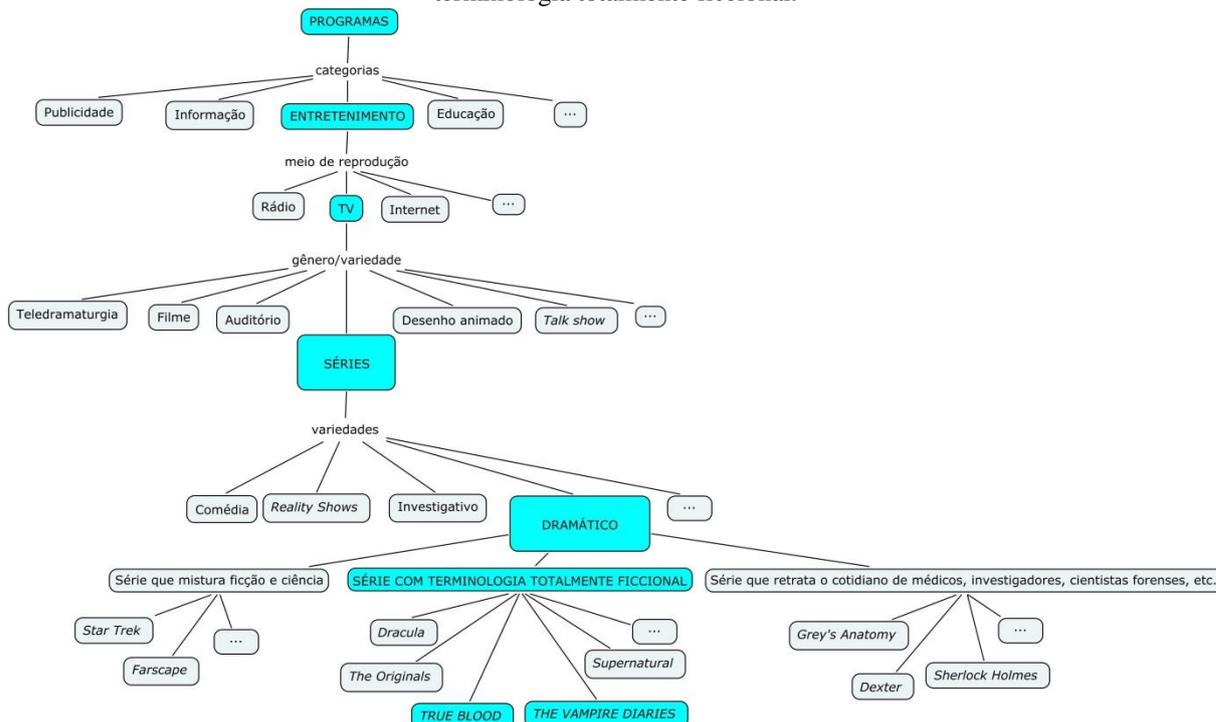
Essa árvore foi desenhada com um *software* específico para esse fim, o CmapTools¹⁶, e ilustra a etapa inicial de reconhecimento da organização do domínio sob estudo – as séries televisivas dramáticas. Assim, ela foi construída, para fazer jus a seu nome, a partir de suas “raízes, tronco e galhos mais grossos”.

Na tentativa de entender de forma global como as séries dramáticas se comportam como um tipo de programa, construímos essa árvore de domínio com base em nosso conhecimento da área como telespectadores e em diversos *sites* e artigos disponíveis na internet. Além disso, utilizamos como fonte especializada de pesquisa os seguintes

¹⁶ Disponível para *download* gratuito em: <<http://cmap.ihmc.us/>>.

documentos: *Debate: Televisão, gêneros e linguagens*, de José Carlos Aronchi (2006), em uma publicação da Secretaria de Educação à Distância do MEC (em especial, para a construção da metade superior da árvore); e *Ficção, Tradução, Terminografia e Linguística de Corpus: confluências*, artigo de Guilherme Fromm (2011a) (em especial, para a construção da metade inferior da árvore).

Figura 13 – Árvore de domínio da categoria “programas de entretenimento”, onde se inserem as séries com terminologia totalmente ficcional.



Fonte: Autoria própria.

O primeiro texto – *Debate: Televisão, gêneros e linguagens* (ARONCHI, 2006) –, como parte de uma série, busca auxiliar o professor da educação básica a identificar as características dos gêneros e dos formatos dos programas de televisão, bem como a entender a linguagem da indústria da televisão brasileira. Nele, o autor estabelece algumas categorias e gêneros dos programas da TV brasileira.

No entanto, sabemos que a televisão não é o único meio de reprodução de programas. Dessa forma, optamos por dar início à construção da árvore da área pelo nó nódulo PROGRAMAS. Subordinadas a ele, estão as categorias de programas, conforme Aronchi (2006, p. 6). Da categoria ENTRETENIMENTO, partimos para os modos de reprodução dos programas de entretenimento: rádio, TV, internet, etc. Uma vez que as séries em foco são as televisivas, partimos do nó nódulo TV para suas diversas variedades de programas, também de

acordo com Aronchi (2006, p. 6) – teledramaturgia, filme, auditório, séries, desenho animado, *talk show*, dentre outros.

Adentramos, então, o objeto de interesse: as SÉRIES. Não localizamos bibliografia de apoio para determinar as diversas variedades de tema das séries. Então, após extensa pesquisa na internet, optamos por apontar as variedades mais comumente encontradas, como comédia, *reality shows*, investigativo, dramático, etc. Com base em Fromm (2011), dividimos as séries dramáticas pelas características de seus enredos e vocabulário em três tipos: série que mistura ficção e ciência, série com vocabulário totalmente ficcional e série que retrata o cotidiano de médicos, investigadores, cientistas forenses, etc. Como “folhas” na parte mais externa da árvore, consta então o nome de diversas séries dramáticas, separadas conforme essas três categorias.

Ao final, foi possível obter uma visão macroestrutural de como as séries dramáticas se relacionam com outros tipos de programas de entretenimento e em outros meios de comunicação.

6.2.2 Construção das árvores de domínio do *corpus* de estudo

A construção da árvore de domínio de cada um dos seriados também se deu por meio do *software* CmapTools. Elas foram iniciadas pela análise das listas de palavras-chave em inglês geradas pelo professor Dr. Guilherme Fromm por meio da ferramenta Keyword List do WordSmith Tools (ver Seção 6.1.2). A lista de palavras-chave do *subcorpus* de *True Blood* em inglês contém 2.124 itens, enquanto o *subcorpus* de *The Vampire Diaries* em inglês contém 1.646. Foram analisados todos os itens até aproximadamente a posição 850º, destacando aqueles substantivos que se constituíam como termos potenciais. Segundo Cabré (2003, p. 190, tradução nossa), “Qualquer unidade lexical teria o potencial de ser uma unidade terminológica”, dependendo de seu uso em um contexto comunicativo específico.

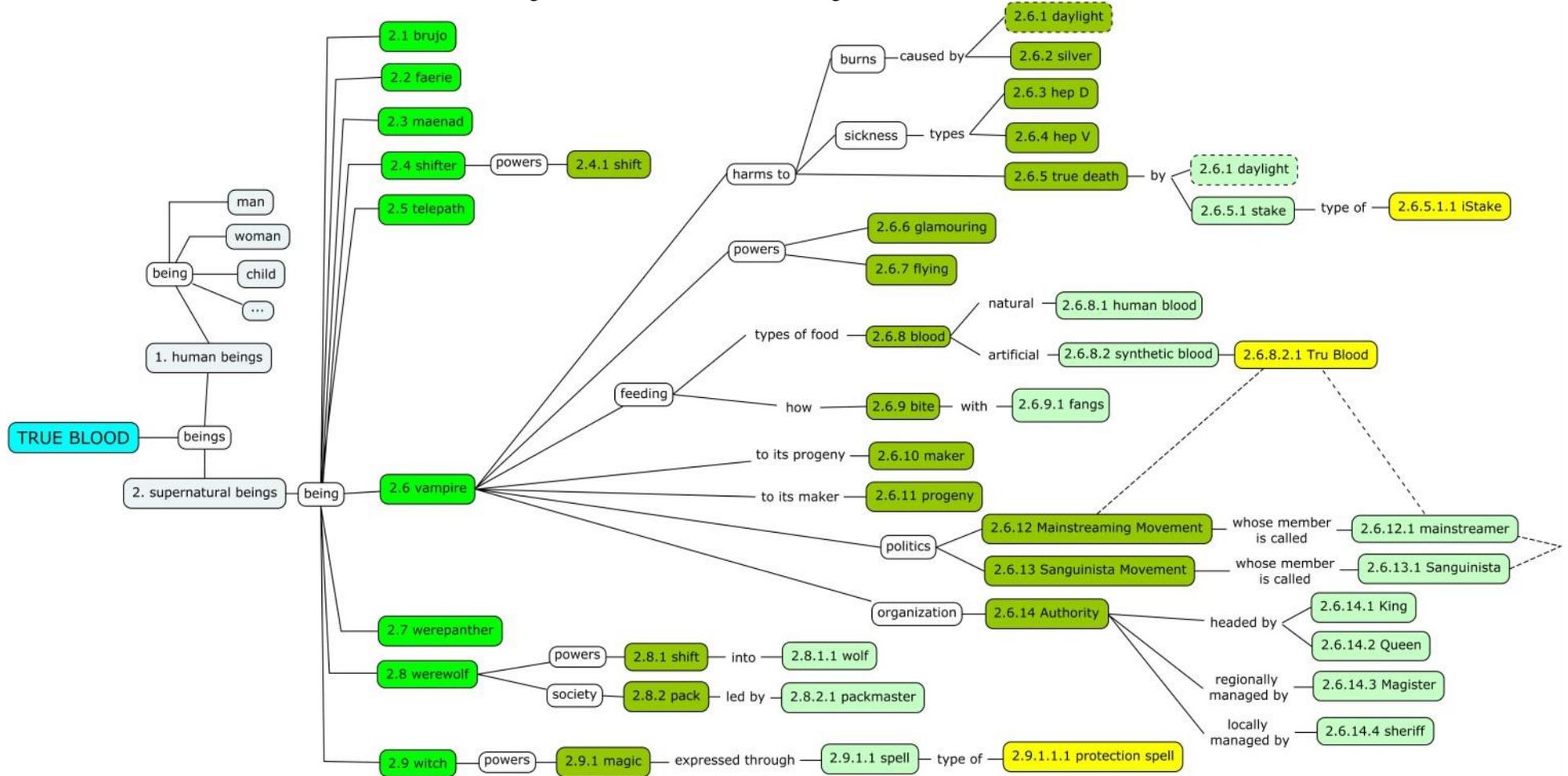
A partir desses substantivos, principiamos o desenho das árvores de domínio em inglês. No entanto, devido ao conhecimento das séries obtido por já termos assistido a todos os seus episódios, percebemos que havia alguns “vazios” nessas árvores. Por exemplo, em *The Vampire Diaries*, como incluiríamos *hunter* (caçador) e *map* (mapa) sem incluirmos também *mark* (marca), já que é a marca no corpo do caçador de vampiros que forma o mapa do local onde se encontra a cura para o vampirismo? Ou, ainda, como incluiríamos *silver* (prata) na árvore de *True Blood* e não na de *The Vampire Diaries*, se a prata é de relevância

em ambos os seriados e, além disso, possui um aspecto diferente em cada um deles (em *True Blood* é prejudicial apenas a vampiros e em *The Vampire Diaries* apenas a lobisomens)?

Assim, fomos preenchendo os “vazios” percebidos com termos que não constavam nas listas de palavras-chave, com base em nosso conhecimento do universo de discurso. Como se pode perceber, não achamos que o método da Linguística de *Corpus* para a determinação das palavras-chave foi plenamente satisfatório para nossos fins de construção de árvores de domínio para embasar a nomenclatura de um glossário. Para isso, lançamos mão também dos preceitos da Terminografia, a qual, apesar de trabalhar atualmente com diversos princípios da Linguística de *Corpus*, não prevê como fonte para o desenho das árvores de domínio exclusivamente as listas de palavras-chave. Conforme Krieger e Finatto (2004), “decidir sobre a admissão de um determinado termo em um dicionário especializado [...] implica identificar e atestar sua importância terminológica”. Para isso, segundo as autoras, “é produtivo aliar sistematicidade, embasamento teórico-linguístico, familiaridade com a especialidade em foco e prática terminológica” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 133). Foi com vistas à sistematicidade e também levando em conta nossa familiaridade com a especialidade que desenhamos nossas árvores de domínio. No entanto, é importante salientar que todos os termos incluídos na árvore de domínio que não constavam nas listas de palavras-chave apresentam ocorrências no *corpus*. Eles apenas não foram indicados, ao se comparar nosso *corpus* de estudo a um *corpus* de referência, como itens-chave. Ao final, aproximadamente 70% dos termos constantes nas árvores de domínio em inglês de cada um dos seriados advêm da lista de palavras-chave; os outros 30% advêm de nossa tentativa de preenchimento de tais “vazios”, sempre extraídos do *corpus*, como prevê a proposta *corpus-driven*.

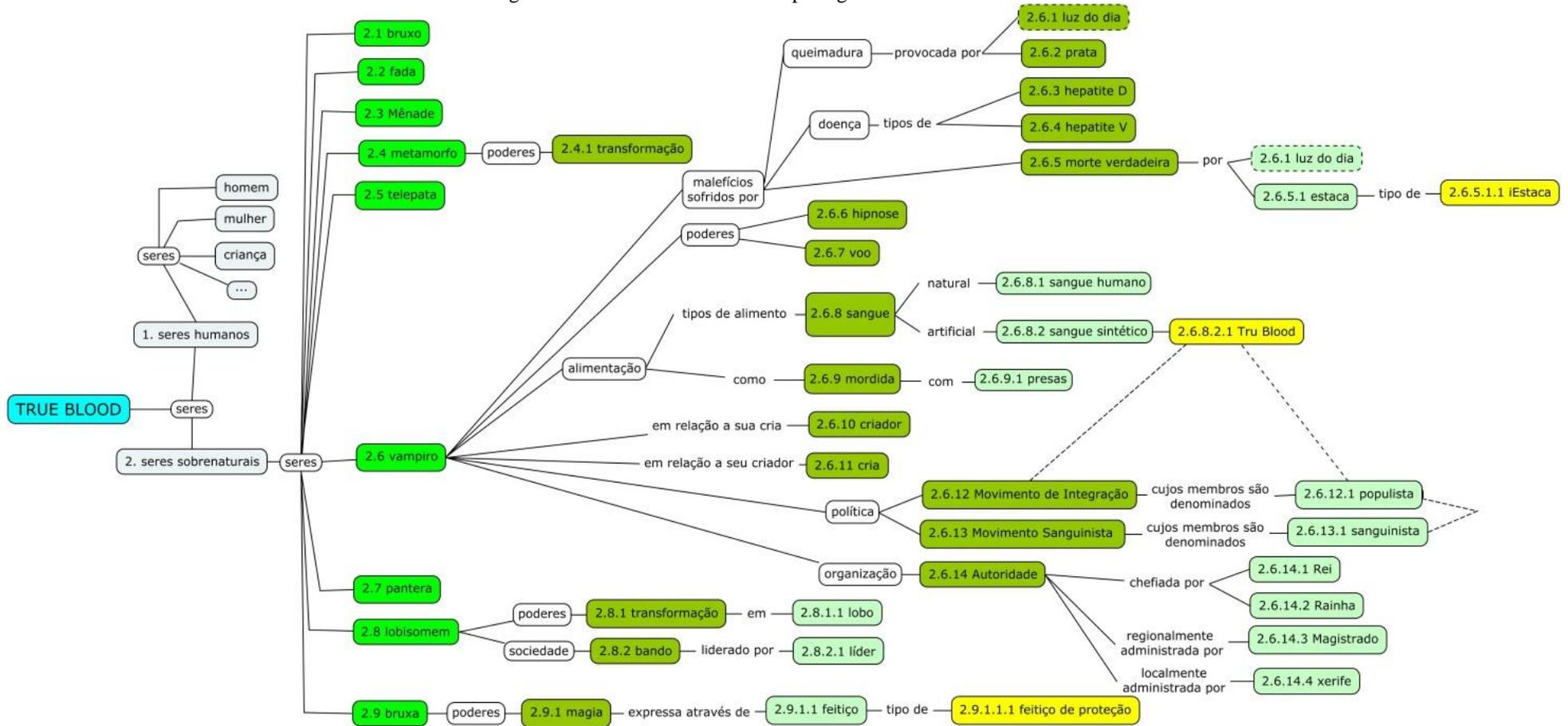
Quando chegamos a uma versão finalizada inicial das árvores de domínio em inglês de cada seriado, passamos a construir as árvores em português com base nelas. Para encontrar os equivalentes em português, nos beneficiamos do fato de nosso *corpus* ser paralelo. Com a ajuda da marcação de tempo ainda presente nos arquivos das legendas e das ferramentas Concordance e File View do AntConc, localizávamos a ocorrência de determinado termo em inglês e, então, localizávamos seu equivalente no *corpus* em português. Foi dessa forma que também detectamos formas variantes na tradução, assim como outras denominações para alguns termos (tais informações foram inseridas nos campos “Variantes” e “Outras denominações” das fichas terminológicas, como veremos no Capítulo 7).

Após esses procedimentos, chegamos à versão final de cada uma das árvores de domínio, em inglês e em português, conforme as Figuras 14 a 17.

Figura 14 – Árvore de domínio em inglês de *True Blood*.

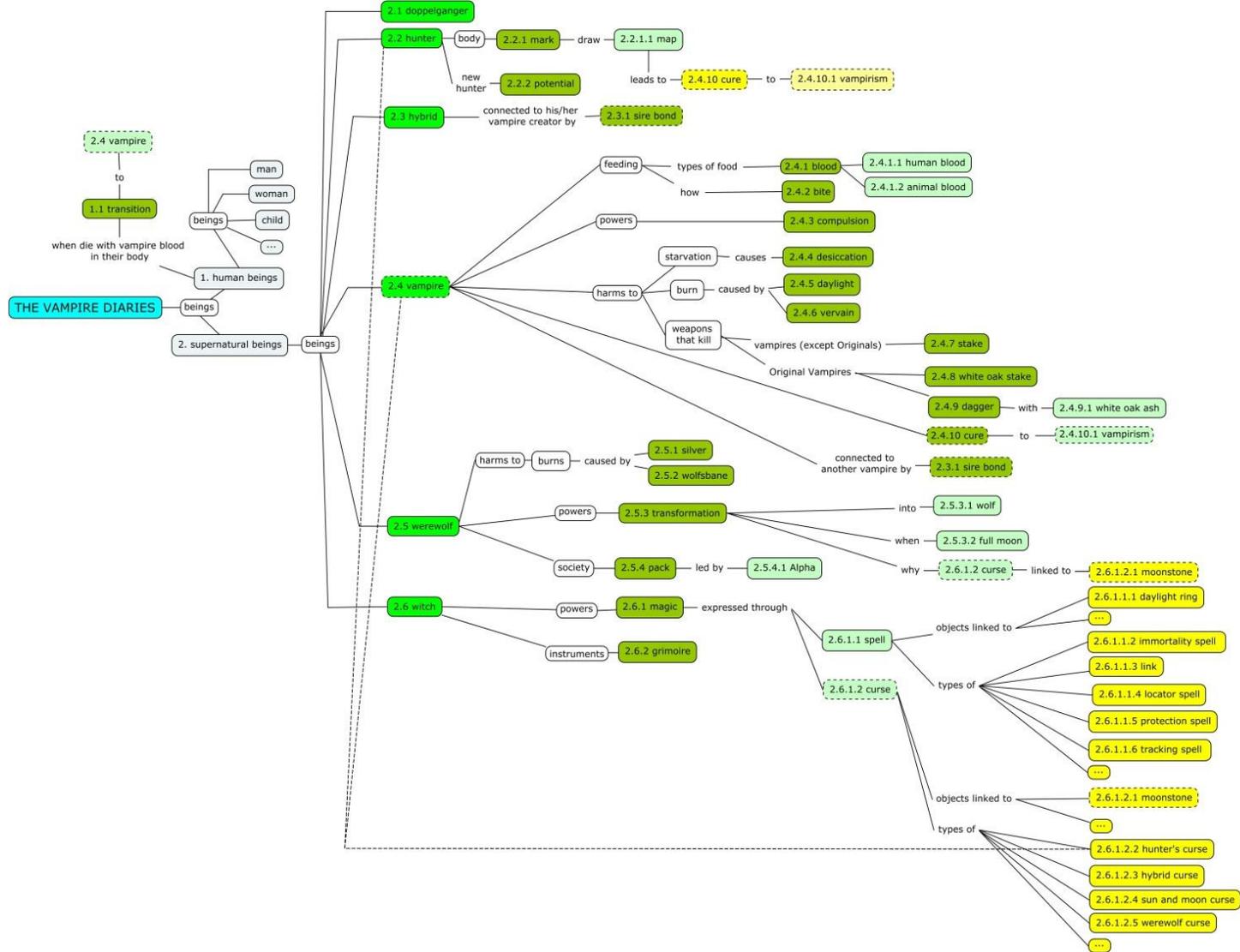
Fonte: Autoria própria.

Figura 15 – Árvore de domínio em português de *True Blood*.



Fonte: Autoria própria.

Figura 16 – Árvore de domínio em inglês de *The Vampire Diaries*.



Fonte: Autoria própria.

A seguir, apresentamos alguns esclarecimentos sobre a configuração das árvores de domínio:

- a) Todas as células em tons de verde e amarelo incluem as unidades lexicais que consideramos termos. Suas cores e numeração indicam sua hierarquia na árvore de domínio. A hierarquia das cores é, na ordem do mais superordenado ao mais subordinado: verde-brilhante, verde-oliva, verde-claro, amarelo-brilhante e amarelo-claro.
- b) As células numeradas como 1 e 2 em cada uma das árvores não foram coloridas, uma vez que encerram sintagmas que, a nosso ver, não possuem valor terminológico no universo de discurso em estudo, pois não carregam conceitos especializados. Ainda assim, mantivemos sua numeração, pois tais sintagmas mantêm relações hierárquicas com os termos a eles subordinados.
- c) O contorno tracejado em algumas das células com termos indica que aquele termo foi inserido na árvore de domínio em dois locais diferentes. A numeração desse termo indica a posição que aquele termo ocupa com maior frequência no seriado. Por exemplo, *maldição* está inserido entre uma das formas de expressão de magia dos bruxos e como a razão para a transformação dos lobisomens. A numeração desse termo é 2.6.1.2, que o liga ao hiperônimo *bruxo*, uma vez que, a partir da análise das linhas de concordância de *maldição* por meio da ferramenta Concordance do AntConc, verificamos que tal termo ocorre mais vezes se relacionando a *bruxos* que a *lobisomens*.
- d) Na árvore de domínio de *The Vampire Diaries* em português, as células com formato retangular e com texto em itálico correspondem a sugestões nossas de tradução, uma vez que não foram encontradas no *corpus* em português traduções-padrão para aqueles sintagmas nominais.
- e) As células de fundo branco e contorno preto estabelecem a relação pragmática entre o termo hiperônimo e seus hipônimos. Para seu conteúdo, foram estabelecidas algumas categorias, como *poderes*, *organização*, *alimentação*, etc.
- f) As células de fundo branco e sem contorno também funcionam com a função de estabelecer a relação pragmática entre as células que ligam, sejam elas dois termos, ou uma categoria e um termo. Elas são diferenciadas das células com fundo branco e contorno preto por apresentarem maior liberdade de conteúdo.

- g) As células cujo conteúdo são reticências (“...”) indicam que aquela não é uma categoria descrita exhaustivamente na árvore de domínio, ou seja, que as relações mostradas entre determinado termo e seus hipônimos não se encerram com aquelas apresentadas.
- h) As linhas que ligam termos e suas categorias pragmáticas são contínuas.
- i) As linhas tracejadas mostram relações entre termos estabelecidas nas remissivas do campo “Ver também” das fichas terminológicas que fugiam às relações de hponímia, co-hponímia e hiperonímia já instituídas pela própria árvore de domínio (ver Seção 7.11).
- j) Os seres sobrenaturais estão dispostos, nas árvores em inglês, em ordem alfabética, de cima para baixo. De forma a manter a equivalência entre as árvores, os seres sobrenaturais, nas árvores em português, encontram-se dispostos na mesma ordem que naquelas em inglês.

Lembrando Barros (2004), a organização do sistema de conceitos é importante para diversas etapas da confecção de uma obra terminográfica: na escolha da nomenclatura, no tratamento dos dados, na organização do sistema de remissivas, no aprofundamento da pesquisa terminológica, etc. No que se refere a nosso trabalho, como veremos no Capítulo 7, as árvores de domínio desenhadas para cada seriado nos auxiliaram na decisão de quais termos receberiam fichas terminológicas, uma vez que procuramos obter uma amostra bem distribuída em nossas árvores. Assim, seria possível demonstrar como seriam as fichas terminológicas de termos em posições diversas na hierarquia estabelecida. Além disso, foi partindo da posição do termo na árvore de domínio que estabelecemos qual seria o gênero próximo nas definições dos termos (ver Seção 7.5), bem como quais termos seriam incluídos no campo “Ver também” como remissiva a hiperônimos, hipônimos e co-hipônimos (ver Seção 7.11).

É importante, mais uma vez, enfatizar que a árvore de domínio sempre reflete o ambiente da pesquisa para a qual está sendo produzida, sem pretensões de ser exaustiva ou exata. Ela contribui, conforme Krieger e Finatto (2004, p. 134), “para que se tenha uma ideia de ‘onde’ se situaria um trabalho específico de reconhecimento de termos para um glossário ou dicionário”.

7 A FICHA TERMINOLÓGICA

Neste capítulo, apresentaremos como foi confeccionada a ficha terminológica proposta para um glossário destinado a legendadores de seriados de tema sobrenatural e o que se espera encontrar em cada um de seus campos. O guia do usuário que comporia essa obra terminográfica, em sua versão final e disponibilizada ao público, seria uma adaptação e sumarização das informações disponibilizadas neste capítulo.

Cabe esclarecer que adotaremos aqui a denominação *termo* (e não também palavra-termo, unidade lexical especializada, unidade terminológica, etc.) para nos referirmos às unidades lexicais específicas do discurso etnoliterário presente em nosso *corpus* de pesquisa, apenas de forma a tornar a leitura do texto mais fluida.

Partimos do ponto de vista de que

A ficha terminológica é um elemento de grande importância na organização de repertórios de terminologias e um dos itens fundamentais para a geração de um dicionário. Pode ser definida como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 136)

Segundo Barros (2004, p. 211),

O modelo de ficha terminológica varia de acordo com a natureza do projeto. [...] A quantidade e a função deste [registro de um tipo específico de dado] varia de acordo com as necessidades de registro das informações, que, por sua vez, também variam segundo a natureza da unidade linguística estudada e as características particulares da pesquisa em questão.

Corroborando tal argumento, Krieger e Finatto (2004, p. 136) afirmam que “[...] não se pode imaginar que haja um modelo único de ficha que pudesse atender a todas as especificidades dos diferentes trabalhos”.

Assim, partindo da ficha terminológica desenvolvida por Guilherme Fromm (2007)¹⁷ e aplicada na construção do *Vocabulário Técnico Online*¹⁸, refletimos sobre o usuário-alvo do glossário desta pesquisa, sobre as características do texto com a qual ele estará em contato, bem como sobre quais informações lhe seriam úteis, e concebemos

¹⁷ Durante o desenvolvimento de sua tese, Fromm (2007) aplicou um questionário a tradutores em atividade, com o objetivo de conhecer o modo como o tradutor se relaciona com o dicionário em seu trabalho. As respostas dos questionários contribuíram para a construção da microestrutura do *Vocabulário Técnico Online*.

¹⁸ Para as áreas de computação e linguística, disponível em <<http://www.pos.voteconline.com.br/>>; para a área de terminologia e ficção, disponível em <<http://www.ic.voteconline.com.br/>>.

nosso próprio modelo de ficha terminológica. Nesse processo, mantivemos em mente que:

[...] vale sempre revisar os métodos em Terminologia e os métodos em Terminografia, revendo, especialmente, como se tem dado a inter-relação entre epistemologias e práticas, entre teorias, procedimentos e métodos. A Terminologia, vale frisar, não tem como único objetivo a prática da dicionarização, vai bem além disso. Os estudos de Terminologia envolvem uma descrição de língua em uso e os modos de funcionamento de termos e de outros elementos em meio aos discursos técnico-científicos. Nos trabalhos que se tem tratado sobre elementos gramaticais, lexicais, semânticos, cognitivos e pragmáticos, abarcando definições, fraseologias e tipologias textuais, além de termos, é que temos os melhores subsídios para a produção de glossários, dicionários e outros repertórios. (FINATTO, 2014b, p. 452; 2014a, p. 258)

Para os fins deste trabalho, a ficha terminológica foi elaborada em duas versões, em inglês e em português, considerando que o legendador dos seriados *corpus* deste trabalho lidará com o material originalmente em língua inglesa e o traduzirá para o português. Assim, pressupondo-se que a direção de leitura do usuário será do inglês para o português, as fichas para consulta foram distribuídas lado a lado (à esquerda, em inglês e, à direita, em português).

Além disso, as fichas em inglês e em português foram construídas para serem correspondentes, de forma que o usuário encontre as mesmas informações da versão em inglês na versão em português. Cabe esclarecer que os campos vazios ocasionalmente encontrados nas fichas terminológicas se devem pela falta de correspondência de uma característica do termo, seja sintática ou semântica, na língua inglesa e/ou na língua portuguesa.

Entretanto, há exceções para a correspondência entre as duas versões de ficha para um mesmo termo. Isso se dá no campo “Informações enciclopédicas” (ver Seção 7.7) e, por vezes, nos campos denominados “Notas” (exceto “Notas sobre definição”), “Variantes”, “Outras denominações” e “Colocações” (ver seções específicas). Também construímos as fichas terminológicas levando em consideração que, uma vez que não elaboraremos verbetes a partir das fichas, estas serão o material a que o tradutor terá acesso direto e que consultará em caso de necessidade. Essa forma de leiaute se torna possível por também tomarmos como pressuposto que o meio de divulgação do glossário seja virtual, meio em que é possível ao próprio usuário alterar o tamanho da fonte ou escolher se deseja visualizar apenas determinados campos.

No Quadro 24, a seguir, apresentamos nosso modelo de ficha terminológica.

Quadro 24 – Modelo de ficha terminológica.

| ENGLISH | |
|--|---------------------------|
| TERM: | |
| BASIC INFORMATION: | |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB () TVD () Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | |
| DEFINITION: | |
| DEFINITION NOTES: | |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | |
| VARIANTS: | |
| OTHER DENOMINATIONS: | |
| GRAMMATICAL NOTES: | |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | |
| Source 1: | |
| EXAMPLE 2: | |
| Source 2: | |
| EXAMPLE 3: | |
| Source 3: | |
| Collocations | |
| NOUN-NOUN COLLOCATIONS: | |
| EXAMPLE: | |
| Source: | |
| ADJECTIVE-NOUN COLLOCATIONS: | |
| EXAMPLE: | |
| Source: | |
| VERB-PREP-NOUN COLLOCATIONS: | |
| EXAMPLE: | |
| Source: | |
| COLLOCATION NOTES: | |
| | |
| TRANSLATOR'S NOTES: | |
| | |
| SEE ALSO: | |

| PORTUGUÊS | |
|--|---------------------------|
| TERMO: | |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | |
| SERIADOS EM QUE OCORRE: | TB () TVD () Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | |
| DEFINIÇÃO: | |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | |
| VARIANTES: | |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | |
| NOTAS GRAMATICAIAS: | |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | |
| Fonte 1: | |
| EXEMPLO 2: | |
| Fonte 2: | |
| EXEMPLO 3: | |
| Fonte 3: | |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES NOMINAIS: | |
| EXEMPLO: | |
| Fonte: | |
| COLOCAÇÕES ADJETIVAS: | |
| EXEMPLO: | |
| Fonte: | |
| COLOCAÇÕES VERBAIS: | |
| EXEMPLO: | |
| Fonte: | |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | |
| | |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | |
| | |
| VER TAMBÉM: | |
| | |
| REVISÃO DA FICHA | |
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: | |

Fonte: Autoria própria.

Como se pode ver no quadro, os campos que compõem a ficha são:

- **Term = Termo**
- **Basic information = Informações básicas**
- **Series in which it occurs = Séries em que ocorre**
- **Position in the domain tree = Posição na árvore de domínio**
- **Definition = Definição**
- *Definition notes = Notas sobre definição*
- *Encyclopedic information = Informações enciclopédicas*
- Grammatical information and frequency = Informações gramaticais e frequência
 - **Frequency order position/Total = Posição na ordem de frequência/Total**
 - **Frequency per episode distribution (F/D) = Frequência por distribuição em episódios (F/D)**
 - **Grammatical information = Informação gramatical**
 - Variants = Variantes
 - Other denominations = Outras denominações
 - *Grammatical notes = Notas gramaticais*
- Usage = Usos
 - **Examples = Exemplos**
 - Collocations = Colocações
 - Noun-noun collocations = Colocações nominais
 - Adjective-noun collocations = Colocações adjetivas
 - Verb-preposition-noun collocations = Colocações verbais
 - *Collocation note = Nota sobre colocações*
- *Translator's notes = Notas de tradução*
- *See also = Ver também*
- **Revisão da ficha**
 - **Data da última revisão**

Os campos destacados em negrito são de preenchimento obrigatório, com informações retiradas do *corpus* e das árvores de domínio. Os campos que estão sublinhados também são de preenchimento obrigatório, mas, caso as informações não sejam encontradas no *corpus* (por não haver variantes, por exemplo), podem ficar

vazios (∅). Já os campos em itálico são para preenchimento do terminólogo, conforme seu julgamento e familiaridade com o *corpus* no que se refere à necessidade de incluir informações a mais (ou a menos, como no caso do campo “Ver também”), não deixando de levar em consideração o usuário do glossário, o tradutor.

7.1 Term = Termo

Este campo apresenta o termo em sua forma mais frequente encontrada no *corpus* (no singular ou plural, no masculino ou feminino, em sua forma abreviada ou não), seja ele um termo simples ou complexo¹⁹. Percebe-se que este campo é destacado dos demais pelo uso do fundo cinza, com fonte em negrito, de forma a realçá-lo para sua localização rápida pelo consulente. Todos os termos se encontram posicionados na árvore de domínio previamente elaborada.

7.2 Basic Information = Informações básicas

Este campo foi criado com o objetivo de apresentar ao consulente, rápida e sucintamente, informações básicas sobre o termo, de forma que ele não tenha que recorrer às subseções da ficha localizadas mais abaixo para obter informações mínimas para a compreensão do termo. Neste campo, são apresentados a classe gramatical, o gênero, o número e uma descrição sucinta da posição do termo na árvore de domínio.

7.3 Series in which it occurs = Séries em que ocorre

Neste campo, aponta-se em qual série o termo ocorre, seja apenas em *True Blood* (TB), apenas em *The Vampire Diaries* (TVD), em ambos ou, ainda, em outras séries de tema sobrenatural. As abreviações TB e TVD foram utilizadas em diversos campos das fichas.

¹⁹ Barros (2004, p. 100) explica que, conforme a ISO 1087, um termo simples é composto por um só radical, com ou sem afixos, enquanto um termo complexo é composto por dois ou mais radicais, aos quais se podem acrescentar outros elementos.

7.4 Position in the domain tree = Posição na árvore de domínio

Aqui, indica-se a posição hierárquica do termo na árvore de domínio, ocorra ele apenas em *True Blood*, apenas em *The Vampire Diaries* ou em ambos. A posição foi antecedida pela sigla TB, quando referente à árvore de domínio de *True Blood*, ou por TVD, quando referente à de *The Vampire Diaries*.

7.5 Definition = Definição

Este campo é preenchido por uma definição para o termo da ficha, utilizando uma única sentença com a estrutura de *gênero próximo + diferença específica*. Os princípios a serem observados na elaboração de uma definição terminológica, como apresentados em Barros (2004) (ver Seção 2.4.1.2), foram seguidos.

Tais definições foram elaboradas em duas partes. Para a determinação de qual seria o *gênero próximo* de cada um dos termos, foi observada a posição do termo na árvore de domínio e as relações pragmáticas que estabelecia com os outros termos. Já a determinação da *diferença específica* foi feita com base na análise dos contextos definitórios encontrados na investigação do termo no *corpus*, através da ferramenta Concordance do programa de análise lexical AntConc (ANTHONY, 2011) (conforme Seção 6.1.3).

O objetivo deste campo era apresentar ao consulente uma definição simplificada do termo, que proporcionasse a ele uma leitura rápida e fácil. Para uma visualização mais ágil, este campo também foi destacado com fundo cinza. Pressupondo que talvez a informação encontrada na definição não fosse suficiente ao consulente, criamos o campo “Definition notes/Notas sobre definição”, a seguir.

7.6 Definition notes = Notas sobre definição

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 98), “[...] considerar apenas aquilo que pareça ser estritamente definitório pode significar um corte severo, pouco afinado com uma percepção mais ampla da linguagem”. Além disso, as autoras apontam que:

[...] é coerente ultrapassar, tanto na situação dicionarística quanto em outras, a apreciação da DT [definição terminológica] apenas em função dos limites e medidas fixos da indicação de um gênero próximo e diferença específica.

Isso porque, em primeiro lugar, nem sempre fica muito claro onde começaria uma categoria e terminaria a outra num enunciado, de modo que não há margens seguras para uma descrição da definição apenas por tais parâmetros. Em segundo lugar, fica nebulosa a distinção entre o que seria essencial e, portanto, estritamente “definicional” frente ao que se poderia considerar acessório ou acidental quando a tarefa é definir. A esse respeito, vale dizer que há toda uma gama de informações ditas “enciclopédicas”, usualmente consideradas colaterais, mas que podem se tornar fundamentais tanto para a formulação quanto para a compreensão da DT. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 96)

Levando tais argumentos em consideração, o campo “Definition notes/Notas sobre definição” foi criado. Nele, foram fornecidas informações encontradas em contextos definitórios que extrapolam os limites do formato de definição na estrutura *gênero próximo + diferença específica*. O objetivo deste campo era ofertar ao consulente dados sobre o termo que lhe pudessem ser úteis e que lhe proporcionassem um conhecimento mais aprofundado do termo e de seu uso nos seriados, aos quais ele pudesse recorrer caso a definição não lhe fosse suficiente.

Por exemplo, o termo *prata* ocorre nos dois seriados, *True Blood* (TB) e *The Vampire Diaries* (TVD). A definição elaborada para prata foi “Agente de malefício sofrido por vampiros ou lobisomens usado na fabricação de correntes e projéteis para queimá-los”. O campo “Notas sobre definição” esclarece que: “Em TB, a prata é nociva apenas para vampiros, mas não para lobisomens. Em TVD, é nociva apenas para lobisomens, mas não para vampiros”. Percebe-se então que, por ser um termo que ocorre nos dois seriados, com conceitos diferentes, não é possível que a definição *stricto sensu* preencha a necessidade de o usuário saber se a prata, em determinado seriado, queima vampiros ou lobisomens. Neste caso, as informações fornecidas no campo “Notas sobre definição” são essenciais para o consulente, pois trazem o conhecimento de qual é a diferença do uso da prata no seriado *True Blood* e no seriado *The Vampire Diaries*. Vê-se, portanto, que as “Notas sobre definição” podem, por vezes, ser mais importantes ao consulente que as definições *stricto sensu* e, em sua maioria, mais longas.

7.7 Encyclopedic information = Informações enciclopédicas

Aqui, foram inseridas informações encontradas em outras fontes, tanto impressas quanto *on-line*. A origem das informações também é apontada. Entendemos, conforme Teles e Barros (2010), que a apresentação de informações enciclopédicas venha a

complementar a definição do termo, bem como ampliar o conhecimento do tradutor quanto à realidade extralinguística em que o termo se insere. Isso porque

O dicionário não deve apenas oferecer aquela informação que se considera necessária e suficiente sobre os conceitos, mas também deverá incluir informação denominada “enciclopédica”, relativa ao conhecimento extralinguístico. Nesse sentido, o dicionário especializado bilíngue destinado ao tradutor deve conter informações que podem superar os limites do estritamente necessário e suficiente [...]. (GÓMEZ GONZÁLEZ-JOVER; VARGAS SIERRA, 2004, p. 372)

Cabe esclarecer que, neste campo, as informações enciclopédicas fornecidas em inglês e em português não são correspondentes, nem equivalentes, uma vez que foram extraídas de fontes originalmente escritas em cada uma das línguas.

7.8 Grammatical information and frequency = Informações gramaticais e frequência

Esta seção da ficha terminológica inclui campos que apresentarão dados encontrados no *corpus* de estudo, como frequência do termo, distribuição em episódios, informações gramaticais, variantes e outras denominações.

7.8.1 Frequency order position/Total = Posição na ordem de frequência/Total

Este campo apresenta a posição do termo na lista de palavras organizada por frequência através da ferramenta Word List do AntConc (ANTHONY, 2011) (com a caixa de “Treat all data as lowercase” selecionada), bem como o total de formas diferentes (*types*) encontradas no *corpus*.

No caso, por exemplo, de *pack*, em que tal palavra funciona tanto como substantivo quanto como verbo no inglês, não foi possível fazer essa diferenciação, uma vez que o *corpus* não foi anotado sintaticamente (ou seja, não teve suas palavras classificadas por categoria gramatical). Assim, a posição de *pack* na lista de palavras de *True Blood* é 377º, dentre 11.505, considerando-se todas as ocorrências dessa palavra, seja como substantivo, seja como verbo.

Já no caso de, por exemplo, *sheriff*, em *True Blood*, em que há a variação ortográfica *Sheriff*, a caixa de “Treat all data as lowercase” não foi selecionada, para que pudessemos diferenciar a posição da forma *sheriff* da de *Sheriff* na lista de palavras por

frequência. Assim, como o número total de *types* identificados pela ferramenta aumentou pela não seleção de “Treat all data as lowercase”, isso se refletiu no número total de formas apresentado nesse campo.

Quando se tratava de um termo complexo, foi registrada a posição, na lista de palavras, de cada uma das unidades lexicais que compõem tal termo. Por exemplo, na ficha de *hunter’s curse*, foi registrada a posição tanto de *hunter* quanto de *curse*.

7.8.2 Frequency per episode distribution (F/D) = Frequência por distribuição em episódios (F/D)

Este campo mostra ao consultante o número de ocorrências – frequência – do termo no *corpus* e em quantos episódios diferentes – distribuição – ele é utilizado. Para isso, fez-se uso das ferramentas Word List (com a opção “Treat all data as lowercase” selecionada) e Concordance Plot do AntConc (ANTHONY, 2011).

Diferentemente da limitação do campo “Posição na ordem de frequência/Total”, no caso de palavras, como *pack*, que podem ocorrer em classes gramaticais distintas (como substantivo e como verbo) ou significados diferentes (como *pack of wolves* e *pack of cigarettes*), foi realizada a seleção manual das ocorrências. Não foram consideradas, então, as ocorrências do termo em classe gramatical diversa daquela abrangida na ficha terminológica (como ocorrências de *pack* como verbo, e não como substantivo) ou com significado diverso daquele que apresenta quando inserido na árvore de domínio (como ocorrências de *pack* como em *pack of cigarettes*, e não *pack of wolves*).

7.8.3 Grammatical information = Informação gramatical

Neste campo, registraram-se informações gramaticais do termo (como classe gramatical, gênero e número) em sua forma mais recorrente no *corpus*. No caso de termos complexos, como *locator spell*, há a indicação de “*noun phrase*” na ficha em inglês e de “sintagma nominal” na ficha em português.

7.8.4 Variants = Variantes

Caso houvesse variantes do termo, fossem elas ortográficas, morfológicas ou sintáticas, foram registradas aqui. Por exemplo, no campo “Variantes” da ficha do termo *shifter*, encontrado em *True Blood*, constam as variantes *shape-shifter* e *shapeshifter*, que ocorrem com menor frequência que *shifter* no *corpus*. Ambas as formas estão registradas, uma vez que, como os textos das legendas em inglês advêm da transcrição das falas dos personagens do seriado por uma pessoa ou um *software* de *Closed Caption*, as duas formas coocorrem no *corpus*. Quando não identificadas quaisquer variantes, o campo foi preenchido com o símbolo de vazio (\emptyset).

7.8.5 Other denominations = Outras denominações

Aqui, foram registradas quaisquer outras denominações encontradas no *corpus* para se referir ao mesmo conceito. No entanto, não consideramos que fosse de importância para o usuário do glossário denominá-las sinônimos ou variantes terminológicas e, por isso, adotamos o rótulo mais geral de “outras denominações”.

Como exemplo, podemos citar o caso de *glamouring*, termo que ocorre no *corpus* de *True Blood*. Tal termo foi traduzido com maior frequência por *hipnose* em português. No entanto, a unidade lexical *encantamento* também ocorre como tradução de *glamouring*, o que foi registrado no campo “Outras denominações”. Para esclarecer o uso de *encantamento* para o consultante tradutor, foi incluída uma nota explicativa no campo “Notas gramaticais”, informando que essa outra denominação era provavelmente fruto da tradução. Na análise do *corpus* como um todo, percebeu-se que a ocorrência de outras denominações para determinado termo é resultado, em grande parte, da tradução. Daí a importância deste campo, bem como do campo “Notas gramaticais”, como veremos no Capítulo 8.

Cabe acrescentar que, quando não identificadas quaisquer outras denominações, o campo foi preenchido com o símbolo de vazio (\emptyset).

7.8.6 Grammatical notes = Notas gramaticais

Este campo foi utilizado para apresentar ao usuário quaisquer informações extras consideradas úteis e esclarecedoras quanto a informações gramaticais, frequência, variantes e outras denominações.

7.9 Usage = Usos

Para Tagnin (2012, p. 170, tradução nossa),

Os tradutores são produtores de textos, então precisam saber como usar certo termo ou fraseologia. Por isso, não apenas os exemplos são uma obrigação, mas padrões linguísticos e textuais também são informações essenciais. Isso permite que tanto o tradutor novato quanto o profissional tomem decisões mais bem informadas sobre os termos a serem usados (Sierra 2007) e que “estejam menos ligados ao material-fonte e se sintam muito mais confiantes ao se desviarem da maneira como as coisas são expressas no material-fonte” (Varantola 2003).

Tomando os argumentos de Tagnin (2012) como preceito, acrescentamos a seção “Usos” em nossa ficha, na qual estão incluídos exemplos, colocações e notas.

7.9.1 Examples = Exemplos

Os exemplos foram apresentados na ordem em que ocorrem no *corpus*, em número de três por seriado. Para a seleção dos exemplos a serem incluídos nas fichas, foram analisadas todas as ocorrências da unidade lexical no *corpus*, bem como suas traduções, por meio das ferramentas Concordance e File View do AntConc (ANTHONY, 2011).

O que se levou em consideração ao realizar a seleção dos exemplos foi o objetivo de apresentar ao consulente o uso real e em contexto da unidade lexical em foco. Os exemplos selecionados são uma mistura de contextos definitórios, que “apresentam características essenciais do conceito em estudo”, e contextos explicativos, que “fornecem informação sobre algumas das características” (PAVEL; NOLET, 2002, p. 48). Essa diferenciação não foi marcada na ficha, pois não a consideramos de relevância para o tradutor.

Foi feito o uso de aspas quando, em um mesmo exemplo, havia um diálogo entre dois personagens, de forma a demarcar o fim da fala de cada um deles (p. ex., “O que ela está fazendo?” “Examinando a energia. O feitiço certo emite calor.”). Em cada exemplo, em inglês e em português, o termo foi salientado em negrito.

Para a apresentação da fonte do exemplo, optamos por indicar primeiramente o seriado (TB para *True Blood* e TVD para *The Vampire Diaries*), a temporada (S – de *season*) e então o episódio (E) de onde o exemplo foi retirado. Digamos que o exemplo citado é do quinto episódio da terceira temporada de *The Vampire Diaries*; assim, sua fonte estará indicada “TVD S03E05” (ou seja, episódio 5 da 3ª temporada de *The Vampire Diaries*).

Além disso, acrescentamos cores de fundo aos exemplos e suas fontes para diferenciar o seriado de onde foram retirados, também com o intuito de facilitar a identificação do seriado fonte do exemplo por parte do usuário do glossário. Desse modo, os campos dos exemplos e de suas fontes, quando advindas do seriado *True Blood*, têm fundo de cor verde e, quando advindas de *The Vampire Diaries*, de cor amarela.

7.9.2 Collocations = Colocações

Este campo da ficha terminológica registrou as colocações encontradas nos *subcorpora* em estudo. Segundo Tagnin (2013, p. 63), “O termo *collocation* foi introduzido pelo linguista britânico J. R. Firth para designar casos de co-ocorrência léxico-sintática, ou seja, palavras que usualmente ‘andam juntas’”.

Durante o processo de seleção e identificação das colocações e a consequente definição de quais seriam inseridas nas fichas nesta seção, inicialmente optamos por adotar os critérios de Stubbs (1995) também indicados por Berber Sardinha (2004) como uma possibilidade de metodologia a ser seguida:

- 1) Desconsiderar os pares que tenham frequência 1 (isto é, quando $f(n,c) = 1$), já que, mesmo assim, eles podem atingir níveis satisfatórios de I e T.
 - 2) Dentre os que sobram do passo 1, desconsiderar os que tenham $I < 3$.
 - 3) Dentre os que sobram do passo 2, desconsiderar os que tenham $T < 2$.
- Os pares que restarem seriam, então, considerados colocações legítimas ou associações não-aleatórias. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 205-206)

Cabe esclarecer que, para Stubbs (1995), f(n,c) significa frequência conjunta de nóculo e colocado; I, Informação Mútua; e T, Escore T.

Devido às peculiaridades de nosso *corpus*, entretanto, a aplicação desses critérios não apontou muitas colocações. Dessa forma, para a identificação de colocações, optamos pela adoção do critério de, no mínimo, duas ocorrências distribuídas em, pelo menos, dois textos/episódios distintos (ZILIO, 2009).

As colocações encontradas foram identificadas e classificadas conforme Tagnin (2013). Escolhemos trabalhar com colocações nominais, adjetivas e verbais, por acreditarmos que seriam as de maior frequência no *corpus* e de maior relevância para o consulente. Nas subseções a seguir, apresentaremos brevemente cada um dos tipos de colocação encontrados em nosso *corpus*, como classificadas por Tagnin (2013).

Antes de seguirmos, é importante esclarecer alguns pontos:

- a) Uma colocação em inglês não corresponde necessariamente a uma colocação em português e vice-versa.
- b) Uma colocação nominal no português pode advir de uma colocação adjetiva no inglês, na qual o termo (na ficha caracterizado como substantivo) atuava como o adjetivo. Nesse caso, por as fichas terminológicas descreverem os termos exercendo apenas a função de substantivo, a colocação adjetiva em inglês (na qual o termo atuava como adjetivo) foi incluída no campo “Colocação nominal” apenas porque sua tradução para o português era uma colocação nominal. (Ver colocação *silver bullet/bala de prata* na ficha de *silver*.)
- c) Uma colocação verbal no português pode advir da tradução de um verbo no inglês. Nesse caso, o verbo no inglês foi inserido no campo de colocação verbal, uma vez que o preenchimento do campo com \emptyset não corresponderia à realidade encontrada no *corpus*, uma vez que há um correspondente no inglês para aquela colocação verbal no português, mesmo que não seja também uma colocação verbal. (Ver, na seção de colocações da ficha de *silver*, *silver (v.)/amarrar(-se) com prata*.)
- d) Quando não havia um correspondente padrão em português para uma colocação em inglês, sugeriu-se uma tradução.

Em todos esses casos de particularidades, foi incluída uma explicação em “Notas sobre colocações”.

Quando não identificadas quaisquer colocações nos *subcorpora* tanto em inglês quanto em português, o campo “Colocações” foi preenchido com o símbolo de vazio (∅). As subdivisões do campo “Colocações” só foram incluídas na ficha terminológica conforme as colocações identificadas. Por exemplo, na ficha de *compulsion* há apenas o subcampo “Colocações verbais”, uma vez que este foi o único tipo de colocação identificado para o termo no *corpus*.

Cabe ainda mencionar que foi indicada a frequência por distribuição em episódios (F/D) ao lado de cada colocação, tanto em inglês quanto em português, bem como foram oferecidos exemplos, com sua respectiva fonte, para cada uma das colocações identificadas. As bordas das células das colocações foram destacadas em vermelho, de forma a facilitar a visualização do consulente, principalmente quando, de uma lado da ficha, havia apenas uma colocação e, do outro, duas colocações equivalentes. A formatação dos exemplos e suas fontes foi a mesma dada aos campos de exemplos de uso dos termos. Ainda, em cada exemplo, em inglês e em português, a colocação foi salientada em negrito.

7.9.2.1 *Noun-noun collocations = Colocações nominais*

Neste campo, foram incluídas as colocações nominais identificadas nos *corpora* que atendiam aos requisitos de, no mínimo, duas ocorrências distribuídas em, pelo menos, dois textos/episódios distintos.

Segundo Tagnin (2013, p. 65), as colocações nominais são aquelas “formadas por dois substantivos, dos quais pelo menos um, o colocado, é convencionado”. Dessa forma, incluímos neste campo as colocações nominais encontradas no *corpus* nas quais o termo em análise estava inserido (p. ex., na ficha de *hybrid*, é apresentada a colocação nominal *hybrid bite*, cujo correspondente é *mordida de híbrido*).

7.9.2.2 *Adjective-noun collocations = Colocações adjetivas*

Neste campo, foram incluídas as colocações adjetivas identificadas que atendiam aos critérios mínimos para registro. De acordo com Tagnin (2013, p. 64), as colocações adjetivas têm estruturas do tipo Adjetivo + Substantivo, podendo qualquer um dos dois ser convencionado. Neste campo, foram incluídas, então, as colocações adjetivas encontradas no *corpus*, que incluíam o termo em análise. Na ficha de *silver*, por

exemplo, é apresentada a colocação adjetiva *colloidal silver* e sua correspondente *prata coloidal*.

7.9.2.3 *Verb-preposition-noun collocations* = *Colocações verbais*

Para este campo, foram identificadas colocações verbais, conforme os critérios de seleção mínimos estabelecidos. Para Tagnin (2013), as colocações verbais podem ser compostas por Verbo + (Preposição +) Substantivo, ou Verbo + Adjetivo. Uma vez que não foram identificadas colocações frasais com a estrutura Verbo + Adjetivo, foram apresentadas apenas as colocações com estrutura Verbo + (Preposição +) Substantivo.

Na ficha em inglês, também foram incluídos neste campo verbos cuja tradução para o português se dá na forma de uma colocação verbal (p. ex., o verbo *silver*, no *corpus*, é traduzido por *amarrar-se com prata*). Nesses casos, foi incluída uma nota explicativa em “Notas sobre colocações”.

7.9.2.4 *Collocation notes* = *Notas sobre colocações*

Caso houvesse necessidade, foram incluídas neste campo notas sobre as ocorrências de colocações no *corpus* ou sua tradução. Este campo de notas também é relevante ao tradutor, uma vez que nele encontrará aspectos singulares de determinada colocação ou de sua tradução, facilitando e diminuindo esforços no processo tradutório. Foram apontados neste campo especialmente os casos em que não havia paralelismo de estrutura na tradução das colocações (por exemplo, casos em que uma colocação no português não advinha de uma colocação no inglês, ou que uma colocação adjetiva no inglês se transformava em uma colocação nominal na tradução para o português).

7.10 **Translator’s notes** = **Notas de tradução**

Este campo foi pensado e inserido na ficha terminológica com o intento de apresentar ao consulente tradutor/aprendiz informações que o auxiliem com relação à produção textual em português ou mesmo com a compreensão do termo ou de colocações. Acreditamos que este campo é de grande importância, uma vez que, mesmo compreendendo o conceito do termo e seu uso, o tradutor consulente pode ainda encontrar dificuldade na produção do texto traduzido.

7.11 See also = Ver também

De acordo com Barros (2004, p. 174), “O sistema de remissivas [...] procura resgatar as relações semântico-conceituais existentes entre as unidades lexicais ou terminológicas que compõem a nomenclatura de uma obra lexicográfica ou terminográfica”, bem como “orienta o leitor sobre o percurso a seguir para obter as informações procuradas e permite uma ampliação do conhecimento, dos pontos de vista do conteúdo e das funções do termo consultado”.

Com esse objetivo em mente, no campo “See also/Ver também”, foram introduzidos alguns hipônimos, co-hipônimos e hiperônimos do termo (nesta ordem de apresentação), de acordo com sua posição e relações na árvore de domínio (ver Seção 6.2.2, Figuras 14-17). Foram selecionados e indicados apenas hipônimos, co-hipônimos e hiperônimos que proporcionassem ao consulente, por meio da consulta de suas entradas, informações complementares que ampliassem o conhecimento obtido em sua busca. Por essas razões, algumas fichas apresentam apenas hipônimos, apenas co-hipônimos ou apenas hiperônimos, enquanto outras não apresentam qualquer remissiva.

Em fichas terminológicas cujo termo ocorre em ambos os seriados, caso alguma das remissivas se aplique a apenas um deles, foi feita a indicação entre parênteses. Por exemplo, no caso das remissivas da ficha do termo *pack/bando*, *packmaster/líder* se refere apenas aos *subcorpora* de *True Blood*. Assim, incluiu-se “(TB)” após tal remissiva. Na mesma ficha, a remissiva *Alpha/alfa* se refere apenas aos *subcorpora* de *The Vampire Diaries*. Da mesma forma, incluiu-se “(TVD)” após tal remissiva.

Além disso, quando o contexto semântico do seriado vinculava determinado termo a outro fora das relações de hiponímia, co-hiponímia e hiperonímia estabelecidas na árvore de domínio, este também foi indicado, diferenciando-o dos demais pelo uso do itálico. Essa relação pode ser visualizada nas árvores de domínio através das linhas tracejadas. Por exemplo, no caso do termo *Tru Blood*, cuja definição no glossário-protótipo é “Tipo de alimentação artificial correspondente a uma marca comercial de sangue sintético vendido em garrafas para vampiros que não desejam se alimentar de sangue humano”, foram indicados no campo “See also/Ver também” os termos *Movimento de Integração* e *populista*, os quais não apresentam relação de hiponímia, co-hiponímia e hiperonímia direta com *Tru Blood* na árvore de domínio. Essas indicações foram consideradas relevantes porque, no contexto do seriado *True Blood*,

foi a invenção de tal bebida que possibilitou o início do Movimento de Integração e, portanto, a inserção dos vampiros (populistas) na sociedade e convivência humanas.

Por fim, cabe apontar que as remissivas encontradas nas fichas terminológicas formam uma rede. Isso significa que, por exemplo, como a ficha de *compulsion* indicou a de *vervain* no campo “Ver também”, a ficha de *vervain* também indicará a ficha de *compulsion* naquele campo.

7.12 Revisão da ficha

Neste campo, registramos a data da última revisão da ficha terminológica.

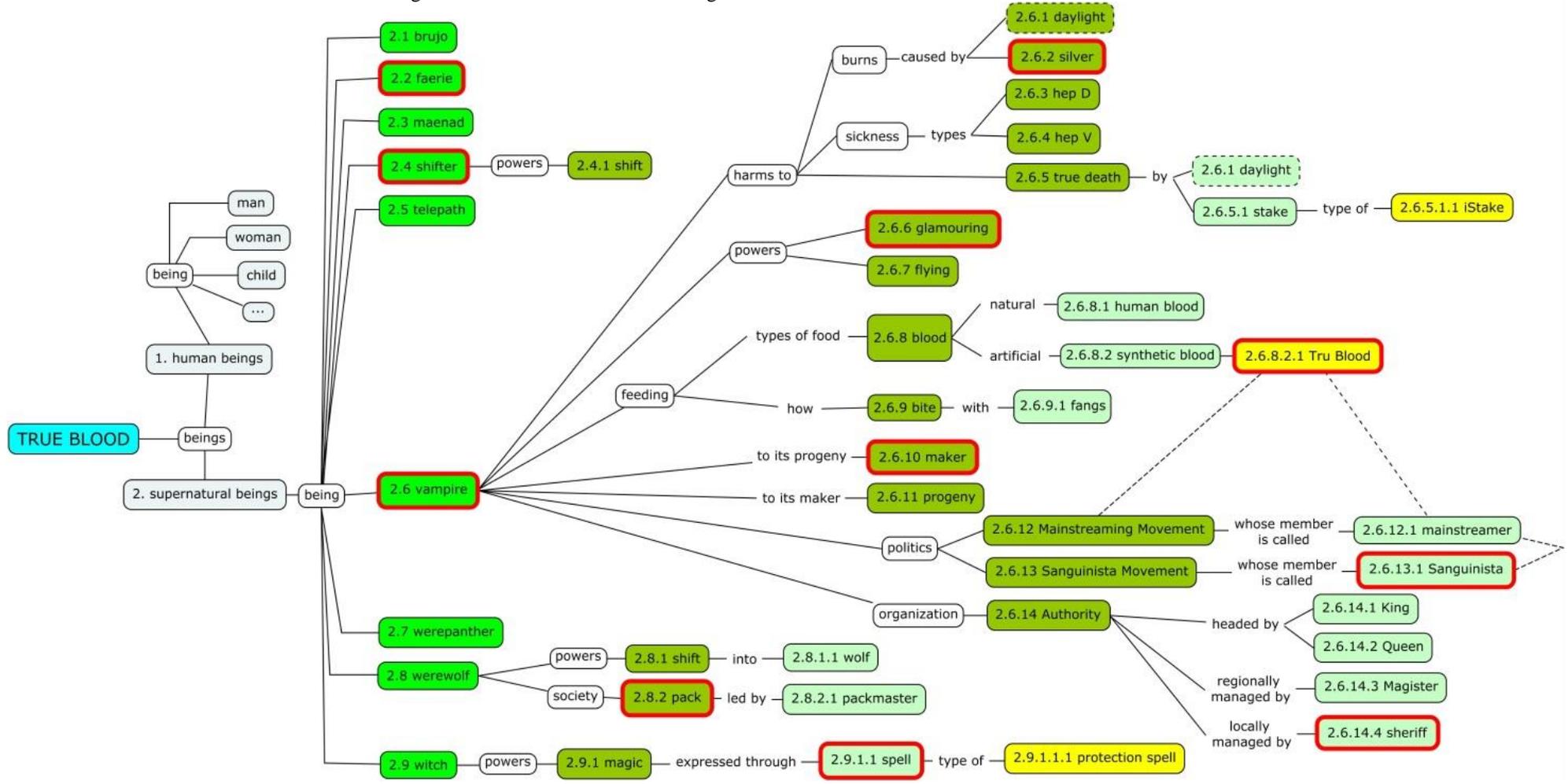
7.13 Fichas terminológicas confeccionadas

Um de nossos objetivos de pesquisa é a elaboração de 18 fichas terminológicas para demonstração da aplicação do desenho terminográfico proposto. Assim, selecionamos 18 termos daqueles que compunham as árvores de domínio dos seriados para que fossem descritos em fichas. A seleção foi feita de forma que obtivéssemos uma amostra bem distribuída nas árvores e, assim, pudéssemos demonstrar como seriam as fichas terminológicas de termos em posições diversas na hierarquia estabelecida. A distribuição foi a seguinte:

- a) 7 termos de *True Blood*: *faerie, glamouring, maker, Sanguinista, sheriff, shifter, Tru Blood*;
- b) 7 termos de *The Vampire Diaries*: *compulsion, dagger, hunter's curse, hybrid, locator spell, map, vervain*;
- c) 4 termos comuns a *True Blood* e *The Vampire Diaries*: *pack, silver, spell, vampire*.

As Figuras 18 a 21 ilustram visualmente essa distribuição. Todas essas fichas terminológicas elaboradas encontram-se disponíveis no Anexo II desta dissertação.

Figura 18 – Árvore de domínio em inglês de *True Blood* com termos selecionados.



Fonte: Autoria própria.

Figura 20 – Árvore de domínio em inglês de *The Vampire Diaries* com termos selecionados.

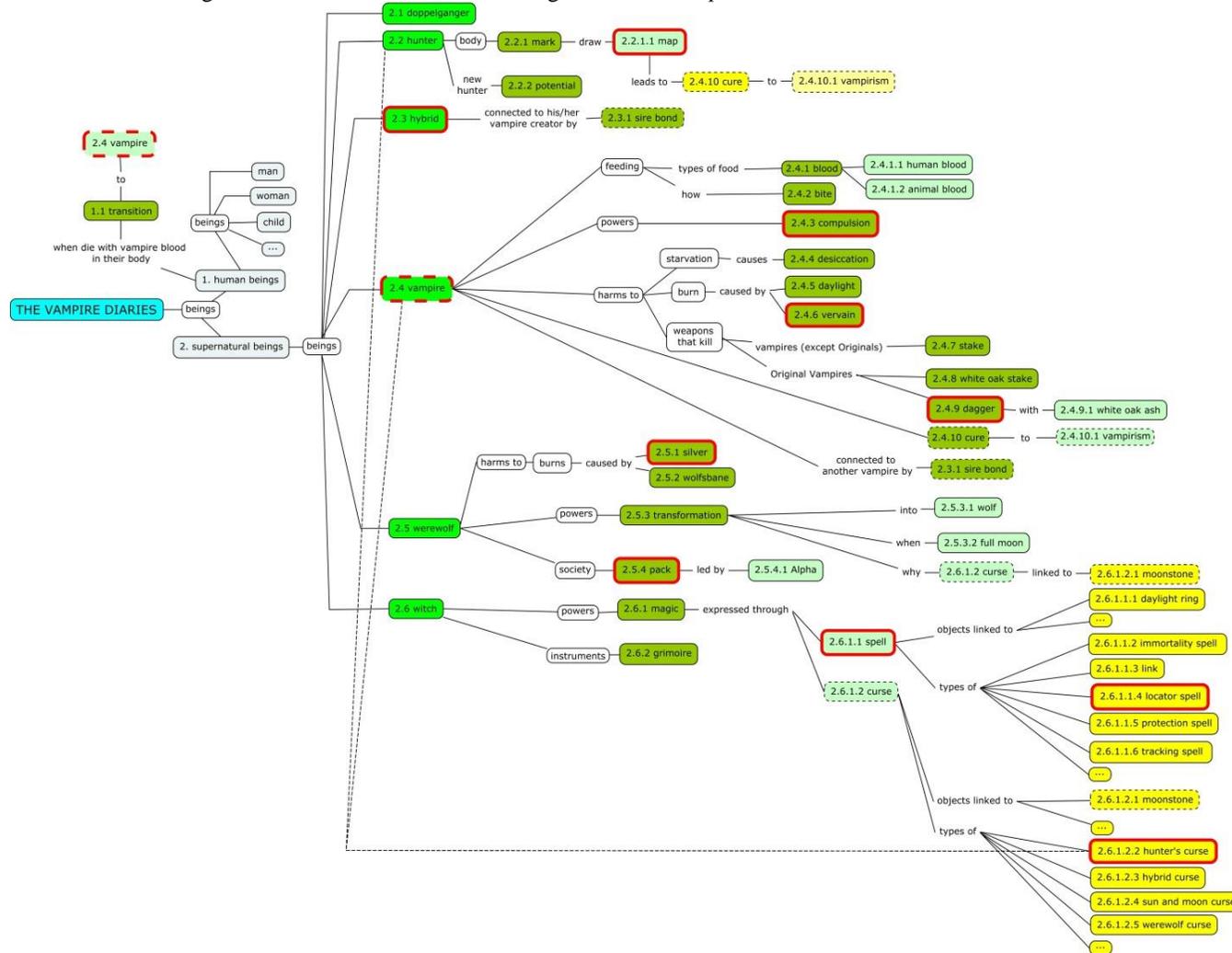
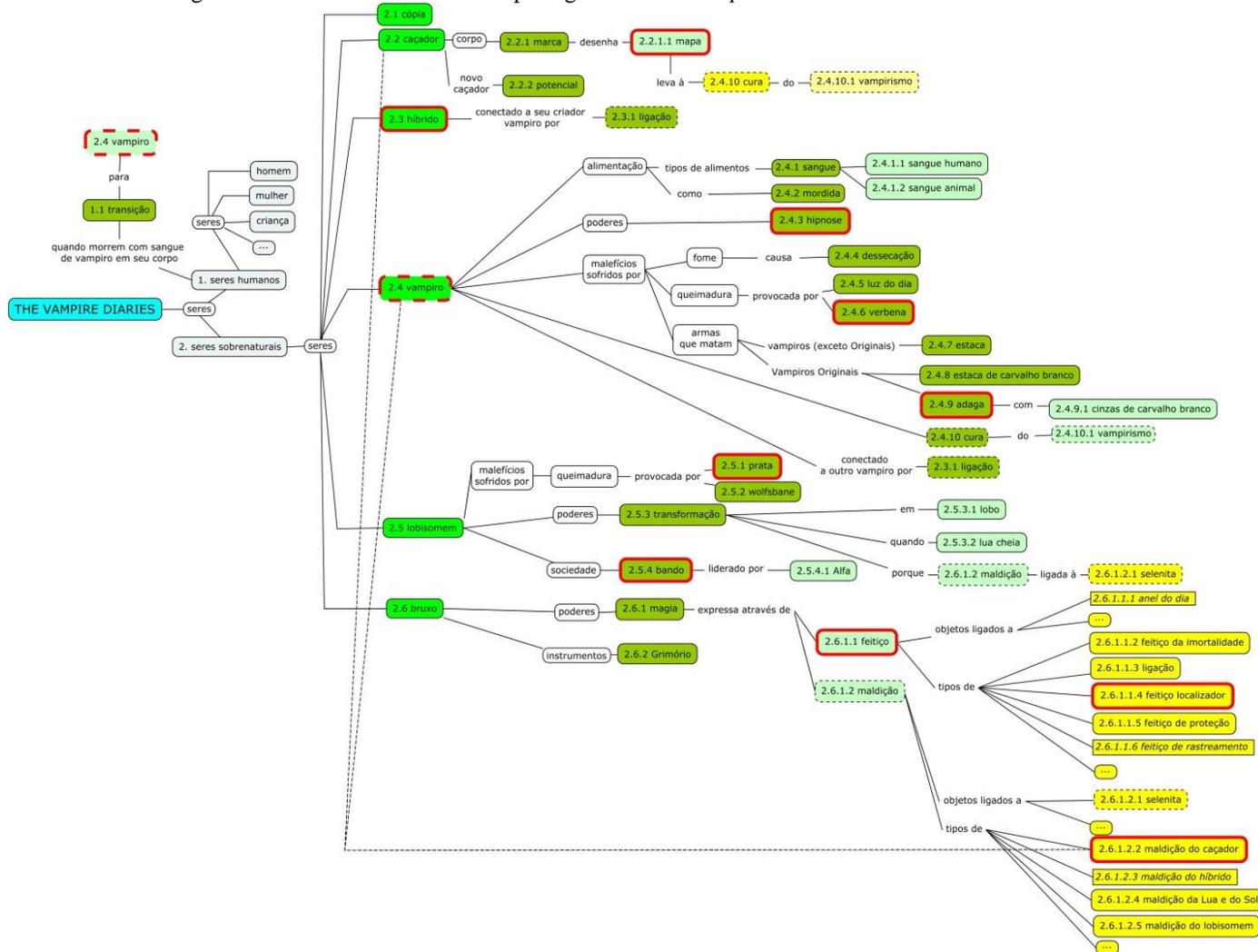


Figura 21 – Árvore de domínio em português de *The Vampire Diaries* com termos seleccionados.



Fonte: Autoria própria.

8 SÍNTESE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

Neste capítulo, trazemos uma síntese dos resultados obtidos considerando um quadro geral do protótipo de glossário produzido e aqui amostrado. A ideia é legitimar um modo de fazer terminológico e terminográfico para o reconhecimento das unidades lexicais inseridas no domínio dos seriados de tema sobrenatural. Assim, a discussão de cada um dos elementos, incluindo-se campos das fichas terminológicas e também o desenho da árvore de domínio, deve permitir uma visão do todo em questão.

Apresentamos, por campo da ficha terminológica, uma síntese e descrição dos dados encontrados em nosso *corpus* de estudo, além daquelas informações já oferecidas explicitamente em cada uma das fichas (ver Anexo II). Os Quadros 25 e 26 apresentam um resumo do número de campos preenchidos das 18 fichas elaboradas, em inglês e em português, respectivamente, considerando-se aqueles campos que eram opcionais ou que apresentavam a possibilidade de ficarem vazios (∅). Os números inseridos em cada uma das colunas indicam quantas informações foram inseridas naquele campo, como quantas notas sobre definição ou quantas variantes. A última linha do quadro mostra o número total e a porcentagem de fichas que tiveram o campo referido naquela coluna preenchido.

Quadro 25 – Resumo do preenchimento de campos nas fichas terminológicas em inglês.

| Terms | Definition notes | Encyclopedic information | Variants | Other denominations | Grammatical notes | Collocations | Collocation notes | Translator's notes | See also |
|------------------------|------------------|--------------------------|------------|---------------------|-------------------|--|-------------------|--------------------|-------------|
| compulsion | 3 | 2 | ∅ | ∅ | 0 | 1 verb-noun | 0 | 2 | 1 |
| dagger | 3 | 2 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 2 | 2 |
| faerie | 3 | 1 | 2 | 3 | 1 | 2 noun-noun | 1 | 0 | 1 |
| glamouring | 0 | 1 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 2 | 0 |
| hunter's curse | 2 | 1 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 2 |
| hybrid | 2 | 0 | ∅ | ∅ | 0 | 2 noun-noun 1 verb-noun | 1 | 0 | 3 |
| locator spell | 1 | 1 | 1 | ∅ | 1 | ∅ | 0 | 0 | 2 |
| maker | 2 | 1 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 1 |
| map | 4 | 1 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 2 |
| pack | 1 | 2 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 3 |
| Sanguinista | 1 | 1 | 1 | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 2 |
| sheriff | 0 | 1 | 1 | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 1 | 1 |
| shifter | 1 | 2 | 2 | ∅ | 1 | ∅ | 0 | 1 | 3 |
| silver | 1 | 1 | ∅ | ∅ | 0 | 3 adj-noun 3 verb-prep-noun | 2 | 3 | 2 |
| spell | 1 | 2 | ∅ | ∅ | 0 | 3 noun-noun 1 adj-noun 9 verb-noun | 1 | 0 | 0 |
| Tru Blood | 2 | 0 | 1 | ∅ | 2 | ∅ | 0 | 1 | 3 |
| vampire | 5 | 1 | ∅ | ∅ | 0 | 1 noun-noun 2 verb-noun | 0 | 0 | 6 |
| vervain | 2 | 2 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 1 |
| TOTAL DE FICHAS | 16 88,8% | 16 88,8% | 6 33,3% | 1 5,5% | 4 22,2% | 6 33,3% | 4 22,2% | 7 38,8% | 16 88,8% |

Fonte: Autoria própria.

Quadro 26 – Resumo do preenchimento de campos nas fichas terminológicas em português.

| Termos | Notas sobre definição | Notas enciclopédicas | Variantes | Outras denominações | Notas gramaticais | Colocações | Notas sobre colocações | Notas de tradução | Ver também |
|-------------------------------|-----------------------|----------------------|------------|---------------------|-------------------|---------------------------------------|------------------------|-------------------|-------------|
| hipnose (<i>compulsion</i>) | 3 | 2 | ∅ | 1 | 1 | 1 verbal | 1 | 2 | 1 |
| adaga | 3 | 1 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 2 | 2 |
| fada | 3 | 0 | ∅ | 4 | 1 | 2 nominais | 1 | 0 | 1 |
| hipnose (<i>glamouring</i>) | 0 | 2 | ∅ | 1 | 1 | ∅ | 0 | 2 | 0 |
| maldição do caçador | 2 | 0 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 2 |
| híbrido | 2 | 0 | ∅ | ∅ | 0 | 2 nominais 2 verbais | 2 | 0 | 3 |
| feitiço localizador | 1 | 0 | ∅ | 1 | 1 | ∅ | 0 | 0 | 2 |
| criador | 2 | 0 | ∅ | ∅ | 1 | ∅ | 0 | 0 | 1 |
| mapa | 4 | 1 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 2 |
| bando | 1 | 0 | ∅ | 3 | 0 | ∅ | 0 | 1 | 3 |
| sanguinista | 1 | 1 | 1 | ∅ | 1 | ∅ | 0 | 0 | 2 |
| xerife | 0 | 0 | 1 | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 1 | 1 |
| metamorfo | 1 | 2 | ∅ | 2 | 2 | ∅ | 0 | 1 | 3 |
| prata | 1 | 2 | ∅ | ∅ | 0 | 1 nominal 2 adjetivas 3 verbais | 0 | 3 | 2 |
| feitiço | 1 | 0 | ∅ | ∅ | 0 | 4 nominais 11 verbais | 3 | 0 | 0 |
| Tru Blood | 2 | 0 | ∅ | ∅ | 1 | ∅ | 0 | 1 | 3 |
| vampiro | 5 | 2 | ∅ | ∅ | 1 | 1 nominal 5 verbais | 1 | 0 | 6 |
| verbena | 2 | 2 | ∅ | ∅ | 0 | ∅ | 0 | 0 | 1 |
| TOTAL DE FICHAS | 16 88,8% | 9 50% | 2 11,1% | 6 33,3% | 9 50% | 6 33,3% | 5 27,7% | 8 44,4% | 16 88,8% |

Fonte: Autoria própria.

É possível verificar, por meio desses quadros, que alguns campos foram preenchidos em quase todas as fichas terminológicas. É esse o caso dos campos “Notas sobre definição” e “Ver também”, que foram utilizados em 88,8% das fichas tanto em inglês quanto em português (o número de fichas é o mesmo devido à correspondência das informações contidas nesses campos em ambas as línguas). A porcentagem de utilização também é de 88,8% no caso do campo “Informações enciclopédicas” das fichas em inglês.

Por sua vez, os campos “Informações enciclopédicas” e “Notas gramaticais” em português foram preenchidos em 50% das fichas terminológicas, enquanto os campos “Notas de tradução” em inglês e em português, foram preenchidos em aproximadamente 40% das fichas. Os demais tiveram taxa de preenchimento abaixo de 40%.

8.1 Notas sobre definição

Como se vê nos Quadros 25 e 26, o campo “Notas sobre definição” foi preenchido em um mesmo número de fichas terminológicas – 16 ou 88,8% – tanto em inglês quanto em português, com o mesmo conteúdo em ambas as línguas. Como as notas sobre definição trazem informações sobre o termo contidas no *corpus* que extrapolam os limites do formato

de definição na estrutura *gênero próximo + diferença específica* inserida no campo “Definição”, há essa alta incidência de preenchimento, obtendo uma média de 1,8 nota por ficha. Por esse motivo, é possível considerar que esse campo pode, por vezes, ser mais útil ao consulente que a definição *stricto sensu*.

8.2 Notas enciclopédicas

O campo “Notas enciclopédicas” foi preenchido em quase duas vezes mais fichas em inglês que em português. Isso ocorre porque, como as séries são originalmente na língua inglesa, foram encontradas mais informações e mais fontes disponíveis sobre elas em inglês que em português. Além disso, a fortuna crítica em inglês é mais abundante que em português. O número de trechos de informações enciclopédicas inseridas nas fichas em inglês também é maior que nas em português (22 contra 15).

8.3 Variantes

O campo “Variantes” foi preenchido em 6 fichas em inglês (33,3%) e em 2 fichas em português (11,1%).

Em inglês, as variantes identificadas foram dos tipos ortográfica (*faerie/fairy, locator spell/locater spell, sheriff/Sheriff, Tru Blood/Tru-Blood*) e morfológica (*faerie/fae, Sanguinista/Sanguinist, shifter/shape-shifter, shifter/shapeshifter*). Em português, foram apenas do tipo ortográfica (*sanguinista/Sanguinista, xerife/Xerife*).

Acreditamos que as variantes ortográficas encontradas no inglês se devem ao processo de obtenção das legendas ser através da transcrição dos áudios para exibição em *Closed Caption*, processo que, a nosso ver, não objetivou a padronização. Quanto à variante morfológica *faerie/fae*, *fae* é uma redução de *faerie* já comum na língua inglesa. No que se refere às variantes morfológicas *shifter/shape-shifter, shifter/shapeshifter*, o próprio seriado indica que a forma mais comum do termo é a redução *shifter* (conforme exemplo 1 da ficha: “A *shape-shifter*?” “*Most of us refer to ourselves simply as shifters.*” TB S01E10).

Já no português, no que se refere à variante *Sanguinista* do termo *sanguinista*, acreditamos que essa variação se dá por influência da grafia em iniciais maiúsculas do termo *Movimento Sanguinista*. Quanto à variante *Xerife* do termo *xerife*, ela nos parece mais aleatória, da mesma forma que o são as variações ortográficas do inglês.

8.4 Outras denominações

O campo “Outras denominações” foi preenchido apenas em 1 ficha em inglês, mas em 6 em português.

No caso de *faerie*, no inglês, as outras denominações *Finodrerr*, *Ellyllon* e *The Old People* são explicitamente apresentadas no seriado: “*Fairy is but one of the names. What other names are there? Finodrerr. Ellyllon. The Old People.*” (TB S03E10). É nesse mesmo trecho que são apresentadas as outras denominações *Finodrerr*, *Ellyllon* e *O Povo Antigo* em português: “*Fada é uma das maneiras de se chamar. E como mais pode ser? Finodrerr, Ellyllon, O Povo Antigo.*” (TB S03E10). Em um trecho logo a seguir, é apresentada a denominação *Fae* no português: “*Fadas ou Fae eram conhecidas por acasalarem com humanos.*” (TB S03E10). *Fae* foi incluído no campo “Outras denominações” na ficha de *fada* em português, e não no campo “Variantes” (como no inglês), pois *Fae* não é uma redução do termo *fada* como o é de *faerie*.

As demais “Outras denominações” no português (*hipnose/compulsão, hipnose/encantamento, feitiço localizador/feitiço de localização, bando/matilha/grupo/alcateia, metamorfo/transmorfo/modificadores*) são fruto das escolhas de tradução do legendador. É por a maioria das “outras denominações” serem resultado, em grande parte, de escolhas tradutórias que vemos a importância deste campo.

8.5 Notas gramaticais

O campo “Notas gramaticais” foi preenchido em 4 fichas em inglês (22,2%) e em 9 fichas em português (50%). Das 5 notas gramaticais presentes nas fichas em inglês, 2 se referem ao uso do termo, enquanto 3 se referem a sua grafia. Das 10 notas gramaticais presentes nas fichas em português, 3 se referem à tradução do termo, enquanto 7 se referem a seu uso. Vemos, então, por meio deste campo, que houve a necessidade de diversas notas sobre uso, grafia e tradução referentes a determinados termos, levando-se em consideração as necessidades do consulente; isso ratifica nossa ênfase na importância da disponibilização de campos para notas.

8.6 Colocações

Quanto à seção para o registro de colocações, 6 fichas terminológicas em inglês e em português (33,3%) foram preenchidas, obedecendo ao critério de seleção de, no mínimo, duas ocorrências em, no mínimo, dois episódios diferentes (ver Seção 7.9.2). Nas fichas em inglês, foram registradas no total 8 colocações nominais, 4 colocações adjetivas e 16 colocações verbais. Nas fichas em português, foram registradas 10 colocações nominais, 2 colocações adjetivas e 22 colocações verbais.

8.7 Notas sobre colocações

O campo “Notas sobre colocações” foi preenchido em 4 fichas (22,2%) em inglês e em 5 fichas (27,7%) em português. É importante salientar que apenas duas das fichas em inglês e uma das fichas em português que registraram colocações para seu termo não tiveram o campo “Notas sobre colocações” também preenchido.

Das 5 notas sobre colocações presentes nas fichas em inglês, 1 esclarece o significado da colocação, 2 remetem o leitor à consulta de outra ficha terminológica e 2 esclarecem o motivo de inclusão de determinada colocação. No que se refere às 8 notas sobre colocações nas fichas em português, 5 explicam a tradução de determinada colocação, 1 esclarece seu significado e 2 remetem o leitor à consulta de outra ficha terminológica.

8.8 Notas de tradução

O campo “Notas de tradução” foi preenchido em 7 fichas em inglês (38,8%) e em 8 fichas em português (44,4%). Das 12 notas de tradução incluídas nas fichas em inglês, 8 se referem ao uso do termo, 2 a sua tradução e 2 a seu significado. Já nas fichas em português, das 13 notas, 9 se referem ao uso do termo, 2 a sua tradução e 2 a seu significado. É importante esclarecer que as informações contidas no campo “Notas de tradução” são aquelas que acreditamos que fogem ao escopo dos outros campos de notas, por se referirem mais a dúvidas que o tradutor pode ter no processo de tradução *per se*.

8.9 Ver também

Das 18 fichas terminológicas, 16 fichas em inglês e em português (88,8%) tiveram o campo “Ver também” preenchido, sendo as remissivas as mesmas em ambas as línguas. Das 35 remissivas registradas, 8 são hipônimos, 14 são co-hipônimos, 7 são hiperônimos e 6 são termos fora das relações de hiponímia, co-hiponímia e hiperonímia estabelecidas na árvore de domínio.

8.10 Considerações finais

Enfocamos, nas primeiras seções deste capítulo, a síntese e a discussão dos dados obtidos em campos das fichas terminológicas. No entanto, não podemos esquecer que tais fichas são apenas parte do desenho proposto de um todo de uma obra terminográfica que atenda às necessidades do usuário em foco, os legendadores, e que traz, além das fichas terminológicas, seções de apresentação, guia do usuário e árvores de domínio.

Esse desenho terminográfico se justifica por o léxico presente no universo de discurso dos seriados de tema sobrenatural apresentar uma especialização que se assemelha àquela presente em terminologias mais “tradicionais”. Assim, tal léxico se caracterizaria como uma “quase terminologia”, uma “terminologia ficcional”, pois, embora não seja qualificado como técnico-científico, apresenta um visível grau de especialização, formando um sistema de conceitos particular àquele universo de discurso.

Assim, uma abordagem terminográfica a esse léxico, com fins à compilação de uma obra de referência, é a mais adequada se considerarmos tradutores e legendadores como consulentes de tal obra. Isso, porque, para o tradutor, a presença de dados como frequência de termos e colocações, notas explicativas e informações enciclopédicas, entre outros, é essencial no suporte à sua produção de texto.

Um passo caracteristicamente terminográfico que adotamos foi a construção das árvores de domínio. Através delas, pudemos visualizar o sistema de conceitos como um todo e, considerando suas especificidades, decidir quais termos receberiam fichas terminológicas, qual seria o gênero próximo nas definições dos termos e quais termos seriam incluídos como remissivas.

Após esse primeiro passo, passamos à elaboração das fichas terminológicas, núcleo principal deste trabalho. Os campos da ficha foram discutidos nas primeiras seções deste

capítulo. Nesse âmbito, cabe esclarecer que não acreditamos que o fato de que alguns campos, como mostramos, tenham obtido uma baixa porcentagem de preenchimento reduza de qualquer forma a sua importância; afinal, todos os campos sugeridos foram preenchidos pelo menos uma vez, o que demonstra que, no caso de determinados termos, eles são necessários. Não podemos deixar de levar em consideração o peso potencial de todos os campos e o papel que desempenham de auxílio ao consultante nas fichas em que foram, sim, necessários e relevantes.

9 RETOMADA DE OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES

Passamos, agora, a retomar nossos objetivos, questões de pesquisa e hipóteses apresentados na Introdução desta dissertação, de forma a analisar e discutir nosso percurso na construção deste trabalho.

9.1 Retomada dos objetivos

No início deste trabalho, apresentamos como objetivo propor bases teórico-metodológicas para a construção de glossários para tradutores de legendas do inglês para o português, utilizando como *corpus* os seriados *True Blood* e *The Vampire Diaries* em inglês e em português. Além disso, nos propusemos a investigar as especificidades lexicais e gramaticais desses textos, considerando que os itens lexicais correspondentes a noções importantes nesses seriados têm um comportamento terminológico. Para alcançar essas metas, nossos objetivos específicos foram:

- a) compilar um *corpus* com as falas transcritas em inglês e traduzidas para o português dos personagens do seriado *True Blood* e outro com o de *The Vampire Diaries*;
- b) levantar os candidatos a unidades terminológicas no material original;
- c) descrever os equivalentes no português para os candidatos a termos;
- d) propor um desenho terminográfico para a construção de um glossário bilíngue na área de ficção com base na terminologia encontrada nesses seriados, com legendadores e tradutores literários como público-alvo;
- e) confeccionar 18 fichas terminológicas completas para demonstração da viabilidade de aplicação do desenho terminográfico proposto.

Quanto aos objetivos específicos, podemos afirmar que todos eles foram cumpridos:

- a) compilamos o *corpus* com as legendas de *True Blood* e de *The Vampire Diaries* em inglês e em português;
- b) fizemos o levantamento dos candidatos a termo nos *subcorpora* em inglês, observamos e registramos as suas construções recorrentes mais frequentes, bem como construímos uma árvore de domínio para cada seriado;
- c) descrevemos os equivalentes no português para os candidatos a termo e respectivas construções por meio da construção das árvores de domínio em português;

- d) propomos o desenho terminográfico para a construção de um glossário bilíngue na área de ficção, com legendadores e tradutores literários como público-alvo, por meio da sistematização dos termos em árvores de domínio e da estruturação dos campos de nossas fichas terminológicas; e
- e) confeccionamos as 18 fichas terminológicas sugeridas para a demonstração da aplicação do desenho terminográfico proposto.

No que se refere aos objetivos gerais, também podemos afirmar que os cumprimos ao atingirmos cada um dos objetivos específicos. Isso porque, ao final do desenvolvimento desta dissertação, chegamos a nossa proposta de bases teóricas e metodológicas para a construção de glossários para tradutores de legendas do inglês para o português. Tal proposta inclui, conforme apontado no Capítulo 6, as partes tradicionais de uma obra terminográfica, como apresentação, guia do usuário e, itens aos quais nos dedicamos em profundidade nesta dissertação, as árvores de domínio e os verbetes. Além disso, investigamos as especificidades lexicais e gramaticais desse universo de discurso, as quais foram registradas nas fichas terminológicas elaboradas para cada um dos termos escolhidos como amostra e sintetizadas no Capítulo 8.

9.2 Retomada das questões de pesquisa

Apresentamos, no Capítulo 1 desta dissertação, as questões de pesquisa com as quais nos deparamos no início da elaboração deste trabalho. Abaixo, retomaremos as questões e as responderemos uma a uma.

- 1) É legítimo considerar especializadas algumas especificidades encontradas no texto de legendas de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural com terminologia totalmente ficcional?

Resposta: Sim, é legítimo. Por o texto de seriados de tema sobrenatural não ser considerado técnico-científico, determinadas unidades lexicais encontradas nele podem parecer, à primeira vista, que funcionam como vocábulos da língua comum. No entanto, como discutido nas Seções 2.4.2.2, 2.4.3.5, 2.4.4.3 e 2.4.5.2, quando inseridas no contexto do seriado, tais unidades lexicais adquirem um significado particular àquele sistema de conceitos.

Como exemplo, podemos citar os casos de *maker/criador* e *dagger/adaga*. *Maker/criador*, em *True Blood*, não significa apenas “aquele que cria, inventa, concebe”, mas

funciona especificamente como a designação do vampiro que criou um novo vampiro, assim se tornando seu *criador*. A unidade lexical passa a atualizar um significado singular àquele universo de discurso e inserido em um sistema de conceitos, funcionando, então, com características de termo. O mesmo ocorre com *dagger/adaga*, em *The Vampire Diaries*. Essa unidade lexical também não atualiza apenas a acepção encontrada nos dicionários de língua geral de “arma branca pontiaguda, de um ou dois gumes (ger. junto à ponta), mais larga e maior que o punhal” (HOUAISS, 2009). Ela passa a desempenhar um papel específico dentro do sistema de conceitos do seriado, adquirindo função de termo. Nesse contexto, a unidade lexical *dagger/adaga* é atualizada com o significado de instrumento utilizado para matar Vampiros Originais. Vê-se, dessa forma, que a percepção de *maker/criador* e *dagger/adaga* é *sui generis* em cada um dos seriados e, conseqüentemente, ressignifica tais unidades lexicais. Seu significado nesses seriados é, então, particular, mas se constrói sobre a base do significado da língua comum.

Assim, validando Barbosa (2004, 2011), percebe-se que esses universos de discurso dão ênfase ao subconjunto dos traços semântico-conceituais culturais de cada um, produzindo uma modificação do recorte cultural própria dessa reconstrução do mundo. Além disso, vê-se que o engendramento dos conceitos está em função do universo de discurso, conforme também afirma Barbosa (2002, 2004, 2006b, 2011).

É possível verificar essa relação intrínseca entre o universo de discurso e o engendramento do conceito também no caso do termo *prata*. A *prata*, segundo os dicionários de língua geral, tem a acepção principal de “elemento químico, metálico e precioso, de número atômico 47” (HOUAISS, 2009), quando inserida no discurso da Química. No caso dos universos de discurso com os quais estamos lidando, a *prata* funciona como um agente de malefício a seres sobrenaturais. É aqui que se mostram as especificidades de cada universo de discurso. Quando inserida no sistema de conceitos de *True Blood*, a *prata* é atualizada como um agente de malefício a vampiros; por sua vez, quando inserida no sistema de conceitos de *The Vampire Diaries*, funciona como agente de malefício a lobisomens.

Além disso, outras evidências da presença de unidades lexicais especializadas surgiram no desenvolvimento de nossa metodologia. Ao gerarmos a lista de palavras em inglês dos seriados em estudo organizada por frequência – primeiro passo metodológico –, viu-se que o primeiro substantivo da lista tanto referente a *True Blood* quanto a *The Vampire Diaries* é *vampire*. A frequência de uso dessa unidade lexical foi um indicativo das

características do léxico que encontraríamos presente em nosso *corpus* na construção das árvores de domínio e das fichas terminológicas.

Ainda, como segundo passo de nossa metodologia, analisamos as listas de palavras-chave em inglês obtidas por meio da comparação de nosso *corpus* com o *corpus* de referência. Essas listas, além de terem indicado as marcas de oralidade presentes em nosso *corpus* de estudo (por serem compostos de diálogos), também apontaram como chaves desse universo de discurso substantivos não comumente encontrados em textos da língua comum, como *witch*, *faerie* e *doppelganger*.

É devido a essas peculiaridades e a diversas outras que poderíamos citar, todas advindas da inserção de determinadas unidades lexicais nesse universo, que acreditamos ser legítimo chegar à conclusão de que há especificidades no texto de legendas de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural com terminologia totalmente ficcional que podem ser consideradas especializadas.

- 2) Em que posição do *continuum* entre o mais alto grau de banalização e o mais alto grau de cientificidade se encontram as especificidades dos textos de legendas de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural com terminologia ficcional?

Resposta: Entendemos, como Barbosa (2002), que as unidades lexicais encontradas no discurso dos textos de legendas de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural com terminologia ficcional, ao se atualizarem na norma discursiva do universo de discurso etnoliterário, adotam a função intermediária entre termo e vocábulo. No entanto, acreditamos que, se considerarmos que há um *continuum* entre o mais alto grau de banalização e o mais alto grau de cientificidade, as unidades lexicais específicas encontradas em nosso universo de discurso se posicionam em um ponto mais próximo ao extremo de “mais alto grau de cientificidade” que do de “mais alto grau de banalização”.

Essas unidades lexicais não estariam localizadas tão proximamente ao extremo de “mais alto grau de banalização”, pois, como já mostramos na resposta à primeira questão de pesquisa, elas atualizam um conhecimento especializado quando inseridas no universo de discurso das séries de temática sobrenatural. Por outro lado, associamos “alto grau de cientificidade” a termos técnico-científicos, comunicação profissional, organização conceitual, conhecimento especializado, etc. Embora as unidades lexicais dos textos de legendas de séries de temática sobrenatural não sejam categorizadas como termos técnico-

científicos e consideradas parte de uma comunicação profissional, por apresentarem baixo grau de tecnicidade e de cientificidade, elas ainda possuem uma organização conceitual e transmitem conhecimento especializado quando inseridas nesse universo de discurso.

Se considerarmos o extremo de “mais alto grau de banalização” como grau zero e o extremo de “mais alto grau de cientificidade” como grau dez, cremos que, nesse *continuum*, as unidades lexicais dos seriados aqui analisados se inserem entre os graus cinco e oito, uma vez que apresentam, a nosso ver, diferentes graus de especialidade. Como unidades lexicais de grau cinco, ou seja, com baixo grau de especificidade nos seriados, podemos citar *xerife*, *cura* e *lua cheia*. Isso porque tais unidades lexicais, apesar de apresentarem um conceito específico quando inseridas nos textos dos seriados, ainda trazem traços de seus conceitos na língua comum. Por sua vez, como unidades lexicais de grau médio de especificidade, estão *adaga*, *hipnose* e *prata*. Apesar de essas unidades também ainda apresentarem traços de seus conceitos na língua comum, os traços da especificidade do conceito quando inseridas nos seriados de tema sobrenatural têm maior peso (remetendo diretamente a vampiro, por exemplo). Já como unidades lexicais de grau oito, com alto grau de especificidade nesse universo de discurso, podemos indicar *Tru Blood*, *hepatite V* e *sanguinista*. Consideramo-as de alto grau de especificidade, pois essas unidades não fazem parte do léxico da língua comum: as três só atualizam um conceito quando inseridas no sistema de conceitos do seriado *True Blood*.

- 3) Em que medida e em que aspectos o léxico das legendas de séries dramáticas do tipo série de temática sobrenatural com terminologia ficcional se aproxima da terminologia “tradicional”, como da Medicina, do Direito ou da Física?

Resposta: O léxico do universo de discurso dos seriados de tema sobrenatural se aproxima da terminologia “tradicional”, sobretudo, na medida em que também expressa conhecimento especializado quando inserido em um sistema de conceitos. Se tomarmos, por exemplo, a palavra *água*, quando esta se atualiza no domínio da Química, adquire o valor de “substância líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias” (HOUAISS, 2009), particularizando e especializando sua definição cotidiana de líquido que sacia a sede. O mesmo ocorre com a *prata*, como já apontamos na resposta à primeira questão de pesquisa. Quando inserida no universo de discurso dos seriados de tema sobrenatural, ela deixa de atualizar apenas o traço de elemento químico, metálico e precioso, da área da Química, para

adquirir outro traço semântico-conceitual cultural, específico ao sistema de conceitos em questão, o de agente de malefício a seres sobrenaturais.

Tal conhecimento especializado é também expresso nas relações das árvores de domínio construídas, nas quais é possível visualizar a vinculação terminológica entre as unidades lexicais, suas relações e sua hierarquia. Essa especialização ainda se mostra nos contextos definitórios, localizados no *corpus*, que circunscrevem os conceitos e que, assim, serviram como subsídio à elaboração das definições nas fichas terminológicas.

- 4) Qual deve ser o desenho de uma obra de referência que auxilie os tradutores a lidar com a complexidade denominativa e conceitual relacionada a textos que envolvem seres sobrenaturais?

Resposta: Acreditamos que tal obra de referência deva ter um desenho baseado nos preceitos da Terminologia e da Terminografia, uma vez que o léxico encontrado no universo de discurso dos seriados de tema sobrenatural apresenta uma especialização que se assemelha àquela presente em terminologias mais “tradicionalis”. Além disso, retomando Baudot, Clas e M. Gross (1981), pertencer à área técnico-científica não é o único aspecto que torna um texto parte ou não de um domínio especializado, em um sentido amplo de conhecimento. Trata-se, então, de um desenho de um todo de uma obra terminográfica que atenda às necessidades do usuário em foco, os legendadores, e que traz, tradicionalmente, seções de apresentação, guia do usuário, árvores de domínio e verbetes.

Nesta pesquisa, nos focamos especificamente nos verbetes. Como primeiro passo caracteristicamente terminográfico, construímos as árvores de domínio, as quais, como já expomos, foram utilizadas como fonte para a decisão de quais termos receberiam fichas terminológicas, qual seria o gênero próximo nas definições dos termos e quais termos seriam incluídos no campo “Ver também” como remissivas.

Propomos então um modelo de ficha terminológica, tomando o tradutor como público-alvo, e preenchemos 18 fichas com base nesse modelo. A nosso ver, são de especial destaque em nosso modelo de ficha os campos denominados “Notas”, pois a eles o tradutor pode recorrer em busca de auxílio no esclarecimento de definições, usos, significados, colocações, etc. Além disso, a ficha apresenta o registro de frequência, conforme a ocorrência no *corpus*, do termo, das variantes, das outras denominações e das colocações. Essa é uma informação importante ao legendador, que pode ser utilizada como auxílio na tomada de decisões no processo tradutório. Ainda, percebemos que, embora alguns campos propostos tenham tido

uma baixa porcentagem de preenchimento, as informações incluídas neles são de grande relevância ao tradutor. Assim, o não preenchimento de certos campos em determinadas fichas terminológicas não nos leva à conclusão de que tais campos devam ser excluídos do modelo.

Dessa forma, ao final do desenvolvimento desta pesquisa, cremos que uma obra de referência que auxilie os legendadores a lidar com a complexidade denominativa e conceitual relacionada a textos de seriados que envolvem seres sobrenaturais pode utilizar como base nosso protótipo de obra terminográfica.

- 5) Em que medida e em que aspectos essa obra de referência se diferenciaria das que descrevem léxico comum ou léxico especializado?

Resposta: O modelo de obra de referência que propomos nesta pesquisa se diferencia de obras que descrevem o léxico comum nos mesmos aspectos que outras obras terminográficas: ele repertoria o léxico temático, oferece informações terminológicas e conceituais de uma área de conhecimento especializado, delimita conceitos de um sistema cognitivo específico e estabelece padrões de designação e conceituação em áreas de especialidade (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 54). Além disso, toma como fonte textos de conhecimento especializado, registra as entradas na forma mais frequente, apresenta equivalente em língua estrangeira, fontes contextuais, fontes bibliográficas e notas explicativas (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 132).

Já quanto a outras obras terminográficas, nossa proposta de obra de referência não se distingue na sua estrutura, que incluiria apresentação, guia do usuário, árvores de domínio, verbetes e indicações fraseológicas e de frequência, elementos específicos para o uso por tradutores. A natureza dos campos da ficha terminológica também é a mesma. Mas, uma vez que “Cada trabalho, em suas especificidades, pode exigir um tipo distinto de ficha terminológica que, em linhas gerais, alimentará tipos diferentes de verbetes e de dicionários” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 136), sua organização foi desenhada levando em consideração as especificidades de nosso trabalho (como *corpus*, usuário e finalidade do glossário, etc.). O modelo de ficha terminológica foi então elaborado, apresentando campos previstos na área da Terminografia, como notas ao usuário, informações enciclopédicas, fonte da informação, etc. No entanto, mantendo em mente o público-alvo do glossário – os tradutores –, demos ênfase à presença de campos para notas explicativas em cada uma das seções de nosso modelo de ficha. Esses campos visaram auxiliar o tradutor em sua pesquisa,

trazendo informações adicionais que esclareciam o significado, o uso, as colocações, a tradução dos termos, etc.

Assim, por mais que o léxico encontrado no universo de discurso dos seriados de tema sobrenatural se posicione, em um *continuum* entre o mais alto grau de banalização e o mais alto grau de cientificidade, em um ponto mais próximo do eixo de “alto grau de cientificidade” em que as unidades lexicais já apresentam determinado grau de especialização, uma obra de referência elaborada nos moldes e preceitos da Terminografia é adequada e legítima para tratar desse tema.

9.3 Retomada das hipóteses

Passamos agora à retomada das hipóteses apresentadas no capítulo introdutório desta dissertação. As hipóteses foram duas:

- 1) Há, em legendas de seriados com perfil ficcional sobrenatural, unidades lexicais de caráter especializado próprias de um universo de discurso.
- 2) Um produto de desenho terminográfico para o uso de tradutores mostra-se adequado para dar conta das especificidades desse universo de discurso, quando se consideram as possíveis necessidades de tais profissionais.

Acreditamos que ambas as hipóteses foram confirmadas no decorrer desta dissertação.

Em relação à primeira hipótese, ela se confirma através da demonstração, no decorrer deste texto e nas respostas às três primeiras questões de pesquisa, das diversas unidades lexicais de caráter especializado próprias do universo de discurso dos seriados com perfil ficcional fantástico encontradas em nosso *corpus*. Como vimos, há unidades lexicais que ocorrem no texto de seriados de tema sobrenatural que atualizam significado específico quando inseridas nesse universo de discurso e nesse sistema de conceitos, adquirindo traços de “termos”.

Aqui trazemos uma unidade lexical que ainda não foi mencionada para a ilustração dessa especificidade: *alpha/alfa*. Tanto em inglês quanto em português, *alpha/alfa* é o nome da primeira letra do alfabeto grego. Já a colocação *alpha male*, em inglês, no âmbito da Biologia, significa o macho mais bem sucedido e forte em qualquer grupo. Quando a unidade *alpha/alfa* é inserida no contexto do seriado *The Vampire Diaries*, ela expressa o significado específico de “lobisomem líder de um bando”. Vê-se com este exemplo, mais uma vez, uma unidade lexical que atualiza, quando inserida nesse determinado universo de discurso, um

significado específico a ele. Tal unidade se relaciona, ainda, nesse sistema de conceitos particular, a outras que também adquirem especificidade, como *bando*, *lua cheia*, *lobo*, etc. Por outro lado, quando visualizamos o sistema de conceitos de *True Blood*, o “lobisomem líder de um bando” não é denominado *alpha/alfa*, mas *packmaster/líder*. Para o mesmo conceito, em outro sistema, há outra denominação, a qual só adquirirá legitimidade se inserida nesse sistema de conceitos específico. É por isso que, nesse cenário, consideramos que tais unidades lexicais podem ser consideradas equivalentes às unidades especializadas tradicionalmente repertoriadas em Terminologia/Terminografia, o que atestaria nossa primeira hipótese.

No que se refere à segunda hipótese, ela se confirma pelo protótipo de glossário apresentado, bem como pelos argumentos das respostas às duas últimas questões de pesquisa. Se considerarmos os tradutores/legendadores como produtores de textos, informações como exemplos, padrões linguísticos e textuais e informações culturais (TAGNIN, 2012) mostraram-se importantes. A disponibilização de tais informações está prevista no protótipo de glossário proposto nesta dissertação, o qual foi construído sobre bases da Terminografia. Assim, o glossário desenhado aqui apresenta os tipos de dados que supririam possíveis necessidades de tradutores.

Além disso, no que tange à adequação ou não de um produto terminográfico para dar conta das especificidades do universo de discurso de seriados de tema sobrenatural, mostramos que, pelo fato de o léxico desses seriados apresentar especialização quando circunscrito nesse contexto, a adoção de uma abordagem terminográfica para o seu tratamento em uma obra de referência como um todo é legítima. Em relação a aspectos específicos, a construção de árvores de domínio antes da elaboração dos verbetes, etapa caracteristicamente terminográfica, mostrou-se como um passo essencial. Ainda, o desenho da ficha terminológica com campos previstos na Terminografia revelou-se produtivo, uma vez que possibilitou disponibilizar diversas informações adicionais e notas ao consultante.

Assim, acreditamos que os moldes e preceitos da Terminografia, da forma como aplicados em nosso protótipo de glossário, cujo público-alvo são os tradutores, foram adequados para tratar do texto de seriados de temática sobrenatural.

Foi tentando cumprir os objetivos, responder às questões de pesquisa e confirmar as hipóteses que estabelecemos nossa abordagem ao universo de discurso das séries de tema

sobrenatural, bem como nossos procedimentos metodológicos. Foi através deles que se deram os passos desta pesquisa e que vislumbramos possíveis passos futuros.

Após este capítulo de retomadas, passamos às considerações finais e perspectivas futuras.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Ao chegarmos a este ponto do trabalho, cremos que conseguimos mostrar que os escritos de Barbosa (2005, 2006a, 2007, 2009) referentes à proposta de bases para uma Etnoterminologia no Brasil se provaram frutíferos quando aplicados ao discurso etnoliterário dos seriados de tema sobrenatural.

Adotamos a perspectiva de que as unidades lexicais encontradas no discurso etnoliterário, por mais que se pareçam com vocábulos, estão em *função de termo* quando atualizadas no universo de discurso etnoliterário. Essa função designa a essas unidades lexicais um significado muito especializado, específico desse universo de discurso. Dessa forma, corrobora-se a afirmação de Barbosa (2006a, p. 51) de que “As unidades lexicais atualizadas nos textos mantêm uma rede de relações semânticas específicas – no interior do universo de discurso – e têm funções particulares, quanto à designação e à referência. Por essa razão, são multifuncionais”.

Assim, estando em contato próximo com a ficção de tema sobrenatural presente em *True Blood* e *The Vampire Diaries*, em seu caráter de discurso etnoliterário, foi possível perceber que ela não deixa de ser caracterizada por um conjunto de termos que representam e transmitem uma terminologia diferenciada. Foi por seguirmos esse ponto de vista que se tornou legítima a proposta de nosso protótipo de glossário baseado nos preceitos da Terminografia. Tal glossário apresentaria, em sua versão final e disponibilizada ao público, a estrutura típica de uma obra terminográfica, com seções de apresentação, guia do usuário, árvore de domínio e verbetes.

Cremos também que conseguimos demonstrar a produtividade de se adotar uma abordagem terminográfica ao universo de discurso etnoliterário, em específico o dos seriados de tema sobrenatural, frente, sobretudo, às árvores de domínio e às fichas terminológicas elaboradas. As árvores de domínio refletiram a estruturação e a inter-relação do conjunto de termos, em tese diferenciada. Além disso, as fichas confeccionadas como amostra procuraram mostrar, por meio das informações que ofertam, como um glossário sobre essas terminologias de ficção pode figurar como um produto útil, sobretudo, para legendadores e tradutores de um tema que apresenta tão poucas fontes de consulta.

Em um cenário em que a demanda no mercado da legendagem cresce, o prazo diminui e o acesso de brasileiros a canais pagos e à internet aumenta, entre outros fatores, o tradutor envolvido com a produção de legendas precisa estar bem treinado e

dispor de diversas ferramentas para que a relação do espectador com o material traduzido e com o trabalho profissional seja reconhecida e amigável. Procuramos, assim, elaborar as bases teóricas e metodológicas para a produção de um material que auxilie o tradutor a conhecer melhor esse universo de discurso e as especificidades da terminologia que nele ocorre. Conhecendo melhor esse material, os tradutores têm melhores chances de se inserirem nesse mercado de trabalho ou, ainda, de se estabelecerem como aqueles com maior familiaridade com a linguagem, com o vocabulário e com a tradução do “mundo das séries”.

Além disso, diversos dos seriados de tema sobrenatural, inclusive os aqui utilizados como *corpus*, surgem de adaptações de obras literárias. Assim, um glossário centrado na terminologia peculiar desse universo de discurso pode servir como fonte de pesquisa não apenas para legendadores, mas também para tradutores de obras literárias de ficção nesse âmbito.

Por essas razões, cremos ser importante destacar a relevância da pesquisa nesse tema, mas, sobretudo, seu aspecto inovador. A pesquisa em terminologias ficcionais se iniciou com o Prof. Dr. Guilherme Fromm e seus alunos de iniciação científica na Universidade Federal de Uberlândia e encontra neste trabalho a primeira dissertação sobre o assunto. Esperamos que, com mais pesquisa ocorrendo nessa área, sua inserção como possível objeto dos Estudos de Terminologia seja mais prontamente aceita e, em especial, considerada legítima.

Por outro lado, vemos alguns pontos que podem ser ainda mais aprofundados. Um deles é o aspecto literário e histórico da mitologia que envolve seres sobrenaturais. Esse não era o foco desta dissertação, mas cremos que um exame maior desses pontos contribuiria para uma melhor caracterização do texto de seriados de tema sobrenatural como discurso etnoliterário.

Outro ponto que poderíamos citar é a construção das definições. Sentimos falta, ao final do desenvolvimento do trabalho, de apresentar ao leitor o registro dos contextos definitórios dos quais foram retirados os diversos traços do conceito depois sumarizados no texto das definições. Essa análise dos contextos definitórios foi realizada, como apontamos, através da análise de todas as linhas de concordância do termo. No entanto, ela não foi registrada como Fromm (2011a) aponta no preenchimento das fichas terminológicas posteriormente disponibilizadas no VoTec.

No que tange a possíveis passos futuros desta pesquisa, podemos citar o desenvolvimento de fichas terminológicas para todos os termos descritos em nossas

árvores de domínio, utilizando como *corpus* os seriados *True Blood* e *The Vampire Diaries* e servindo de auxílio ao tradutor e ao legendador. Outra possibilidade de expansão do glossário seria a inclusão de outros seriados do mesmo tema no *corpus*, como *The Originals*, *Dracula*, *Supernatural*, *Buffy*, *Penny Dreadful*, etc., ou, ainda, de outros formatos, como filmes e livros. Dessa forma, provavelmente haveria a expansão do número de termos descritos, bem como das colocações encontradas.

Vemos ainda a possibilidade de aplicação de nosso protótipo de glossário a outros tipos de séries de ficção que apresentam terminologia ficcional, como séries que misturam ficção e ciência e séries que retratam o cotidiano de médicos, investigadores, cientistas forenses, etc. (FROMM, 2011a). Assim, haveria a validação de nosso protótipo de glossário a outros temas que não o sobrenatural.

Além disso, também seria de interesse mudar o eixo do estudo desenvolvido aqui da classe dos substantivos para a classe dos verbos. No que toca especificamente à língua inglesa, diversos dos substantivos apontados como termos nesse universo de discurso já são utilizados na forma de verbos, como *silver*, *dagger*, *bite*, *shift*, *glamour*, *compel*, *desiccate*, etc. No português, alguns desses verbos são traduzidos por verbos, mas há outros que são traduzidos por colocações verbais (como *silver* = *amarrar-se com prata*). Há ainda diversos verbos que aparecem nas listas de palavras-chaves, como *kill*, *die*, *save*, *hurt* e *drink*, ligados ao universo de discurso dos seriados sobrenaturais. A função, o desempenho e a importância nele poderiam ser investigados.

É claro que não poderíamos deixar de mencionar como passo futuro o teste do formato desse protótipo de glossário e, em especial, das fichas terminológicas com tradutores que trabalham com tal tipo de vocabulário. Assim, seria possível a validação da utilidade de cada um dos campos sugeridos nas fichas, bem como das informações contidas neles, do ponto de vista do usuário.

Esperamos que, nessas várias páginas de dissertação, tenhamos conseguido mostrar que o tema do sobrenatural nos seriados vai além da simples existência de vampiros, lobisomens e bruxos. Esses seres se relacionam, constituem sociedade, estruturam políticas para a convivência com humanos, além de apresentarem designações diferentes para seres, processos e suas peculiaridades no contexto da história de cada um dos seriados, o que reflete diretamente no universo lexical utilizado. Caso o tradutor não tenha familiaridade com esse campo nocional multifacetado, poderá talvez encontrar auxílio em um glossário elaborado nos moldes do protótipo que sugerimos aqui, ou seja, uma obra terminográfica.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Lina. Subtitler: legendador ou legendista. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO, 1., 1998, São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNIBERO, 1998. p. 214-216.
- ANTHONY, Laurence. *AntConc version 3.2.4w*. Tóquio, Japão: Waseda University, 2011. Disponível em: <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>>.
- ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. O processo de legendagem no Brasil. *Revista do GELNE*, Fortaleza, v. 1/2, n. 1, p. 311-323, 2006.
- ARONCHI, José Carlos. Um programa para conhecer os programas. In: Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. *Debate: televisão, gêneros e linguagens*. Rio de Janeiro: MEC, 2006. p. 3-15.
- BANDEIRA, Ana Paula. “Don’t tell me what I can’t do!”: as práticas de consumo e participação dos fãs de *Lost*. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – PUC-RS, Porto Alegre, 2009.
- BARBOSA, Maria Aparecida. A construção do *conceito* nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não literários. *Acta Semiótica et Lingvistica*, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 61-96, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/14967>>. Acesso em: 21 jun. 2014.
- _____. Cultura popular amazônica em etno-terminologia. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 61., 2009, Manaus. *Anais ...* Manaus, AM: Universidade Federal do Amazonas, 2009. p. 1-4. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/61ra/simposios/SI_MariaBarbosa.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- _____. Dicionário, Vocabulário, Glossário: concepções. *Caderno de Terminologia*, n. 1, p. 23-45, 2001. Disponível em: http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/ct01/06-_Dicionario_vocabulario_glossario.pdf. Acesso em: 15 dez. 2014.
- _____. Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento lexicológico e terminográfico. *Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 55-86, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v4n1/05.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

_____. Etno-terminologia e Terminologia Aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.

_____. O engendramento de conceitos em linguagens de especialidade, em discurso literários e em discursos sociais não-literários. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 32-43, 2002. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(22\)06.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(22)06.htm)>. Acesso em: 12 abr. 2014.

_____. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 48-51, abr./jun. 2006a. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a18v58n2.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

_____. Questões relevantes na descrição fraseológica. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 10., 2006, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CIFEFIL-UERJ, 2006b. v. X. n. 14. p. 162-174. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/14/14.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

_____. Terminologia e lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. *Rev. de Letras*, Fortaleza, v. 1/2, n. 27, p. 103-107, jan./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl27Art18.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

BARROS, Lídia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BAUDOT, Jean; CLAS, André; GROSS, Maurice. Un modèle de mini-banque de terminologie bilíngue. *Meta: journal des traducteurs*, v. 26, n. 4, p. 315-331, 1981.

BERBER SARDINHA, Tony. A influência do tamanho do corpus de referência na obtenção de palavras-chave usando o programa computacional Wordsmith Tools. *The ESPECIALIST*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 183-204, 2005.

_____. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

_____. Tamanho de corpus. *The ESPECIALIST*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-122, 2002.

BERNARDO, M. H. P. *Subtitulando: o universo dos legenders e fansubbers no Brasil*. 2011. 114 f. Monografia (Especialização em Jornalismo) – Faculdade Cásper Líbero, São

Paulo, 2011. Disponível em: <<http://nonameshideout.com/Monografia%20-%20Subtitulando.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2014.

BOLD, Bianca. The power of fan communities: an overview of fansubbing in Brazil. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 1-19, 2º sem. 2011. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input0>. Acesso em: 6 jul. 2014.

BOURIGAULT, Didier; SLODZIAN, Monique. Por uma terminologia textual. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 101-108, out./dez. 2004. Tradução de Sandra Dias Loguercio e revisão de Elsa Ortiz com a permissão dos autores a partir do texto em francês “Pour une terminologie textuelle” publicado em *Terminologies Nouvelles* n° 19, 1999.

CABRÉ, Maria Teresa. A terminologia hoje: concepções, tendências e aplicações. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 9-30, out./dez. 2004. Tradução de Susana Kerschner e revisão de Luzia Araújo com a permissão da autora a partir do texto em espanhol “La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones”, publicado em CABRÉ, M. T. *La terminología – Representación y comunicación*. Barcelona: IULA, 1999. p. 17-38.

_____. Elementos para una teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo. *El Lenguaraz – Revista Académica del Colegio de Traductores Públicos de La Ciudad de Buenos Aires*, Buenos Aires, v. 1, p. 59-78, 1998.

_____. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

_____. Theories of terminology: Their description, prescription and explanation. *Terminology*, v. 9, n. 2, p. 163-199, 2003.

CALAZANS, R. Mercado começa a ver com bons olhos equipes de fãs que legendam séries na internet. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 maio 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2010/05/07/mercado-comeca-ver-com-bons-olhos-equipes-de-fas-que-legendam-series-na-internet-916531486.asp>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

CARVALHO, Carolina Alfaro de. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. 2005. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

CAZÉS, Heidi. Aspectos a considerar al definir qué es un término: el uso de la terminología en textos literarios. In: SIMPOSI IBEROAMERICÀ DE TERMINOLOGÍA, 8., 2002, Cartagena de Indias. *Actas ...*, Cartagena de Indias,

Colômbia, 2002. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/riterm/cat/simposios_antiores_2002.html>. Acesso em: 30 abr. 2014.

CIAPUSCIO, Guiomar. *Textos especializados y terminologia*. Barcelona: Instituto Universitario de Lingüística Aplicada, 2003. Capítulo 4.

CLAS, André. A pesquisa terminológica e a formulação de parâmetros em função das necessidades dos usuários. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande, MS: UFMS, 2004. p. 223-238.

_____. Un modèle de mini-banque de terminologie bilingue. *Meta*, v. 26, n. 4, p. 315-331, 1981.

DAVIES, Mark. *The Corpus of Contemporary American English: 450 million words, 1990-present*. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/coca/>>. Acesso em: 9 abr. 2014.

DÍAZ CINTAS, Jorge. Back to the Future in Subtitling. *MuTra 2005 – Challenges of Multidimensional Translation: Conference Proceedings*, Saarbrücken, p. 1-17, 2005.

_____. Subtitling: the long journey to academic acknowledgement. *The Journal of Specialised Translation*, n. 1, p. 50-70, jan. 2004.

DIKI-KIDIRI, Marcel. Éléments de terminologie culturelle. *Cahiers du RIFAL*, n. 26, p. 14-25, 2007.

_____. La Terminología Cultural: fundamento de una verdadera localización. In: SIMPOSI IBEROAMERICÀ DE TERMINOLOGÍA, 8., 2002, Cartagena de Indias. *Actas ...*, Cartagena de Indias, Colômbia, 2002. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/riterm/cat/simposios_antiores_2002.html>. Acesso em: 30 abr. 2014.

_____. Un enfoque cultural de la terminología. *Debate Terminológico*, n. 5, ago. 2009.

ESPERANDIO, Isabela Beraldi; FINATTO, Maria José Bocorny. A definição terminológica na legendagem de seriados. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 22, p. 17-38, jan./jun. 2014.

FEITOSA, Marcos Pereira. *Legendagem comercial e legendagem pirata: um estudo comparado*. 2009. 162 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – UFMG, Belo Horizonte, 2009.

FERNÁNDEZ, María Jesús Fernández. The Translation of Swearing in the Dubbing of the Film *South Park* into Spanish. In: CINTAS, Jorge Díaz (Ed.). *New Trends in Audiovisual Translation*. Bristol: Multilingual Matters, 2009. p. 210-225.

FINATTO, Maria José Bocorny. A definição terminológica do dicionário TERMISUL: expressões linguísticas de relações conceptuais complexas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998a. p. 209-221.

_____. *Definição Terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e aplicação*. 2001. 395 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. *Organon*, Porto Alegre, n. 26, p. 1-8, 1998b.

_____. Informatização e trabalho humano em Terminologia: extrair terminologias em *corpus* é o mesmo que identificá-las? In: CONGRESSO INTERNACIONAL ESTUDOS DO LÉXICO E SUAS INTERFACES, 1., 2014, Araraquara. *Anais do CINELI*. No prelo.

_____. New Methods for Specialized Lexicography: Brazilian Approach Examples. *Lexicographica*, Berlin/Boston, v. 30, p. 247-261, 2014a.

_____. O papel da definição de termos técnico-científicos. *Revista da Abralin*, v. 1, n. 1, p. 73-97, 2002.

_____. Orientações para a terminografia: das teorias às práticas em busca de amplitude da informação terminológica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VII. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014b. p. 439-457.

_____. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. p. 341-357.

FLOWERDEW, J. Definitions in Science Lectures. In: *Applied Linguistics*, v. 13, n. 2, p. 202-221, 1992.

FROMM, Guilherme. Ficção, Tradução, Terminografia e Linguística de *Corpus*: confluências. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA & SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011, Uberlândia. *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011a. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/318.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2012.

_____. Linguística de *corpus* e ensino de Terminografia para alunos de Letras e Tradução: uma proposta. *Revista SELL*, Uberaba, v. 3, n. 1, p. 285-302, 2011b. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/181/207>>. Acesso em: 09 out. 2012.

_____. Proposta para a construção da microestrutura de um verbete terminológico para tradutores. *TradTerm*, n. 15, p. 133-154, 2009.

_____. *VoTec*: a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução. 2007. 215f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GÓMEZ GÓNZALEZ-JOVER, Adelina; VARGAS SIERRA, Chelo. Aspectos metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados bilingües destinados al traductor. In: CONGRESSO “EL ESPAÑOL, LENGUA DE TRADUCCIÓN”, 2, 2004, Bruxelas. *Actas del...*, Bruxelas, Bélgica: Esletra, 2004. p. 365-398. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/lengua/esletra/pdf/02/032_gomez-vargas.pdf>. Acesso em: 05 out. 2014.

GOROVITZ, Sabine. *Os labirintos da tradução: a legendagem cinematográfica e a construção do imaginário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

HARTWELL, David G. Introduction. In: HARTWELL, David G. (Ed.). *The Science Fiction Century*. Nova York: Tor Books, 1997. p. 5-11.

HOFFMANN, L. Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 79-90, out./dez. 2004. Tradução de Maria José Bocorny Finatto e revisão de Cleci Regina Bevilacqua com a permissão específica do autor para a tradutora e para a editora a partir do texto em alemão

“Grundbegriffe der Fachsprachenlinguistik”, já publicado em *Germanistisches Jahrbuch für Nordeuropa*, 1988.

HOUAISS eletrônico (2009). Versão monousuário 3.0 – junho 2009. Editora Objetiva. CD-ROM

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 5 ed. Madri: Cátedra, 2011.

INSTITUTE FOR HUMAN AND MACHINE COGNITION (IHMC). *Cmap Tools version 5.05.01*. Flórida, Estados Unidos: Institute for Human and Machine Cognition (IHMC). Disponível em: <<http://cmap.ihmc.us/>>.

JENKINS, Henry. *Convergence Culture: where old and new media collide*. Nova York, Londres: New York University Press, 2006.

JUNG, Carl Gustav. *The archetypes and the collective unconscious*. 2. ed. Collected Works of C. G. Jung. v. 9. London: Routledge, 1991.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, Luis Fernando. Diversidad cultural y neología. In: SIMPOSI IBEROAMERICÀ DE TERMINOLOGÍA, 9, 2004, Barcelona. *Actas...*, Barcelona, Espanha, 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/riterm/cat/simposios_antiores_2004.html>. Acesso em: 30 abr. 2014.

_____. Término y cultura: hacia una teoría del vocablo especializado. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 341-369.

LEVINE, George. One Culture: science and literature. In: LEVINE, George (Ed.). *One Culture: essays in science and literature*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1987. p. 3-32. Disponível em: <<https://files.nyu.edu/mr185/public/www/classes/readings/levine%20one%20culture.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2014.

LOTMAN, Iuri. *A Estrutura do Texto Artístico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

MACIEL, Anna Maria Becker. Linguagens especializadas e terminologia: o passado projetando o futuro. In: PERNA, Cristina Lopes; DELGADO, Heloísa Koch; FINATTO, Maria José (Org.). *Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 6-28.

MAIA, Belinda. Corpora for terminology extraction – the differing perspectives and objectives of researchers, teachers and language services providers. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LANGUAGE RESOURCES AND EVALUATION, 3., 2002, Espanha. *Proceedings of the Workshop 'Language Resources in Translation Work and Research' a pre-conference workshop to LREC 2002*. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5827.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

_____. Using Corpora for terminology extraction: pedagogical and computational approaches. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara (Ed.). *PALC 2001: Practical Applications in Language Corpora*. Frankfurt; Berlim: Peter Lang, 2003. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14010/2/usingcorpora000072829.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. p. 13-67.

MARTINEZ, Sabrina. Entrevista com Sabrina Martinez. Entrevistadores: Rafael Matielo e Thaís Collet. *In-Traduções*, Florianópolis, v. 3, n. 4, p. 96-100, 2011.

MATTOS, Geraldo. Amplitude do processo significativo. *Letras*, Curitiba, v. 35, p. 120-128, 1986. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/viewFile/19278/12567>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

MELTON, J. Gordon. *O Livro dos Vampiros: a Enciclopédia dos Mortos-Vivos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

MILLER, Gustavo. “Danem-se, bastardos!”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 out. 2008. Disponível em: <[http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,danem-se-bastardos!%28* %29,266483,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,danem-se-bastardos!%28*%29,266483,0.htm)>. Acesso em: 7 jul. 2014.

MIZUKAMI, P. N. et al. Brazil. In: KARAGANIS, Joe (Ed.). *Media Piracy in Emerging Economies*. Estados Unidos da América: Social Science Research Council, 2011. p. 219-304. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10625/46491>>. Acesso em: 7 jul. 2014.

O’HAGAN, Minako. Evolution of User-generated Translation: Fansubs, Translation Hacking and Crowdsourcing. *The Journal of Internationalisation and Localisation*, Dublin, v. 1, 2009. Disponível em: <http://www.academia.edu/4462788/Evolution_of_User-generated_Translation_Fansubs_Translation_Hacking_and_Crowdsourcing>. Acesso em: 7 jul. 2014.

PAGANO, G. Legendadores: por trás dos caracteres que aparecem no vídeo. *TeleSéries Magazine*, 14 dez. 2010. Disponível em: <<http://teleseries.uol.com.br/legendadores-eles-estao-por-tras-dos-caracteres-que-aparecem-no-video>>. Acesso em: 7 jul. 2014.

PAIS, Cidmar Teodoro. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 43-65, 1984.

PAIS, Cidmar Teodoro; BARBOSA, Maria Aparecida. Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etno-literários à proposição de uma Etnoterminologia. *Matraga*, Rio de Janeiro - RJ, v. 16, p. 79-100, 2004. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga16/matraga16a10.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. *Manual de Terminologia*. Tradução de Enilde Faulstich. Hull, Canadá: Translation Bureau, 2002.

PEARSON, Jennifer. Como ter acesso a elementos definitórios nos textos especializados? *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 51-66, out./dez. 2004. Tradução de Carolina Huang e Sandra Dias Loguercio e revisão de Luzia Araújo com a permissão da autora a partir do texto em francês “Comment accéder aux éléments définitoires dans les textes spécialisés?”, publicado em *Terminologies Nouvelles* n° 19, mai. 1999.

_____. *Terms in context*. Amsterdã: John Benjamins, 1998.

PETTIT, Zoë. The Audio-Visual Text: Subtitling and Dubbing Different Genres. *Meta: Translators' Journal*, v. 49, n. 1, p. 25-38, 2004.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A Linguística de *Corpus* no tempo e no espaço: visão reflexiva. In: GERBER, R. M.; VASILÉVSKI, V. (Eds.). *Um percurso para pesquisas com base em corpus*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. p. 23-44.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*. Madri: Akal, 1996.

REISS, Katharina. Type, kind and individuality of text: decision making in translation. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000. p. 160-171.

RODRIGUES, Viviane Teixeira; BARROS, Lidia Almeida. Equivalência terminológica bilíngüe português-italiano no domínio da Dermatologia: o caso dos termos genéricos e específicos. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, n. XXXIV, p. 686-691, 2005.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*. Liverpool: Lexical Analysis Software.

STUBBS, Michael. Collocations and semantic profiles: on the cause of the trouble with quantitative studies. *Functions of language*, n. 2, v. 1, p. 1-24, 1995. Disponível em: <<http://www.uni-trier.de/fileadmin/fb2/ANG/Linguistik/Stubbs/stubbs-1995-cause-trouble.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

TAGNIN, Stella E. O. Corpus-driven terminology in Brazil. *Cahiers de Lexicologie*, n. 101, v. 2012-2, p. 169-180, 2012.

_____. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. Edição revista e ampliada. Barueri, SP: DISAL, 2013.

TELES, Letícia Bonora; BARROS, Lidia Almeida. Proposta de dicionário bilíngüe português-francês de termos de estatutos sociais voltados para tradutores juramentados. In: BARROS, Lidia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *O léxico em foco: múltiplos olhares*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 263-276.

TEMMERMAN, Rita. Teoria sociocognitiva da terminologia. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 17, p. 31-50, out./dez. 2004. Tradução de Natacha Enzweiler e Luzia Araújo e revisão de Talia Bugel com a permissão da autora a partir do texto em inglês “Sociocognitive theory of terminology”, publicado em CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (Org.). *Terminología y Cognición – II Simposio Internacional de Verano de Terminología (13-16 de julho de 1999)*. Barcelona: IULA/UPF. p. 75-92.

_____. *Towards New Ways of Terminology Description: the sociocognitive approach*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2000.

TRIMBLE, L. *English for Science and Technology: a discourse approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ZANINI, Claudio Vescia. *The myth of the vampire and blood imagery in Bram Stoker's Dracula*. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre, 2007.

ZILIO, Leonardo. *Colocações especializadas e komposita: um estudo contrastivo alemão-português na área de Cardiologia*. 2009. 305 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre, 2009.

ANEXO I – Breve histórico de vampiros na ficção

| TÍTULO | TIPO | ANO | AUTOR |
|--|--------------------------|------------------|---|
| “Der Vampir” | poema | 1748 | Heinrich August Ossenfelder |
| “Die Braut von Corinth” (“A Noiva de Corinto”) | poema | 1797 | Johann Wolfgang von Goethe |
| “Christabel” | poema | 1800 | Samuel Taylor Coleridge |
| <i>I Vampiri</i> | ópera | 1800 | Silvestro de Palma |
| “Thalaba” (primeiro poema a mencionar a palavra vampiro, em inglês) | poema | 1801 | Robert Southey |
| “The Vampyre” (um dos primeiros poemas sobre vampiros) | poema | 1810 | John Stagg |
| “The Giaour” | poema | 1813 | Lord Byron |
| <i>The Vampyre</i> (obra sobre vampiros mais influente do início do século XIX) | livro | 1819 | John Polidori |
| <i>Le Vampire</i> | peça | 1820 | Charles Nodier |
| <i>Viy</i> | conto | 1836 | Nikolai Gogol |
| “Upyr” (primeira história moderna sobre vampiros escrita por um russo) | conto | 1841 | Alexei Tolstoy |
| <i>Varney the Vampire</i> | livro | 1847 | James Malcolm Rymer/ Thomas Preskett Prest |
| <i>Le Vampire</i> | peça | 1851 | Alexandre Dumas |
| <i>Carmilla</i> | livro | 1871 | Sheridan Le Fanu |
| <i>The Flowering of the Strange Orchid</i> | conto | 1894 | H. G. Wells |
| <i>Dracula</i> (base da ficção moderna sobre vampiros) | livro | 1897 | Bram Stoker |
| <i>Dracula</i> (primeiro filme baseado no livro) | filme | 1920 | |
| <i>Nosferatu, Eine Symphonie des Grauens</i> | filme | 1922 | F. W. Murnau |
| <i>The Case of the Sussex Vampire</i> | conto | 1924 | Sir Arthur Conan Doyle |
| <i>Dracula</i> (versão americana, estreando Bela Lugosi) | filme | 1927 | |
| <i>Vampyr</i> | filme | 1932 | Carl Theodore Dreyer |
| <i>A Filha de Drácula</i> | filme | 1936 | |
| “Asylum” (primeira história sobre um vampiro alienígena) | conto | 1942 | A. E. Van Vogt |
| <i>I Am Legend</i> | livro | 1954 | Richard Matheson |
| <i>Horror of Dracula</i> (série de 9 filmes) | filme | 1958-1974 | |
| <i>The Last Man on Earth</i> | filme | 1964 | |
| <i>Dark Shadows</i> | novela | 1966-1971 | Art Wallace, Malcolm Marmorstein, Sam Hall e Gordon Russell |
| <i>Dark Shadows Books</i> (série em 32 livros) | livro | 1966-1972 | Marilyn Ross |
| Zé Vampir | personagem de quadrinhos | anos 1970 | Mauricio de Sousa |
| <i>The Omega Man</i> | filme | 1971 | |
| <i>A Hora do Vampiro</i> | livro | 1975 | Stephen King |
| <i>Vampire Chronicles</i> | livro | 1976-2003 | Anne Rice |
| <i>The Saint-Germain Chronicles</i> | livro | 1978 | Chelsea Quinn Yarbro |
| <i>I, vampire</i> (série em 6 livros) | livro | 1990-2001 | Michael Romkey |
| <i>Vampire: The Masquerade</i> | jogo de RPG | 1991 | White Wolf |
| <i>The Vampire Diaries</i> (série em 10 livros que originou o seriado <i>The Vampire Diaries</i>) | livro | 1991-2010 | Lisa Jane Smith |

| | | | |
|--|--------------------|---------------------|-------------------------------|
| <i>Bram Stoker's Dracula</i> | filme | 1992 | Francis Ford Coppola |
| <i>Anita Blake: Vampire Hunter</i> (série em 22 livros) | livro | 1993-2013 | Laurell K. Hamilton |
| <i>Entrevista com o vampiro</i> | filme | 1994 | |
| <i>Os Sete, Sétimo e O Vampiro Rei</i> | livros | 1999-2005 | André Vianco (brasileiro) |
| <i>The Southern Vampire Mysteries</i> (série em 14 livros que originou o seriado <i>True Blood</i>) | livro | 2001-2013 | Charlaine Harris |
| <i>Vampire Kisses</i> (série em 9 livros) | livro | 2003-2012 | Ellen Schreiber |
| <i>The Vampire Huntress Legend Series</i> (série em 12 livros) | livro | 2003-2009 | Leslie Esdaile Banks |
| <i>The Hollows</i> (série em 13 livros) | livro | 2004-2014 | Kim Harrison |
| <i>Black Dagger Brotherhood</i> (série em 12 livros) | livro | 2005-2014 | J.R. Ward |
| <i>Crepúsculo</i> (série em 4 livros) | livro | 2005-2008 | Stephenie Meyer |
| <i>O Clube dos Imortais</i> | livro | 2006 | Kizzy Ysatis (brasileiro) |
| <i>Eu Sou a Lenda</i> | filme | 2007 | |
| <i>Asetian Bible</i> | livro | 2007 | Luis Marques |
| <i>Gótica</i> | livro | 2007 | Clara Tahoces |
| <i>Academia de Vampiros</i> (série em 6 livros) | livro | 2007-2010 | Richelle Mead |
| <i>Diário da Sibila Rubra</i> | livro | 2008 | Kizzy Ysatis (brasileiro) |
| <i>Saga Crepúsculo</i> | filme | 2008-2012 | |
| <i>True Blood</i> | série de TV | 2008-2013 | Alan Ball |
| <i>The Vampire Diaries</i> | série de TV | 2009 - atual | Kevin Williamson e Julie Plec |
| <i>Lázarus</i> | livro | 2010 | Georgette Silen (brasileira) |
| <i>Laços de Sangue</i> (série em 5 livros) | livro | 2011-2014 | Richelle Mead |

Fontes: MELTON, 1995; Wikipedia.

ANEXO II – Fichas Terminológicas

| ENGLISH | |
|-------------------------------------|---|
| TERM: | compulsion |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, uncountable, vampire power |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB () TVD (x) Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TVD 2.4.3 |
| DEFINITION: | Vampire power that allows them to control a human's mind through eye contact with the victim. |
| DEFINITION NOTES: | In TVD, only humans who have been drinking vervain or are wearing vervain can resist compulsion. |
| | In TVD, when people who have been compelled die and are in transition to a vampire, they recover the memories related to the period in which they were under compulsion. |
| | In TVD, only Original Vampires are able to compel other vampires. If the Original Vampire dies, the compulsion is undone. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "Mind Compulsion is an ability exclusive to The Old Ones, vampires, and hybrids. It allows the user to control another person's mind by making eye contact, somewhat astral project into their dreams and overall erase the victim's memories or even alter them to the point where something is completely different about them. Compelled beings usually follow the instructions given to them by the vampire who compelled them to the best of their ability. [...] Vampires can only compel humans, while The Old Ones can compel both humans and vampires, but not their fellow Old Ones; and though vampires seem to be aware that they are being compelled while under the effect (humans aren't), they are, by no means immune to it, unless they have Vervain in their system. [...] Compulsion doesn't work if the victim is on vervain. [...] When a human who has been compelled in the past dies and is in transition to a vampire, they will remember everything they were compelled to do or forget." (http://theoldones.wikia.com/wiki/Mind_Compulsion) |

| PORTUGUÊS | |
|--------------------------------------|---|
| TERMO: | hipnose |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo feminino, singular, poder de vampiros |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB () TVD (x) Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TVD 2.4.3 |
| DEFINIÇÃO: | Poder de vampiros que lhes permite controlar a mente humana através de contato visual com a vítima. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Em TVD, somente é capaz de resistir à hipnose o humano que estiver bebendo verbena ou que esteja com verbena em contato com seu corpo. |
| | Em TVD, quando uma pessoa que foi hipnotizada morre e está em transição para vampiro, ela recupera a memória referente ao período em que esteve sob hipnose. |
| | Em TVD, apenas Vampiros Originais são capazes de hipnotizar outros vampiros. Se o Vampiro Original morre, a hipnose se desfaz. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | "Uma das maneiras mais comuns de um vampiro conseguir o controle absoluto de suas vítimas é através dos poderes da hipnose. Depois disso, aproveita-se da situação para manipula-la submetendo-a a todos os seus desejos sexuais, obrigando-a a lhe trazer novas vítimas para sugar a energia, e abrir-lhe portas sociais, etc. O processo que ele utiliza para hipnotizar é bastante simples: olha fixamente durante quarenta e cinco segundos dentro dos olhos da pessoa, de maneira que essa começa a se encantar com o brilho que emana de dentro de si. Essa fascinação é conseguida, pois o vampiro consegue ler dentro da pessoa seus mais secretos desejos, abrindo-se as suas proteções; a partir desse momento ele passa a controlar toda a sua vontade. Na verdade, a pessoa cai num profundo sono magnético no qual só tem olhos para a fonte que lhe irradia a magnetização. Mesmo quando acorda desse estado a pessoa é incapaz de lembrar-se de seus atos, a menos que o hipnotizador o deseje. Depois de acordada continua sob o domínio do vampiro, que num estalar de dedos a coloca novamente nesse estado. Por isso, é comum que muitas pessoas que já tiveram relações com vampiros não se lembrem de absolutamente nada, inclusive continuando a servi-lo sem notar as suas próprias atitudes." (http://www.mortesubita.org/vampirismo/vampirismo-astral/manual-pratico-do-vampirismo/dos-poderes-hipnoticos-de-um-vampiro-astral) |

| | |
|---|--|
| | A vampire can use compulsion to force a human to do their bidding or remember what they want. Compulsion can be resisted if the person is wearing vervain or has been drinking it. Vampires cannot compel other supernatural beings such as witches, wizards, vampires, and werewolves. (http://thecrossovergames.tumblr.com/infovamps) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/ TOTAL: | 734/9719 |
| FREQUENCY/ EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | 40/26 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, uncountable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | It's the same as the bracelet Elena gave you. So it protects me from compulsion . Vervain is toxic for vampires. |
| Source 1: | TVD S02E02 |
| EXAMPLE 2: | All of my compulsion from the past started wearing off the minute she was in transition. |
| Source 2: | TVD S02E02 |
| EXAMPLE 3: | I guess Damon's compulsion worked. Jeremy was packing when I left the house. |
| Source 3: | TVD S03E11 |
| Collocations | |
| VERB-NOUN COLLOCATIONS: | resist compulsion (F/D - 5/4) |
| EXAMPLE 1: | I thought since he could resist compulsion , maybe he could teach me to resist a sire bond. |
| Source 1: | TVD S03E12 |
| EXAMPLE 2: | You're strong enough to resist the compulsion . I know that you are. |
| Source 2: | TVD S04E11 |
| COLLOCATION NOTES: | --- |

| | |
|---|--|
| | "Em muitos filmes e livros, o vampiro possui poderes hipnóticos. [...] A influência hipnótica de um vampiro sobre uma pessoa é maior depois de ele ter mordido a vítima. [...] Desde <i>Dracula</i> , no entanto, a energia hipnótica do vampiro tem sido uma parte essencial de seu poder. O olhar podia ser usado para retirar as vítimas de seus quartos ou para fazer com que abrissem a porta para deixar o vampiro entrar." (MELTON, J. Gordon. O Livro dos Vampiros: a Enciclopédia dos Mortos-Vivos. São Paulo: Makron Books, 1995. p. 611-612) |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | 930/13021 |
| FREQUÊNCIA/ DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | 30/20 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo feminino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | compulsão* (F/D - 8/8) |
| NOTAS GRAMATICAIS: | * Há 8 ocorrências de <i>compulsão</i> como tradução para <i>compulsion</i> no <i>corpus</i> de TVD, o que parece demonstrar uma escolha pessoal do tradutor. |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | É igual ao bracelete que Elena deu a você. Para me proteger de hipnose . Verberna é tóxica para vampiros. |
| Fonte 1: | TVD S02E02 |
| EXEMPLO 2: | Toda a hipnose que realizei nela começou a desaparecer quando ela entrou em transição. |
| Fonte 2: | TVD S02E02 |
| EXEMPLO 3: | Acho que a hipnose do Damon funcionou. Jeremy estava arrumando as malas quando saí. |
| Fonte 3: | TVD S03E11 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES VERBAIS: | resistir à hipnose** (F/D - 2/2) |
| EXEMPLO 1: | Como ele pode resistir à hipnose , talvez poderia me ensinar a resistir a esse vínculo. |
| Fonte 1: | TVD S03E12 |
| EXEMPLO 2: | É forte o bastante para resistir à hipnose . Sei que é. |
| Fonte 2: | TVD S04E11 |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | ** Também há 1 ocorrência de <i>resistir à compulsão</i> no <i>corpus</i> de TVD. |

| | |
|----------------------------|--|
| TRANSLATOR'S NOTES: | In TB, the "vampire power that allows them to control a human's mind through eye contact with the victim" is called <i>glamouring</i> , also translated as <i>hipnose</i> in Portuguese. |
| | In TVD, the verb related to <i>compulsion</i> is <i>compel</i> . |
| SEE ALSO: | vervain |

| | |
|---------------------------|--|
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | Em TB, o "poder de vampiros que lhes permite controlar a mente humana através de contato visual com a vítima" é chamado de <i>glamouring</i> , também traduzido por <i>hipnose</i> em português. |
| | Em TVD, o verbo relativo a <i>hipnose</i> é <i>hipnotizar</i> . |
| VER TAMBÉM: | verbena |

| |
|----------------------------------|
| REVISÃO DA FICHA |
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 07/03/15 |

| ENGLISH | |
|-------------------------------------|---|
| TERM: | dagger |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, weapon that kills Original Vampires |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB () TVD (x) Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TVD 2.4.9 |
| DEFINITION: | Weapon dipped in white oak ash and stuck in an Original Vampire's heart that kills him until it is removed. |
| DEFINITION NOTES: | The dagger, if coated in white oak ash, kills the Original Vampire, desiccating him. If removed from the vampire's heart, he will revive. The <i>white oak stake</i> (TVD 2.4.8) is the only weapon capable of permanently killing an Original Vampire. |
| | Witches forged the dagger to which the white oak ash can be bonded in order to kill an Original Vampire. |
| | Only humans can use the dagger against an Original Vampire, as vampires who do it will also die. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "The White Oak Ash Daggers are weapons that were forged by witches as a means of subduing an Original Vampire. If dipped in the ash of the White Oak Tree dating from the genesis of the vampire race and placed in the heart of any Original Vampire, they'll remain dead for as long as the dagger stays in. This is unlike the White Oak Stake which will kill the Original Vampire permanently. The daggers must be used only by humans because if wielded by a monster - refers to non-original vampires and possibly werewolves - the dagger will claim both lives." (http://vampirediaries.wikia.com/wiki/White_Oak_Ash_Dagger) |
| | "One way to neutralize an Original vampire is to stab them in the heart with a dagger coated in the ash of the ancient white oak tree from which the Original vampires were created. Once stabbed with the dagger, the Original desiccates and is sent into a death-like sleep until the dagger is removed. However, if you take the dagger out of the body, even just once, the once-neutralized Original will be revived. It's not like a wooden stake in the heart for a vampire, which is instantly fatal, regardless of whether the stake is removed." (http://vampirediaries.wikia.com/wiki/Weapon) |

| PORTUGUÊS | |
|--------------------------------------|---|
| TERMO: | adaga |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo feminino, singular, arma que mata Vampiros Originais |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB () TVD (x) Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TVD 2.4.9 |
| DEFINIÇÃO: | Arma mergulhada em cinzas de carvalho branco e cravada no coração de um Vampiro Original que o mata até que ela seja removida. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | A adaga, se misturada às cinzas de carvalho branco, mata o Vampiro Original, dessecando-o. Se retirada do coração do vampiro, ele despertará. A <i>estaca de carvalho branco</i> (TVD 2.4.8) é a única arma capaz de matar um Vampiro Original permanentemente. |
| | Bruxas forjaram a adaga à qual as cinzas de carvalho branco podem ser ligadas para matar um Vampiro Original. |
| | Apenas seres humanos podem utilizar a adaga contra um Vampiro Original, pois vampiros que o fizerem também morrerão. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | "A Adaga e as Cinzas de Carvalho Branco são objetos, forjados por uma bruxa, usados para neutralizar algum membro da família Original. Se alguém mergulhar a adaga nas cinzas e cravá-la no coração de um Original, ele "morrerá" enquanto estiver com o punhal enfiado no peito. No entanto, se o mesmo for retirado, ele despertará. Apenas humanos, bruxos e doppelgangers podem incapacitar algum Original. Se um vampiro tentar usar a adaga contra o ancestral, ele próprio acabará morrendo." (http://vampirediariesworld.com/serie/objetos/adaga-e-as-cinzas-de-carvalho-branco/) |

| Grammatical information and frequency | |
|---|---|
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | dagger - 504/9719, daggers - 1748/9719 |
| FREQUENCY/ EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | dagger - 54/23, daggers - 9/7 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | The dagger must be dipped into the ash and then plunged into their heart. |
| Source 1: | TVD S02E13 |
| EXAMPLE 2: | And as long as the dagger stays in place, the Original, for all intents and purposes, is dead. |
| Source 2: | TVD S02E15 |
| EXAMPLE 3: | Dagger's lethal to any vampire who uses one. |
| Source 3: | TVD S03E15 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: | In TVD, <i>dagger</i> is also used as a verb ("You see, a vampire can't dagger an original without dying." S03E09, F/D - 15/6). In the TVD <i>corpus</i> , the translation into Portuguese of <i>dagger</i> as a verb is <i>empalar</i> ("Um vampiro não pode empalar um original sem morrer." S03E09, F/D - 40/21). |
| SEE ALSO: | white oak ash, white oak stake |

| Informações gramaticais e frequência | |
|---|---|
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | adaga - 596/13021, adagas - 2155/13021 |
| FREQUÊNCIA/ DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | adaga - 57/20, adagas - 9/7 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo feminino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAI: | --- |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | A adaga deve ser mergulhada nas cinzas. E enfiada no coração deles. |
| Fonte 1: | TVD S02E13 |
| EXEMPLO 2: | E enquanto a adaga ficasse no lugar... O Original, para todos os efeitos, está morto. |
| Fonte 2: | TVD S02E15 |
| EXEMPLO 3: | A adaga é letal para o vampiro que a usar. |
| Fonte 3: | TVD S03E15 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | Em TVD, <i>dagger</i> também é utilizado como um verbo ("You see, a vampire can't dagger an original without dying." S03E09, F/D - 15/6). No <i>corpus</i> de TVD, a tradução de <i>dagger</i> como verbo para o português é <i>empalar</i> ("Um vampiro não pode empalar um original sem morrer." S03E09, F/D - 40/21). |
| VER TAMBÉM: | cinzas de carvalho branco, estaca de carvalho branco |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 07/03/15

| ENGLISH | |
|-------------------------------------|--|
| TERM: | faerie |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, supernatural being |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD () Others (x) |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.2 |
| DEFINITION: | Supernatural being who can shine light from its hands and use it against vampires. |
| DEFINITION NOTES: | Faerie blood is very attractive to vampires. When they feed on faerie blood, vampires become immune to daylight for a certain period. |
| | In TB, supernatural beings used to believe that the faeries had been exterminated by vampires. In fact, vampires fed on faeries so eagerly that they migrated to another plane. |
| | Sookie, one of the main characters in TB, finds out in the third season that she is part human and part faerie. Before that, she believed she was a telepath. The fact that Sookie is only part faerie helps save her from vampire detection, but it makes her magic finite. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "Faeries appear as beautiful creatures with pointed ears and glossy thin skin. This is however just an illusion to appeal to the dominant species of their current dimension. In reality they are tough, ferocious and ugly. Faeries are super-humanly strong and durable. They possess longevity but are not outright immortal. Faeries are extremely attractive to humans as well as to vampires. Vampires have a hard time resisting faeries because of their smell and taste; fairy blood is intoxicating to vampires. This makes face to face interactions between them all but impossible. When a fairy dies a corpse is not left, just a sparkling powder (or fairy dust); the body just disintegrates. Faeries are secretive about their own race, customs, interactions, and world. They normally inhabit the fae world, named Faerie, but there are portals and doorways between it and the human world. Those who have fairy blood in them but are not full-blooded fairies have limited fae powers, while maintaining some of the attractive qualities of fairies." (http://trueblood.wikia.com/wiki/Faerie) |

| PORTUGUÊS | |
|--------------------------------------|--|
| TERMO: | fada |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo feminino, singular, ser sobrenatural |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD () Outros (x) |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.2 |
| DEFINIÇÃO: | Ser sobrenatural capaz de produzir luz em suas mãos e usá-la contra vampiros. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | O sangue de fadas é muito atrativo aos vampiros. Ao se alimentarem com o sangue de fadas, os vampiros se tornam imunes à luz do dia por determinado tempo. |
| | Em TB, os seres sobrenaturais acreditavam que as fadas haviam sido exterminadas por vampiros. Na verdade, os vampiros se alimentaram de fadas com tanta avidez que elas migraram para outro plano. |
| | Sookie, uma das personagens principais em TB, descobre na terceira temporada que é parte humana e parte fada. Antes disso, ela acreditava que fosse telepata. O fato de ser apenas metade fada a ajuda a não ser detectada por vampiros, mas faz com que sua mágica seja finita. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | --- |

| Grammatical information and frequency | |
|---|--|
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | faerie - 613/11505, faeries - 1329/11505 |
| FREQUENCY/EPISEODE DISTRIBUTION (F/D): | faerie - 54/16, faeries - 17/8 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | fae (F/D - 30/10), fairy (F/D - 34/11), fairies (F/D - 23/28) * |
| OTHER DENOMINATIONS: | Finodrrer (F/D - 1/1), Ellyllon (F/D - 1/1), The Old People (F/D - 1/1) |
| GRAMMATICAL NOTES: | * The difference in the use of the variants faerie/fairy and faeries/fairies may be due to the person or software's choice when transcribing the characters' speech into Closed Caption. |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | According to legend, fairy blood is delectable and intoxicating to vampires. |
| Source 1: | TB S03E10 |
| EXAMPLE 2: | You seriously expect me to believe she's fairy ? A species extinct for millennia? If they ever existed at all. |
| Source 2: | TB S03E11 |
| EXAMPLE 3: | The legends are true. The blood of the fae allows us to daywalk. Compton, Northman, you've both drunk from the same faerie I have. You know it lasts a few minutes at most before you fry. |
| Source 3: | TB S05E10 |
| Collocations | |
| NOUN-NOUN COLLOCATIONS: | faerie blood** (F/D - 7/6) |
| | Faerie Godmother (F/D - 5/3) |
| EXAMPLE 1: | So, Eric can daywalk some with the faerie blood , but it makes him drunk as a skunk. |
| Source 1: | TB S04E04 |
| EXAMPLE 2: | I have a Faerie Godmother ? |
| Source 2: | TB S04E01 |
| COLLOCATION NOTES: | ** See Definition Notes . |

| Informações gramaticais e frequência | |
|--|--|
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | fada - 400/15099, fadas - 516/15099 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | fada - 86/27, fadas - 65/19 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo feminino*, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | Fae (F/D - 3/1), Finodrrer (F/D - 1/1), Ellyllon (F/D - 1/1), O Povo Antigo (F/D - /1) |
| NOTAS GRAMATICAI: | * Quando há a menção a uma fada do sexo masculino, foi incluído, na tradução para o português, algum substantivo masculino antes do termo, de forma a reforçar o sexo desse ser (p. ex., "avô fada", "garoto fada", etc.). |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | De acordo com a lenda, sangue de fada é delicioso e viciante aos vampiros. |
| Fonte 1: | TB S03E10 |
| EXEMPLO 2: | Espera que eu acredite que ela é uma fada ? Uma espécie extinta há um milênio? Se é que existiram. |
| Fonte 2: | TB S03E11 |
| EXEMPLO 3: | As lendas são verdadeiras. O sangue de fada nos permite andar durante a luz do dia. Compton, Northman, vocês beberam da mesma fada que eu. Sabe que dura no máximo alguns minutos antes de fritar. |
| Fonte 3: | TB S05E10 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES NOMINAIS: | sangue de fada** (F/D - 7/5) |
| | fada-madrinha (F/D - 2/2), fada madrinha (F/D - 2/1) |
| EXEMPLO 1: | Eric pode andar na luz do sol com sangue de fada mas o deixa bêbado como um gambá. |
| Fonte 1: | TB S04E04 |
| EXEMPLO 2: | Tenho uma fada madrinha ? |
| Fonte 2: | TB S04E01 |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | **Veja Notas sobre Definição . |

| | |
|----------------------------|---------|
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| SEE ALSO: | vampire |

| | |
|---------------------------|---------|
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| VER TAMBÉM: | vampiro |

| |
|----------------------------------|
| REVISÃO DA FICHA |
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 07/03/15 |

| ENGLISH | |
|-------------------------------------|--|
| TERM: | glamouring |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, uncountable, vampire power |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD () Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.6.6 |
| DEFINITION: | Vampire power that allows them to control a human's mind through eye contact with the victim. |
| DEFINITION NOTES: | --- |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | <p>"Glamour is a form of mind control used by vampires to force certain humanoid species to do their bidding. It can be utilized as a truth serum, to compel obedience, and to erase and/or fabricate memories. All vampires have this power, but it is not innate; vampires must be instructed in this ability. The process is comparable to hypnosis." (http://trueblood.wikia.com/wiki/Glamour)</p> |

| PORTUGUÊS | |
|--------------------------------------|---|
| TERMO: | hipnose |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo feminino, singular, poder de vampiros |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD () Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.6.6 |
| DEFINIÇÃO: | Poder de vampiros que lhes permite controlar a mente humana através de contato visual com a vítima. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | --- |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | <p>"Uma das maneiras mais comuns de um vampiro conseguir o controle absoluto de suas vítimas é através dos poderes da hipnose. Depois disso, aproveita-se da situação para manipular a submetendo-a a todos os seus desejos sexuais, obrigando-a a lhe trazer novas vítimas para sugar a energia, e abrir-lhe portas sociais, etc. O processo que ele utiliza para hipnotizar é bastante simples: olha fixamente durante quarenta e cinco segundos dentro dos olhos da pessoa, de maneira que essa começa a se encantar com o brilho que emana de dentro de si. Essa fascinação é conseguida, pois o vampiro consegue ler dentro da pessoa seus mais secretos desejos, abrindo-se as suas proteções; a partir desse momento ele passa a controlar toda a sua vontade. Na verdade, a pessoa cai num profundo sono magnético no qual só tem olhos para a fonte que lhe irradia a magnetização. Mesmo quando acorda desse estado a pessoa é incapaz de lembrar-se de seus atos, a menos que o hipnotizador o deseje. Depois de acordada continua sob o domínio do vampiro, que num estalar de dedos a coloca novamente nesse estado. Por isso, é comum que muitas pessoas que já tiveram relações com vampiros não se lembrem de absolutamente nada, inclusive continuando a servi-lo sem notar as suas próprias atitudes." (http://www.mortesubita.org/vampirismo/vampirismo-astral/manual-pratico-do-vampirismo/dos-poderes-hipnoticos-de-um-vampiro-astral)</p> <p>"Em muitos filmes e livros, o vampiro possui poderes hipnóticos. [...] A influência hipnótica de um vampiro sobre uma pessoa é maior depois de ele ter mordido a vítima. [...] Desde <i>Dracula</i>, no entanto, a energia hipnótica do vampiro tem sido uma parte essencial de seu poder. O olhar podia ser usado para retirar as vítimas de seus quartos ou para fazer com que abrissem a porta para deixar o vampiro entrar." (MELTON, J. Gordon. <i>O Livro dos Vampiros: a Enciclopédia dos Mortos-Vivos</i>. São Paulo: Makron Books, 1995. p. 611-612)</p> |

| Grammatical information and frequency | |
|--|---|
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | 2234/11505 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | 8/7 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, uncountable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | They've got you all twisted up, with their... With their glamouring and their empty promises and their evil blood. |
| Source 1: | TVD S02E07 |
| EXAMPLE 2: | I'll go on a glamouring campaign, eliminate all memory that the video exists. |
| Source 2: | TVD S05E11 |
| EXAMPLE 3: | Listen up, this is glamouring 101. |
| Source 3: | TVD S06E06 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: | In TVD, the "vampire power that allows them to control a human's mind through eye contact with the victim" is called <i>compulsion</i> , also translated as <i>hipnose</i> in Portuguese. In TB, the verb related to <i>glamouring</i> is <i>glamour</i> . |
| SEE ALSO: | --- |

| Informações gramaticais e frequência | |
|--|---|
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | hipnose - 5175/15099, hipnoses - 11686/15099 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | hipnose - 4/4, hipnoses - 1/1 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo feminino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | encantamento* (F/D - 1/1) |
| NOTAS GRAMATICAIAS: | * Há 1 ocorrência de <i>encantamento</i> como tradução para <i>glamouring</i> no corpus de TB, o que parece demonstrar uma escolha pessoal do tradutor. |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Eles a alienaram, não é, com seus... Suas hipnoses e promessas furadas, e seu sangue do mal. |
| Fonte 1: | TVD S02E07 |
| EXEMPLO 2: | Vou hipnotizar os seguranças, e eliminar a memória de que o vídeo existe. |
| Fonte 2: | TVD S05E11 |
| EXEMPLO 3: | Ouçã. Vou ensinar sobre encantamento . |
| Fonte 3: | TVD S06E06 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | Em TVD, o "poder de vampiros que lhes permite controlar a mente humana através de contato visual com a vítima" é chamado de <i>compulsion</i> , também traduzido por <i>hipnose</i> em português. Em TB, o verbo relativo a hipnose é <i>hipnotizar</i> ou <i>encantar</i> . |
| VER TAMBÉM: | --- |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 07/03/15

| ENGLISH | |
|--|---|
| TERM: | hunter's curse |
| BASIC INFORMATION: | noun phrase, singular, countable, type of curse |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB () TVD (x) Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TVD 2.6.1.2.2 |
| DEFINITION: | Curse put on the vampire that kills a vampire hunter, driving him mad until he commits suicide. |
| DEFINITION NOTES: | Witches spelled hunters to kill vampires and cast the curse to guarantee vampire extinction. The only way to break the curse is if a new hunter, called "potential", arises and takes on the legacy. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "The Hunter's Curse is basically a failsafe, designed to torment the killer of a hunter and drive them insane so that they could commit suicide, and as a way to protect the hunter from being killed by vampires so they can complete their supernatural destiny. Thus, the hunter's job is still completed." (http://vampirediaries.wikia.com/wiki/Hunter%27s_Curse) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | curse - 346/9719, hunter - 344/9719 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | 11/7 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun phrase, singular, countable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | You know anything about the hunter's curse ? |
| Source 1: | TVD S04E06 |
| EXAMPLE 2: | He's the one who told Damon how to break the hunter's curse . |
| Source 2: | TVD S04E07 |
| EXAMPLE 3: | Well, I could kill you, but then I'd have to deal with the hunter's curse , and I... I don't particularly feel like being haunted for the next century. |
| Source 3: | TVD S04E11 |

| PORTUGUÊS | |
|--|---|
| TERMO: | maldição do caçador |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | sintagma nominal, substantivo feminino, singular, tipo de maldição |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB () TVD (x) Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TVD 2.6.1.2.2 |
| DEFINIÇÃO: | Maldição lançada sobre o vampiro que matar um caçador de vampiros, enlouquecendo-o até que cometa suicídio. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | As bruxas enfeitiçaram os caçadores para matarem vampiros e lançaram a maldição do caçador para se certificarem da extinção dos vampiros. A única maneira de quebrar a maldição é se um novo caçador, chamado de "potencial", surgir e assumir o legado. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | --- |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | maldição - 298/13021, caçador - 328/13021 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | 7/5 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | sintagma nominal, substantivo feminino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIS: | --- |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Conhece a maldição do caçador ? |
| Fonte 1: | TVD S04E06 |
| EXEMPLO 2: | Foi ele quem contou ao Damon como quebrar a maldição do caçador . |
| Fonte 2: | TVD S04E07 |
| EXEMPLO 3: | Poderia te matar... Mas teria que lidar com a maldição do caçador e não quero ser assombrado pelo resto do século. |
| Fonte 3: | TVD S04E11 |

| Collocations | |
|----------------------------|------------------------|
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| SEE ALSO: | <i>hunter, vampire</i> |

| Colocações | |
|--------------------------------|-------------------------|
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| VER TAMBÉM: | <i>caçador, vampiro</i> |

| REVISÃO DA FICHA |
|----------------------------------|
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 07/03/15 |

| ENGLISH | |
|--|--|
| TERM: | hybrid |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, supernatural being |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB () TVD (x) Others (x) |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TVD 2.3 |
| DEFINITION: | Supernatural being that is part werewolf and part vampire. |
| DEFINITION NOTES: | In TVD, the Original Vampire Klaus is son of a werewolf. However, when he was turned into a vampire, witches put a curse so that his werewolf side would be dormant and he would not become a hybrid. In order to break such curse, Klaus had to sacrifice, on a full moon, a werewolf, a vampire and a doppelganger. By triggering his werewolf side, Klaus became a hybrid and was able to sire a bloodline. In TVD, the werewolves who are turned into hybrids gain control over their transformation into wolves. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | --- |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | hybrid - 435/9719, hybrids - 422/9719 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | hybrid - 93/31, hybrids - 100/30 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | Klaus is a vampire born of a werewolf bloodline. The curse has kept his werewolf aspect from manifesting. But if he breaks it... He'll be a true hybrid . |
| Source 1: | TVD S02E20 |
| EXAMPLE 2: | The hybrids can't transition because Elena's still alive. |
| Source 2: | TVD S03E05 |
| EXAMPLE 3: | I'm a hybrid , Gilbert. You can't kill me unless you cut off my head or rip out my heart. |
| Source 3: | TVD S03E10 |

| PORTUGUÊS | |
|--|---|
| TERMO: | híbrido |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, ser sobrenatural |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB () TVD (x) Outros (x) |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TVD 2.3 |
| DEFINIÇÃO: | Ser sobrenatural que é parte lobisomem e parte vampiro. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Em TVD, o Vampiro Original Klaus é filho de um lobisomem. No entanto, ao ser transformado em vampiro, bruxas lançaram uma maldição para que seu lado lobisomem ficasse dormente e ele não se tornasse um híbrido. Para quebrar tal maldição, Klaus teve que sacrificar, na lua cheia, um lobisomem, um vampiro e uma cópia. Despertando sua parte lobisomem, Klaus se tornou um híbrido e pôde gerar uma linhagem de híbridos. Em TVD, os lobisomens que são tornados híbridos obtêm controle sobre sua transformação em lobo. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | --- |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | híbrido - 532/13021, híbrida - 4746/13021, híbridos - 332/13021 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | híbrido - 65/29, híbrida - 3/3, híbridos - 109/31 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMÁTICAS: | --- |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Klaus é um vampiro que veio de uma linhagem de lobisomens. A maldição impediu seu lado lobisomem de se manifestar. Mas se ele a quebrar, será um verdadeiro híbrido . |
| Fonte 1: | TVD S02E20 |
| EXEMPLO 2: | Os híbridos não se transformam porque a Elena está viva. |
| Fonte 2: | TVD S03E05 |
| EXEMPLO 3: | Sou um híbrido , Gilbert. Você só me mataria se cortasse minha cabeça ou arrancasse meu coração. |
| Fonte 3: | TVD S03E10 |

| Collocations | |
|-------------------------|--|
| NOUN-NOUN COLLOCATIONS: | hybrid bite (F/D - 2/2) |
| | hybrid curse* (F/D - 6/2) |
| EXAMPLE 1: | "But why? Were they bitten by a hybrid, or..." "Hybrid bites don't look like that." |
| Source 1: | TVD S03E18 |
| EXAMPLE 2: | She put the hybrid curse on Nik to suppress his werewolf side, and then she turned her back on him. |
| Source 2: | TVD S03E08 |
| VERB-NOUN COLLOCATIONS: | make hybrids (F/D - 6/6) |
| EXAMPLE 1: | Klaus needs Elena's blood to make hybrids . |
| Source 1: | TVD S03E21 |
| EXAMPLE 2: | If I can keep Elena human, you'll still have an endless blood supply to make your hybrids . |
| Source 2: | TVD S04E01 |
| COLLOCATION NOTES: | * Check the specific terminological record sheet for hybrid curse . |
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| SEE ALSO: | sire bond, vampire, werewolf |

| Colocações | |
|-------------------------|--|
| COLOCAÇÕES NOMINAIS: | mordidas de híbridos (F/D - 1/1) |
| | maldição do híbrido*:** |
| EXEMPLO 1: | "Mas por quê? Foram mordidos por um híbrido ou..." "Mordidas de híbridos não são assim." |
| Fonte 1: | TVD S03E18 |
| EXEMPLO 2: | Amaldiçoou Nik para suprimir seu lado lobisomem, e... então lhe deu as costas. |
| Fonte 2: | TVD S03E08 |
| COLOCAÇÕES VERBAIS: | fazer híbridos (F/D - 6/6) |
| | criar híbridos (F/D - 6/5) |
| EXEMPLO 1: | Klaus precisa do sangue dela para fazer híbridos . |
| Fonte 1: | TVD S03E21 |
| EXEMPLO 2: | Se eu puder manter Elena como humana, você ainda terá um estoque infinito de sangue para criar seus híbridos . |
| Fonte 2: | TVD S04E01 |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | * Ver a ficha terminológica específica de maldição do híbrido . ** Não há uma tradução-padrão para <i>hybrid curse</i> no <i>corpus</i> em português de TVD. Por essa razão, sugerimos a tradução <i>maldição do híbrido</i> , de forma a manter o paralelismo com as outras maldições (maldição do caçador, maldição do lobisomem, etc.). O exemplo apresentado para essa fraseologia mostra a estratégia do tradutor, que transforma a colocação verbal <i>put a curse</i> em inglês no verbo <i>amaldiçoarem</i> português, suprimindo na tradução o correspondente a <i>hybrid</i> . |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| VER TAMBÉM: | ligação, vampiro, lobisomem |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 07/03/15

| ENGLISH | |
|---|---|
| TERM: | locator spell |
| BASIC INFORMATION: | noun phrase, singular, countable, type of spell |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB () TVD (x) Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TVD 2.6.1.1.4 |
| DEFINITION: | Spell used by a witch to locate an object or a person that has been hidden. |
| DEFINITION NOTES: | It is not possible to locate an object or a person hidden by a spell. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "Locator spells allow witches to discern the location of an object or person anywhere in the world. Locator spells are ineffective if the person or object is being hidden with a cloaking spell." (http://vampirediaries.wikia.com/wiki/Spells_and_Rituals) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | spell - 224/9719, locator - 2047/9719 |
| FREQUENCY/EPISEODE DISTRIBUTION (F/D): | 7/6 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun phrase, singular, countable |
| VARIANTS: | locator spell* (F/D - 3/2) |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | * There are 3 occurrences of <i>locator spell</i> in the <i>corpus</i> , probably due to a spelling inconsistency when transcribing the audio into Closed Caption. |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | Jeremy made a little Gilbert blood donation for your locator spell . |
| Source 1: | TVD S03E20 |
| EXAMPLE 2: | I'm gonna stay and try a locator spell . |
| Source 2: | TVD S04E13 |
| EXAMPLE 3: | I see your locator spell worked. |
| Source 3: | TVD S04E13 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |

| PORTUGUÊS | |
|--|---|
| TERMO: | feitiço localizador |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | sintagma nominal, substantivo masculino, singular, tipo de feitiço |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB () TVD (x) Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TVD 2.6.1.1.4 |
| DEFINIÇÃO: | Feitiço utilizado por uma bruxa para localizar um objeto ou uma pessoa que tenham sido escondidos. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Não é possível localizar um objeto ou uma pessoa escondido por um feitiço. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | --- |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | feitiço - 215/13021, localizador - 2433/13021 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | 7/5 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | sintagma nominal, substantivo masculino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | feitiço de localização* (F/D - 4/4) |
| NOTAS GRAMATICAIS: | * Há 4 ocorrências de <i>feitiço de localização</i> como tradução de <i>locator spell</i> no <i>corpus</i> , o que parece demonstrar uma escolha pessoal do tradutor. |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Jeremy doou sangue Gilbert para seu feitiço localizador . |
| Fonte 1: | TVD S03E20 |
| EXEMPLO 2: | Vou ficar aqui para tentar um feitiço localizador . |
| Fonte 2: | TVD S04E13 |
| EXEMPLO 3: | Seu feitiço localizador funcionou. |
| Fonte 3: | TVD S04E13 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |

| | |
|----------------------------|-----------------------|
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| | |
| SEE ALSO: | tracking spell, spell |

| | |
|---------------------------|----------------------------------|
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| | |
| VER TAMBÉM: | feitiço de rastreamento, feitiço |

| |
|----------------------------------|
| REVISÃO DA FICHA |
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 07/03/15 |

| ENGLISH | |
|--|---|
| TERM: | maker |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, vampire |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD () Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.6.10 |
| DEFINITION: | Vampire who has turned a human into a vampire. |
| DEFINITION NOTES: | The vampire offspring is called progeny, and is bound to his maker until he is released through the utterance of "As your maker, I release you!". Makers give ultimate orders to their offspring through the sentence "As your maker, I command you...". |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "A maker is a vampire who has turned a human into a vampire. The vampire offspring, or progeny, is bound to his/her maker until he/she is formally released. The process of becoming a maker is called 'making' or 'turning'." (http://trueblood.wikia.com/wiki/Maker) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | maker - 447/11505, makers - 3560/11505 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | maker - 84/38, makers - 3/3 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | I haven't seen my maker for much longer than that, and yet I am still loyal to him. |
| Source 1: | TB S02E06 |
| EXAMPLE 2: | The bond between a vampire and his maker is stronger than you can imagine. |
| Source 2: | TB S02E08 |
| EXAMPLE 3: | Abandoning a new vampire is no different. Becoming a maker is an eternal commitment-- greater than any marriage, deeper than any human bond. |
| Source 3: | TB S05E03 |

| PORTUGUÊS | |
|--|---|
| TERMO: | criador |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, vampiro |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD () Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.6.10 |
| DEFINIÇÃO: | Vampiro que transformou um humano em vampiro. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | O descendente do vampiro é chamado de cria e está ligado ao seu criador até ser libertado por meio da frase "Como seu criador, eu o liberto". Criadores dão ordens irrevogáveis a sua cria por meio da frase "Como seu criador, eu ordeno...". |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | --- |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | criador - 499/15099, criadora - 1424/15099, criadores - 4892/15099 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | criador - 68/34, criadora - 17/10, criadores - 3/3 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular * |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIS: | * <i>Criador</i> também ocorre em sua forma feminina - <i>criadora</i> - e em sua forma plural - <i>criadores</i> . |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Não vejo meu criador há muito mais tempo que isso, e ainda sou leal a ele. |
| Fonte 1: | TB S02E06 |
| EXEMPLO 2: | A ligação entre um vampiro e seu criador é mais forte do que pode imaginar. |
| Fonte 2: | TB S02E08 |
| EXEMPLO 3: | Abandonar um vampiro novo não é diferente. Tornar-se um criador é um compromisso eterno. Maior que qualquer casamento, mais profundo que qualquer laço humano. |
| Fonte 3: | TB S05E03 |

| Collocations | |
|----------------------------|---------|
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| SEE ALSO: | progeny |

| Colocações | |
|--------------------------------|------|
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| VER TAMBÉM: | cria |

| REVISÃO DA FICHA |
|----------------------------------|
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 09/03/15 |

| ENGLISH | |
|--|---|
| TERM: | map |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, hunter |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB () TVD (x) Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TVD 2.2.1.1 |
| DEFINITION: | Mark that appears as a tattoo on a vampire hunter's body, leading to where the cure to vampirism is found. |
| DEFINITION NOTES: | The map shows up on a hunter's body in parts. The more vampires he kills, the more parts of the map will arise. |
| | The only ones who can see the marks that form the map are hunters and potentials. |
| | The key to decoding the map is the hunter's sword. |
| | The map is found on a hunter's body because it reveals where the cure to vampirism is found, which, if used properly by hunters, could extinguish the vampires. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "The Hunter's Mark is a mark which appears as a tattoo on the body of a member of The Brotherhood of the Five. The mark begins at the dorsal face of the right hand and continues up the arm and across the chest, revealing the story of the first immortal Silas, the death of his lover at Qetsiyah's hands, his entrapment, and the ultimate mission of the Brotherhood. It serves many purposes - it's a map, a story, a coded message, an empowerment and a spell all at the same time." (http://vampirediaries.wikia.com/wiki/Hunter%27s_Mark) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | 989/9719 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | 26/11 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |

| PORTUGUÊS | |
|--|---|
| TERMO: | mapa |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, caçador |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB () TVD (x) Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TVD 2.2.1.1 |
| DEFINIÇÃO: | Marca que aparece como uma tatuagem no corpo de um caçador de vampiros, levando ao local onde se encontra a cura para o vampirismo. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | O mapa aparece no corpo de um caçador por partes. Quanto mais vampiros ele matar, mais partes do mapa surgirão. |
| | Os únicos que conseguem ver as marcas que formam o mapa são caçadores e potenciais. |
| | A chave para decodificar o mapa é a espada do caçador. |
| | O mapa se encontra no corpo de caçadores pois ele revela o local onde se encontra a cura para o vampirismo, a qual, se usada apropriadamente pelos caçadores, poderia extinguir os vampiros. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | "'Os Cinco' eram homens que faziam parte de uma fraternidade de caçadores de vampiros. Ligados pelo feitiço de uma bruxa, eles eram extremamente fortes e possuíam uma arma suprema, a qual nenhum vampiro sobreviveria. Cada caçador ligado a esta fraternidade carrega uma tatuagem, que aumenta à medida que ele mata mais vampiros. As tatuagens são um mapa, que só pode ser decifrado com o auxílio da espada denominada como 'Arma Suprema'. Através do mapa e da arma, supostamente poderá ser descoberta uma cura para o vampirismo." (http://vampirediariesbrasil.com.br/2012/11/os-cinco-como-isso-afetara-o-futuro-de-jeremy/) |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | 1083/13021 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | 25/10 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIS: | --- |

| Usage | |
|---------------------|---|
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | The map is useless without the tool to decipher it. The sword. |
| Source 1: | TVD S04E04 |
| EXAMPLE 2: | So apparently if we want to find the cure, we have to find a vampire hunter who can kill enough vampires to reveal the map on the hunter's mark. |
| Source 2: | TVD S04E07 |
| EXAMPLE 3: | Even if you complete the mark and you get the map , the thing that you're looking for is sealed with a spell only a certain kind of witch can perform. |
| Source 3: | TVD S04E07 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| SEE ALSO: | mark, hunter |

| Usos | |
|-------------------------|---|
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | O mapa é inútil sem a ferramenta para decifrá-lo. A espada. |
| Fonte 1: | TVD S04E04 |
| EXEMPLO 2: | Parece que para encontrar a cura, temos que encontrar um caçador que mate vampiros o bastante para revelar o mapa na marca de caçador. |
| Fonte 2: | TVD S04E07 |
| EXEMPLO 3: | Mesmo se completar a marca e conseguir o mapa , o que procura está selado com um feitiço que apenas um tipo de bruxa pode realizar. |
| Fonte 3: | TVD S04E07 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| VER TAMBÉM: | marca, caçador |

| REVISÃO DA FICHA |
|----------------------------------|
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 09/03/15 |

| ENGLISH | |
|--|--|
| TERM: | pack |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, werewolf society |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD (x) Others (x) |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.8.2, TVD 2.5.4 |
| DEFINITION: | Organized group of werewolves. |
| DEFINITION NOTES: | In TB, the pack is led by a packmaster. In TVD, the pack is led by an Alpha. |
| ENCYCLOPÉDIC INFORMATION: | "Generally, werewolves are territorial and function collectively in packs, and are led by a packmaster. However, there are those who live without packs, either by choice or through social rejection; they are known as lone wolves, and are considered outcasts." (http://trueblood.wikia.com/wiki/Werewolf) |
| | "Wolf Packs are organized groups consisting of either werewolves, or hybrids, or both. As of Season 5, there are eight known wolf packs, most of which are now disbanded for one reason or another. [...] Not much is told about the origins of werewolf packs, but since wolves and werewolves are pack driven creatures, it's likely that they have existed since the beginning of the werewolf's origin. It was said after the werewolf genocide, most if not all of the the remaining werewolves paired up in order to protect themselves from death at the hands of vampires who wanted them dead for their own protection." (http://vampirediaries.wikia.com/wiki/Wolf_Packs) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | pack - 377/11505 (TB), 868/9719 (TVD); packs - 4399/11505 (TB), 5061/9719 (TVD) |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | pack - 97/27 (TB), 14/8 (TVD); packs - 1/1 (TB), 2/2 (TVD) |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |

| PORTUGUÊS | |
|--|--|
| TERMO: | bando |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, sociedade dos lobisomens |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD (x) Outros (x) |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.8.2, TVD 2.5.4 |
| DEFINIÇÃO: | Grupo organizado de lobisomens. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Em TB, o bando é liderado por um líder. Em TVD, o bando é liderado por um Alfa. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | --- |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | bando - 436/15099 (TB), 1581/13021 (TVD); bandos - 4712/15099 (TB) |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | bando - 69/22 (TB), 8/4 (TVD); bandos - 1/1 (TB) |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | matilha* (TB, F/D - 30/10); grupo (TVD, F/D - 4/2), alcateia (TVD, F/D - 1/1) |
| NOTAS GRAMATICAS: | --- |

| Usage | |
|---|---|
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | He's had a pack of Weres serving him for centuries all over the world. |
| Source 1: | TB S03E05 |
| EXAMPLE 2: | The pack is shifting together tonight for the full moon. |
| Source 2: | TB S04E06 |
| EXAMPLE 3: | This pack life ain't for us. |
| Source 3: | TB S06E07 |
| EXAMPLE 4: | Just tell me where your pack gathers for the full moon. |
| Source 4: | TVD S03E01 |
| EXAMPLE 5: | You wanna hunt down a pack of werewolves on a full moon? |
| Source 5: | TVD S03E02 |
| EXAMPLE 6: | Chris was a friend, Caroline. He's like me. He's part of my pack . |
| Source 6: | TVD S04E06 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: --- | |
| SEE ALSO: packmaster (TB), Alpha (TVD), werewolf | |

| Usos | |
|--------------------------------|--|
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Tem um bando de lobos a seu serviço, há séculos. Pelo mundo todo. |
| Fonte 1: | TB S03E05 |
| EXEMPLO 2: | O bando vai se transformar junto hoje, na lua cheia. |
| Fonte 2: | TB S04E06 |
| EXEMPLO 3: | A vida no bando não é para nós. |
| Fonte 3: | TB S06E07 |
| EXEMPLO 4: | Só me diga onde seu bando se reúne na lua cheia. |
| Fonte 4: | TVD S03E01 |
| EXEMPLO 5: | Quer caçar um bando de lobisomens na lua cheia? |
| Fonte 5: | TVD S03E02 |
| EXEMPLO 6: | Chris era um amigo, Caroline! Ele é como eu. Parte de meu bando . |
| Fonte 6: | TVD S04E06 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | * Mesmo que o substantivo coletivo designador de um grupo de lobos seja, em português, alcateia, e não matilha (grupo de cães), <i>matilha</i> aparece, em TB, como a segunda tradução mais frequente para <i>pack</i> . |
| VER TAMBÉM: | líder (TB), Alfa (TVD), lobisomem |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 09/03/15

| ENGLISH | |
|--|--|
| TERM: | Sanguinista |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, vampire |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD () Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.6.13.1 |
| DEFINITION: | Vampire member of a political and religious movement called Sanguinista Movement. |
| DEFINITION NOTES: | The Sanguinista Movement is a vampire movement which believes that the only purpose of humans is to serve as food for vampires. This movement opposes the Mainstreaming Movement, which encourages the peaceful coexistence between vampires and humans. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "The Sanguinista Movement is a faction of vampires that believe in a literal interpretation of the Vampire Bible. Vampire fundamentalists, these vampires are opposed to mainstreaming, and desire to topple the Authority for its centuries of oppression. They also believe that vampires should dominate humans instead of coexisting in peace. [...] The Sanguinistas believe in the literal interpretation of the Vampire Bible, which states that humans are nothing more than food or nourishment for vampires. It also goes on to state that any form of relationship between vampires and humans is blasphemy. They have been referred to as fundamentalists by The Authority, and they consider this way of thinking to be a dead end. Although Sanguinistas believe in the concept of "daywalking", they reject any attempt to pursue it, believing that Lilith intended her children to be creatures of the night and that fairies are abominations. While the Authority and the Sanguinistas are idealistically opposed they do share a common belief in Lilith, who is considered to be the first vampire and is worshipped as a God." (http://trueblood.wikia.com/wiki/Sanguinista) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | Sanguinista - 2288/11505, Sanguinistas - 2289/11505 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | Sanguinista - 5/3, Sanguinistas - 8/4 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | Sanguinist (F/D - 4/4) |

| PORTUGUÊS | |
|--|--|
| TERMO: | sanguinista |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, vampiro |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD () Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.6.13.1 |
| DEFINIÇÃO: | Vampiro membro de um movimento político e religioso denominado Movimento Sanguinista. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | O Movimento Sanguinista é um movimento de vampiros que acredita que o único propósito dos humanos é servir de alimento para vampiros. Esse movimento se opõe ao Movimento de Integração, o qual encoraja a coexistência pacífica entre vampiros e humanos. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | "[...] a Autoridade, que é liderada por um, que ao que parece, é descendente direto de Lilith, não quer a morte dos humanos, mas ao contrário, quer a paz entre os povos. Porém vem encontrando problemas em sustentar essa situação já que muitos acreditam que Lilith surgirá e tratará os humanos como devem ser tratados, alimentos. A esse grupo de rebeldes dá-se o nome de Sanguinistas." (http://hollywoodeaqui.tumblr.com/post/26908927170/fa-de-carteirinha-true-blood-e-suas-novidades) |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | sanguinista - 3191/17883, sanguinistas - 3605/17883 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | sanguinista - 4/2, sanguinistas - 6/4 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular |
| VARIANTES: | Sanguinista (F/D - 1/1), Sanguinistas (F/D - 4/3) * |

| | |
|-----------------------------|---|
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | Let the Sanguinistas know that we are willing to kill just as much as they are. |
| Source 1: | TB S05E04 |
| EXAMPLE 2: | But the Sanguinistas are gaining ground. They are recruiting followers even among your closest allies. |
| Source 2: | TB S05E05 |
| EXAMPLE 3: | "Are you a Sanguinista ?" "No!" |
| Source 3: | TB S05E07 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| SEE ALSO: | Sanguinista Movement, <i>mainstreamer</i> |

| | |
|--------------------------------|---|
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIS: | * Essa variação provavelmente se dá por influência da grafia em iniciais maiúsculas do termo <i>Movimento Sanguinista</i> . |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Deixe que os sanguinistas saibam que estamos dispostos a matar tanto quanto eles. |
| Fonte 1: | TB S05E04 |
| EXEMPLO 2: | Mas os sanguinistas estão ganhando espaço. Estão recrutando seguidores mesmo com nossos aliados. |
| Fonte 2: | TB S05E05 |
| EXEMPLO 3: | "Você é uma Sanguinista ?" "Não!" |
| Fonte 3: | TB S05E07 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| VER TAMBÉM: | Movimento Sanguinista, <i>populista</i> |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 09/03/15

| ENGLISH | |
|--|---|
| TERM: | sheriff |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, vampire organization |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD () Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.6.14.4 |
| DEFINITION: | Vampire designated by the Authority as responsible for the vampires in a certain geographical area. |
| DEFINITION NOTES: | --- |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "Vampire Sheriff is a position of considerable power and responsibility within the vampire hierarchy. On the HBO original series True Blood, vampire sheriffs govern large territories called "areas", and all vampires within a given area must obey their sheriff, and report to him or her when a crime occurs." (http://trueblood.wikia.com/wiki/Vampire_sheriff) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | sheriff - 525/13559, sheriffs - 5126/13559 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | sheriff - 39/17, sheriffs - 3/3 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | Sheriff (F/D - 27/17), Sheriffs (F/D - 3/2) |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | You should remember that I am your sheriff , Bill. We are not equal. |
| Source 1: | TB S02E04 |
| EXAMPLE 2: | Only kings and queens have subjects, Eric, not sheriffs . |
| Source 2: | TB S02E04 |
| EXAMPLE 3: | Because everyone who met Stan in the last 300 years knew he had a kink about slaughtering humans. But you, his nest mates, his Sheriff , had no clue. |
| Source 3: | TB S02E09 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |

| PORTUGUÊS | |
|--|--|
| TERMO: | xerife |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, organização de vampiros |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD () Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.6.14.4 |
| DEFINIÇÃO: | Vampiro designado pela Autoridade como responsável pelos vampiros em determinada área geográfica. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | --- |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | --- |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | xerife - 444/17883, xerifes - 5105/17883 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | xerife - 34/18, xerifes - 4/4 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular |
| VARIANTES: | Xerife (F/D - 27/14), Xerifes (F/D - 3/2) |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIS: | --- |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Lembre-se que sou seu xerife , Bill. Não somos iguais. |
| Fonte 1: | TB S02E04 |
| EXEMPLO 2: | Apenas reis e rainhas tem súditos, não xerifes . |
| Fonte 2: | TB S02E04 |
| EXEMPLO 3: | Porque todos que o conheceram nos últimos 300 anos sabem que ele tinha uma tara por massacrar humanos. Mas vocês, companheiros dele, o xerife dele, não sabiam. |
| Fonte 3: | TB S02E09 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |

| | |
|----------------------------|---|
| TRANSLATOR'S NOTES: | In TB, <i>sheriff</i> also occurs as a designation to the human appointed by the Police Department as responsible to a certain geographical area. |
| SEE ALSO: | Authority |

| | |
|---------------------------|--|
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | Em TB, <i>xerife</i> também ocorre como designação ao humano apontado pelo Departamento de Polícia como responsável por determinada área geográfica. |
| VER TAMBÉM: | Autoridade |

| |
|----------------------------------|
| REVISÃO DA FICHA |
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 09/03/15 |

| ENGLISH | |
|-------------------------------------|--|
| TERM: | shifter |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, supernatural being |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD () Others (x) |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.4 |
| DEFINITION: | Supernatural being who can shift into animals by using a live animal as a model. |
| DEFINITION NOTES: | For shifters, turning into humans is hard, as human beings are complex. The ability to shift is inherited. They can shift at any time, but can't stop the shift in the full moon. When they sleep, shifters turn back to their human form. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "A shapeshifting ability, founded in mythology, folklore and fantasy fiction, is the ability of an entity to physically transform into another being or form. This is usually achieved through an inherent faculty of a mythological creature, divine intervention, or the use of magic spells or talismans. The idea of shapeshifting has been present since antiquity and may be common in all cultures. It is present in the oldest forms of totemism and shamanism, as well as the oldest extant literature and epic poems, including works such as the Epic of Gilgamesh and the Iliad, where the shapeshifting is usually induced by the act of a deity. The idea persisted through the Middle Ages, where the agency causing shapeshifting is usually a sorcerer or witch, and into the modern period. It remains a common trope in modern fantasy, children's literature, and works of popular culture. The most common form of shapeshifting myths is that of therianthrope, which is the transformation of a human being into an animal or conversely, of an animal into human form. Legends allow for transformations into plants and objects, and the assumption of another human countenance (e.g. fair to ugly)." (http://en.wikipedia.org/wiki/Shapeshifting) |

| PORTUGUÊS | |
|--------------------------------------|---|
| TERMO: | metamorfo |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, ser sobrenatural |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD () Outros (x) |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.4 |
| DEFINIÇÃO: | Ser sobrenatural que pode se transformar em animais usando um animal vivo como modelo. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Metamorfos têm dificuldade de se transformar em um ser humano, pois seres humanos são complexos. A habilidade de se transformar é hereditária. Eles podem se transformar a qualquer momento, mas não conseguem parar a transformação quando há lua cheia. Quando dormem, retornam à sua forma humana. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | "Em ficção, um transmorfo é um ser ou criatura com capacidade de assumir a forma de qualquer animal, porém tem um controle maior sobre determinada família de animais, como, por exemplo, os felinos ou caninos. Um transmorfo também pode assumir forma humana ou humanóide. Transmorfos podem transformar-se em qualquer espécie animal ou humana, mas sua verdadeira forma pode ser uma raça específica: uns são gatos, outros sapos, lobos, peixes, ratos, etc. Se, por exemplo, a sua verdadeira forma for um lobo, ele terá mais controle para transformar-se em animais da espécie canina." (http://pt.wikipedia.org/wiki/Transmorfo) |

| | |
|--|---|
| | In the <i>Supernatural</i> TV series, a shapeshifter is a "monster that can turn itself into different people or animals, being able to look like anybody; its eyes flare when shot by a camera and so it can be identified; it can only be killed with silver bullet to the heart. Ex.: And the shapeshifter, he can turn into different people." (http://www.ic.voteonline.com.br/) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | shifter - 623/11505, shifters - 1224/11505 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | shifter - 53/27, shifters - 20/12 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | shape-shifter (F/D - 7/4), shapeshifter (F/D - 2/2)* |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | * <i>Shifter</i> is the reduction of <i>shape-shifter</i> , or <i>shapeshifter</i> . See Example 1 . |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | "A shape-shifter ?" "Most of us refer to ourselves simply as shifters ."*** |
| Source 1: | TB S01E10 |
| EXAMPLE 2: | I may be a shape-shifter but I want what every man wants. You know, a good life, a good woman. |
| Source 2: | TB S01E11 |
| EXAMPLE 3: | "Mm, nice, you run a little hot." [...] "Everybody else is 98.6 but I'm always around 100, 101." "Me too. It's a shifter thing." |
| Source 3: | TB S02E05 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| | |

| | |
|--|--|
| | Na série de TV <i>Sobrenatural</i> , um metamorfo é uma "criatura que se transforma em animais ou homens, podendo assumir a aparência de qualquer pessoa; seus olhos brilham quando filmados e assim pode ser identificada; morta apenas com bala de prata. Ex.: Todas as culturas no mundo têm uma lenda do metamorfo. Lendas de criaturas que podem se transformar em animais ou homens." (http://www.ic.voteonline.com.br/) |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | metamorfo - 843/15099, metamorfos - 1212/15099, metamorfa - 2839/15099, metamorfás - 12591/15099 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | metamorfo - 35/22, metamorfos - 21/14, metamorfa - 7/7, metamorfás - 1/1 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular * |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | transmorfo/a (s.m. F/D - 4/2, s.f. F/D - 2/2), modificadores (F/D - 2/1) ** |
| NOTAS GRAMATICAS: | * <i>Metamorfo</i> também ocorre em sua forma feminina - <i>metamorfa</i> - e em suas formas plurais - <i>metamorfos</i> e <i>metamorfás</i> . ** Em TB, o <i>metamorfo</i> também é denominado <i>transmorfo</i> ou, referindo-se a esses seres como um grupo, <i>modificadores</i> . Ver Exemplo 1 . |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | "Um metamorfo ?" "Preferimos nos chamar simplesmente de modificadores ."*** |
| Fonte 1: | TB S01E10 |
| EXEMPLO 2: | Posso ser um metamorfo , mas quero o que todo homem quer. Uma boa vida, uma boa mulher. |
| Fonte 2: | TB S01E11 |
| EXEMPLO 3: | "Ótimo, você é um pouco quente." [...] "Todos são 36,5°C. Fico em 37,5, 38 graus." "Eu também. É coisa de metamorfos ." |
| Fonte 3: | TB S02E05 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| | |

| | |
|----------------------------|---|
| TRANSLATOR'S NOTES: | ** In English, <i>shifter</i> is the short form for <i>shape-shifter</i> . In Portuguese, there is no short form for <i>metamorfo</i> . Therefore, in the translation into Portuguese, as it can be seen in Exemplo 1 , the translator makes use of a synonym for <i>metamorfo</i> , whether than of a short form. |
| SEE ALSO: | shift, werewolf, werepanther |

| | |
|---------------------------|--|
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | *** No inglês, <i>shifter</i> é a redução de <i>shape-shifter</i> . No português, não há uma redução para <i>metamorfo</i> . Por isso, na tradução para o português, como se vê no Exemplo 1 , o tradutor fez uso de um sinônimo de <i>metamorfo</i> , em vez de uma redução. |
| VER TAMBÉM: | transformação, lobisomem, pantera |

| |
|----------------------------------|
| REVISÃO DA FICHA |
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 09/03/15 |

| ENGLISH | |
|--|---|
| TERM: | silver |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, uncountable, harm to vampires or werewolves |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD (x) Outros () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.6.2, TVD 2.5.1 |
| DEFINITION: | Agent of harm to vampires or werewolves used to manufacture chains and bullets to burn them. |
| DEFINITION NOTES: | In TB, silver is harmful only to vampires, but not to werewolves. In TVD, it is harmful only to werewolves, but not to vampires. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | <p>"In folklore, a bullet cast from silver is often the only weapon that is effective against a werewolf, witch, or other monsters. [...] The idea of the werewolf's supposed vulnerability to silver probably dates back to the legend of the Beast of Gévaudan, in which a gigantic wolf is killed by Jean Chastel wielding a gun loaded with silver bullets. However, the claim that the Beast of Gévaudan, an 18th-century wolf or wolf-like creature, was shot by a silver bullet appears to have been introduced by novelists retelling the story from 1935 onwards and not in earlier versions." (http://en.wikipedia.org/wiki/Silver_bullet)</p> |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | 511/11505 (TB), 2505/9719 (TVD) |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | 46/23 (TB), 3/2 (TVD) |

| PORTUGUÊS | |
|--|--|
| TERMO: | prata |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo feminino, singular, malefício aos vampiros ou lobisomens |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD (x) Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.6.2, TVD 2.5.1 |
| DEFINIÇÃO: | Agente de malefício sofrido por vampiros ou lobisomens usado na fabricação de correntes e projéteis para queimá-los. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Em TB, a prata é nociva apenas para vampiros, mas não para lobisomens. Em TVD, é nociva apenas para lobisomens, mas não para vampiros. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | <p>"No folclore, uma bala de prata é supostamente o único modo tipo de munição capaz de matar lobisomens, bruxas e outros monstros." (http://pt.wikipedia.org/wiki/Bala_de_prata)</p> <p>"De acordo com Abraham Van Helsing, o especialista em vampiros do romance <i>Dracula</i>, uma bala sagrada disparada no caixão contendo um vampiro o matará. Não foi uma opção encontrada durante todo o decurso de <i>Dracula</i>. De um modo geral, todavia, uma bala, neste caso uma bala de prata, era o método tradicional de se matar um lobisomem, e armas de fogo parecer ter pouco ou qualquer efeito sobre os vampiros. Stoker derivou essa presunção diretamente do livro <i>The Land Beyond the Forest</i>, de Emily Gerard, sua principal fonte de informações sobre a Transilvânia, que relatou que uma bala de prata disparada no caixão era uma forma de matar os vampiros entre os camponeses da Transilvânia." (MELTON, J. Gordon. <i>O Livro dos Vampiros: a Enciclopédia dos Mortos-Vivos</i>. São Paulo: Makron Books, 1995. p. 39)</p> |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | 480/15099 (TB), 4092/13021 (TVD) |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | 70/35 (TB), 4/2 (TVD) |

| | |
|-------------------------------------|---|
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, uncountable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | ---- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | Silver , huh? I thought that only affected werewolves. |
| Source 1: | TB S01E01 |
| EXAMPLE 2: | Also, bear in mind that your ring is made out of real silver . So protect it with all your heart. And maybe one day, your ring will protect you. |
| Source 2: | TB S02E02 |
| EXAMPLE 3: | Three, weaknesses... silver , UV light, fire, wood to the heart, stake or bullet, it don't matter. |
| Source 3: | TB S06E06 |
| EXAMPLE 4: | I'm gonna go put some silver into Mason Lockwood and prove he's a werewolf. |
| Source 4: | TVD S02E04 |
| EXAMPLE 5: | I think it was werewolves who started this whole silver myth. |
| Source 5: | TVD S02E04 |
| EXAMPLE 6: | When a werewolf is wounded by silver , it heals. |
| Source 6: | TVD S02E19 |
| Collocations | |
| NOUN-NOUN COLLOCATIONS: | silver bullet* (TB, F/D - 6/4) |
| EXAMPLE: | Silver bullets won't kill a vampire, they'll just bring him down so he can be staked. |
| Source: | TB S02E04 |
| ADJECTIVE-NOUN COLLOCATIONS: | colloidal silver*** (TB, F/D - 3/3) pure silver**** (TB, F/D - 3/2) sterling silver**** (TB, F/D - 2/2) |
| EXAMPLE 1: | You got a vamp problem, you need a colloidal silver mister. |
| Source 1: | TB S05E02 |

| | |
|-------------------------------|---|
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo feminino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIAS: | ---- |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Então, prata . Pensei que só funcionava contra lobisomens. |
| Fonte 1: | TB S01E01 |
| EXEMPLO 2: | Também, lembrem que seus anéis são de prata de verdade. Então o protejam com todo o coração. E talvez, um dia, seu anel o protegerá. |
| Fonte 2: | TB S02E02 |
| EXEMPLO 3: | Fraquezas: Prata , luz ultravioleta, fogo e madeira no coração. Pode ser com uma estaca ou uma bala. |
| Fonte 3: | TB S06E06 |
| EXEMPLO 4: | Usarei prata no Mason Lockwood, e provarei que ele é um lobisomem. |
| Fonte 4: | TVD S02E04 |
| EXEMPLO 5: | Acho que foram os lobisomens que inventaram o mito da prata . |
| Fonte 5: | TVD S02E04 |
| EXEMPLO 6: | Quando um lobisomem é atingido por prata , cicatriza. |
| Fonte 6: | TVD S02E19 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES NOMINAIS: | bala(s) de prata (TB, F/D - 6/4) |
| EXEMPLO: | Balas de prata não matam um vampiro. Só o atordoia para que possa ser empalado. |
| Fonte: | TB S02E04 |
| COLOCAÇÕES ADJETIVAS: | prata coloidal* (TB, F/D - 3/3) prata pura** (TB, F/D - 4/3) |
| EXEMPLO 1: | Se tem problema com vampiros, você precisa de um disparador de prata coloidal . |
| Fonte 1: | TB S05E02 |

| | |
|-------------------------------------|--|
| EXAMPLE 2: | Pure silver coursing through a vampire's veins is still pure silver coursing through his veins. |
| Source 2: | TB S05E07 |
| EXAMPLE 3: | Now, be careful of the door, Bill. It's 100 percent sterling silver . |
| Source 3: | TB S03E02 |
| VERB-PREP-NOUN COLLOCATIONS: | chain in/with silver (TB, in - F/D 1/1, with - F/D 1/1) |
| | bind with silver (TB, F/D - 1/1) |
| | silver (v.) ** (TB, F/D - 5/5) |
| | take silver to sb (TB, F/D - 2/2) |
| EXAMPLE 1: | The usual sentence is five years in a coffin chained with silver . During which time your body will waste to leather and sticks. |
| Source 1: | TB S01E10 |
| EXAMPLE 2: | Those who choose to stay, they will do as we do: bind ourselves with silver to keep us in our coffins. |
| Source 2: | TB S04E07 |
| EXAMPLE 3: | I am so sick of silvering myself all day every day. |
| Source 3: | TB S04E11 |
| EXAMPLE 4: | Your Majesty, you've had me abducted by werewolves. They took silver to me , fed on my blood. |
| Source 4: | TB S03E02 |
| COLLOCATION NOTES: | * No noun-noun collocations were found in the <i>corpus</i> , as in English <i>silver</i> can also be used as an adjective (see grammatical notes). The adjective-noun collocation <i>silver bullet</i> is here registered because, in its translation into Portuguese, it originates the noun-noun collocation <i>bala de prata</i> . |
| | ** <i>Silver</i> as a verb is inserted among the verb-prep-noun collocations, as its translation into Portuguese results in the verb-prep-noun collocation <i>amarrar-se com prata</i> (see grammatical notes). |

| | |
|--------------------------------|---|
| EXEMPLO 2: | Prata pura correndo nas veias de um vampiro ainda é prata pura correndo nas veias! |
| Fonte 2: | TB S05E07 |
| EXEMPLO 3: | Tenha cuidado com a porta, Bill. É liga de prata pura . |
| Fonte 3: | TB S03E02 |
| COLOCAÇÕES VERBAIS: | acorrentar(-se) com prata (TB, F/D - 3/2) |
| | amarrar-se com prata (TB, F/D - 2/2) |
| | atacar com prata (TB, F/D - 2/2) |
| EXEMPLO 1: | A sentença de praxe são cinco anos em um caixão acorrentado com prata . Durante esse tempo seu corpo definhará a pele e ossos. |
| Fonte 1: | TB S01E10 |
| EXEMPLO 2: | Aqueles que preferirem ficar, farão o mesmo que nós: acorrentar-se com prata para não sair do caixão. |
| Fonte 2: | TB S04E07 |
| EXEMPLO 3: | Estou cansada de me amarrar com prata . |
| Fonte 3: | TB S04E11 |
| EXEMPLO 4: | Sua Majestade mandou lobisomens me capturarem. [...] Me atacaram com prata , alimentaram-se do meu sangue. |
| Fonte 4: | TB S03E02 |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | ---- |

| | |
|----------------------------|--|
| TRANSLATOR'S NOTES: | *** <i>Colloidal silver</i> is a colloid consisting of silver particles suspended in liquid. (Source: Wikipedia) |
| | **** <i>Sterling silver</i> means "silver of a particular standard of purity" (OALD, 2013). In TB, <i>pure silver</i> as well as <i>sterling silver</i> are used to refer to silver in its pure form. |
| | In TB, <i>silver</i> is also used as an adjective (" Silver bullets won't kill a vampire, they'll just bring him down so he can be staked." TB S02E04, F/D - 23/16) and as a verb ("You want us to willfully silver ourselves?" TB S04E07, F/D - 5/5). In TVD, <i>silver</i> is also used as an adjective ("An Original can't be killed by anything but white oak ash on a silver dagger." TVD S02E19, F/D - 4/3). |
| SEE ALSO: | daylight (TB); wolfsbane (TVD) |

| | |
|---------------------------|---|
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | * <i>Prata coloidal</i> é um coloide que consiste de partículas de prata suspensas em um líquido. (Fonte: Wikipedia) |
| | ** <i>Sterling silver</i> significa prata de determinado padrão de pureza (OALD, 2013). Em TB, são usados tanto <i>pure silver</i> quanto <i>sterling silver</i> para se referir à <i>prata pura</i> . |
| | Em TB, <i>silver</i> também é utilizado como adjetivo (" Silver bullets won't kill a vampire, they'll just bring him down so he can be staked." TB S02E04, F/D - 23/16) e como verbo ("You want us to willfully silver ourselves?" TB S04E07, F/D - 5/5). Em TVD, <i>silver</i> também é utilizado como adjetivo ("An Original can't be killed by anything but white oak ash on a silver dagger." TVD S02E19, F/D - 4/3). |
| VER TAMBÉM: | luz do dia (TB); wolfsbane (TVD) |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 09/03/15

| ENGLISH | |
|--|--|
| TERM: | spell |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, witch power |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD (x) Others (x) |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.9.1.1, TVD 2.6.1.1 |
| DEFINITION: | Type of witch magic. |
| DEFINITION NOTES: | There are several kinds of spell, which can be cast through different means (for example, through the use of words, hand gestures or rituals). |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | "Spells are the medium by which witches use magic. [...] Spells vary greatly in their composition and requirements, but are essentially ritualized prayers that enable the manipulation of magic for specific purposes. They are often spoken as an incantation, chant or prayer, and can theoretically be recited in any language." (http://trueblood.wikia.com/wiki/Spells) "One of the most obvious characteristics of a witch is their ability to cast spells; a "spell" being the word used to signify the means employed to carry out a magical action. A spell could consist of a ritual action, a set of words, a verse, or any combination of these." (http://vampirediaries.wikia.com/wiki/Spells_and_Rituals) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | spell - 698/11505 (TB), 224/9719 (TVD); spells - 2531/11505 (TB), 1114/9719 (TVD) |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | spell - 44/18 (TB), 214/57 (TVD); spells - 7/3 (TB), 22/18 (TVD) |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | "What is she doing?" "She's testing for energy. The right spell might give off heat." |
| Source 1: | TB S04E04 |
| EXAMPLE 2: | The spell hasn't come. It may not come at all. |
| Source 2: | TB S04E07 |
| EXAMPLE 3: | I made Eric's spell go away. What if I could do that for you? |
| Source 3: | TB S05E01 |

| PORTUGUÊS | |
|--|--|
| TERMO: | feitiço |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, poder de bruxas |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD (x) Outros (x) |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.9.1.1, TVD 2.6.1.1 |
| DEFINIÇÃO: | Tipo de magia de bruxas. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Há diversos tipos de feitiço, os quais podem ser lançados por formas diferentes (por exemplo, pelo uso de palavras, gestos das mãos ou rituais). |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | --- |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | feitiço - 766/15099 (TB), 215/13021 (TVD); feitiços - 4145/15099 (TB), 1394/13021 (TVD) |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | feitiço - 40/13 (TB), 184/56 (TVD); feitiços - 4/3 (TB), 17/15 (TVD) |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIS: | --- |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | "O que ela está fazendo?" "Examinando a energia. O feitiço certo emite calor." |
| Fonte 1: | TB S04E04 |
| EXEMPLO 2: | O feitiço não foi feito. Talvez não seja feito. |
| Fonte 2: | TB S04E07 |
| EXEMPLO 3: | Acabei com o feitiço do Eric. E se eu fizesse isso por você? |
| Fonte 3: | TB S05E01 |

| | |
|-------------------------------------|---|
| EXAMPLE 4: | The spell sealed Katherine in that tomb, protecting her. |
| Source 4: | TVD S01E09 |
| EXAMPLE 5: | Because it took Emily years to learn a spell like that. |
| Source 5: | TVD S02E01 |
| EXAMPLE 6: | The spell in this room has been broken. You're free to leave. |
| Source 6: | TVD S02E07 |
| Collocations | |
| NOUN-NOUN COLLOCATIONS: | immortality spell* (TVD, F/D - 4/2) |
| | locator spell* (TVD, F/D - 7/6) |
| | protection spell* (TB, F/D - 4/2; TVD, F/D - 3/2) |
| EXAMPLE 1: | So he and his best friend, another witch, made an immortality spell [...]. |
| Source 1: | TVD S04E09 |
| EXAMPLE 2: | I see your locator spell worked. |
| Source 2: | TVD S04E13 |
| EXAMPLE 3: | That protection spell is our strongest defense. |
| Source 3: | TB S04E10 |
| EXAMPLE 4: | I did a protection spell , but it accidentally linked Shane to April. |
| Source 4: | TVD S04E10 |
| ADJECTIVE-NOUN COLLOCATIONS: | tracking spell* (TVD, F/D - 2/2) |
| EXAMPLE: | Could she do one of those witch tracking spells ? |
| Source: | TVD S02E18 |
| VERB-NOUN COLLOCATIONS: | break a spell (TVD, F/D - 10/7) |
| | cast a spell (TB, F/D - 4/3; TVD, F/D - 15/10) |
| | do a spell (TVD, F/D - 41/23) |
| | perform a spell (TVD, F/D - 4/4) |
| | remove a spell (TVD, F/D - 2/2) |
| | reverse a spell (TB, F/D - 7/3; TVD, F/D - 4/4) |
| | stop a spell (TVD, F/D - 3/2) |
| | undo a spell (TVD, F/D - 4/4) |
| | use a spell (TVD, F/D - 6/6) |
| | EXAMPLE 1: |
| Source 1: | TVD S01E14 |
| EXAMPLE 2: | And as she burnt upon the stake, she cast a spell that drew all of the vampires of Legroño out into the sun. |
| Source 2: | TB S04E07 |

| | |
|--------------------------------------|---|
| EXEMPLO 4: | O feitiço selou Katherine nela, protegendo-a. |
| Fonte 4: | TVD S01E09 |
| EXEMPLO 5: | Porque levou anos para Emily aprender um feitiço desse. |
| Fonte 5: | TVD S02E01 |
| EXEMPLO 6: | O feitiço foi quebrado. Está livre para partir. |
| Fonte 6: | TVD S02E07 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES NOMINAIS: | feitiço da imortalidade* (TVD, F/D - 3/3) |
| | feitiço localizador* (TVD, F/D - 7/5) |
| | feitiço de proteção* (TB, F/D - 3/2; TVD, F/D - 3/2) |
| EXEMPLO 1: | Então, ele e seu melhor amigo, outro bruxo, fizeram um feitiço da imortalidade . |
| Fonte 1: | TVD S04E09 |
| EXEMPLO 2: | Seu feitiço localizador funcionou. |
| Fonte 2: | TVD S04E13 |
| EXEMPLO 3: | Esse feitiço de proteção é nossa defesa mais forte. |
| Fonte 3: | TB S04E10 |
| EXEMPLO 4: | Fiz um feitiço de proteção , mas sem querer, liguei Shane à April. |
| Fonte 4: | TVD S04E10 |
| COLOCAÇÕES ADJETIVAS: | feitiço de rastreamento*** (TVD, F/D - 1/1) |
| EXEMPLO: | Ela pode fazer um daqueles feitiços de rastreamento ? |
| Fonte: | TVD S02E18 |
| COLOCAÇÕES VERBAIS: | quebrar um feitiço (TVD, F/D - 9/7) |
| | fazer um feitiço*** (TVD, F/D - 34/21) |
| | lançar um feitiço (TB, F/D - 3/2; TVD, F/D - 5/4) |
| | fazer um feitiço*** (TVD, F/D - 34/21) |
| | realizar um feitiço (TVD, F/D - 1/1) |
| | executar um feitiço (TVD, F/D - 1/1) |
| | remover um feitiço (TVD, F/D - 1/1) |
| | tirar um feitiço (TVD, F/D - 1/1) |
| | reverter um feitiço (TB, F/D - 7/3; TVD, F/D - 4/4) |
| | parar um feitiço (TVD, F/D - 2/2) |
| desfazer um feitiço (TVD, F/D - 3/3) | |
| usar um feitiço (TVD, F/D - 4/4) | |
| EXEMPLO 1: | Eles precisam de uma bruxa. Para quebrar o feitiço e libertar os vampiros. |
| Fonte 1: | TVD S01E14 |
| EXEMPLO 2: | Enquanto era queimada, lançou um feitiço que fez todos os vampiros de Legroño saírem ao sol. |
| Fonte 2: | TB S04E07 |

| | |
|----------------------------|--|
| EXAMPLE 3: | Now, do you want me to cast the spell or not? |
| Source 3: | TVD S02E03 |
| EXAMPLE 4: | I could do a spell to trap her. |
| Source 4: | TVD S02E07 |
| EXAMPLE 5: | Even if you complete the mark and you get the map, the thing that you're looking for is sealed with a spell only a certain kind of witch can perform . |
| Source 5: | TVD S04E07 |
| EXAMPLE 6: | I can remove the original spell . John and Isobel will never know. |
| Source 6: | TVD S01E21 |
| EXAMPLE 7: | She's the only somebody who can reverse the spell . |
| Source 7: | TB S04E03 |
| EXAMPLE 8: | You're not leaving this room until you stop the spell . |
| Source 8: | TVD S02E07 |
| EXAMPLE 9: | There's always a way to undo a spell . |
| Source 9: | TVD S03E21 |
| EXAMPLE 10: | It's the spell I used to seal Mikael in the tomb. |
| Source 10: | TVD S03E13 |
| COLLOCATION NOTES: | * Check the specific terminological record sheet for this spell. |
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| SEE ALSO: | --- |

| | |
|--------------------------------|--|
| EXEMPLO 3: | Agora, quer que eu faça o feitiço ou não? |
| Fonte 3: | TVD S02E03 |
| EXEMPLO 4: | Posso fazer um feitiço para aprisioná-la. |
| Fonte 4: | TVD S02E07 |
| EXEMPLO 5: | Mesmo se completar a marca e conseguir o mapa, o que procura está selado com um feitiço que apenas um tipo de bruxa pode realizar . |
| Fonte 5: | TVD S04E07 |
| EXEMPLO 6: | Eu posso remover o feitiço original. John e Isobel nunca saberão. |
| Fonte 6: | TVD S01E21 |
| EXEMPLO 7: | É a única que pode reverter o feitiço . |
| Fonte 7: | TB S04E03 |
| EXEMPLO 8: | Só sei daqui se parar o feitiço . |
| Fonte 8: | TVD S02E07 |
| EXEMPLO 9: | Sempre há uma maneira de desfazer o feitiço . |
| Fonte 9: | TVD S03E21 |
| EXEMPLO 10: | O feitiço que usei para selar Mikael no túmulo. |
| Fonte 10: | TVD S03E13 |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | * Ver a ficha terminológica específica desse feitiço. ** Uma das ocorrências de <i>tracking spell</i> no corpus de TVD foi traduzida por <i>feitiço de busca</i> e a outra por <i>feitiço de rastreamento</i> . Sugere-se o uso de <i>feitiço de rastreamento</i> , uma vez que, diferentemente do <i>feitiço localizador</i> , esse feitiço é usado não apenas para localizar ou buscar algo ou alguém, mas para identificar seu rastro, o caminho percorrido. Mesmo sendo uma colocação nominal no português, feitiço de rastreamento foi incluído neste campo uma vez que deriva de uma colocação adjetiva no inglês. *** <i>Fazer um feitiço</i> ocorre como tradução tanto para a colocação <i>cast a spell</i> quanto para <i>do a spell</i> . |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| VER TAMBÉM: | --- |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 09/03/15

| ENGLISH | |
|--|---|
| TERM: | Tru Blood |
| BASIC INFORMATION: | noun phrase, singular, uncountable, vampire feeding |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD () Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.6.8.2.1 |
| DEFINITION: | Type of artificial food corresponding to a synthetic blood brand sold in bottles for vampires who do not wish to feed on human blood. |
| DEFINITION NOTES: | In TB, <i>Tru Blood</i> is a drink which satisfies all vampire's nutritional needs, in substitution to human blood. In TB, <i>Tru Blood</i> was developed in Japan and is produced in five factories around the world, the largest one located in Houston. There is a different Tru Blood flavour for every blood type, and the drink is served hot, at 98.6 °F. |
| ENCYCLOPEDIA INFORMATION: | ---- |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | Tru - 443/11505 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | Tru Blood - 73/27, Tru Bloods* - 4/3 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun phrase, singular, uncountable |
| VARIANTS: | Tru-Blood** (F/D - 8/4) |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | * There were only found 4 occurrences of <i>Tru Blood</i> in the plural form <i>Tru Bloods</i> in the <i>corpus</i> (see Translator's Notes). ** There are 8 occurrences of <i>Tru-Blood</i> in the <i>corpus</i> , probably due to a spelling inconsistency when transcribing the audio into Closed Caption. |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | " Tru Blood , O-negative." [...] "It's hot." "That's the way it's served: 98.6." |
| Source 1: | TB S01E05 |
| EXAMPLE 2: | Right, I gotta go to the store. I wanna get Eddie some Tru Bloods . |
| Source 2: | TB S01E10 |

| PORTUGUÊS | |
|--|--|
| TERMO: | Tru Blood |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | sintagma nominal, substantivo masculino, singular, alimentação de vampiros |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD () Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.6.8.2.1 |
| DEFINIÇÃO: | Tipo de alimentação artificial correspondente a uma marca comercial de sangue sintético vendido em garrafas para vampiros que não desejam se alimentar de sangue humano. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Em TB, <i>Tru Blood</i> é uma bebida que satisfaz todas as necessidades nutricionais de vampiros, em substituição ao sangue humano. Em TB, o <i>Tru Blood</i> foi desenvolvido no Japão e é produzido em cinco fábricas ao redor do mundo, sendo a maior delas em Houston. Há um sabor de Tru Blood diferente para cada tipo sanguíneo, e a bebida é servida quente, a 37 °C. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | ---- |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | Tru - 418/15099 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | Tru Blood - 81/33, Tru Bloods* - 1/1 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | sintagma nominal, substantivo masculino, singular |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIS: | * Foi encontrada apenas 1 ocorrência de <i>Tru Blood</i> na forma plural <i>Tru Bloods</i> no <i>corpus</i> (ver Notas de Tradução). |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | " Tru Blood O negativo." [...] "Está quente." "Essa é a maneira que é servido: 37°." |
| Fonte 1: | TB S01E05 |
| EXEMPLO 2: | Vou ao mercado. Trarei uns Tru Blood para o Eddie. |
| Fonte 2: | TB S01E10 |

| | |
|----------------------------|--|
| EXAMPLE 3: | The Houston plant is the largest Tru Blood factory in the world, producing more than a quarter of the world's supply of the synthetic blood beverage that vampires need to survive. |
| Source 3: | TB S05E09 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: | Despite the 5 occurrences found in the <i>corpus</i> of <i>Tru Blood</i> in the plural form <i>Tru Bloods</i> , its use as an uncountable noun was more frequent, as in "There's some Tru Blood in the cabinet" (TB S05E02). |
| SEE ALSO: | synthetic blood, <i>Mainstreaming Movement</i> , <i>mainstreamer</i> |

| | |
|--------------------------------|---|
| EXEMPLO 3: | A planta de Houston é a maior fábrica de Tru Blood do mundo, produzindo mais de 1/4 do abastecimento mundial da bebida de sangue sintético da qual os vampiros precisam para sobreviver. |
| Fonte 3: | TB S05E09 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | Apesar de haver 1 ocorrência de <i>Tru Blood</i> na forma plural <i>Tru Bloods</i> no <i>corpus</i> , seu uso na forma singular foi mais frequente. Ver exemplo 2 . |
| VER TAMBÉM: | sangue sintético, <i>Movimento de Integração</i> , <i>populista</i> |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 10/03/15

| ENGLISH | |
|-------------------------------------|---|
| TERM: | vampire |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, countable, supernatural being |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB (x) TVD (x) Others (x) |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TB 2.6, TVD 2.4 |
| DEFINITION: | Supernatural being that is immortal and subsists by drinking blood. |
| DEFINITION NOTES: | Common characteristics between vampires in TB and TVD are: heightened senses and emotions; great running speed; heal easily; burn in the sun; are harmed by wooden stakes; can hypnotize humans; cannot enter a mortal's home without being invited in; are not harmed by crosses, bibles, churches or mirrors; cannot procreate; their blood heals humans. |
| | In TB, characteristics of vampires are: do not breathe; do not have brain waves or heartbeats; are harmed by silver; only some can change form; have a preference for feeding from the femoral artery, as the blood flows more freely; when crying, shed tears of blood. |
| | In TVD, characteristics of vampires are: desiccate if do not feed; can turn off their emotions, shutting out their humanity; are harmed by vervain; die if bitten by werewolves. |
| | In TB, to turn a human into a vampire, a vampire has to drain the human's blood and give him his, then they both have to sleep under the earth and, when they wake up, the human will have turned into a vampire. In TVD, to turn a human into a vampire, the human has to die with vampire blood in its system and then feed on human blood. |
| | In TB, vampires' ability to hypnotize humans is called galomouring (<i>hipnose</i> , in Portuguese - check specific terminological record sheet); in TVD, it is called compulsion (<i>hipnose</i> , in Portuguese, check specific terminological record sheet). |

| PORTUGUÊS | |
|--------------------------------------|--|
| TERMO: | vampiro |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo masculino, singular, ser sobrenatural |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB (x) TVD (x) Outros (x) |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TB 2.6, TVD 2.4 |
| DEFINIÇÃO: | Ser sobrenatural que é imortal e se sustenta bebendo sangue. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Características comuns entre vampiros em TB e TVD são: sentidos e emoções ampliados; grande velocidade de corrida; curam-se com facilidade; queimam ao sol; são feridos por estacas de madeira; podem hipnotizar humanos; não podem adentrar a casa de um mortal sem serem convidados; não são afetados por cruzes, bíblias, igrejas ou espelhos; não procriam; seu sangue cura humanos. |
| | Em TB, são características dos vampiros: não respiram; não têm ondas cerebrais ou pulso; são feridos pela prata; apenas alguns podem mudar de forma; têm preferência por se alimentar da artéria femural, uma vez que o sangue flui mais livremente; quando choram, as lágrimas são de sangue. |
| | Em TVD, são características dos vampiros: dessecam se não se alimentarem; podem desligar suas emoções, se afastando de sua humanidade; são feridos por verbenas; morrem se mordidos por lobisomens. |
| | Em TB, para que um humano se torne vampiro, um vampiro tem que drenar o sangue do humano e lhe dar o seu, então os dois têm que dormir embaixo da terra e, quando acordarem, o humano terá se transformado em vampiro. Em TVD, para que um humano se torne vampiro, o humano tem que morrer com sangue de vampiro em seu sistema e, então, se alimentar de sangue humano. |
| | Em TB, a habilidade de um vampiro hipnotizar um humano é chamada de <i>galomouring</i> (hipnose, em português - ver ficha terminológica específica); em TVD, é chamada de <i>compulsion</i> (hipnose, em português - ver ficha terminológica específica). |

**ENCYCLOPEDIA
INFORMATION:**

"A vampire is a mythical being who subsists by feeding on the life essence (generally in the form of blood) of living creatures. In folkloric tales, undead vampires often visited loved ones and caused mischief or deaths in the neighbourhoods they inhabited when they were alive. They wore shrouds and were often described as bloated and of ruddy or dark countenance, markedly different from today's gaunt, pale vampire which dates from the early 1800s. Although vampiric entities have been recorded in most cultures, the term vampire was not popularised until the early 18th century, after an influx of vampire superstition into Western Europe from areas where vampire legends were frequent, such as the Balkans and Eastern Europe, although local variants were also known by different names, such as vrykolakas in Greece and strigoi in Romania. This increased level of vampire superstition in Europe led to what can only be called mass hysteria and in some cases resulted in corpses actually being staked and people being accused of vampirism. In modern times, however, the vampire is generally held to be a fictitious entity, although belief in similar vampiric creatures such as the chupacabra still persists in some cultures. Early folkloric belief in vampires has been ascribed to the ignorance of the body's process of decomposition after death and how people in pre-industrial societies tried to rationalise this, creating the figure of the vampire to explain the mysteries of death. Porphyria was also linked with legends of vampirism in 1985 and received much media exposure, but has since been largely discredited."
(<http://en.wikipedia.org/wiki/Vampire>)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

"Vampiro é um ser mitológico ou folclórico que sobrevive se alimentando da essência vital de criaturas vivas (geralmente sob a forma de sangue), independentemente de ser um morto-vivo ou uma pessoa viva. Embora entidades vampíricas tenham sido registradas em várias culturas, possivelmente em tempos tão recuados quanto a pré-história, o termo vampiro apenas se tornou popular no início do século XIX, após um influxo de superstições vampíricas na Europa Ocidental, vindas de áreas onde lendas sobre vampiros eram frequentes, como os Balcãs e a Europa Oriental, embora variantes locais sejam também conhecidas por outras designações, como vrykolakas na Grécia e strigoi na Roménia. Este aumento das superstições vampíricas na Europa levou a uma histeria colectiva, resultando em alguns casos na perfuração de cadáveres com estacas e acusações de vampirismo. Embora mesmo os vampiros do folclore balcânico e da Europa Oriental possuam um vasto leque de aparências físicas, variando de quase humanos até corpos em avançado estado de decomposição, foi em 1819, com o sucesso do romance de John Polidori *The Vampyre*, que se estabeleceu o arquétipo do vampiro carismático e sofisticado; o que pode ser considerado a mais influente obra sobre vampiros do início do século XIX, inspirando obras como *Varney the Vampire* e eventualmente *Drácula*."
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vampiro>)

| | |
|--|--|
| | |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | vampire - 80/11505 (TB), 101/9719 (TVD); vampires - 151/11505 (TB), 173/9719 (TVD) |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | vampire - 763/70 (TB), 628/87 (TVD); vampires - 370/79 (TB), 310/78 (TVD) |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, countable |
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | ---- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | When a vampire's as new as Jessica is, she has no humanity. |
| Source 1: | TB S02E02 |
| EXAMPLE 2: | Sweetie, vampires don't cry regular tears. So when you cry, you're gonna cry blood from now on. |
| Source 2: | TB S02E02 |

| | |
|--|---|
| | <p>"O vampiro é um tipo peculiar de morto retornado, uma pessoa morta que retorna à vida para uma continuada forma de existência bebendo o sangue dos vivos. No pensamento popular, o vampiro é considerado um 'morto-vivo', tendo completado a vida terrena, mas ainda ligado a essa vida e ainda não-recebido no reino dos mortos.</p> <p>O vampiro é diferente do fantasma, um espírito desencarnado, na medida em que o vampiro habita um corpo inanimado. Distingue-se do violador de túmulos porque esse não tem controle da inteligência, sendo guiado apenas pela sua fome, banqueteadando-se no corpo de sua vítima mais do que apenas pelo sangue. O consumo de sangue é a atividade mais característica dos vampiros. Portanto, o tema vampiro também é usado para descrever várias criaturas mitológicas que bebem sangue, bem como pessoas vivas que se engajam em atividades similares. Finalmente, o termo tem sido usado para descrever pessoas (e espíritos) que se engajam em vampirismo psíquico, o processo de drenar a força vital ou a energia (ao contrário do sangue) de outras pessoas."</p> <p>(MELTON, J. Gordon. O Livro dos Vampiros: a Enciclopédia dos Mortos-Vivos. São Paulo: Makron Books, 1995. p. 39)</p> |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | vampiro - 79/15099 (TB), 145/13021 (TVD); vampira - 313/15099 (TB), 214/13021 (TVD); vampiros - 74/15099 (TB), 114/13021 (TVD); vampiras - 14842/15099 (TB), 7150/13021 (TVD) |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | vampiro - 536/70 (TB), 315/79 (TVD); vampira - 119/50 (TB), 186/62 (TVD); vampiros - 570/80 (TB), 389/81 (TVD); vampiras - 1/1 (TB), 2/2 (TVD) |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo masculino, singular * |
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIAS: | * <i>Vampiro</i> também ocorre em sua forma feminina - <i>vampira</i> - e em suas formas plurais - <i>vampiros</i> e <i>vampiras</i> . |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | [...] quando um vampiro é novo como Jessica, não tem humanidade. |
| Fonte 1: | TB S02E02 |
| EXEMPLO 2: | Querida, vampiros não vertem lágrimas normais. Quando você chorar, chorará sangue. |
| Fonte 2: | TB S02E02 |

| | |
|-------------------------------------|---|
| EXAMPLE 3: | And even if you freak out and go crazy now and again and beat me up, I'm a vampire now, so I heal. |
| Source 3: | TB S05E11 |
| EXAMPLE 4: | "Will these bites turn me into a vampire ?" "It's more complicated than that. You'd have to feed on my blood, then die, then feed on a human's, whole ordeal." |
| Source 4: | TVD S01E04 |
| EXAMPLE 5: | When somebody becomes a vampire , all their natural behaviors get sort of amplified. |
| Source 5: | TVD S02E03 |
| EXAMPLE 6: | Vampires can turn off the part that's human. That's the part that hurts. |
| Source 6: | TVD S02E21 |
| Collocations | |
| NOUN-NOUN COLLOCATIONS: | vampire blood (TB, F/D - 38/27; TVD, F/D - 22/15) |
| EXAMPLE 1: | I understand dealers of vampire blood sometimes trade product with one another across state lines. |
| Source 1: | TB S02E02 |
| EXAMPLE 2: | Dr. Fell used vampire blood to heal you. |
| Source 2: | TVD S03E16 |
| VERB-PREP-NOUN COLLOCATIONS: | turn into a vampire (TB, F/D - 2/2; TVD, F/D - 17/15) |
| | make a vampire (TB, F/D - 13/12) |
| EXAMPLE 1: | But you're saying some shit about turning her into a vampire . |
| Source 1: | TB S06E05 |
| EXAMPLE 2: | So he knows that you're not gonna turn yourself into a vampire . |
| Source 2: | TVD S02E17 |
| EXAMPLE 3: | I made her vampire while you were gone. |
| Source 3: | TB S05E04 |
| COLLOCATION NOTES: | ---- |

| | |
|--------------------------------|---|
| EXEMPLO 3: | E mesmo que surte e fique louca de vez em quando e me bata, sou vampira , vou me curar. |
| Fonte 3: | TB S05E11 |
| EXEMPLO 4: | "Essas mordidas vão me transformar em vampira ?" "É mais complicado que isso. Precisa se alimentar do meu sangue, morrer, alimentar-se de um humano, é difícil." |
| Fonte 4: | TVD S01E04 |
| EXEMPLO 5: | Ao se tornar vampiro , todos os seus comportamentos naturais se intensificam. |
| Fonte 5: | TVD S02E03 |
| EXEMPLO 6: | Vampiros podem desligar o lado humano. Tudo que machuca. |
| Fonte 6: | TVD S02E21 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES NOMINAIS: | sangue de vampiro (TB, F/D - 38/26; TVD, F/D - 13/8) |
| EXEMPLO 1: | Sei que vendedores de sangue de vampiro , às vezes, negociam com um de outro estado. |
| Fonte 1: | TB S02E02 |
| EXEMPLO 2: | Ela o curou com sangue de vampiro . |
| Fonte 2: | TVD S03E16 |
| COLOCAÇÕES VERBAIS: | transformar em vampiro** (TB, F/D - 6/5; TVD, F/D - 12/11) |
| | virar vampiro (TVD, F/D - 4/4) |
| | transformar em vampiro** (TB, F/D - 6/5) |
| | tornar-se vampiro (TB, F/D - 4/4) |
| | criar vampiro (TB, F/D - 2/2) |
| fazer vampiro (TB, F/D - 2/2) | |
| EXEMPLO 1: | Mas está dizendo merda sobre transformá-la em vampira . |
| Fonte 1: | TB S06E05 |
| EXEMPLO 2: | Ele sabe que não se transformará em vampira . |
| Fonte 2: | TVD S02E17 |
| EXEMPLO 3: | Eu a tornei uma vampira enquanto você não estava. |
| Fonte 3: | TB S05E04 |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | ** Em TB, <i>transformar em vampiro</i> ocorre como tradução tanto para a colocação <i>turn into a vampire</i> quanto para <i>make a vampire</i> . |

| | |
|----------------------------|---|
| TRANSLATOR'S NOTES: | ---- |
| SEE ALSO: | dagger (TVD), silver (TB), Tru Blood (TB), faerie (TB), hybrid (TVD), <i>hunter's curse</i> (TVD) |

| | |
|---------------------------|---|
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | ---- |
| VER TAMBÉM: | adaga (TVD), prata (TB), Tru Blood (TB), fada (TB), híbrido (TVD), <i>maldição do caçador</i> (TVD) |

| |
|----------------------------------|
| REVISÃO DA FICHA |
| DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 11/03/15 |

| ENGLISH | |
|--|--|
| TERM: | vervain |
| BASIC INFORMATION: | noun, singular, uncountable, harm to vampires |
| SERIES IN WHICH IT OCCURS: | TB () TVD (x) Others () |
| POSITION IN THE DOMAIN TREE: | TVD 2.4.6 |
| DEFINITION: | Herb agent of harm to vampires, burning them, used by humans to avoid being compelled. |
| DEFINITION NOTES: | In TVD, humans who have been drinking vervain or are wearing vervain can resist compulsion. |
| | In TVD, vampires who drink vervain or have vervain in contact with their skin get burned. |
| ENCYCLOPÉDIC INFORMATION: | "In the series of young adult novels <i>The Vampire Diaries</i> , author L. J. Smith uses vervain to protect humans from vampires, in an extension of vervain's fabled magic-suppression powers against witches. In <i>The Struggle, Volume II</i> , the vampire Stefan instructs the human Elena that vervain can "protect you against bewitchment, and it can keep your mind clear if a vampire or another supernatural that is using Powers against you." He tells her how it is prepared and used, "Once I've extracted the oil from the seeds, you can rub it into your skin, or add it to a bath. And you can make the dried leaves into a sachet and carry it with you, or put it under your pillow at night", but gives her an unprepared sprig for protection in the meantime." (http://en.wikipedia.org/wiki/Verbena) |
| | "Vervain is a potent herb, and a vampire's most well-known weakness. If a vampire makes physical contact with vervain in any form, it will burn them. If a vampire ingests vervain, the vampire's throat and digestive tract will be burned and they will become feverish and extremely weak. If a human ingests or holds vervain somewhere in or on the body (such as holding it in a hand or pocket, or wearing it in jewelry), the human is protected from vampire compulsion and entitled to free will." (http://vampirediaries.wikia.com/wiki/Vervain) |
| Grammatical information and frequency | |
| FREQUENCY ORDER POSITION/TOTAL: | 322/9719 |
| FREQUENCY/EPISODE DISTRIBUTION (F/D): | 141/58 |
| GRAMMATICAL INFORMATION: | noun, singular, uncountable |

| PORTUGUÊS | |
|--|---|
| TERMO: | verbena |
| INFORMAÇÕES BÁSICAS: | substantivo feminino, singular, malefício aos vampiros |
| SÉRIES EM QUE OCORRE: | TB () TVD (x) Outros () |
| POSIÇÃO NA ÁRVORE DE DOMÍNIO: | TVD 2.4.6 |
| DEFINIÇÃO: | Erva agente de malefício a vampiros, queimando-os, usada por humanos para não serem hipnotizados. |
| NOTAS SOBRE DEFINIÇÃO: | Em TVD, o humano que estiver bebendo verbena ou que esteja com verbena em contato com seu corpo é capaz de resistir à hipnose. |
| | Em TVD, vampiros que tomam verbena ou que têm verbena em contato com sua pele se queimam. |
| INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: | "Verbena é uma das fraquezas dos vampiros. O Conselho dos Fundadores a usam para proteger as pessoas contra os vampiros. [...] Quando ingerida, verbena torna um vampiro fraco. O vigor da verbena depende da dose dela. Ela poderia ser muito forte [...]. Quando consumida diretamente (ex. através dos alimentos ou álcool), ou indiretamente (ex. alimentar-se de um ser humano que tenha ingerido verbena), os efeitos são os mesmos. A verbena protege as pessoas de serem compelidas quando ela é usada ou se elas estiverem segurando." (http://pt-br.vampire-diaries.wikia.com/wiki/Verbena) |
| | "Verbena, uma erva com aroma de rosa, é a fraqueza mais comum dos vampiros. Se ela entrar em contato com a pele da criatura imediatamente irá queimá-lo. E ele ficará absurdamente enfraquecido e febril caso a ingira. Se um humano estiver bebendo algum elixir de verbena ou usando um amuleto com a erva, ele não poderá ser hipnotizado/compelido." (http://vampirediariesworld.com/serie/objetos/verbena/) |
| Informações gramaticais e frequência | |
| POSIÇÃO NA ORDEM DE FREQUÊNCIA/TOTAL: | 265/13021 |
| FREQUÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO EM EPISÓDIOS (F/D): | 146/58 |
| INFORMAÇÃO GRAMATICAL: | substantivo feminino, singular |

| | |
|-----------------------------|---|
| VARIANTS: | ∅ |
| OTHER DENOMINATIONS: | ∅ |
| GRAMMATICAL NOTES: | --- |
| Usage | |
| Examples | |
| EXAMPLE 1: | The vervain could weaken him if he ingested it. |
| Source 1: | TVD S01E04 |
| EXAMPLE 2: | "I'm wearing vervain , Damon. It's not going to work." "I'm not compelling you." |
| Source 2: | TVD S01E13 |
| EXAMPLE 3: | "You take vervain ?" "Burns like a bitch. But I figure I should limit the number of things I'm vulnerable to." |
| Source 3: | TVD S04E20 |
| Collocations | |
| COLLOCATIONS: | ∅ |
| COLLOCATION NOTES: | --- |
| TRANSLATOR'S NOTES: | --- |
| SEE ALSO: | compulsion |

| | |
|--------------------------------|--|
| VARIANTES: | ∅ |
| OUTRAS DENOMINAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS GRAMATICAIAS: | --- |
| Usos | |
| Exemplos | |
| EXEMPLO 1: | Verbena ... poderia enfraquecê-lo, se a ingerisse. |
| Fonte 1: | TVD S01E04 |
| EXEMPLO 2: | "Estou usando verbena , Damon. Não vai funcionar." "Não estou hipnotizando você." |
| Fonte 2: | TVD S01E13 |
| EXEMPLO 3: | "Você ingere verbena ." "Queima demais. Mas percebi que devo limitar o número de coisas às quais sou vulnerável." |
| Fonte 3: | TVD S04E20 |
| Colocações | |
| COLOCAÇÕES: | ∅ |
| NOTAS SOBRE COLOCAÇÕES: | --- |
| NOTAS DE TRADUÇÃO: | --- |
| VER TAMBÉM: | hipnose |

REVISÃO DA FICHA

DATA DA ÚLTIMA REVISÃO: 10/03/15